



**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
“JORNALISTA ROBERTO MARINHO”
DE PRESIDENTE PRUDENTE**

**BEATRIZ DA SILVA MOURA
LAYS KAROLAYNE MARÉCO
NAYENE CARDOSO FURMIGARE
RAFAEL BARBOSA DOS SANTOS**

**DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA DA FEIRA LIVRE NA AVENIDA MANOEL
GOULART DE PRESIDENTE PRUDENTE (SP): UMA INTERPRETAÇÃO
SOCIOCULTURAL EM NOME DA MEMÓRIA COLETIVA PRUDENTINA**



**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
“JORNALISTA ROBERTO MARINHO”
DE PRESIDENTE PRUDENTE**

**BEATRIZ DA SILVA MOURA
LAYS KAROLAYNE MARÉCO
NAYENE CARDOSO FURMIGARE
RAFAEL BARBOSA DOS SANTOS**

**DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA DA FEIRA LIVRE NA AVENIDA MANOEL
GOULART DE PRESIDENTE PRUDENTE (SP): UMA INTERPRETAÇÃO
SOCIOCULTURAL EM NOME DA MEMÓRIA COLETIVA PRUDENTINA**

Trabalho de Conclusão, apresentado à Faculdade de Comunicação Social “Jornalista Roberto Marinho” de Presidente Prudente, Curso de Comunicação Social Jornalismo, Universidade do Oeste Paulista, como parte dos requisitos para a sua conclusão.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Ap. Mancuzo
Silva Junior

**BEATRIZ DA SILVA MOURA
LAYS KAROLAYNE MARÉCO
NAYENE CARDOSO FURMIGARE
RAFAEL BARBOSA DOS SANTOS**

**DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA DA FEIRA LIVRE NA AVENIDA MANOEL
GOULART DE PRESIDENTE PRUDENTE (SP): UMA INTERPRETAÇÃO
SOCIOCULTURAL EM NOME DA MEMÓRIA COLETIVA PRUDENTINA**

Trabalho de Conclusão, apresentado a Faculdade de Comunicação Social “Jornalista Roberto Marinho” de Presidente Prudente, Curso de Comunicação Social Jornalismo, Universidade do Oeste Paulista, como parte dos requisitos para a sua conclusão.

Presidente Prudente,dede 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Roberto Ap. Mancuzo Silva Junior - Orientador

Prof. Dra. Maria Luisa Hoffmann

Prof. Dr. Tchiago Inague Rodrigues

DEDICATÓRIA

A todas as mulheres e homens que trabalham na feira livre da avenida Manoel Goulart, contribuindo para uma tradição que desde 1930 ajuda a construir a história e identidade de Presidente Prudente.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Deus por nos permitir chegar até esta etapa com fé e perseverança.

Aos nossos pais, familiares e amigos que nos ampararam em todos os momentos, mesmo quando o desânimo e o cansaço cruzaram o caminho.

A todos os professores da Facopp que passaram por nossa jornada na universidade e que auxiliaram no desenvolvimento do conhecimento pessoal.

A nossa amiga Karine Andrade, fotógrafa profissional, que nos auxiliou durante o processo de produção da peça prática.

Ao nosso orientador, professor Roberto Mancuzo, um agradecimento de modo especial. Somos eternamente gratos por auxiliar na escolha do tema do nosso TCC e nos motivar a criar um documento histórico para cidade, um fotolivro sobre a feira da Manoel Goulart. Obrigado pela paciência e por unir novamente o grupo que quase chegou ao fim.

Por fim, a todas as mulheres e homens feirantes que contribuíram para a realização desse trabalho compartilhando experiências, histórias, conhecimentos e imagens.

“Fotografar é colocar na mesma linha a cabeça, o olho e o coração.”

Henri Cartier-Bresson

RESUMO

Documentação Fotográfica da Feira Livre na Avenida Manoel Goulart de Presidente Prudente (SP): Uma Interpretação Sociocultural em Nome da Memória Coletiva Prudentina

O presente trabalho teve como objetivo inicial estudar a feira livre da avenida Manoel Goulart de Presidente Prudente de modo a compreender e refletir sua dinâmica. Somaram-se a isso os estudos referentes à fotografia documental, que estabeleceram as bases para a produção de um fotolivre como suporte para materializar a interpretação e reflexão acerca da feira, utilizando ainda as práticas jornalísticas como parâmetro. Como sequência do pensamento desenvolvido, surge a contribuição para o debate público e construção da memória coletiva a partir da produção de um fotodocumentário. A abordagem desse trabalho enquanto pesquisa científica foi qualitativa e o tipo de pesquisa exploratória. O método empregado foi o estudo de caso. A coleta de dados e informações se deram por meio da pesquisa bibliográfica, análise documental, pesquisa de campo, observação intensiva e entrevista em profundidade. A análise dos dados foi qualitativa, ou seja, por meio de interpretação, observando as etapas de redução, apresentação e conclusão. Com esse TCC foi possível desenvolver a face documental da fotografia ao empregar a linguagem fotográfica de forma intencional, buscando agregar valor e enriquecer o olhar sobre a feira.

Palavras-chave: Jornalismo, Feira-livre, Fotografia, Fotodocumentário, Presidente Prudente.

ABSTRACT

Photographic Documentation of the Free Fair on Avenida Manoel Goulart de Presidente Prudente (SP): A Sociocultural Interpretation in the Name of Collective Memory Prudentina

The present work had as its initial objective to study the street fair of the avenida Manoel Goulart, Presidente Prudente in order to understand and reflect their dynamics. Added to this, the studies referring to the documentary photography, which laid the basis for the production of a photobook as a support to materialize the interpretation and reflection of the fair, using still practices journalism as a parameter. As the stream of thought developed, there is the contribution to the public debate and the construction of collective memory from the production of a documentary photo. The approach of this work, while scientific research was qualitative, and the type of exploratory research. The method employed was the case study. The collection of data and information gave by means of bibliographical research, documentary analysis, field research, intensive observation and in-depth interview. The analysis of the data was qualitative, that is, by means of interpretation, by looking at the steps of the reduction, presentation and conclusion. With this final paper, it was possible to develop the face of documentary photography to employ the photographic language intentionally, seeking to add value and enrich the look of the fair.

Keywords: Journalism, Free Fair, Photography, Documentary photo, Presidente Prudente.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	– Grande Plano Geral.....	37
Figura 2	– Plano Geral.....	37
Figura 3	– Plano Médio.....	38
Figura 4	– Plano Americano.....	39
Figura 5	– Close-up.....	39
Figura 6	– Plano Detalhe.....	40
Figura 7	– Plano de Foco.....	41
Figura 8	– Regra dos Terços.....	43
Figura 9	– Perspectiva.....	43
Figura 10	– Foco.....	44
Figura 11	– Profundidade de Campo.....	45
Figura 12	– Foco Seletivo.....	45
Figura 13	– Ângulo Normal.....	46
Figura 14	– Contra-Plongée.....	47
Figura 15	– Plongée.....	47
Figura 16	– Textura.....	49
Figura 17	– Expansão da Estrada de Ferro Sorocabana.....	70
Figura 18	– Página da feira livre da Manoel Goulart no Facebook.....	96
Figura 19	– Publicações na página da feira da Manoel Goulart no Facebook.....	97
Figura 20	– A feira livre da Manoel Goulart no Instagram.....	98
Figura 21	– Publicações na página da feira da Manoel Goulart no Instagram.....	98

LISTA DE SIGLAS

Facopp	- Faculdade de Comunicação Social de Presidente Prudente
FSA	- <i>Farm Security Administration</i>
GPG	- Grande Plano Geral
IBGE	- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
Seade	- Sistema Estadual de Análise de Dados
Sedepp	- Secretaria de Desenvolvimento Econômico de Presidente Prudente
Sincomércio	- Sindicato do Comércio
UFM	- Unidade Fiscal do Município
TCC	- Trabalho de Conclusão de Curso

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA.....	16
2.1	O Problema.....	16
2.2	Justificativa.....	19
2.3	Objtivos.....	22
2.3.1	Objetivo geral.....	22
2.3.2	Objetivos específicos.....	22
2.4	Metodologia.....	22
3	FOTODOCUMENTÁRIO.....	27
3.1	Um Mundo Interpretado por Imagens: a Fotografia e a Mediação do Mundo.....	27
3.2	O Fotodocumentário e a Linguagem Fotodocumental: Uma Busca Social e Política.....	31
3.3	Linguagem Fotográfica.....	36
3.4	O Jornalismo como Parâmetro nas Produções Fotodocumentais	52
3.5	Fotolivro: Narrativas Possíveis.....	58
4	FEIRA LIVRE.....	67
4.1	Contexto Histórico do Surgimento e o Nascimento.....	67
4.2	Contexto atual.....	76
4.3	Os Trabalhadores: Personagens Oficiais.....	81
4.4	O Significado da Feira para a Cidade e para o Povo.....	92
4.5	O Futuro do Comércio de Rua.....	99
5	PROJETO EDITORIAL FOTOLIVRO FEIRA LIVRE.....	103
5.1	Introdução.....	103
5.2	Objetivos.....	104
5.2.1	Objetivo geral.....	104
5.2.2	Objetivos específicos	104
5.3	Justificativa.....	105
5.4	Público Alvo.....	106
5.5	Linha Editorial.....	106
5.6	Estrutura.....	110
5.7	Projeto Gráfico.....	111
5.8	Recursos Técnicos.....	112
5.9	Recursos Financeiros.....	113
5.10	Recursos Humanos.....	113
6	MEMORIAL DESCRITIVO.....	114
6.1	Primeiros Desafios: A Escolha da Feira Livre como Objeto de Estudo.....	114
6.2	A Vivência na Feira.....	118
6.3	Pesquisa Documental: O Fortalecimento Da Justificativa.....	120
6.4	Peça Teórica: Redação de Texto Científico.....	122
6.5	Fotolivro: Início Da Pré-Produção.....	124
6.6	Fotolivro: Definição do Conceito e Narrativa.....	126
6.7	Fotolivro: Produção Oficial de Fotografias.....	128
6.8	Fotolivro: Pós-Produção.....	132
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	137
	REFÊRENCIAS.....	141

ANEXOS.....	147
ANEXO A - ENTREVISTAS.....	148
ANEXO B – REQUERIMENTO DA RELAÇÃO DE FEIRANTES EM PRESIDENTE PRUDENTE JUNTO A PREFEITURA.....	223
ANEXO C – RELAÇÃO DE DOCUMENTOS SOLICITADOS AO TRABALHADOR QUE QUER SE INSERIR NA FEIRA.....	230
ANEXO D – DEMAIS DOCUMENTOS E LEGISLAÇÃO.....	232
APÊNDICES.....	239
APÊNDICE A – TABELA DE IDENTIFICAÇÃO DOS FEIRANTES ENTREVISTADOS.....	240
APÊNDICE B – RELATÓRIO DE OBSERVAÇÃO DIRETA E INTENSIVA.....	245

1 INTRODUÇÃO

Para muito além do caráter comercial, as feiras livres realizadas no Brasil representam um fenômeno sociocultural e carregam consigo um conjunto de particularidades. Trata-se de um espaço democrático e popular, cheio de movimentos, cores e sons característicos, onde transitam povos de diferentes classes econômicas e sociais e de gerações distintas.

Historicamente, o comércio desenvolveu uma dinâmica própria, tornando-se responsável pela formação de núcleos urbanos e pelas trocas comerciais, sociais e culturais. Apresenta ainda noções de identidade, comunidade, comunicação, hábitos, costumes e tradição. Esses são elementos que permitem classificar a feira como uma celebração da cultura popular. (GUIMARÃES 2010, p.7)

Ao longo dos anos, no entanto, as feiras sofreram interferências e passaram por inúmeras transformações. Hoje enfrentam ameaças estabelecidas por um mercado cada vez mais competitivo, tendo como principais concorrentes os supermercados, capazes de oferecer conforto, praticidade e preço. No entanto, ainda assim, as feiras livres resistem. Segundo Guimarães (2010, p.7), elas conseguem se adaptar aos novos tempos em relação à mercadoria, clientes e tecnologia sem perder as raízes.

Um exemplo evidente de adaptação pela qual o comércio de rua passa nos dias atuais é a utilização das máquinas de cartão de crédito, atendendo às novas demandas do público. No entanto, ainda que sofra adequações, a feira conserva seus modos tradicionais de atendimento. É justamente nesse ponto que reside sua força frente à concorrência. Nenhum supermercado consegue substituí-la em relação aos fregueses. O contato direto com o dono da mercadoria, o preço negociável, o produto fresco, os laços criados, além da possibilidade do lazer e do convívio social, são características que não se encontram em nenhum outro estabelecimento.

Mais do que um meio de compra e venda, o contexto do comércio ao ar livre envolve outros aspectos essenciais. A feira livre mostra-se capaz de proporcionar oportunidades de trabalho e sustento para aqueles que não conseguiram se inserir no mercado formal de emprego. Além disso, é responsável pelo abastecimento das populações com a oferta de produtos e serviços diversos, promovendo ainda a aglomeração de diferentes pessoas em um espaço comum.

Em Presidente Prudente, interior do estado de São Paulo e maior cidade do Oeste Paulista, existem atualmente 26 feiras livres. Ocorrem ainda outras três “Feiras da Lua”, como são popularmente conhecidas, que se diferenciam pela organização e por serem destinadas exclusivamente aos produtores rurais que vendem o que produzem diretamente para o consumidor final, sem que haja um intermediário. Todas acontecem no decorrer da semana em locais e horários diferentes, distribuídas pelos bairros ao longo da cidade, realizando-se, às vezes, simultaneamente.

Para realização desse trabalho, tomou-se como objeto de estudo a principal feira de Presidente Prudente, que tradicionalmente acontece na Avenida Manoel Goulart, aos sábados e domingos. Delimitando ainda mais o *corpus*, os autores concentraram-se no período da manhã de domingo. Trata-se da maior e mais antiga feira ocorrida no município, cuja origem remete ao início das relações comerciais estabelecidas no local ainda na década de 1920, quando os produtores rurais se dirigiam ao centro para comercializar as próprias mercadorias, optando por se concentrar em um único espaço.

Ao longo dos anos, na medida em que outras feiras surgiram e se espalharam pelos bairros, a da Manoel Goulart acabou perdendo parte do tamanho e do público. Entretanto, ainda hoje é considerada a maior dentre todas as feiras e se destaca principalmente pelo fato de estar localizada no centro, conseguindo assim reunir pessoas de diversos locais, até mesmo de outras cidades da região.

A feira livre da Manoel Goulart, assim como todas as outras, é de responsabilidade da Sedepp (Secretaria de Desenvolvimento Econômico de Presidente Prudente) e da Prefeitura que regulam as atividades realizadas no local, fiscalizando e fazendo valer as leis de funcionamento. No entanto, não há organização no controle que é feito, além de não haver, até o momento, documentação suficiente que apresente dados atualizados e qualificados sobre a feira.

A partir do que foi apresentado acima, a escolha do tema dessa pesquisa se deu pelas possibilidades de refletir, analisar e compreender a modalidade de comércio ao ar livre para além do âmbito econômico, observando suas contribuições sociais e culturais. Também motivou a realização desse trabalho, a oportunidade de sanar as deficiências referentes a documentação disponibilizada pela administração pública. Busca-se, nesse sentido, fazer emergir os significados que permitem

identificar a real importância e valor que a feira da Manoel Goulart possui junto à comunidade prudentina.

Além do estudo da feira, a presente pesquisa se concentrou ainda em abordar a fotografia dentro de seu aspecto documental, considerando que ao longo da história, o gênero tem desempenhado diversas funções na sociedade. Buscou-se identificar as possibilidades da fotografia na materialização de um ponto de vista social e cultural desenvolvido a partir dos estudos acerca da feira. Assim, como resultado desse estudo, foi adotada como peça prática a produção de um fotolivro cujo objetivo é apresentar a documentação fotográfica realizada na feira livre da avenida Manoel Goulart.

O jornalismo foi observado como parâmetro durante todo o processo de elaboração e produção desse trabalho. Foram utilizadas as técnicas jornalísticas no que diz respeito a apuração, levantamento de dados, interpretação, contato com fontes e entrevista, quando buscou-se entender, refletir e analisar os principais aspectos e peculiaridades da dinâmica da feira, enriquecendo o olhar sobre a mesma. Posteriormente, na confecção da peça prática, as informações apresentadas no interior do fotolivro, tanto nas imagens quanto nos textos, fazem dele um produto documental e essencialmente jornalístico, pois, visa não apenas informar, mas também fornecer instrumentos de reflexão e interpretação de uma realidade.

Com o fotolivro, buscou-se mostrar a dinâmica da feira através de uma narrativa capaz de apresentá-la em seus pontos principais, construindo uma sequência lógica, porém, sem se desligar do viés cronológico. Desse modo, o conjunto de imagens presentes no interior do fotolivro divide-se em três capítulos, ou seja, três conjuntos de fotografias ligados entre si, mas com significados diferentes. Cada um deles representa uma etapa na dinâmica de um dia de feira: a montagem, movimentação e desmontagem. O discurso se revela a partir do significado de cada uma dessas etapas em relação à dinâmica e aos personagens.

A metodologia adotada no desenvolvimento desse estudo pode ser compreendida com a leitura do capítulo dois do presente corte teórico. A abordagem é qualitativa e a pesquisa se classifica como exploratória. O método é o estudo de caso, já que se busca compreender uma dinâmica através do caso específico da feira da avenida Manoel Goulart em Presidente Prudente. Os procedimentos técnicos adotados foram a pesquisa bibliográfica, análise documental, observação direta e intensiva, e entrevistas em profundidade semiabertas.

O capítulo três busca uma compreensão da fotografia enquanto mediadora do mundo dentro de seu aspecto documental. O referencial teórico no qual essa pesquisa se baseia, aborda aspectos históricos, técnicos e sociais da fotografia, da linguagem fotográfica e do gênero fotodocumentário, observando ainda as contribuições do jornalismo para o trabalho, buscando evidenciar a aderência na área. Além disso, o capítulo apresenta ainda conceitos básicos acerca do fotolivro, cuja produção é entendida como parte do processo de construção narrativa em um trabalho fotodocumental.

Para a realização de uma documentação fotográfica é fundamental que se compreenda a realidade que se quer documentar de forma aprofundada. Assim, buscou-se, no capítulo quatro, abordar o conceito geral de feira livre, analisando seu panorama histórico e social, para depois, ao afunilar o tema, alcançar a feira local, observando a origem e história da cidade de Presidente Prudente e os frutos da observação e coleta de informações. O capítulo considera ainda a importância da feira para o povo, para os feirantes que retiram seu sustento dela e, propõe ainda refletir o futuro da atividade em Presidente Prudente.

No capítulo cinco é exposto o projeto editorial do fotolivro, em que se apresentam as bases para sua produção, a justificativa, os objetivos, o público para o qual se destina, a linha editorial, estrutura, recursos técnicos, financeiros e humanos.

Por fim, os autores apresentam, respectivamente nos capítulos seis e sete, uma detalhada descrição da produção da peça prática em um memorial descritivo e as considerações finais, pontuando de que maneira conseguiram responder a problemática levantada e como foram alcançados os objetivos propostos. Soma-se a isso uma reflexão acerca dos resultados obtidos com o estudo, a produção fotográfica, a produção do fotolivro e os usos que esse proporcionará.

Espera-se que, com a leitura do presente trabalho, se compreenda a principal proposta deste: enriquecer o olhar em direção à feira e contribuir para o reconhecimento e valorização dos trabalhadores que fazem com que a atividade se realize. A intenção é provocar nos leitores uma reflexão quanto ao que a feira significa na vida das pessoas e quanto as formas com que ela impacta a sociedade.

2 FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA

2.1 O Problema

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) destina-se a produção de um fotolivro documental, que tem como principal objetivo fornecer ao público as condições necessárias para interpretar e refletir a realidade da feira livre na avenida Manoel Goulart em Presidente Prudente.

De acordo com a Secretaria de Desenvolvimento Econômico de Presidente Prudente (Sedepp), atualmente acontecem na cidade 26 feiras livres. Elas são realizadas de terça a domingo em diferentes locais e em horários específicos. Ocorrem ainda outras três conhecidas como "Feiras da Lua", que se diferenciam em sua organização e por serem destinadas exclusivamente ao produtor rural. Todas são mantidas e fiscalizadas pela Sedepp e estão submetidas a lei municipal de n.º 4.866/97 que regulamenta o seu funcionamento.

Para a realização deste TCC, foi escolhida como objeto de estudo a tradicional feira livre da avenida Manoel Goulart, que acontece aos sábados no período da tarde e noite e aos domingos no período da manhã. Os autores buscaram concentrar os estudos na feira de domingo, onde, de acordo com levantamento realizado durante a pesquisa de campo, foram contabilizadas 91 bancas. A Sedepp não apresentou dados atualizados que confirmem esse número.

Historicamente, as feiras livres desempenham um papel fundamental para o desenvolvimento das cidades. Elas surgiram na antiguidade, especificamente na Idade Média, para troca de mercadorias. O excesso de produção agrícola fez surgir a necessidade de os povos trocarem seus produtos, o que marcou o início das relações comerciais. Essas trocas eram realizadas em determinados espaços e em torno desses locais desenvolviam-se as cidades e grandes povoados. Segundo Andrade (2015, p.16), a atividade representa um marco na passagem do modo feudal para o modelo capitalista. A autora fala ainda de sua importância no desenvolvimento econômico, social e cultural dos locais onde acontece.

As feiras livres não devem ser analisadas somente do ponto de vista econômico. Elas incorporam ainda aspectos culturais, sociais, políticos e técnicos que reunidos constituem uma dinâmica própria. Segundo Araújo (2012, p.50), as feiras consistem em um ambiente propício à sociabilidade que "[...] ultrapassa seu papel

comercial e as transforma, em muitas sociedades, num entreposto de trocas culturais e de aprendizado, onde pessoas de várias localidades se congregam [...]".

Dentre as peculiaridades da modalidade de comércio ao ar livre, está o modo como ela se apropria de determinado espaço público, o modificando e o desviando de seu uso original para a realização de trocas comerciais, sociais e culturais que acontecem periodicamente. Nesse sentido, a feira contribui para a formação de uma identidade comum aos atores sociais envolvidos. Segundo Almeida (2009, p.25), a partir da observação da dinâmica da feira, é possível compreender toda a carga de subjetividade presente no universo enquanto elemento de coesão.

Observa-se que as feiras livres têm um caráter de absorver diferentes atividades em um espaço limitado, ou seja, um verdadeiro museu da cultura local de curta periodicidade. Sendo assim, é geralmente nesta área onde se encontra os principais equipamentos de comércio e prestação de serviços das pequenas cidades interioranas. (CHAVES, 2011, p.23)

Retomando o objeto de estudo desse trabalho, cabe situar o local onde ocorre a feira livre da Manoel Goulart. A cidade de Presidente Prudente está localizada na porção Oeste do Estado de São Paulo, a aproximadamente 560 km da capital paulista, e possui uma população estimada de 207.625 habitantes (IBGE, 2010). É a sede regional da 10.^a Região Administrativa do estado, integrando 53 municípios. De acordo com a Fundação SEADE - Sistema Estadual de Análise de Dados, a região tem como principais atividades econômicas a agroindústria e agropecuária. (BERNARDINO, 2011, p.8)

Segundo D'incao (2007, p.11), a origem de Presidente Prudente é ligada ao processo de abertura e apropriação da região Oeste do Estado de São Paulo. Um marco deste período, o que permitiu o início de sua história na segunda metade do século XIX, foi a lei de 1.850 que tratava a respeito da ocupação de terras no país.

De acordo com Abreu (1972, p.158), o surgimento da cidade se deu em razão da colonização agrícola desenvolvida ao seu redor, o que fez com que Presidente Prudente, desde cedo assumisse o "[...] papel de mercado abastecedor e receptor de produção agrícola de sua vizinhança". Isso marca o início da relação comercial entre campo e cidade existente em Presidente Prudente.

Sobre o início das relações comerciais, Macedo (2006, p.83) diz que, "Toda a produção rural era vendida na cidade para as máquinas de beneficiamento

ou atacadistas, que funcionavam como financiadores e ofereciam apoio técnico aos agricultores". Ainda segundo o autor, o trabalhador rural mostrava-se capaz de prover seu sustento e garantir o básico como saúde, moradia e alimentação a partir do ganho com a comercialização de seus produtos.

De acordo com Resende (2006, p.47), a feira livre na Manoel Goulart teve início na década de 1930 e prolongou-se tempo afora. Já Macedo¹, historiador especializado na história de Presidente Prudente, conta que já nos anos 1920 os produtores rurais começaram a tomar as calçadas da avenida para comercializar sua produção, dando início a atividade. Ainda segundo o historiador, só na década de 1930 é que teve início algum controle do poder público. A partir de então, outras feiras começaram a surgir e se espalhar pelos bairros prudentinos. Dentre os feirantes ouvidos para essa pesquisa, os mais velhos estão há mais de cinquenta anos na feira da Manoel, tendo começado a trabalhar a partir da década de 1960.

A lei de n.º 4886/97 que passa a regulamentar a feira impondo regras e prevendo penalidades aos feirantes é sancionada apenas em 1997 pelo vice-prefeito na época, Ênio Luiz Tenório Perroni.

Atualmente, nas barracas feitas em sua maioria com estrutura de metal, tabuleiros de madeira e cobertas com lonas de plástico, são comercializados diversos produtos que vão desde os hortifrutigranjeiros, passando pelos alimentícios, com destaque ao popular pastel de feira, até os brinquedos, calçados e vestuário. A feira mostra-se também como um ponto de lazer marcado pelo encontro de amigos e conhecidos.

Ao longo dos anos, de modo geral, as feiras livres foram sofrendo interferências e passando por inúmeras transformações. Na contemporaneidade elas enfrentam um mercado cada vez mais competitivo, tendo como principais concorrentes os supermercados e sacolões. No entanto, Chaves (2011, p.23) aponta a feira atual como uma representação do passado que resiste e se adapta as transformações impostas pelo presente, buscando de "[...] maneira significativa novas características para sua continuidade no lugar".

A partir dos conceitos apresentados, pôde-se compreender a feira como uma atividade que reúne uma porção de aspectos particulares que fazem dela uma manifestação, não apenas econômica, mas também cultural e social. A modalidade

¹ Entrevista com Ronaldo Macedo, historiador de Presidente Prudente, realizada em 19. mar. 2018.

comercial envolve as relações com o território, com o trabalho como meio de sobrevivência e dignidade de pessoas, com o poder público, com os aprendizados proporcionados, com a cultura e as suas contribuições para a identidade da cidade.

Diante do exposto acima, a presente pesquisa teve como foco compreender de que modo se estabelece a dinâmica de uma feira através do caso da Manoel Goulart, utilizando para tal a revisão bibliográfica, análise documental, pesquisa de campo e levantamento histórico. A partir disso, o estudo propõe oferecer às pessoas uma reflexão e uma possibilidade de interpretação acerca do assunto.

Completa o referencial teórico os estudos em torno da fotografia em seu aspecto documental, suporte escolhido para documentação da feira veiculada em um fotolivreto, que para sua produção adotou como parâmetro as técnicas jornalísticas, tais quais a apuração, levantamento de informações, contato com as fontes, entrevista e construção da informação.

Posto isso, a grande questão que norteou esse trabalho é: de que maneira a fotografia, dentro de seu aspecto fotodocumentário, permite interpretar socialmente a feira livre da Manoel Goulart, contribuindo desse modo para o debate público e para a construção de sua memória?

2.2 Justificativa

Os pesquisadores desse trabalho escolheram retratar as feiras livres, a princípio por se tratar de uma atividade bastante presente na vida cotidiana de grande parte das pessoas e que se revela também como um importante aspecto da cultura brasileira. Em seguida, pela possibilidade de problematizar e compreender a atividade em seu sentido mais amplo, refletindo sobre o papel que ela desempenha em nossa sociedade.

No que se refere à feira livre da Manoel Goulart, escolhida como estudo de caso deste TCC por sua proximidade com os autores e por ser a mais antiga e tradicional de Presidente Prudente, essa pesquisa verificou uma defasagem de dados e informações acerca de sua história e funcionamento. Os pesquisadores estiveram junto à prefeitura de Presidente Prudente e a Sedepp em busca de documentação. Não se tem, por exemplo, o número atual de feirantes cadastrados na feira da Manoel Goulart. Em uma das visitas à prefeitura, os autores preencheram requerimento para ter acesso a uma lista desatualizada com identificação e número de feirantes.

Observou-se, desse modo, que não existe nenhuma organização no controle da feira da Manoel Goulart por parte da prefeitura e a Sedepp.

O exposto acima permite justificar socialmente esse trabalho, na medida em que revela a importância de construir uma documentação da feira da Manoel Goulart que permita compreender suas particularidades e as razões que fazem com que a atividade se realize independentemente de um controle do poder público. Justifica-se ainda por significar um modo de suprir a ausência de documentos através de um registro fotográfico que deverá servir como instrumento de pesquisa, reflexão e conhecimento posterior.

O trabalho documental contribui ainda para a memória coletiva, pois, de acordo com Bosi (1994), a memória atinge uma função social quando o passado enriquece o pensamento, fornecendo condições de interpretar questões atuais. "Não há evocação sem uma inteligência do presente, um homem não sabe o que ele é se não for capaz de sair das determinações atuais." (BOSI, 1994, p.81)

Desta forma, esse TCC propôs contribuir para discussões com enfoque político acerca de seu funcionamento, suas necessidades, seus impactos no espaço público, sua importância, influência, a identificação e valorização dos personagens que a fazem. Segundo Bosi (1994, p.408-411), "uma memória coletiva se desenvolve a partir de laços de convivência familiares, escolares e profissionais. Ela entretém a memória de seus membros, que acrescenta, unifica [...] e passa a limpo."

Escolheu-se a fotografia como suporte para registro e reflexão da feira, a princípio pelo forte potencial imagético que o espaço apresenta e, posteriormente, por ser essencialmente documental, o que permite a fixação da memória, além de sua qualidade descortinadora e mediadora de uma realidade. Sobre isso Kossoy (2014b, p.31) diz:

[...] a documentação iconográfica é uma das fontes mais preciosas para o conhecimento do passado, trata-se, porém, de um conhecimento de aparência: as imagens guardam em si apenas indícios, a face externa de histórias que não se mostram, e que pretendemos desvendar.

Foi através da fotografia que a humanidade pôde conhecer-se em relação ao ambiente e sua existência de uma forma diferente. Freund (1995, p.188) pontua as diferenças entre a câmera e o olhar humano. A natureza vista pela lente de um fotógrafo, provoca, influencia o olhar e proporciona uma visão diferente acerca do

objeto fotografado, por essa razão o autor da foto adquire uma responsabilidade social. O olho humano apenas presencia a realidade.

Ainda, segundo Freud (1995, p.188), "o valor, na fotografia, não pode apenas ser medido a partir do ponto de vista estético, mas pela intensidade humana e social da sua representação óptica".

A imagem fotográfica em sua essência é um documento, dado seu caráter testemunhal somado a finalidade do ato fotográfico, ou seja, as intenções em se registrar algo. Kossoy (1989, p.31) fala que o valor documental de um registro fotográfico se dá pela capacidade que este possui de vir a servir como meio de informação e conhecimento.

Os autores desse trabalho entenderam que é possível, ainda de acordo com o que se observa nos estudos apresentados por Kossoy (2016, p.43), recriar um mundo físico, no caso a feira da Manoel Goulart, com todas as particularidades inerentes a sua dinâmica, por meio de uma representação fotográfica.

Mais do que um objeto, a fotografia permite invocar sentimentos pessoais e coletivos, ao mesmo tempo em que faz emergir discussões acerca das questões que afligem o mundo. É por essa razão, que a imagem fotográfica ultrapassa o seu valor documental, como aponta Freund (1995, p.189). A partir disso, considera-se encarar o fotodocumentário da feira livre da Manoel Goulart a ser realizado, não como mero documento, mas como algo maior, que seja capaz de revelar as pessoas os principais aspectos que estão inerentes a modalidade de comércio ao ar livre.

Fotografia é memória e com ela se confunde. Fonte inesgotável de informação e emoção. Memória visual do mundo físico e natural, da vida individual e social. Registro que cristaliza, enquanto dura, a imagem – escolhida e refletida – de uma ínfima porção de espaço do mundo exterior. É também a paralisação súbita do incontestável avanço dos ponteiros do relógio: é, pois, o documento que retém a imagem fugidia de um instante da vida que flui ininterruptamente. (KOSSOY, 1989, p.101)

A partir desse TCC, em que foram empregadas práticas jornalísticas aliadas ao fotodocumentário, espera-se que a formação acadêmica de cada um dos autores seja consolidada não só pelo viés técnico do jornalismo, mas também pelas possibilidades de se trabalhar a sociedade, abrindo espaços de discussão. O objetivo é tornar o aluno não apenas um profissional preparado para o mercado de trabalho, mas também um agente político, social e cultural da sociedade prudentina.

2.3 Objetivos

2.3.1 Objetivo geral

Produzir um fotolivro a partir de uma reflexão quanto à dinâmica e contexto histórico da tradicional feira livre da avenida Manoel Goulart de Presidente Prudente.

2.3.2 Objetivos específicos

- Analisar a dinâmica existente na feira da Manoel Goulart em Presidente Prudente de modo a entender sua importância e o papel que ocupa na sociedade;
- Colocar em prática os conhecimentos adquiridos durante o curso sobre o fazer jornalístico, tendo como ferramenta as técnicas e linguagens fotográficas a serem utilizadas na documentação da feira;
- Produzir um fotolivro documental que permite a linguagem da fotografia retratar, preservar e proporcionar o debate público referente à feira.

2.4 Metodologia

O que diferencia o trabalho científico do senso comum, é que aquele precede da metodologia. Segundo Barros e Junqueira (2009, p.36-37), o senso comum, embora também obtido de maneira empírica, o faz “[...] de um modo nada rigoroso, pois tende a confundir essência com aparência, é ametódico, assistemático e fragmentário”. Metodologia é, portanto, um caminho a seguir, que permite o pesquisador não se perder e chegar aonde se quer, não como algo aleatório, ao acaso.

Para a elaboração desse trabalho foi adotada a abordagem qualitativa em relação ao estudo da feira livre, pois, esta é o que permitiu interpretar, refletir e compreendê-lo em sua profundidade. Parte-se do princípio de que a pesquisa qualitativa é aquela que trabalha efetivamente com a informação coletada pelo pesquisador, não havendo a necessidade de serem expressos numericamente, ou os

números e as conclusões nelas baseadas representam um papel menor na análise, como aponta Goldenberg (2013, p.14):

Na pesquisa qualitativa a preocupação do pesquisador não é com a representatividade numérica do grupo pesquisado, mas com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, de uma instituição, de uma trajetória[...].

Posto isso, os pesquisadores entendem que para o estudo da dinâmica da feira livre, tendo em vista a realização da fotografia documental, a melhor abordagem foi mesmo a qualitativa, que permitiu compreender de forma aprofundada a atividade, com seus principais aspectos.

Em relação aos objetivos, a presente pesquisa se classifica como exploratória, pois visa proporcionar a compreensão, a reflexão, o conhecimento e familiaridade com o problema proposto, no intuito de torná-lo o mais claro possível à sociedade. O objetivo desse tipo de pesquisa é proporcionar uma visão mais abrangente de um fato.

Andrade aponta (2010, p.112) que:

São finalidades de uma pesquisa exploratória, sobretudo quando bibliográfica, proporcionar maiores informações sobre determinado assunto; facilitar a delimitação de um tema de trabalho; definir os objetivos ou formular as hipóteses de uma pesquisa ou descobrir um novo tipo de enfoque para o trabalho que se tem em mente.

O método adotado pelos autores para esse TCC foi o estudo de caso, já que se pretendeu estudar a dinâmica existente em uma feira livre tomando como base o caso da feira ocorrida na avenida Manoel Goulart em Presidente Prudente, ou seja, parte-se de uma feira local para tentar compreender o conceito geral de uma feira livre.

O estudo de caso consiste no estudo profundo e exaustivo do objeto a ser analisado, de modo que se obtenha o máximo de conhecimento possível sobre ele, como aponta Gil (2012, p.57). Ainda segundo o autor, esse método se trata de um estudo empírico que investiga um fenômeno atual dentro do seu contexto de realidade, quando as fronteiras que separam um e outro não são claras.

Indo mais além na busca por conceituar o método, Duarte (2009, p.16), através de seus estudos, aponta o estudo de caso como a melhor estratégia quando se é preciso responder questões do tipo "como" e "por que".

Não é suficiente observar um fenômeno social, um evento histórico ou destacar certos comportamentos com o objetivo de declará-los "casos". Se desejarmos falar sobre um "caso", precisamos dos meios de interpretá-lo ou contextualizá-lo em uma realidade. Um caso compõe sua uniformidade não das ferramentas teóricas usadas para analisá-lo, mas do modo como ele toma forma; nomeado como um fato social ou histórico que combina toda a sorte de elementos dentro de um conjunto de papéis sociais, uma instituição, um movimento social, ou a lógica de ação de uma comunidade. (DUARTE, 2009, p.218)

O ponto de partida para a busca de informações referentes a esse trabalho foi a pesquisa bibliográfica, que consiste no planejamento de uma investigação e no levantamento de tudo o que se tem de estudo em relação ao objeto pesquisado. Stumpf (2009, p.51) define a pesquisa bibliográfica como um conjunto de procedimentos que consiste em identificar informações bibliográficas, selecionar documentos que sejam pertinentes ao tema e fazer anotações e fichamentos dos dados levantados a serem utilizados posteriormente na redação do trabalho.

Para esse TCC, foram realizadas leituras e fichamentos de livros, textos, artigos, dissertações, teses e demais trabalhos acadêmicos referentes à feira livre, à fotografia, fotodocumentário e à cidade de Presidente Prudente.

Sobre a análise documental, Moreira (2009, p.269,) diz que no campo da Comunicação no Brasil, não é tradição utilizar esse tipo de estudo. Costuma ser mais utilizado no resgate da história de meios de comunicação, personagens ou períodos. No entanto, para esse trabalho os pesquisadores fizeram um levantamento do que se tem referente ao assunto feira. Em sua maior parte, a análise consistiu na legislação, já que se verificou a falta de documentação com dados atualizados acerca de funcionamento e registro histórico da feira de Presidente Prudente.

Outra técnica escolhida pelos autores para a coleta de dados foi a entrevista em profundidade. Duarte (2009, p.62) define a entrevista em profundidade como “[...] um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte”.

No caso desse trabalho, as entrevistas se concentraram principalmente entre os feirantes, pois são eles os personagens centrais da feira livre da Manoel Goulart. Mostrou-se importante para o estudo, considerando a finalidade fotodocumental para a qual essa pesquisa se destina, compreender a feira a partir da perspectiva dos próprios feirantes, pois eles são quem melhor vivenciam tal realidade.

Foram realizadas ainda entrevistas com outros personagens relacionados aos órgãos públicos. As entrevistas seguiram algumas especificidades. Foram elaborados previamente roteiros de perguntas o que garantiu uma melhor organização das informações coletadas.

Sendo assim, o tipo de entrevista adotado foi a semiaberta já que as perguntas precisaram servir ao interesse da pesquisa, o que implica em questões específicas. Isso significa que a liberdade dos entrevistados é delimitada pelo objeto estudado e deve respeitar questões-chaves. (DUARTE, 2009, p.66)

Para mais obtenção de dados e informações, foi adotada ainda a observação intensiva como técnica de coleta, que se insere na pesquisa de campo. De acordo com Gil (2012, p.100), é nesta fase que o papel da observação se torna mais imprescindível. Ele diz ainda que o procedimento apresenta vantagens em relação à percepção direta, livre de meios intermediários, do objeto estudado que reduz a subjetividade. Porém, existem desvantagens, já que a presença dos pesquisadores em campo tende a interferir no comportamento dos observados, o que compromete a espontaneidade destes.

Ainda segundo Gil (2012, p.101), a observação intensiva se classifica em três categorias: simples, observação participante e observação sistemática. Na observação simples os pesquisadores são meros espectadores. A observação participante é quando os espectadores se inserem no ambiente observado e incorporam as atividades como um membro do local. A observação sistemática é mais comumente empregada em pesquisas que visam descrever precisamente fenômenos ou testar hipóteses, portanto, quase sempre assumem um caráter experimental.

Para esse trabalho, o tipo de observação adotada foi a simples. Os pesquisadores se inseriram no ambiente da feira em visitas semanais, munidos de material para anotação e gravação e realizaram a coleta de dados, identificando os feirantes e observando os elementos visuais da feira que permitem interpretar sua dinâmica.

A observação simples é, de acordo com Gil (2012, p.101), a que apresenta uma porção de vantagens que refletem em resultados satisfatórios. Para a aplicação do método, é necessário estar atento a algumas condições como a definição do que deve ser observado, de como registrar, como apresentar os resultados e emprego correto da observação do ponto de vista ético.

A análise dos dados, ao final da pesquisa, mostrou-se essencialmente qualitativa e envolveu principalmente a interpretação e olhar subjetivo dos pesquisadores. Para tal, se observou as etapas de análise apontadas por Gil (2012, p.175), no caso três: Redução, apresentação e conclusão/verificação.

3 FOTODOCUMENTÁRIO

3.1 Um Mundo Interpretado por Imagens: a Fotografia e a Mediação do Mundo

Desde o início da história humana na Terra, os humanos tentam representar o mundo. Ainda na pré-história, quando passaram a se organizar em sociedade, os homens buscaram formas de se expressar. A arte rupestre identifica as primeiras representações realizadas pelo homem, que registrava suas atividades em rochas, paredes e tetos de cavernas.

De acordo com Camargo (1999, p.21), as primeiras imagens produzidas representavam os animais necessários à sobrevivência do homem. Camargo (1999, p.39) classifica essas imagens pré-históricas como artesanais, por serem realizadas manualmente e dependerem das capacidades cognitivas e motoras do indivíduo para concebê-las. Isso persiste ao longo do desenvolvimento das primeiras civilizações. O autor aponta o século XIX como o período em que as imagens deixam de serem construídas por meio de processos manuais, devido ao advento da fotografia.

Fazendo uma analogia à busca pelo autoconhecimento que cada indivíduo faz em si mesmo, a fotografia, por sua essência e trajetória, representa o instrumento ideal na busca de uma sociedade em conhecer-se em relação ao mundo e ao meio em que vive.

Segundo Kossoy (2014a, p.29), já no momento em que surge, a imagem fotográfica mostra-se capaz de influenciar os rumos da história. Seu invento passa a significar uma nova possibilidade de informação e conhecimento, ao mesmo tempo em que se converge em uma ferramenta de pesquisa nos diferentes campos da ciência.

Freund (1995, p.37) confirma a relação entre a criação da fotografia e os anseios da sociedade quando alega que qualquer invenção, além das experiências e conhecimentos anteriores, está diretamente relacionada às necessidades manifestadas por esta. Sendo assim, ainda de acordo com Freund (1995, p.25), o registro fotográfico nasce no contexto da ascensão da burguesia em direção a um maior significado político e social, como um reflexo do desejo de tal grupo em ver-se representado.

Historicamente, ao passo que as técnicas fotográficas se aperfeiçoam incorporando novas tecnologias, a imagem torna-se mais democrática, se

multiplicando. Segundo Kossoy (1989, p.15), é neste ponto que se desenvolve um novo processo de conhecimento de mundo, em detalhes, fragmentário em termos visuais e contextuais, ou seja, parte-se de um recorte de uma realidade que represente um aspecto específico para se entender uma generalidade, de um fragmento para compreender o todo.

A invenção da fotografia propiciaria, de outra parte, a inusitada possibilidade de autoconhecimento e recordação, de criação artística (e, portanto, de ampliação dos horizontes da arte), de documentação e denúncia graças a sua natureza testemunhal [...]. A história, contudo, ganhava um novo documento: uma verdadeira revolução estava a caminho. (KOSSOY, 1989, p.15-16)

Para compreender a fotografia como um meio de interpretar o mundo é preciso encará-la como além daquilo que os olhos podem ver, ou seja, não se trata de um mero registro neutro de determinada realidade. A imagem fotográfica é, antes de tudo, produto de um processo de construção. É, portanto, imbuída de sentidos e significados, além de carregar inúmeras informações. É a partir desse processo anterior ao produto, que um indivíduo passa a ter subsídios para interpretar, conhecer, refletir ou recordar uma situação, ou história.

Num primeiro momento, podemos usar uma resposta simples e direta, podemos dizer: é estar no lugar de algo ou alguém, figurar ou aparentar como, parecer, substituir. A imagem tem algo de especular, próprio do espelho, do refletir, de estar por algo ou evocar alguma coisa ou alguém na ausência da própria coisa. Neste caso ela atua em substituição de algo ao qual não temos acesso, mas precisamos ou queremos conhecer. (CAMARGO, 1999, p.7-8)

Antes de chegar ao receptor, o instante registrado durante o ato fotográfico passa pelo filtro cultural e ideológico do fotógrafo que observa primeiro o fato, o compreende, forma um pensamento e depois tenta transmiti-lo. “Fotografar é apropriar-se da coisa fotografada. É envolver-se numa certa relação com o mundo que se assemelha com o conhecimento – e, por conseguinte com o poder.” (SONTAG, 1981, p.4)

Buscando continuar a entender os modos que permitem a fotografia exercer o papel de mediadora entre a sociedade e o mundo, faz-se necessário abordar o discurso fotográfico, que permite traduzir uma realidade ao receptor a partir da apropriação dessa por parte do fotógrafo. De um fragmento do real, selecionado por

alguma razão, o registro incorpora técnicas e códigos que somadas ao repertório de quem as vê, faz surgir uma possibilidade de interpretação.

De acordo com os estudos de Boni (2000, p.109), considerando a capacidade de uma imagem de comunicar algo e transmitir uma informação, o fotógrafo, compreendido dentro do processo de comunicação como o emissor, escreve uma mensagem durante o ato fotográfico. Ainda segundo o autor, isso significa empregar recursos técnicos e a linguagem fotográfica para traduzir ao receptor, de acordo com suas próprias impressões, o real fotografado. Isso é possível através de uma representação que seja capaz de refletir uma intenção do fotógrafo.

Kossoy (2014b, p.31) confirma essa visão ao dizer que "toda fotografia resulta de um processo de criação; ao longo desse processo, a imagem é elaborada, construída técnica, cultural, estética e ideologicamente".

Tais colocações permitem compreender uma imagem fotográfica como uma construção carregada de contextos, pontos de vistas e intenções diversas que proporcionam inúmeras possibilidades de interpretação. As técnicas e códigos inerentes ao ato fotográfico garantem tal construção. É essa característica da fotografia que proporciona ao indivíduo conhecer e interpretar o mundo em seus muitos aspectos. Só é possível interpretar aquilo que diz algo.

Uma fotografia é muito mais aquilo que invoca, ou seja, o que está oculto, a mensagem que se propõe transmitir, do que propriamente aquele vestígio de realidade. "A fotografia é mais do que ir além do traço primeiro da imagem. É, sobretudo, uma concretização de nosso imaginário, sedento por recriações da realidade, tanto do fotógrafo quanto do espectador." (SILVA JÚNIOR, 2010, p.84)

Retomando o viés histórico, o desenvolvimento da fotografia a consolida como uma das maiores formas de representação e documentação da sociedade, revelando gradativamente seu poder de impacto. Kossoy (1989, p.30) aponta que a imagem fotográfica permite retratar a expressão cultural dos diferentes povos por meio dos hábitos, costumes, monumentos, mitos, religiões, fatos sociais e políticos. Pode abordar ainda as paisagens urbanas e rurais, a arquitetura das cidades, as principais obras, os conflitos armados e as expedições científicas.

Por se tratar de um processo de criação e proporcionar inúmeras possibilidades de interpretação, já que nem sempre o receptor enxerga uma imagem tal como o fotógrafo enxergou, a fotografia pode se mostrar perigosa, na medida em que apresenta um sentido ambíguo ou ainda, manipular uma realidade.

Também, mais do que qualquer outro meio, a fotografia é capaz de exprimir os desejos e as necessidades das camadas sociais dominantes, e de interpretar a maneira delas os acontecimentos da vida social. Pois a fotografia, embora estritamente ligada à natureza, tem apenas uma objectividade factícia. A objectiva, esse olho pretensamente imparcial, permite todas as deformações possíveis da realidade, já que o carácter da imagem é determinado, a cada vez, pelo modo de ver do operador e pelas exigências dos seus mandantes. A importância da fotografia não reside, portanto apenas no facto de ela ser uma criação, mas, sobretudo no facto de ela ser um dos meios mais eficazes de conformar as nossas ideias e de influenciar o nosso comportamento. (FREUND, 1995, p.20)

Kossoy (2014b, p.31) colabora para esse ponto de vista acerca da ambiguidade de uma representação fotográfica quando discorre sobre o papel cultural exercido pela fotografia. Dentre outras coisas, o autor apresenta alguns antagonismos referentes aos usos que se fazem de uma imagem fotográfica. Fala na capacidade de informar e desinformar, de emocionar e transformar, denunciar e manipular.

Considerando a possibilidade de manipulação inerente a fotografia, o seu uso pela imprensa é determinante no processo de sua mediação com o mundo. À medida que se fazem registros de situações e questões da sociedade, abre-se caminho para que as técnicas fotográficas sejam incorporadas pela imprensa, o que significa mudar a visão das massas.

Segundo Freund (1995, p.107), antes da fotografia de imprensa, não havia condições de homens comuns visualizarem cenas e imagens para além do ambiente em que viviam. "Com o alargamento do olhar, o mundo encolhe-se. A palavra escrita é abstrata, mas a imagem é o reflexo concreto do mundo em qual cada um vive." (FREUND, 1995, p.107)

Por todo o exposto acima, é possível aferir que ao longo de todo o seu percurso, a fotografia desempenha um papel fundamental na sociedade, na medida em que a imagem a reflete no todo, representando, transformando e eternizando. A capacidade de comunicar, oferecer meios de refletir, sentir e interpretar e consequentemente documentar uma realidade, permite atribuir a imagem fotográfica o papel de mediadora entre sociedade e mundo.

A foto diferencia-se de outras formas de manifestação, representação ou documentação por suas particularidades, como aponta Freund (1995, p.200):

A sua particularidade consiste em que ela se dirige à emotividade: não deixa tempo para a reflexão nem para o raciocínio, como é o caso com a conversação ou com a leitura de um livro. É na sua imediatez que reside a sua força e, também, o seu perigo. A fotografia multiplicou a imagem por milhares de bilhões e, para a maioria dos homens, o mundo deixou de ser evocado para ser apresentado.

Do estudo da trajetória e contribuição da imagem fotográfica para a história e sociedade surge a necessidade de se discutir o seu valor enquanto documento, compreendido como algo que proporcione um registro e ateste uma realidade ao mesmo tempo em que transmita informação, ofereça meios de conhecimento e de investigação histórica. Fotografia é essencialmente documento. A partir desse conceito se pretenderá discutir nos próximos tópicos o que vem a ser o Fotodocumentarismo e seus usos.

3.2 O Fotodocumentário e a Linguagem Fotodocumental: Uma Busca Social e Política

Para compreender a fotografia na qualidade de documento, de acordo com Boni (2008, p.1), é preciso defini-la como o registro de um momento carregado de informações e sentidos diversos, que permite a transmissão de conhecimento e meios de reflexão e interpretação. Ela serve também como fonte de pesquisa. A fotografia, por tudo o que agrega, em especial a sua semelhança com a realidade, se constitui como a melhor forma de documentar algo (BONI, 2008, p.1).

Kossoy (2016, p.33) também aborda o conceito de documento fotográfico ao considerá-lo como parte de um processo de desconstrução da representação:

A materialização da imagem enquanto etapa final e produto de um complexo processo de criação técnico, estético, cultural elaborado pelo fotógrafo. Temos na imagem fotográfica um documento criado, construído, razão porque a relação documento/representação é indissociável. Ao observarmos as fontes fotográficas temos que ter em mente a construção que as mesmas trazem embutidas em si. A imagem analógica ou digital é sempre um documento/representação.

De acordo com Boni (2008, p.2), o conjunto de fotografias pensadas em uma sequência devidamente elaborada, acompanhadas ou não de textos explicativos e que necessitam para sua realização um detalhado planejamento de produção,

constituem o fotodocumentário. Esse já é um trabalho mais abrangente, que demanda um olhar mais atento e aprofundado para a realidade que se quer documentar.

A particularidade do fotodocumentário consiste então na necessidade de se fazer uma imersão no universo a ser registrado. O fotógrafo precisa antes de tudo compreender os fatos sociais que quer traduzir para mundo. Não se trata apenas de um instante, um pequeno recorte espaço e tempo. O processo de construção neste caso é algo muito maior, que envolve planejamento, estudo, observação, no intuito de revelar o todo de um cenário, nos seus pormenores. Neste caso, ao fotógrafo cabe narrar o fato e construir uma história.

Trazendo essa discussão para a realidade desse trabalho, o caso da feira da Manoel Goulart, como traduzir a feira para o receptor como um fenômeno social e cultural sem antes compreender seus aspectos sociais e culturais? A partir deste conhecimento prévio é que o fotógrafo passa a traçar os seus planos e metas para a elaboração do fotodocumentário, um trabalho que demanda um tempo maior de produção. Seu principal objetivo é ser mais interpretativo e elaborado e difere-se ainda de outros gêneros, como o fotojornalismo, por exemplo, por sua qualidade atemporal.

A fotografia documental amarra uma série de imagens que chegam em uma narrativa contada em fotos. A proposta da fotografia documental é mostrar o homem e o que tem ao redor dele. Partindo desse ponto, a fotografia documental tem muita referência da sua época, e o seu entorno. Cada recorte está ligado ao seu momento, os fotógrafos tomam tendências da sua época para criar sua identidade visual, ainda assim, tomando referências de fotografias passadas. (VIEIRA, 2016)

A fotografia de caráter documental surge a partir das experiências e viagens de fotógrafos que tinham gosto pelo exótico e diferente e que por isso sentiam a necessidade de documentar paisagens e os locais distantes que conheciam (LEDO apud BONI, 2008, p.3). Isso significa que o fotodocumentário é utilizado em muitos outros contextos como culturais, sociais, artísticos e ambientais, em qualquer situação mantendo o seu caráter de servir como fonte histórica e preservação de uma realidade.

O fotodocumentário só existe se for em função de uma representação social ou política da existência humana. Trata-se de um ponto de vista sobre uma determinada situação e realidade que proporciona discussões e reflexões a respeito. Segundo Sousa (2004, p.55), é no século XX que o documentarismo estabelece

algumas das grandes motivações da fotografia: "o desejo de conhecer o outro, de saber como o outro vive, o que pensa, como vê o mundo, com o que se importa. As palavras eram insuficientes".

Boni (2008, p.1) apresenta o fotógrafo Lewis Hine como um dos maiores expoentes da fotografia documental. Segundo ele, Hine "utilizava, aberta e declaradamente, suas fotografias como 'meio' de transformações sociais. Por meio delas, denunciou a exploração da mão-de-obra nos Estados Unidos."

Boni (2008, p.3) afirma ainda que, ao longo dos anos, o fotodocumentário sempre esteve mais ligado à denúncia social, abordando temas relacionados ao ser humano e ao meio ambiente. Isso demonstra a importância do gênero em intervir nos acontecimentos da sociedade revelando mazelas e contribuindo de forma a diminuir os problemas. (LEDO apud BONI, 2008, p.3)

Uma das maiores referências em fotodocumentário está o realizado no projeto *Farm Security Administration* (FSA) nos Estados Unidos em 1933. O projeto consistia em obras públicas empreendidas pelo governo presidido por Franklin Roosevelt visando recuperar a economia do país, na época abalada pela grande depressão ocorrida entre o final dos anos 1920 e início dos anos 1930. Uma das medidas foi o *New Deal*, uma ajuda aos agricultores em crise. Um grupo de fotógrafos foi encarregado de documentar a realidade e registrar as ações do governo.

De acordo com Sousa (2004, p.110), independente de razões propagandísticas, o projeto fotodocumental do FSA foi de grande importância no sentido de despertar as consciências sociais, dando um sentido crítico e denunciante as imagens captadas. Indo além, Sousa (2004, p.98) aborda o FSA como um projeto exemplar de fotografia documental, que proporciona uma mudança da visão acerca do gênero, indicando o seu uso não só como testemunha da realidade, mas como instrumento social e político.

Observando ainda o que diz Sousa (2004, p.67), a fotografia no mundo contemporâneo é a herança do documentarismo social nos fins do século passado e princípios do atual. Segundo o autor, "hoje os fotógrafos documentais estão provavelmente mais interessados em conhecer e compreender do que em mudar o mundo". Isso significa que ainda que o fotodocumentário atual conserve seu papel social, seu ponto de vista e o realismo, nos dias atuais tem-se buscado apresentar outras formas de se interpretar o real, algo que fuja um tanto da variedade de sentidos atribuídos a uma representação.

[...] é um gênero fotográfico problematizador das certezas feitas, refutador de estereótipos e de visões maniqueístas e simplificadoras. A ligação a problematização do real, bem como as restantes características referenciadas, nomeadamente a reivindicação do direito à subjetividade no olhar é a ficção assumida [...], situam o documentário à erupção do Novo Jornalismo nos anos sessenta. (SOUSA, 2004, p.175-176)

Para a documentação da feira livre da Manoel Goulart, os autores do presente projeto, de acordo com o que diz a teoria da fotografia documental, entendem que o fotodocumentário só é possível após a compreensão profunda acerca da realidade do comércio ao ar livre. É o momento de estabelecer perguntas e buscar as respostas. Nesse sentido, buscou-se traçar um panorama histórico e identificar os principais elementos da dinâmica da feira.

As fontes fotográficas são uma possibilidade de investigação e descoberta que promete frutos na medida em que se tentar sistematizar suas informações, estabelecer metodologias adequadas de pesquisa e análise para decifração de seus conteúdos e, por consequência, da realidade que os originou. (KOSSOY, 2014a, p.35)

O estudo de caso da feira livre apresenta um levantamento bibliográfico no qual se pode encontrar conceitos que proporcionem a melhor leitura de seus aspectos, bem como a coleta de informações e dados existentes na documentação disponível. Adotaram-se ainda a observação e as entrevistas com os personagens existentes. Essas constituem as principais fontes de conhecimento acerca da feira, revelando seu caráter social, cultural, político e econômico.

A feira pode ser compreendida como uma manifestação cultural capaz de acontecer por si só, cujas principais características quanto à organização, estrutura e às relações que estabelecem, caracterizam a importância e influência da atividade. A grande busca do fotodocumentário nesse sentido é, para além do registro, buscar por meio da imagem traduzir às pessoas os significados da feira diante de tudo o que foi apurado.

O fotodocumentário destina-se também à preservação da feira livre da avenida Manoel Goulart em Presidente Prudente, considerando o caráter atemporal da fotografia enquanto documento e sua capacidade de eternizar momentos. Segundo Le Goff (apud KOSSOY, 2014a, p.168) o registro fotográfico "[...] revoluciona a

memória: multiplica-a e democratiza-a. Dá-lhe uma precisão e uma verdade visuais nunca antes atingidas [...]”.

Se é possível considerar que ao fotografar o profissional escreve uma mensagem, é preciso refletir sobre os meios que ele utiliza para escrever e provocar no receptor uma interpretação que sirva a sua intencionalidade. A linguagem fotográfica é o meio com o qual fotógrafo "escreve" sua mensagem.

Basicamente a linguagem fotográfica é formada por significantes e significados. Segundo Boni (2000, p.17) os significantes são os elementos visuais selecionados para serem captados no momento da fotografia e a forma com que são arranjados dentro do recorte. Em relação ao significado, Boni (2000, p.24) diz que esse se refere aos sentidos e interpretações que se podem fazer a partir dos significantes e neste caso, depende muito do repertório de quem “lerá” a imagem.

De acordo com Boni (2000, p.50), primeiro o fotógrafo constrói mentalmente o significado que pretende transmitir, utilizando elementos visuais presentes na cena, chamados de significantes. Na etapa seguinte, visualizando a cena e assumindo o papel de tradutor, o fotógrafo lança mão dos meios técnicos e elementos da linguagem fotográfica para construir sua mensagem e direcionar a leitura da imagem materializada.

Da mesma forma, o fotógrafo, ao eleger um recorte espaço temporal para tentar traduzir o todo, usa os recursos técnicos como suporte de narrativa e os elementos da linguagem fotográfica como instrumentos enunciativos do seu modo de pensar. Na somatória da narrativa com a enunciação, ele também cria um discurso. E nele manifesta implícita e explicitamente sua intencionalidade de comunicar. (BONI, 2000, p.51)

Considerando o aspecto documental da imagem fotográfica, Kossoy (1989, p.33) diz que “[...] o testemunho e a criação são os componentes de um binômio indivisível que caracteriza os conteúdos das imagens fotográficas”. Isso significa que a fotografia, por sua verossimilhança com a realidade constitui a forma mais adequada de se documentar algo, mas sobre esse real incide o processo de criação.

Diante do exposto, os autores desse trabalho entendem que a linguagem fotográfica diz respeito a seleção de elementos, as escolhas referentes a ângulo, plano, enquadramento, iluminação e demais técnicas que permitem transmitir o que se quer por meio da imagem, ou seja, a enunciação da mensagem. Nas linhas que se seguem, são apresentados os principais componentes da linguagem fotográfica.

3.3 Linguagem Fotográfica

Falar em enquadramento é falar em planos e ângulos, ou seja, a posição na qual a imagem é produzida e as delimitações feitas durante o recorte fotografado. Segundo Palacin (2012, p.49), "ao enquadrar uma cena, é importante perceber que, além do assunto principal, existem outros elementos que aparecem na frente e no fundo da imagem. Deve-se olhar [...] todo o quadro." Palacin (2012, p.49) ressalta que qualquer pequena mudança referente ao ângulo e enquadramento pode resultar em uma foto mais interessante.

Os planos de tomada representam a distância entre a câmera e o objeto fotografado, como aponta Boni (2000, p.64). Isso significa determinar o quanto se deve aproximar ou afastar-se da cena. Em meio a isso, os planos se classificam como abertos, médios e fechados. Quanto mais aberto, mais elementos compõem o cenário e maior é a abrangência espacial. O contrário ocorre quando os planos são fechados. (BONI, 2000, p.64)

O Panorâmico é o plano de maior amplitude visual, muito utilizado pelo cinema, no entanto, interessa pouco a fotografia realizada neste trabalho, pois segundo Boni (2000, p.66) o formato retangular comprido é melhor empregado no registro de paisagens, o que não é o caso. O mais próximo do Panorâmico, é o Grande Plano Geral (GPG), mais adequado ao registro da feira.

O GPG (Figura 1), é muito utilizado em fotografias de cenários urbanos e rurais. Difere-se do panorâmico por perder parte do cenário horizontal e ganhar mais no sentido vertical. O Plano Geral (Figura 2), por sua vez, é ainda mais fechado, não valoriza tanto o ambiente, que divide espaço com elementos móveis e vivos. Empregado para identificar o local onde ocorre determinada ação. (BONI, 2000, p.68)

Figura 1 – Grande Plano Geral



Foto: Beatriz Moura

Figura 2 – Plano Geral



Foto: Nayene Furmigare

Afunilando ainda mais os planos, têm-se o Plano médio (Figura 3), que representa o grande divisor entre os planos abertos e fechados. Aqui, busca-se o equilíbrio entre os elementos visuais da cena, ou seja, a harmonia entre o ambiente e os objetos móveis e vivos. Essa relação e o caráter descritivo é o que faz com que o Plano Médio seja o mais utilizado no fotojornalismo. (BONI, 2000, p.70)

Figura 3 – Plano Médio



Foto: Rafael Barbosa

De acordo com Lima (1988, p.19), ao se eleger uma cena durante o ato fotográfico, deve-se observar uma hierarquia dos elementos e neste caso, "quando uma foto contém um componente vivo, este domina sempre os outros; o que pode variar é a sua intensidade e a sua supremacia emocional".

Pensando o fotodocumentário produzido a partir desse trabalho, o Plano Médio é o mais utilizado, pois aos autores interessa retratar o ambiente da feira, mas registrar os personagens e suas ações torna-se mais relevante quando se pensa em apresentar a dinâmica do local.

Os planos fechados se aplicam no fotodocumentário da feira, por serem fundamentais no retrato dos personagens, destacando-os em relação ao ambiente, o que significa colocá-los em evidência. Nesse sentido, observa-se os conceitos de Plano Americano, Primeiro Plano ou *close-up* e o Plano de Detalhe, também chamado de Primeiríssimo Plano e *big close-up*.

No Plano Americano (Figura 4), assim como no Plano Médio, o sujeito interage com o ambiente e sobrepõe-se a ele. "A diferença marcante entre os planos Médio e Americano é que este corta o elemento humano pelos joelhos ou pela cintura, enquanto aquele, normalmente, enquadra o elemento por inteiro [...]" (BONI, 2000, p.72)

Figura 4 – Plano Americano



Foto: Lays Maréco

O Primeiro Plano ou *close-up* (Figura 5) caracteriza-se ainda de acordo com Boni (2000, p.73), por isolar o sujeito do ambiente, fazendo com que a atenção se volte totalmente para ele durante a leitura da mensagem. Desse modo, pode-se destacar a fisionomia e expressão de um personagem, detalhando traços e emoções. Boni (2000, p.74) ressalta que esse é o plano usado demasiadamente na linguagem televisiva e empregado no fotojornalismo em matérias de comportamento e colunas sociais.

Figura 5 – *close-up*

Foto: Beatriz Moura

Por final, tem-se ainda o Plano De Detalhe (Figura 6) que trata dos pormenores, responsável por focar em uma característica mínima de um objeto ou de um corpo humano, como o olhar, a boca e as mãos. Conhecido também como Primeiríssimo Plano e Big close-up, este é o plano que permite revelar o estado emocional do personagem fotografado através da imagem. Pouco interessa ao fotojornalismo por seu menor poder informativo (BONI, 2000, p.75). Ao contrário do Fotodocumentário em que o Plano de Detalhe é muito utilizado na construção de narrativas e sentidos através de uma sequência de imagens.

Figura 6 – Plano de Detalhe

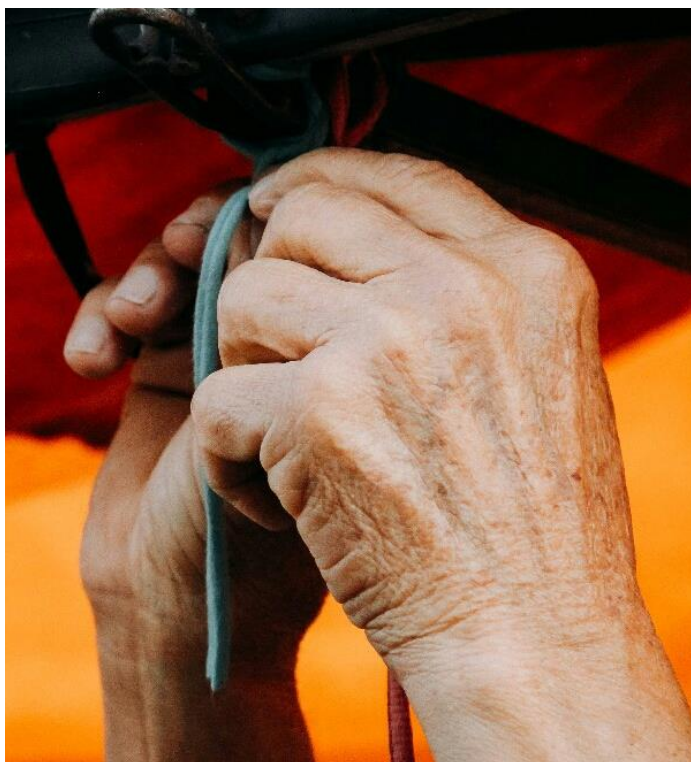


Foto: Nayene Furmigare

Para continuar percorrendo sobre enquadramento, além do plano de tomada abordado acima, cabe também citar o Plano de Foco (Figura 7).

O fotógrafo pode, em termos de nitidez, privilegiar um elemento que compõe o fotograma em detrimento de outro(s). Assim, dentro de um mesmo fotograma, um elemento pode ter foco seletivo e outro, mais ao fundo, mais à frente, mais em cima, mais em baixo ou dos lados, pode estar parcial ou totalmente desfocado. (BONI, 2000 p.7)

Figura 7 – Plano de foco



Foto: Beatriz Moura

Sendo assim, como aborda Boni (2000, p.76) o Plano Focal é caracterizado pelo fato de determinar o grau de importância dos elementos, ao selecionar quais devem ser evidenciados por meio do foco nítido. Pode ser reconhecido ainda em registros cujo foco seja homogêneo, sem que alguma área esteja desfocada. Ainda de acordo com Boni (2000, p.76-77) a simples opção pelo Primeiro Plano, por exemplo, já caracteriza o Plano de Foco. Isso remete a ideia de Lima (1988, p.19) quanto à hierarquia dos componentes na cena fotografada, ao se pensar que o Plano de Foco seleciona e determina o que é realmente importante na imagem.

Antes de começar a tratar da angulação na imagem fotográfica, é preciso abordar os conceitos de Composição Fotográfica, componente da linguagem que permite ao leitor construir sua mensagem e dar significado a fotografia.

Basicamente, compor uma fotografia significa organizar de forma harmônica os elementos visuais dentro do campo da imagem. Aqui pesa o poder de escolha do fotógrafo ao selecionar como reunir os elementos disponíveis e assim garantir um equilíbrio da foto. Lima (1988, p.39) ressalta a importância de compor corretamente uma imagem ao afirmar que quando um assunto é claro, facilmente reconhecido, o bom formato é suficiente, porém, quando se tem muitos elementos, a forma deve ser ampliada.

Composição fotográfica é a seleção e os arranjos dos assuntos dentro do enquadramento. Os arranjos são feitos colocando-se figuras ou objetos em determinadas posições. Às vezes, na mudança do ângulo de tomada, você pode deslocar sua câmera suavemente, acarretando uma mudança na composição. (PALACIN, 2012, p.50)

Boni (2000, p.78) considera o ato de compor a fotografia, "um misto de técnica e arte". Segundo ele, a correta organização dos elementos dentro do enquadramento fotografado é o que confere beleza e informação a um registro fotográfico. "Quando bem coordenados, dão sentido, plasticidade e informação a fotografia", ou seja, facilitam a leitura.

Analisando o ato de fotografar, Palacin (2012, p.50) afirma que uma foto bem composta demanda paciência e um planejamento cuidadoso por parte do fotógrafo, por essa razão, ainda que instantâneos possam vir a se tornar boas composições, em geral uma boa fotografia necessita de um processo de criação.

Palacin (2012, p.51) orienta ainda que o segredo para atingir o equilíbrio visual perseguido por meio da composição está em simplificar. Nesse sentido, o fotógrafo precisa lançar mão de outros elementos da linguagem fotográfica, como os já citados Plano de Foco e ângulo e outros como a Regra dos terços, Profundidade de Campo e Perspectiva, que serão abordados adiante.

Para Boni (2000, p.79-80), a Regra dos Terços (Figura 8), "um dos mais antigos métodos de composição" significa dividir o que se quer fotografar em três partes, utilizando linhas imaginárias, sendo elas, duas horizontais e duas verticais que devem cortar igualmente o cenário. As interseções formadas, no caso quatro, são chamadas de pontos ouro, área de maior dinamismo em uma imagem, onde, portanto devem estar os elementos fundamentais a serem destacados. Palacin (2012, p.52) diz que ao aplicar tal regra, o fotógrafo consegue valorizar e harmonizar sua composição.

Desviar o elemento principal do centro do fotograma [...] para as interseções da Regra dos Terços é uma forma de convidar o leitor a passear com os olhos pela imagem. Esse leve desvio contribui, principalmente em fotos de temas paisagísticos, para que se abra uma perspectiva, uma ilusão de ótica de tridimensionalidade. A opção pela centralização do elemento pressupõe maior rigor geométrico no fotograma. Se houver um elemento coadjuvante à esquerda, deverá também haver outro de igual peso à direita. Caso contrário a fotografia fica desequilibrada. (BONI, 2000, p.80)

Figura 8 – Regra dos Terços



Foto: Nayene Furmigare

De modo sucinto, Palacin (2012, p.53) explica que a Perspectiva (Figura 9) refere-se aos traços e linhas que permitem ajudar na organização de uma imagem, provocando a sensação de profundidade. Boni (2000, p.81), por sua vez, para explicar a Perspectiva, define a fotografia como uma superfície plana e bidimensional, que em alguns casos, aparenta ser tridimensional, apresentando a ilusão de profundidade, ou seja, uma noção de tamanho e forma. Essa ilusão só é possível por meio da Perspectiva, "condição essencial da composição". (BONI, 2000, p.82)

Figura 9 – Perspectiva

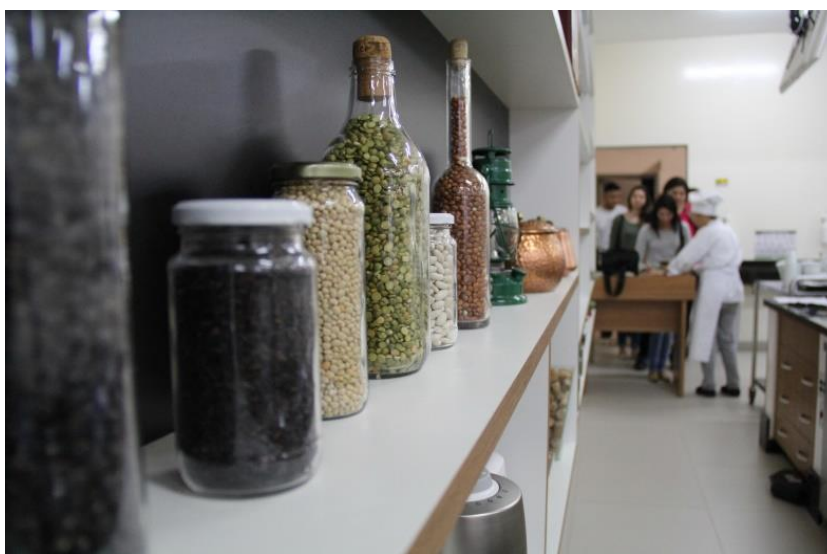


Foto: Beatriz Moura

O Foco (Figura 10), segundo Boni (2000, p.84-85), diz respeito à nitidez da imagem e relaciona-se com o Plano de Foco visto anteriormente. O autor afirma ainda que o uso desse elemento é fundamental no tratamento do assunto registrado e influi diretamente na interpretação a ser feita posteriormente pelo leitor, ou seja, "a força da mensagem visual que se pretende expressar depende muito do foco".

Figura 10 – Foco



Foto: Rafael Barbosa

A Profundidade de Campo (Figura 11) é o espaço de focagem nítido em uma imagem, focado à frente ou atrás do objeto fotografado. Boni (2000, p.86) explica que com relação à distância focal, quanto menor ela for maior será a Profundidade de Campo. Quando ocorre o contrário, ou seja, quanto mais distante o objeto fotografado estiver da câmera, menor será a Profundidade Campo.

Boni (2000, p.87) apresenta o Foco Seletivo (Figura 12) como um componente do Plano Focal, que consiste na escolha realizada pelo fotógrafo quanto aos elementos a serem destacados e valorizados em detrimento de outros, o que implica em desfocar total ou parcialmente o que sobra. Muito utilizado quando se fotografa pessoas em planos de tomada semi-fechados. "Ao optar pelo recurso do foco seletivo, o fotógrafo está, tão nitidamente quanto o foco, manifestando sua intencionalidade de comunicação." (BONI, 2000, p.88)

Figura 11 – Profundidade de Campo



Foto: Beatriz Moura

Figura 12 – Foco seletivo

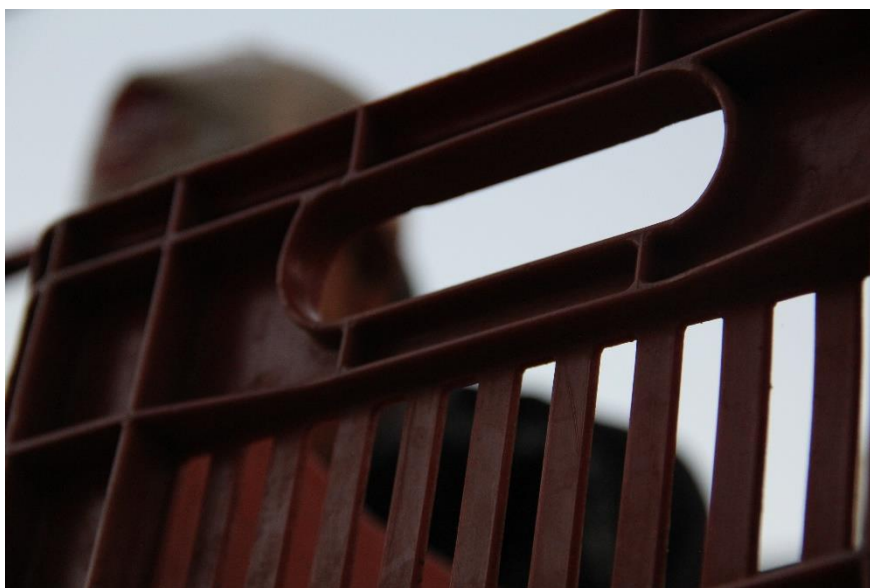


Foto: Nayene Furmigare

Abordados os principais componentes a serem observados durante a composição fotográfica, faz-se necessário retomar a angulação como mais um dos elementos importantes da linguagem fotográfica que se revelam fundamentais na construção dos significados de uma imagem.

De acordo com Palacin (2012, p.51), o ângulo nada mais é do que a altura da câmera em relação ao objeto fotografado. O autor explica que encontrar o melhor ângulo, implica a movimentação do fotógrafo durante o ato fotográfico. "O

simples fato de você se curvar, esticar ou abaixar pode melhorar bastante suas imagens."

Boni (2000, p.88) ressalta que o ângulo representa o "ponto de vista" do fotógrafo em relação ao tema fotografado. Tanto Boni (2000), quanto Palacin (2012, p.51) classificam a angulação em três tipos: ângulo normal; de cima para baixo, conhecido como mergulho ou *plongée*; e o de baixo para cima, também denominado contra mergulho ou *contre-plongée*.

Palacin (2012, p.51) apresenta o ângulo normal (Figura 13) quando a câmera está na altura dos olhos, por essa razão, é o mais indicado em fotografias de pessoas e animais. Muitas vezes isso demanda que o fotógrafo se movimente. Boni (2000, p.89) afirma que essa é a angulação capaz de retratar com mais fidedignidade a forma e proporção do objeto fotografado.

Figura 13 - Ângulo normal



Foto: Beatriz Moura

Já em relação ao ângulo baixo ou *contre-plongée* (Figura 14), ele acontece quando se busca valorizar a pessoa ou objeto, conferindo um aspecto de grandeza e imponência ao elemento. Palacin (2012, p.51) alerta para alguns cuidados a serem tomados ao se fotografar pessoas, em que se devem evitar os exageros.

Figura14 - *contre-plongée*

Foto: Nayene Furmigare

Por fim, têm-se o ângulo *plongée* (Figura 15) ou mergulho, que de acordo com Boni (2000, p.89) tende a diminuir o personagem em relação ao leitor, atribuindo sinais de inferioridade, submissão e fraqueza. Palacin (2012, p.51) concorda e complementa ao dizer que esse ângulo é considerado uma tomada aérea por ser visto de cima.

Figura 15 – *Plongée*

Foto: Nayene Furmigare

Os elementos da linguagem fotográfica, ligados à composição, enquadramento e angulação apontados acima, se mostram fundamentais na

produção fotográfica documental, na medida em que oferece os meios adequados para se traduzir ao leitor o ponto de vista e interpretação dos autores. Pertinente ainda abordar outros elementos, como o movimento, por exemplo, ao se pensar nas ações ocorridas na feira, diretamente relacionadas ao dinamismo particular do local.

O movimento, em suma, refere-se ao caráter estático ou de ação do motivo fotografado. Segundo Boni (2000, p.90) "a estaticidade" ou o movimento, ambos condicionados à técnica, à sensibilidade e à criatividade, são opções ao alcance de qualquer fotógrafo". Ainda de acordo com o que diz o autor, em paisagens urbanas é comum à dualidade "estática/movimento", e enquanto o estático funciona como representante de arquitetura e objetos imóveis, o movimento representa o trânsito de pessoas, o que se aplica a este trabalho, já que a feira é marcada sobretudo pela aglomeração.

O estático objetiva a reflexão e contemplação, já o movimento segundo Boni (2000, p. 91):

[...] quando se opta por fotografias que representam movimento, o que se pretende é estender o raciocínio do leitor para a continuidade da cena da qual se congelou apenas um fragmento espaço temporal. É uma forma de apresentação dinâmica, que pressupõe - ou até mesmo induz - movimento, sequência, continuidade. Normalmente prima pela informação em detrimento da plasticidade. [...]. É muito utilizada no jornalismo.

Dentre as técnicas mais utilizadas para dar a sensação de movimento em uma fotografia, está à cavalgadura, que como aponta Boni (2000, p.92) consiste no emprego de velocidades lentas do obturador durante o ato fotográfico, em que se queira captar movimentos rápidos. O resultado não é o congelamento da imagem e sim um borrão que transmite a sensação de movimento.

Buscando ampliar ainda mais o leque de técnicas disponíveis dentro da linguagem fotográfica, com vistas à manifestação de intencionalidade em trabalho de fotografia documental, é preciso abordar a textura (Figura 16) como uma das "grandes forças de expressão da fotografia", como define Boni (2000, p.92).

A textura é a característica que permite detalhar e valorizar aspectos da fotografia no intuito de proporcionar a sensação de tato na imagem. Segundo Boni (2000, p.93), busca-se criar condições visuais para que o leitor da imagem consiga imaginar como é tocar na superfície que está vendo, sentindo a textura com os olhos, possibilitando captar os detalhes.

Lima (1988, p.75) trata da textura quando diz que seu efeito é ligado ao retrato de uma grande superfície sobre a imagem, e que tal efeito estabelece um contraste em relação às linhas, pontos e formas existentes na foto, construindo uma unidade entre esses elementos.

O efeito de tridimensionalidade, em algumas situações e a ilusão de poder tocar as superfícies fotografadas são um convite para o leitor mergulhar na imagem, correndo os olhos de forma convergente e concentrando a atenção no motivo em que o fotógrafo, com a textura, optou ressaltar. Quando aliada com competência ao uso de outros elementos da linguagem fotográfica, a percepção da textura torna-se ainda mais fácil e agradável. (BONI, 2000, p.94)

Figura 16 – Textura



Foto: Beatriz Moura

Ampliando ainda mais a linguagem fotográfica abordada neste capítulo como forma de compreender seu uso durante o trabalho fotodocumental, buscar-se-á tratar de outros elementos, tais como: iluminação, contrastes, tonalidades, cores e forma.

Boni (2000, p.99) afirma que falar de iluminação é falar da essência da fotografia, haja vista o sentido etimológico da palavra de origem grega, que significa escrever com luz, ou seja, "foto=luz + grafia=escrita". Palacin (2012, p.28) define fotografia como um processo de captura e registro da luz.

Lima (1988, p.85) explica a luz dentro do processo de construção da imagem, ao considerar que um objeto recebe e absorve luz. Segundo o autor, a luz é formada por partículas denominadas fótons, que se deslocam de sua fonte de energia para encontrar algo com cor. Considerando a luz branca, no momento em que esta se choca com o objeto, as superfícies escuras absorvem mais partículas do que refletem, enquanto que o contrário, as superfícies mais claras refletem mais do que absorvem.

"O excesso de luz acentua o contraste entre as superfícies claras e escuras, retirando dos objetos, entretanto, os seus detalhes e texturas, que esmiúçam a sua superfície e imprimem a visão do volume." (LIMA, 1988, p.87)

De acordo com Boni (2000, p.94), contraste em fotografia significa a diferenciação entre cor e luz na imagem que pode se dividir em três categorias: contraste normal; alto contraste e baixo contraste. Ainda de acordo com o autor, o contraste resultante da incidência de luz é chamado de luminoso, enquanto que aquele que é resultado da diferença de tonalidade de cor é chamado contraste tonal.

No que concerne à Tonalidade, cabe explicar de um modo simples que se trata de um elemento ligado a cor predominante na fotografia. Boni (2000, p.96), pontua as diferenças entre contrastes e tonalidades. Contraste refere-se às diferenças entre áreas mais e menos iluminadas. Em relação à tonalidade, o autor divide o elemento em três categorias: Tonalidade escura, normal e suave, dependendo da variação das cores. Por meio dela, o fotógrafo manifesta uma opinião acerca do tema registrado ao mesmo tempo em que confere beleza a imagem. Nesse caso é levado em consideração as funções de determinada cor, na busca por provocar sensações e emoções específicas.

Interessa aos autores desse trabalho a observação das cores enquanto elemento importante na construção de significados através da imagem, considerando que a feira livre é marcada pelo colorido e por diversas tonalidades através da diversidade de produtos e da aglomeração de pessoas. Ainda de acordo com os estudos de Boni (2000, p.98), pode-se dizer que as cores são responsáveis por traduzir de forma mais fiel uma realidade.

Diante de uma foto colorida, estampada num jornal qualquer, sente-se mais próximo de sua realidade, de seu cotidiano. Essa ligação imediata de sua realidade vivencial ao fragmento espaço temporal – que dela fora destacado e passa a ser representado através de uma fotografia - dá-se pelo processo de associação. Ele associa a parte ao todo, ou seja, o recorte (fotografia) à realidade. (BONI, 2000, p.98)

Para além de sua verossimilhança em relação à realidade, a cor mostra-se importante para a fotografia na medida em que confere à imagem produzida uma maior plasticidade, isso no intuito de traduzir melhor a intencionalidade de comunicação. (BONI, 2000, p.98)

O preto e branco, para Boni (2000, p.98), muito utilizado no meio artístico, possui uma capacidade maior em captar a força de expressão de uma imagem. Seu uso está ligado a trabalhos destinados a revelar mazelas sociais, trabalhadores e a terceira idade. Nesse sentido, para realização do fotodocumentário da feira, o preto e branco foi empregado nos retratos dos feirantes em razão da busca por evidenciar a tradição e revelar as marcas relacionadas ao trabalho dos personagens. A expressividade deles é um dos recursos para cativar a clientela, além de ser revelador de sua trajetória, o que interessa aos autores. Portanto, no fotolivro foram ao mesmo tempo trabalhadas as fotos coloridas, quanto fotos em preto e branco.

A forma em fotografia, diz respeito a orientação, formato, contorno e ao modo com que um objeto ocupa um espaço em uma cena. A imagem pode ser apresentada de diferentes formatos: quadrado, panorâmico, vertical ou horizontal, podendo estar enquadrada ou não em uma moldura (BONI, 2000, p.101). A finalidade da forma, enquanto parte fundamental da composição fotográfica, é servir a intencionalidade na busca por ativar sentimentos e sensações no receptor, ou seja, pode vir a despertar curiosidade, estabilidade, calma, sensação de movimento ou continuidade.

Lima (1988, p.53) explica alguns dos principais formatos. O quadrado, por exemplo, representa a forma geométrica do equilíbrio absoluto e maior precisão na definição de um espaço, o que sugere estabilidade. Porém, segundo o autor, poucos se adaptam ao quadrado e o formato retangular é o que prevalece na composição fotográfica. O uso do retângulo em sentido horizontal transmite a sensação de repouso, profundidade e frieza, enquanto o sentido vertical dá a impressão de ação, proximidade e calor. Lima (1988, p.53) ainda fala do horizontal estreito que acentua a impressão de calma e repouso e do vertical estreito que evidencia a sensação de altura e ação.

Para terminar a abordagem da linguagem fotográfica, é preciso falar dos elementos de significação, compreendidos pelos autores como sendo os componentes presentes dentro da cena fotografada. Esses são arranjados de modo a transmitir a intenção do autor e consistem em determinada ação, movimento ou

objeto que traduzam tal intencionalidade. Segundo Boni (2000, p.102) são os elementos de significação que auxiliam os receptores na construção de significado da imagem, fornecendo as condições necessárias para uma interpretação.

Como já visto, o fotodocumentário demanda um estudo aprofundado acerca do tema a ser documentado. A linguagem apresentada oferece os recursos possíveis para a construção de uma narrativa carregada de informações, sentidos e contextos que caracterizam uma fotografia social. Os elementos e técnicas precisam ser trabalhados de forma elaborada e criativa, dentro de um conjunto de fotografias que organizadas em sequência tencionam recriar um mundo físico e construir a memória da feira livre da Avenida Manoel Goulart em Presidente Prudente.

Por esse exposto até aqui, conclui-se que o fotodocumentário se aplica a esse trabalho no sentido de oferecer condições para uma interpretação da feira livre da Manoel Goulart enquanto um aspecto da cultura e sociedade prudentina. Espera-se que as pessoas não só conheçam a feira, mas enriqueçam o seu olhar a respeito dela, vendo-a de um modo diferente do comum, compreendendo sua história, seu papel e importância para cidade.

Anterior a produção fotográfica, está a imersão e politização dos autores acerca do objeto de estudo. A busca por aprofundar-se no universo da feira de modo a compreendê-la em sua totalidade, bem como a execução do trabalho documental, considerando ainda a relevância social que esse apresenta, faz necessária a observância do jornalismo enquanto técnica de pesquisa, apuração, transmissão de informações e produção de sentidos.

3.4 O Jornalismo Como Parâmetro nas Produções Fotodocumentais

De acordo com Pena (2008, p.205), trata-se de um equívoco a separação entre a ciência e o jornalismo, como se esse se resumisse a uma fábrica de produtos perecíveis. O autor propõe apresentar que o jornalismo científico eficiente começa na própria universidade, com a criação de uma imprensa própria organizada de acordo com uma lógica da academia.

Antes de qualquer coisa, cabe aqui pontuar as diferenças existentes entre fotodocumentarismo e fotojornalismo, gêneros costumeiramente confundidos. Ambos se assemelham em alguns aspectos, mas se diferenciam em muitos outros.

No que diz respeito à fotojornalismo, Freund (1995, p.112) conta que os primeiros usos da imagem fotográfica pela imprensa se deram para ilustrar histórias e notícias, ou seja, uma imagem era feita isoladamente com a única finalidade de ilustrar algo, portanto, dependente do texto e sem trazer qualquer informação. O fotojornalismo propriamente dito começa a partir do momento em que uma imagem sozinha, ou uma sequência delas, é capaz de contar uma história, ainda que acompanhada de legenda.

Ao longo dos anos, profissionais se aperfeiçoaram em relação às técnicas de fotojornalismo até o gênero tornar-se indispensável para atividade de imprensa como forma de transmissão de informação.

Ainda sobre as origens de fotojornalismo, Sousa (2004, p.25) diz:

As primeiras manifestações do que viria a ser a fotojornalismo notam-se quando os primeiros entusiastas da fotografia apontaram a câmara para um acontecimento, tendo em vista fazer chegar essa imagem a um público, com intenção testemunhal. Também seria uma questão de tomar a espécie humana mais visível a ela própria [...].

As principais diferenças entre fotojornalismo e fotodocumentário se concentram na prática e em seu produto, como aponta Sousa (2004). O fotojornalismo se concentra no valor notícia de um fato, demanda maior urgência em sua produção e tem uma importância momentânea. Já o fotodocumentário tende para longa duração. (SOUSA, 2004, p.178)

Os dois gêneros se assemelham, portanto, em sua finalidade, já que ambos buscam documentar a realidade por meio de fotografia, sendo que para Lombardi (2007, p. 48):

Em suma, o objetivo principal do fotojornalista diário é fazer chegar suas fotos à imprensa onde trabalha, cabendo ao editor ou redator a edição final da imagem. Já o fotodocumentarista não precisa necessariamente ter um local pré-definido para a divulgação do seu trabalho. Ele pode desenvolver seu trabalho em longo prazo e posteriormente escolher o meio mais adequado para a sua divulgação, seja na mídia – onde deve procurar acompanhar o processo até o momento da paginação – ou em livros, websites e exposições.

Como o exposto acima apresenta, existem diferenças entre às duas práticas, mas os autores desse projeto compreendem ser possível o fotodocumentarismo se apropriar das técnicas jornalísticas em seu processo de produção. Nessa etapa compreende-se: o levantamento de dados, pesquisa,

apuração, seleção de fontes e personagens, prática de entrevistas e construção de uma narrativa que seja capaz de transmitir uma mensagem.

O trabalho de documentação das feiras, através da fotografia, revela-se pertinente ao jornalismo quando esse é entendido como um serviço a ser prestado à sociedade. Segundo Beltrão (2006, p.14), desde a pré-história o homem tinha necessidade da informação para obter o conhecimento sobre o que acontecia ao seu redor, para assim formular uma opinião a respeito e assim, organizar-se individual ou coletivamente.

À proporção que se vão ampliando e diversificando as coletividades, que crescem as populações, que se incrementa a mobilidade social, que se fortalece o poder político, que se descobrem e empregam novos meios de comunicação e que desenvolve o interesse público por todos os procedimentos que atingem a maioria, ou a grande porcentagem e que devem ser controlados e regulados em benefício das convenções coletivas [...] essa necessidade social se torna imperiosa e se estende a assuntos cada vez mais numerosos: nada da natureza do homem e da sociedade lhe é estranho [...] todos esses fatores e outros mais criam, alimentam, reforçam a necessidade de uma informação que abarque todos acontecimentos da atualidade, porque todos eles têm, podem ter ou se supõe que tenham uma influência direta sobre a vida coletiva ou pessoal de todos os homens [...]. (BELTRÃO, 2006, p.14-15)

Pena (2008, p.23), ao abordar o jornalismo, faz uma analogia ao medo do desconhecido como o fator que leva o homem a querer conhecer as coisas do mundo, para que assim possa ser capaz de administrar a vida de uma forma mais estável. Os relatos que levam as informações para os homens, contribuindo para a estabilidade dos mesmos, é o que se pode denominar de jornalismo, observando as circunstâncias éticas e estéticas.

Em sua busca por conceituar o jornalismo, Beltrão (2006, p.29) apresenta dificuldade, dada as múltiplas manifestações da área atualmente, o que implica ainda em diferentes funções nas quais o profissional deve trabalhar. Para construção de seu pensamento, o autor parte de uma definição simples, a de que o fazer jornalístico destina-se, sobretudo, à informação. Dito isto, considera ainda que, para além de informar, é função do jornalista examinar fatos e ideias em curso na sociedade de modo a propor soluções, estabelecer e fundamentar ensinamentos que contribuam para a população. Isso significa interpretar os fatos.

Pena (2008, p.29) traça um panorama histórico do papel da mídia para discutir a função do jornalismo. O autor fala em uma mudança da esfera pública, em

que a mídia se faz de palco para os debates diante de uma crescente importância que as representações passam a ter junto as pessoas em detrimento da realidade, ou seja, os assuntos expostos não necessariamente são de interesse público.

Mas como a imprensa está no interior da mídia, sendo também uma de suas manifestações, as influências são mútuas. Representações, leis do mercado, celebridades. O jornalista não pode ignorar esses conceitos. O homem comum não se informa mais pelos relatos da praça, mas sim pelo que os mediadores do novo espaço público trazem até ele. Daí a nossa responsabilidade. (PENA, 2008, p.31)

Portanto, o jornalista, de acordo com o que diz Beltrão (2006) deve visar difundir o conhecimento, utilizando para isso todos os recursos e técnicas da área que estejam disponíveis. Com isso busca-se orientar a opinião pública, visando produzir o discernimento dessa e conseqüentemente estabelecer o progresso, a paz e a ordem, ou seja, promover o bem comum da comunidade.

Considerando o conceito levantado acima e observando as técnicas jornalísticas, os autores chegam a conclusão de que a produção da fotografia documental das feiras tem condições de se apropriar do jornalismo. Trata-se de um assunto relevante, que diz respeito a uma comunidade e que visa informar, propor reflexão, interpretação e conhecimento. Além disso, a imersão na realidade social a ser representada, bem como o estudo realizado, incorpora algumas das principais características da área.

O projeto se inicia com o levantamento de dados e informação acerca de um objeto de estudo, utilizando nesse caso a bibliografia, a análise documental, observação em campo e até mesmo entrevistas com fontes capazes de responder aos porquês que se apresentam. O processo demanda um minucioso trabalho de apuração e checagem, visando o melhor o máximo de aproveitamento dos dados, de modo a ser o mais preciso possível.

Lage (2009, p.21-23) aborda o jornalista, em primeiro lugar, como testemunha quando trata da informação como matéria-prima e do profissional como aquele que traduz discursos, ou seja, selecionar fatos e confrontar interpretações acerca de um assunto, permitindo ao leitor orientar-se em relação à realidade. O autor classifica ainda o profissional de jornalismo como um agente ao dizer que ele está onde o leitor, ouvinte ou espectador não está, sendo os olhos e os ouvidos de seu público.

As definições acima permitem associar tais funções do jornalista com a desempenhada pelos autores durante o processo de pesquisa de campo, onde se fez o primeiro contato com as fontes. Trata-se da etapa em que é realizada a observação e análise do local, que permite ao profissional compreender uma realidade para posteriormente traduzi-la aos receptores de sua mensagem.

Lage (2009, p.134) aborda a pesquisa considerando as capacidades de investigação e interpretação. Segundo ele, toda reportagem pressupõe que o profissional domine essas competências. Pena (2008, p.57) afirma que a pesquisa tem muito mais valor quando é realizada pelo próprio jornalista, contanto que ele tenha noção quanto ao percurso a ser feito e se aprofunde no estudo dos métodos. São essas capacidades que melhor caracterizam a pesquisa realizada no estudo da feira livre da Manoel Goulart.

A pauta, enquanto uma das técnicas da função jornalística, segundo Lage (2009, p.34), refere-se ao planejamento de uma edição ou parte dela, que engloba os fatos a serem cobertos, assuntos abordados, ângulos de interesse, dimensão pretendida, recursos disponíveis e sugestão de fontes. Tal técnica remete à produção do fotodocumentário, que demanda um planejamento detalhado em relação à coleta e interpretação dos dados, bem como o foco e o objetivo do trabalho de modo a se obter a informação certa a ser transmitida.

Lage (2009, p.49) aponta ainda que poucas matérias jornalísticas têm origem integralmente em observação direta, necessitando ainda de outras informações fornecidas por instituições, por personagens que testemunham ou que participam de eventos de interesse público. Essas são as fontes. O autor diz ainda que, cabe ao jornalista selecionar e questionar a fonte através de depoimentos, os situando em algum contexto.

Sobre as fontes de informação, Pena (2008, p.57-58) alega que essas se constituem em uma subjetiva interpretação de um fato. Ou seja, sobre um acontecimento incide o olhar, a bagagem cultural, ideológica, preconceitos e ponto de vista de quem o interpreta. Por essa razão, o autor fala sobre os cuidados com a má-fé e diz ainda que na relação com as fontes deve-se manter certo grau de ceticismo.

Para esse trabalho, o contato com as fontes se dá de forma essencialmente jornalística. A técnica de seleção e tratamento da fonte é aproveitada de forma integral em uma pesquisa científica e principalmente na produção de um fotodocumentário. São das fontes, a partir da experiência subjetiva delas no meio que

se pretende retratar, que se tem a oportunidade de se aprofundar no assunto, conhecendo seus aspectos mais particulares. O jornalismo permite filtrar e organizar as informações obtidas de modo a se construir um sentido.

No que diz respeito as fontes, Lage (2009, p.62) trata das mais ou menos confiáveis, pessoais, institucionais ou documentais. O autor as classifica ainda em: oficiais, oficiosas e independentes; primárias e secundárias; testemunhas e *experts*; e ainda trata do jornalista como fonte. Para esse trabalho, interessa as fontes primárias e secundárias, que se resumem aos feirantes, organizadores e membros dos órgãos públicos consultados. Pensando nos personagens como atores sociais da feira, cabe encará-los também como fontes testemunhais e *experts* por sua atuação no local.

Outra técnica adotada para esse trabalho é a de entrevista, que se relaciona com o trato das fontes. É o meio mais adequado de se colher os depoimentos e informações relevantes dos personagens presentes no universo estudado.

Lage (2009, p.73) define a entrevista como o procedimento clássico de apuração de informações em jornalismo. "É uma expansão da consulta às fontes, objetivando, geralmente, a coleta de interpretações e a reconstituição de fatos."

O autor divide a técnica de entrevista em oito categorias: ritual; temática; testemunhal e em profundidade, em relação ao ponto de vista dos objetivos. Já quando se trata das circunstâncias de realização, as entrevistas podem ser: ocasional; confronto; coletiva; e dialogal. Para a realização da documentação da feira, buscou-se realizar a entrevista em profundidade.

O objetivo da entrevista, aí, não é um tema particular ou um acontecimento específico, mas a figura do entrevistado, a representação de mundo que ele constrói, uma atividade que desenvolve ou um viés de sua maneira de ser geralmente relacionada, com outros aspectos de sua vida. Procura-se construir uma novela ou um ensaio sobre o personagem, a partir de seus próprios depoimentos e impressões. (LAGE, 2009, p.75)

Os autores entendem a abordagem da feira livre como um assunto de relevância jornalística pelo valor social e cultural que agrega, sendo um aspecto fundamental da cultura prudentina. A relevância se faz presente ainda, a partir da necessidade que se mostrou de se realizar uma documentação que ofereça condições

de suprir a defasagem de informações que se tem a respeito das feiras prudentinas, o que se reflete em uma falta de cuidado por parte de seus organizadores.

Segundo Lage (2014, p.21) é função do jornalista selecionar o que é útil ao público dando à determinada informação a forma mais atraente possível, ser fiel ao fato no sentido de não falsear dados, informações e ser responsável pela interpretação que propõe. A ética, entendida por Pena (2008, p.114) como sendo a interpretação de uma determinada conduta, deve estar presente em todo o processo de produção jornalística.

Diante da discussão apresentada até aqui, se entende que não há como desvincular o trabalho fotodocumental do jornalismo, na medida em que, por meio da documentação da feira se queira revelar uma realidade, uma manifestação social, trabalhando com a informação. Portanto, por se tratar de um trabalho de interesse social, o jornalismo mostra-se a principal ferramenta na construção de tal informação, fazendo emergir sua importância enquanto meio de informar, esclarecer e desvendar realidades.

3.5 O Fotolivro: Narrativas Possíveis

Apresentados os conceitos relacionados a fotografia, faz-se necessário abordar o fotolivro enquanto suporte para veiculação ou extensão de um trabalho fotodocumental, refletindo sobre seus principais aspectos e usos. Espera-se com isso justificar a escolha dessa plataforma como peça prática deste TCC e compreender de que maneira ele servirá aos objetivos dos autores.

O fotolivro não se resume em um simples livro de fotografias. Para ser considerado de fato um fotolivro, pressupõe-se que este apresente uma narrativa estabelecida não só por uma sequência de imagens dispostas dentro de uma lógica e que persiga um sentido, mas também por outros elementos como, tamanho da página, *design*, diagramação e todo o projeto gráfico. Sobre isso, Feldhues (2018, p.16), em sua análise afirma:

As imagens fotográficas são protagonistas, ou dividem o protagonismo, na comunicação. Elas são consideradas mais em relação umas às outras e ao todo do livro, do que em sua individualidade. Tais livros são gerados pela cooperação entre imagens fotográficas, texto, *design* e materiais gráficos e, em geral, possuem uma potência narrativa.

De acordo com Barbosa (2013, p.569), o fotolivro é sempre resultado do esforço de um autor, não necessariamente o fotógrafo, que busca produzir um discurso visual ao harmonizar todos esses elementos. Ainda segundo Barbosa (2013), o fotolivro é capaz de se apresentar como um produto cultural e um modelo de expressão.

Já para Oliveira (2014, p.14), “a página, equivalente à unidade de um livro escrito, é pensada como uma parte, um instantâneo de uma composição maior, ou seja, pressupõe um encadeamento de sentido.” A lógica é a mesma que a de um livro comum, a diferença é que ao invés de palavras utilizam-se fotografias. Ainda segundo a autora, tal lógica proposta pela sequencialidade de imagens de um fotolivro é similar à do cinema e da fotonovela.

A ideia de fotografias expostas em livros não é recente. Os fotolivros representam uma evolução dos antigos álbuns de fotografias que, de acordo com Magni (2015, p.1) começaram no final do século XIX em meio a popularidade que a fotografia adquiria na época. Os álbuns surgiram como uma forma das famílias armazenarem retratos e recordações. Ainda de acordo com Magni (2016, p.58), ao longo dos anos, em paralelo ao desenvolvimento da fotografia, os álbuns fotográficos também passaram por transformações, aperfeiçoando-se, mas buscando manter pertinente sua função enquanto suporte.

Primordialmente, os álbuns de fotografias eram extremamente artesanais e apresentavam uma dinâmica de scrapbook, onde o arranjo das imagens podia ser feito através de colagens de fotografias combinadas com outros elementos visuais. Entretanto, com a explosão da indústria fotográfica, os álbuns se transformaram em produtos padronizados, condicionados às formas convencionais das fotografias reveladas em laboratórios populares. (MAGNI, 2015, p.1)

O advento da fotografia digital, bem como todos os avanços tecnológicos reconfiguraram as formas de armazenagens dos registros. Magni (2015, p.2) aponta que os álbuns que antes eram feitos de modo artesanal, passam agora a serem montados por softwares², programas específicos onde o fotógrafo ou editor tem maior liberdade na montagem.

²Na década de 1990, os softwares de editoração eletrônica como o Adobe PageMaker, Adobe Photoshop, Adobe Illustrator, Corel Draw, etc. já faziam parte do cotidiano das agências de publicidade, escritórios de design, e estúdios de fotografia. Em 1998 a Adobe lançou o Adobe InDesign, um software de diagramação que substituiria o PageMaker e aperfeiçoaria a forma de criar e editar publicações como revistas, jornais, livros também álbuns de fotografia. (MAGNI, 2016, p.69)

Magni (2016, p.72) discute o impacto dessas inovações na natureza da fotografia e consequentemente na relevância dos álbuns fotográficos. Segundo a autora, os indivíduos tendem a sentirem-se desestimulados a imprimir seus registros diante do excesso de imagens produzidas e da dificuldade em selecioná-las ou organizá-las. A possibilidade de ver a imagem no instante em que é feita, também acaba por enfraquecer a experiência da revelação.

“Enquanto a relação do homem com as imagens torna-se cada vez mais etérea e imediatista, imprimir fotografias na era da imagem digital nos faz pensar acerca da relação do homem com o mundo através da sua memória.” (MAGNI, 2016, p.57)

Magni (2016, p.57) segue seu pensamento ao refletir que ainda que a matéria da fotografia tenha se transformado, o que ela chama de “materialidade impalpável”, sua forma ainda resiste enquanto um meio de representação do mundo. Isso implica na necessidade do homem em garantir a preservação de seus registros importantes, ou seja, “o álbum segue sendo produzido” pois “a busca pelo registro não é obsoleta” e representa ainda uma “forma de materialização de uma memória perecível”.

É nesse sentido que os autores dessa pesquisa entendem a escolha do fotolivro como a mais adequada enquanto suporte para materializar o trabalho fotodocumental realizado na feira livre da Manoel Goulart em Presidente Prudente. Isso torna-se mais evidente na medida em que se pensa o trabalho em relação a sua principal finalidade, ou seja, servir como documentação iconográfica da atividade dos feirantes na cidade e como um registro histórico da tradição, visando a construção de sua memória.

Como já apontado no início desse tópico, o fotolivro não se constitui apenas pela mera presença de fotografias, mas por uma sequência delas, que combinadas com outros elementos permitem uma leitura lógica e traduzem a intencionalidade do fotógrafo, convergindo para um discurso visual acerca do assunto abordado. Dessa forma, convém concentrar os estudos na força da narrativa que se apresenta nos fotolivros.

Feldhues (2018, p.18) afirma que o processo de produção de um fotolivro não se resume em colocar apenas as melhores fotografias em um formato de livro. “Trata-se de saber o que você quer dizer, o que você quer comunicar com suas imagens e com o livro, que experiências você quer proporcionar para quem vai vê-lo”.

Esses são, segundo a autora, questionamentos importantes a serem feitos por quem decide produzir um fotolivro, que significam pensar imagens em termos de narrativa. O conceito do livro depende do conhecimento acumulado do autor sobre o próprio trabalho fotográfico e dos materiais disponíveis para sua produção.

Badger (2015) apresenta o seguinte questionamento: “não seria a fotografia, em essência, uma arte literária [...]?”. O autor, ignorando a antiga discussão sobre a qualidade do registro fotográfico enquanto arte, questiona o papel do fotógrafo no processo de construção de uma fotografia como alguém que é, antes de tudo, um narrador que busca contar histórias valendo-se de imagens. Para além disso, Badger (2015) especula a respeito do real potencial de uma fotografia ao se perguntar se este só poderia ser atingindo plenamente mediante uma sequência.

De acordo com Oliveira (2014, p.12), a característica narrativa liga-se ao sentido que emerge das imagens propostas, as possibilidades existentes em uma cena em relação à presença de personagens e as “situações legíveis em imagens individuais ou a união destas em um conjunto imagético”.

O trabalho fotodocumental realizado pelos autores na feira livre é caracterizado justamente pela produção de fotografias que juntas são capazes de transmitir uma intencionalidade. Sequências de imagens é uma das condições básicas para concretização de uma documentação fotográfica, mas ao serem transpostas para o livro, tais sequências se reconfiguram para atender as exigências do suporte.

Seciuk e Bartzen (2007, p.35) apresentam esse ponto de vista ao abordar a fotografia na sua qualidade testemunhal e documental. Segundo as autoras, em qualquer meio onde venha a ser utilizada, a fotografia gera proximidade. “Quando colocada em formato de livro, entretanto, a ela também se emprestam as peculiaridades do suporte”. Seguindo esse raciocínio, Seciuk e Bartzen (2007) afirmam ainda que a mudança do meio modifica a relação entre o observador com as imagens.

[...] todo o processo narrativo transfigura-se em função dos arranjos dos quadros, redesenhando o ritmo e o fluxo que seriam comuns para dar lugar a uma narrativa mais complexa e mais conectada com o leitor. Não sendo possível utilizar-se de recursos de montagem que quebrem o fluxo temporal de maneiras abruptas, é possível utilizar-se da organização criativa de quadros, como auxiliares de uma narrativa mais instigante. (MAGNI, 2015, p.9-10)

Para discutir a força narrativa dos fotolivros, Magni (2015, p.4) estabelece um diálogo com a linguagem cinematográfica. A autora constata que no cinema a narrativa é definida em processos que antecedem a montagem do filme, como as etapas do argumento e roteiro. Nos fotolivros, geralmente não há uma construção prévia e as imagens existem de forma independente até serem justapostas no suporte, estando condicionadas a espaços pré-modelados o que demanda um trabalho de composição.

A linguagem cinematográfica pode ser facilmente emprestada aos fotolivros, como Magni (2015, p.3) aborda em seus estudos. “[...] a montagem configura-se como o resultado da combinação de pedaços/imagens fílmicos, que arranjados lado a lado criam um conceito discursivo”. Os conjuntos de imagens precisam carregar algum conceito, um tema ou mensagens individuais que ao serem costuradas constroem narrativas que sejam capazes de apresentar um bom ritmo e fluidez e consequentemente apresentam maior expressividade.

Uma narrativa fotográfica, em termos de sequência, nem sempre precisa atender uma cronologia, como acontece nas fotonovelas. Oliveira (2014, p.13) constata que existe a possibilidade de narrar através da visibilidade de cenas construídas, personagens e ambientes. Isso significa que narratividade implica em sentido ou em uma ideia que seja legível. As opções feitas pelo fotógrafo durante o processo de criação da imagem, quanto a estética e composição, influenciam no sentido final da narrativa.

Magni (2015, p.9) concorda com o que diz Oliveira (2014) quando afirma que a sequencialidade de imagens pode ser despreendida da questão cronológica, porém, ainda assim, isso significará a necessidade de algum nível de sentido a partir da justaposição de duas imagens. A autora aponta ainda que narrar de acordo com uma cronologia dos acontecimentos “inscreve um certo conforto sensório-cognitivo por parte do leitor”.

Trindade (2015, p. 136) discorre sobre o chamado “corpus poético” que é produzido por narrativas organizadas como séries ou ensaios. A autora reflete sobre um tipo de leitura que seja capaz de evocar sensações através dos intervalos entre as imagens, propondo um entendimento não necessariamente lógico e que fuja de uma descrição. “Tanto a disposição das fotos quanto o conteúdo das imagens propõem outros tipos de associações através de seus movimentos”. Trindade (2015)

sugere ainda que se busque propor uma leitura que proporcione mais que mera contemplação e uma maior expressividade.

De acordo com Bracchi (2016, p.7), não é sempre que os fotolivros dispõem de imagens com uma coesão lógica. “Mesmo que ainda seja possível apreender um tema que dá sentido as imagens, existe sobretudo a busca por um percurso sensível que dê sentido ao conjunto de fotos”.

No processo de construção de uma narrativa de fotolivro, é preciso considerar ainda o comportamento do leitor. Oliveira (2014, p.14) aponta que ao priorizar a continuidade de um conjunto imagético em um livro de fotografias, é oferecida ao leitor a liberdade de traçar uma leitura não sequencial. “A seleção do artista ou editor não exclui o diálogo com o espectador/leitor envolvido na trama das imagens”.

Até aqui, buscou-se discutir a construção da narrativa empregada em fotolivros somente a partir das imagens, mas como já exposto anteriormente, o fotolivro é caracterizado por uma combinação de elementos. Sobre isso, Magni (2015, p.5) alega que o suporte livro permite que a construção engendrada de histórias por meio de imagens e quadros seja trabalhada de modo a estabelecer um ritmo narrativo que instigue o leitor. Entretanto, a autora afirma que independente do protagonismo das fotografias, a forma do álbum acaba limitando a montagem narrativa.

Toda construção fica atrelada a uma série de elementos que enquadram as possibilidades discursivas: o tamanho da página, o formato das fotografias (retrato, paisagem, quadradas), o mínimo e o máximo de páginas a serem preenchidas, etc. Todas essas definições influenciam no desenvolvimento das histórias, assim como o cinema também obedece à algumas regras em função de sua forma. (MAGNI, 2015, p.7)

Feldhues (2018, p.16) aponta que após a definição do conceito do fotolivro é que se pode começar a escolha dos materiais e da melhor forma de trabalhar as imagens. É esse conceito que deve nortear a escolha do melhor formato, o tamanho, o peso, tipografia, edição, sequência, o uso ou não de texto, *layout*, impressão, encadernação, dentre outros elementos. Isso significa que o fotolivro comunica em sua totalidade, para além das imagens. Sobre isso, Bracchi (2016, p.5) constata ainda que todos esses elementos em conjunto são significantes, pois organizam a forma de ver as fotografias no decorrer do livro e orientam a leitura.

Em seus estudos, Magni (2016, p.73) trata das mudanças proporcionadas pela era digital na confecção dos fotolivros, que passaram a representar um dos principais serviços prestados por empresas do ramo fotográfico. Segundo a autora, essas empresas precisaram se adaptar e acabaram transformando-se em gráficas ou editoras. Foi a partir daí que começaram a serem oferecidos softwares específicos para produção de fotolivros, baseados em um sistema de *templates*, modelos de páginas e composições pré-estabelecidas em que o usuário tem a oportunidade de produzir seu próprio livro de fotografias, quase como se utilizasse um guia prático, portanto, com uma autonomia e criatividade limitadas.

Magni (2016, p.76) aponta ainda uma segunda categoria de softwares de montagem de fotolivros, que são aqueles de editoração eletrônica encontrados em programas como o *InDesign* e *Photoshop*. Esses programas funcionam como ferramentas de edição mais profissionais deixando a cargo do autor todas as decisões acerca do todo projeto, ou seja, autonomia total. No entanto, diferente do sistema de *templates*, a utilização dos programas dessa segunda categoria demanda um profundo conhecimento acerca deles.

Por todas as particularidades inerentes ao meio, proporcionadas pelo diálogo entre as fotografias e suporte, é possível considerar o fotolivre não apenas como um veículo ou extensão de um fotodocumentário, mas como um projeto que enriquece o trabalho fotográfico, tornando-se um fim em si mesmo. O fotolivre, segundo Bombonati e Bracchi (2016, p.8), “ele em si é o projeto, ele agrega valor, sentimento e afeição ao que está nele impresso”.

A importância do fotolivre está no que ele contribui, através de suas narrativas, para o enriquecimento do olhar acerca do tema que aborda. De acordo com Badger (2015) trata-se de um suporte que fornece condições para refletir a visão de mundo de seu autor e que por essa razão se apresenta também como um elemento político.

Ainda sobre a importância dos fotolivros, Bracchi (2016, p.9) pondera:

De histórias mais concretas e percursos sensíveis, o prazer e a dor de ver se desdobram por páginas onde as fotografias dão pistas visuais e sensíveis sobre algum tema do mundo, fazem ver a concretude da encarnação de temas abstratos em cores e texturas de superfície e ainda lançam o leitor ao contato com as possibilidades criativas de outros mundos visíveis. A partir desta interação, ambos, leitor e fotolivre, fazem acontecer a experiência da leitura.

Por todas as suas características, o fotolivro se mostra uma boa escolha diante da necessidade de um fotógrafo em difundir seu trabalho e levar sua mensagem a um maior número de pessoas. Sobre as vantagens de se adotar o fotolivro enquanto suporte para veiculação e materialização de um projeto fotográfico, Barbosa (2013, p.569) afirma que por sua própria característica, ele é mais fácil de circular, podendo ainda ser vendido, doado ou emprestado.

Para Badger (2015), a tecnologia digital alterou a natureza da fotografia de tal modo que passou a influenciar não só a maneira com que é produzida e disseminada, mas também a sua capacidade de dizer algo, o que o autor chama de personalização. As novas possibilidades de sentido são impulsionadas pelo fotolivro que se mostra o meio mais importante “para a disseminação de ideias fotográficas”, além de que, pelo fato de ser um livro, há maior familiaridade entre leitor e suporte, “uma sensação de conversa a dois” que se revela ideal.

Bombonati e Bracchi (2016, p.1) complementam a análise acerca das potencialidades do livro enquanto suporte para materializar registros fotográficos, ao concluírem que se trata do meio de comunicação mais antigo universalmente e que proporciona maior durabilidade ou “mais tempo de vida” para as fotografias que nele são impressas.

O livro em si, é o meio mais antigo e eficaz para comunicação e difusão de informação. [...]. Com o livro pode-se viajar pelo mundo real ou imaginário, ter várias vidas e acumular muitos conhecimentos, seja intelectual, sentimental ou cultural. Ele é um ambiente construído para organizarmos toda nossa bagagem cultural, de modo a dar lógica e significado a ela. (BOMBONATI; BRACCHI, 2016, p.7)

Pensando as características do fotolivro apresentadas acima e trazendo para a discussão teórica acerca da fotografia enquanto mediadora entre o homem e o mundo, os autores entendem ser o livro o meio mais adequado para difundir um trabalho fotodocumental. A fotografia por si só possui a capacidade de enriquecer o olhar humano, funcionando como uma janela para o mundo onde mais que contemplar aspectos da sociedade, permite também ao indivíduo interpretar e refletir sobre eles. O livro entra nesse processo, que começa com uma intenção do fotógrafo, para ajudar na construção de sentido e disseminar ideias, ampliando ainda mais horizontes.

Por essa razão, espera-se com a produção do fotolivro da feira livre na Manoel Goulart em Presidente Prudente, apresentar a documentação fotográfica feita no local e, além disso, propor um conjunto de imagens que seja capaz de refletir um ponto de vista cultural e social da feira, evidenciando acima de tudo a importância que a atividade tem. Nesse sentido, buscou-se não apenas expor as fotografias, mas desenvolver uma narrativa expressiva, utilizando os elementos disponíveis para construção de sentido, capazes de preservar a memória da feira e provocar um novo olhar sobre ela.

4. FEIRA LIVRE

Quando se pensa em uma feira livre, imediatamente vem à cabeça as ideias de comércio ao ar livre, de compra e venda de legumes ou verduras, preços mais baratos, muito movimento e até mesmo uma opção de lazer. Isso é o que reproduz o senso comum. Porém, o comércio em espaço público representa mais do que isso.

A feira livre, de modo geral, consiste em uma atividade que reúne uma porção de aspectos particulares que fazem dela uma manifestação, não apenas econômica, mas também cultural e social. Historicamente, a atividade tem desempenhado diversos papéis na sociedade. Diante disso, o presente estudo se concentra em, utilizando a visão de autores que pesquisaram o assunto, entender os conceitos de feira, bem como os elementos, a importância, influência e a técnica que ela apresenta no que diz respeito à organização, estrutura e mecanismos de atendimento e venda. Tudo isso observando o viés histórico.

4.1 Contexto Histórico do Surgimento e o Nascimento

De acordo com Scottini (2009, p.154), feira significa um espaço público para venda e exposição de mercadorias. Tal definição diz pouco sobre o que de fato é uma feira livre. Indo além, Dantas (2007, p.24) apresenta uma busca pela definição de feira no sentido etimológico da palavra, que é proveniente do latim "*feria*". O significado encontrado é "dia de festa", o que revela que a modalidade de comércio ao ar livre envolve mais que características comerciais, abrangendo também elementos que a caracterizam como um evento. Já na visão de Robson Arantes³, feirante e personagem próprio do meio ouvido por essa pesquisa, feira "é alegria, é diversidade constante".

Buscando ampliar o conceito de feira livre, observa-se a definição dada por Almeida (2009, p.22) que afirma que a atividade "enquanto espaço físico, apresenta-se como um local amplo, aberto, que possibilita sua ocupação por diversos tipos de atividades que se caracterizam pela aglomeração de pessoas [...]". Já Silva

³ Entrevista com Robson Arantes, Feirante da feira Livre da Manoel Goulart, realizada em 20. mai. 2018.

(2006, p.25) a classifica como "um tecido venoso" onde perpassam valores socioculturais, econômicos e ideológicos.

A origem das feiras está diretamente ligada ao início do comércio realizado entre os povos de civilizações antigas, como um meio de troca de mercadorias provenientes de um excedente de produção. Entretanto, como aponta Almeida (2009, p.22), a oficialização das feiras é atribuída ao período da Idade Média, no séc. XI, mais especificamente em Roma, onde foram estabelecidas regras de funcionamento por parte do Estado.

Dantas (2007, p.59) pondera sobre o surgimento da modalidade de comércio ao ar livre:

Falar de feiras é reconstruir a evolução das relações de troca em praticamente todas as partes do mundo. Em algumas regiões, tais instituições surgiram como um fenômeno primitivo e espontâneo a ponto de muitas cidades terem suas origens relacionadas estreitamente com as feiras.

Andrade (2015, p.16) classifica a feira como "o modelo de mercado periódico mais antigo e tradicional no mundo" e reconhece ainda a sua influência para o desenvolvimento da sociedade no âmbito econômico, cultural e social.

Certa importância fica evidente na medida em que a atividade se desenvolve, impulsionada em um primeiro momento pelas Cruzadas⁴ em direção ao Oriente Médio na Europa Medieval (DANTAS, 2007, p.63), e posteriormente, pela passagem do sistema feudal para o Capitalismo⁵, como aponta Chaves (2011, p.21).

De acordo com Andrade (2015, p.21), o comércio de trocas inserido no contexto de transição abordado acima, se desenvolve e se espalha ampliando ainda mais as relações comerciais existentes até então, reconfigurando-se economicamente. Ainda nesse período, é incorporado o sistema monetário na comercialização de produtos, conservando o modelo de produção capitalista e proporcionando o desenvolvimento de novas cidades. "Não raro, as cidades têm em seu processo embrionário a presença efetiva de algum tipo de comercialização entre povos ou comunidades." (SILVA, 2006, p.30)

⁴ O surgimento das feiras foi especialmente impulsionado pelas Cruzadas que tinha como objetivo suprir as necessidades dos comerciantes e viajantes que buscavam uma atividade comercial, tornando-se verdadeiramente importante a partir do século XI. (COSTA; CLEPS apud. CHAVES, 2011, p.20)

⁵ Com o fim do Feudalismo e o início do Capitalismo as feiras ganharam ainda mais importância econômica, social e cultural, embora permanecesse com as mesmas características medievais. (CHAVES, 2011, p.20)

Segundo Andrade (2015, p.21), no Brasil, as primeiras feiras datam do período colonial, entre os sécs. XVI e XIX e foram introduzidas pelos portugueses que seguiram o modelo de comércio europeu, que, se originou na Idade Média. Porém, ainda segundo o autor, mesmo antes da chegada dos europeus, já se realizavam trocas de mercadorias entre as tribos indígenas que habitavam essas terras. (DANTAS, 2007, p.68)

A primeira referência de feira estabelecida no Brasil que se tem notícia é de 1548, após o rei Dom João III ordenar que esta se realizasse uma vez por semana. "[...] a ordem tinha o propósito de explorar certos produtos mais significativos que eram expostos pelos índios, para exportarem para a Metrópole." (MOTT apud ANDRADE, 2015, p.21)

A partir daí as feiras vão se espalhando e contribuindo de algum modo para expansão e desenvolvimento das cidades brasileiras, sobretudo no Nordeste, na área litorânea, em que a atividade se destaca através do comércio de gado e do algodão (CHAVES, 2011, p.21). No Sul do país, de acordo com Dantas (2007, p.71), existem relatos quanto à existência de uma feira chamada de "Feira dos Burros" ou "Feira das Mulas", localizada em Sorocaba, capitania de São Paulo na época.

O comércio em espaço público no Brasil, ao longo de seu desenvolvimento, foi responsável pelo abastecimento interno de vários produtos, pela centralização de produção regional visando a população urbana e rural, bem como peça chave na formação dos núcleos urbanos. "Proporcionou ao produtor rural a comercialização de seu excedente." (ANDRADE, 2015, p.16)

É dentro desse contexto, de desenvolvimento comercial, abrangendo a criação de povoados e abastecimento de produtos, que na região Oeste do Estado de São Paulo, surge a cidade de Presidente Prudente. Segundo D'incao (2007, p.11), a origem do município é ligada ao processo de abertura e apropriação da região. Um marco deste período, o que permitiu o início de sua história na segunda metade do século XIX, foi a lei de Terras de 1850⁶ que tratava a respeito da ocupação de terras no país.

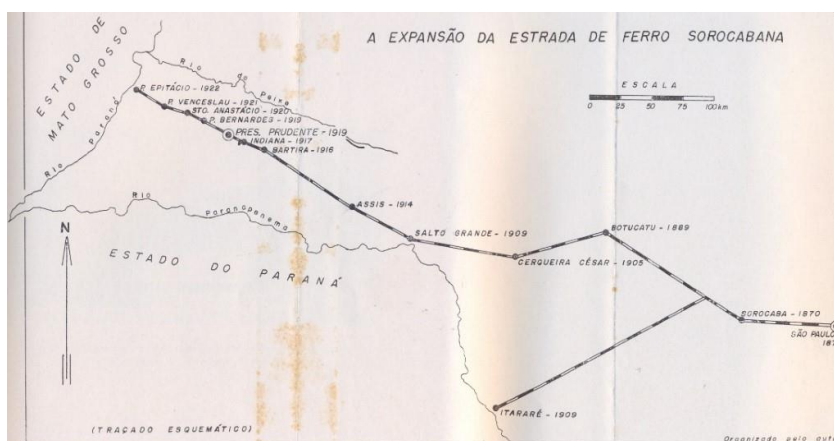
⁶ Lei nº 601, de 18 de setembro de 1850, BRASIL. Dispõe sobre as terras devolutas do Império e acerca das que são possuídas por título e sesmaria sem preenchimento das condições legais. Bem como por simples título posse mansa e pacífica; e determina que, medidas e demarcadas as primeiras, sejam elas cedidas a título oneroso [...] autorizado o Governo a promover a colonização estrangeira na forma que se declara. **Coleção das Leis do Brasil**. 1850. V. 1, p. 307, 18 set. 1850. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim601.htm>. Acesso em: 19 abr. 2018.

Presidente Prudente localiza-se na porção Oeste do Estado de São Paulo, a aproximadamente 560 km da capital paulista, e possui uma população estimada de 207.625 habitantes (IBGE, 2010). É a sede regional da 10ª Região Administrativa do Estado, integrando 53 municípios. De acordo com a Fundação SEADE - Sistema Estadual de Análise de Dados, a região tem como principais atividades econômicas a agroindústria e agropecuária. (BERNARDINO, 2011, p.8)

De acordo com Abreu (1972, p.42), Presidente Prudente nasce em meio a expansão cafeeira ocorrida na região. Sua descoberta se deu através da busca por solos virgens para plantação de café visando a colonização e a especulação de terras. "Os núcleos urbanos surgiram como pontos de apoio para a exploração econômica da região." (ABREU, 1972, p.42)

O cenário no qual se dá o nascimento da cidade é impulsionado pela construção da estrada de ferro Sorocabana (Figura 17). Devido ao aumento da produção de açúcar e, principalmente, de café na região, notou-se a necessidade de substituir as antigas estradas de terra por linhas ferroviárias, tanto para economizar custos, quanto para economizar tempo. (MACEDO, 2006, p.35)

Figura 17 – Expansão da estrada de ferro sorocabana



Fonte: Livro História de Presidente Prudente (MACEDO, 2006, p.38)

Ainda segundo Abreu (1972, p.47), a cidade de Presidente Prudente "nasceu da reunião de dois núcleos urbanos criados para ampararem as vendas de terras feitas pelo Coronel Francisco de Paula Goulart e Coronel José Soares Marcondes". Foram inclusive eles quem fundaram e colonizaram o local ao seu modo.

O desenvolvimento desses núcleos fez surgir a necessidade de tornar aquele povoado um município.

Após alguns impasses relacionados aos limites de terra estabelecidos pela nova cidade, que não foram do agrado de Conceição de Monte Alegre e de Campos Novos do Paranapanema, cidades vizinhas, foi sancionado pelo Presidente da época, Washington Luís, o projeto de lei de n.º 21/1921 que deu origem a Lei n.º 1798 de 17 de novembro de 1921 que transforma o até então povoado em um distrito de paz e município. (ABREU, 1972, p.90-93)

Logo nos primeiros anos, Presidente Prudente começa a estruturar-se em termos agrários, organizando-se não só em relação às pequenas propriedades, mas também aos grandes latifúndios. O sistema político permite a instalação do coronelismo⁷, ou seja, passam a mandar os grandes proprietários de terras. (ABREU, 1972, p.97-99)

Embora predominasse a cultura do café na região, plantavam-se também outros alimentos como o arroz, milho e feijão que serviam não só ao sustento das famílias dos pequenos agricultores, mas também para o pagamento das propriedades com o lucro obtido com a venda da produção. (ABREU, 1972, p.100)

Segundo Macedo (2006, p.83-84), desde muito cedo Presidente Prudente exercia o papel de abastecedor e receptor de produção agrícola da área rural. Os produtores rurais formavam o comércio inicial, realizando vendas no varejo e atacado. Os mesmos eram atraídos pelos anúncios vindos da zona urbana, nos quais negociantes de terra prometiam enriquecimento rápido. Já Abreu (1972, p.103) revela que eram realizadas negociações com os estabelecimentos atacadistas e varejistas que financiavam e ofereciam suporte técnico aos agricultores.

"Com a venda dos produtos, os agricultores pagavam suas dívidas com o comércio, a prestação da terra, médico, hospital, investiam em melhoria na moradia e criavam fundo de reserva para o futuro ano agrícola". (MACEDO, 2006, p.83-84)

⁷ O conceito de coronelismo está presente num grande número de obras escritas por historiadores, juristas e cientistas sociais, entendido como forma de exercício do "poder local", relacionado com outras instâncias de poder constituído, quais sejam, a estadual e a federal. Encarado como sistema político, clientelismo e/ou mandonismo local, o coronelismo teve como período de maior vitalidade, segundo estudiosos dessa temática, o período que abrange a chamada primeira república (1889 – 1930). FORTUNATO, Maria Lucinete. **O coronelismo e a imagem do coronel**: de símbolo a simulacro do poder local. Tese apresentada para Doutorado em História Social. UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas – SP. 2000, p. 11. Disponível em <<http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280689>> Acesso em: 19. abr. 2018.

Tal observação remete à importância da comercialização dos produtos agrícolas para manutenção da sobrevivência e dignidade dos pequenos produtores rurais.

Com o desenvolvimento comercial, relacionado principalmente à construção da linha ferroviária Sorocabana, em meados de 1930, Presidente Prudente começa a ganhar destaque pela quantidade de volume de mercadorias exportadas. De acordo com Macedo (2006, p.83), "entre os produtos enviados para São Paulo na época, constam além do café, o arroz beneficiado, feijão, milho, batatas, madeira serrada, madeira em toras, ovos, aves, tomates e pimenta".

Em meio ao contexto de crescimento econômico proporcionado pelas atividades comerciais em Presidente Prudente, o comércio informal tem início com os mascates. Esses percorriam tanto as zonas rural e urbana, vendendo um produto inferior a preços mais altos e aproveitando-se de boas safras para comercializar mercadorias a juros elevados. Tal atividade incomodava e muito o comércio já bem estabelecido e que se encontrava em processo de aperfeiçoamento. Entretanto, o mascate cumpria uma função econômica ao abastecer a população e fazer circular as riquezas. (ABREU, 1972, p.177)

Por todo o exposto em relação à história das feiras livres e sua influência na formação e organização de muitas cidades, bem como a história de Presidente Prudente, é possível inferir que as feiras do município tenham surgido em meio a esse desenvolvimento do comércio, em meados de 1930. Seu início é marcado, principalmente, pelas relações entre cidade e campo e em razão da necessidade de produtores de pequenas propriedades proverem o próprio sustento.

De acordo com Resende (2006, p.47), a história do surgimento da feira na avenida Manoel Goulart, perde-se na memória dos prudentinos. O autor conta que o início se deu na década de 1930 e prolongou-se tempo afora. Relata ainda que a atividade ocupava apenas o espaço de um quarteirão e que, com o passar do tempo, novos produtores foram atraídos fazendo com que o comércio de rua se estendesse. Nesse período, os produtos se resumiam aos rurais, ou sacas de arroz e feijão, bem como frutas, verduras, legumes e cereais.

Já Macedo⁸, historiador de Presidente Prudente, conta que desde os anos 1920 começava um movimento de produtores rurais que batiam de porta em

⁸ Entrevista com Ronaldo Macedo, historiador de Presidente Prudente, realizada em 19. mar. 2018.

porta para vender seus produtos, até decidirem centralizar as vendas em ponto fixo. Ainda segundo Macedo, a avenida Manoel Goulart foi o local escolhido e lá esses produtores passaram a montar barracas provisórias para expor as mercadorias e atender as pessoas. Assim teve início a tradição da feira na cidade, que surgiu de modo solto, sem nenhum tipo de controle, que no caso só veio a acontecer na década de 1930.

Não se tem como precisar a data exata do nascimento da feira e nem quem permitiu que ela acontecesse. Conforme apurado pelos pesquisadores, não existe um documento que apresente tal informação.

A Lei Municipal de n.º 4886/97, que passa a regulamentar a feira impondo regras e prevendo penalidades aos feirantes, é sancionada apenas em 1997 pelo vice-prefeito na época, Ênio Luiz Tenório Perroni. A referida lei trata da atividade comercial ao ar livre, no que diz respeito a fiscalização, criação e localização, horário de funcionamento, as formas de instalação, autorizações, a previsão de produtos que podem ou não ser comercializados e como eles se classificam, bem como demais regras.

De acordo com a Sedepp, atualmente, acontecem na cidade 26 feiras livres, realizadas de terça a domingo em diferentes locais e em horários específicos. Ocorrem ainda outras três feiras conhecidas como "Feiras da Lua", que se diferenciam em sua organização e por serem destinadas exclusivamente ao produtor rural, excluindo a presença do atravessador. Todas as feiras são mantidas e fiscalizadas pela Sedepp e estão submetidas a Lei n.º 4.886/ 97.

Quadro 1 - Dias, horários e localidades das 26 feiras livres de Presidente Prudente.

LOCAL	ENDEREÇO	DIA	PERIODO	HORÁRIO
Vila Indústria	Rua Pedro de Toledo	Terça	Manhã	De 06:15 a 12:00
Pq. Novo Alvorada	Rua João Salvador	Terça	Manhã	De 06:15 a 12:00
Rs. Servantes	Rua João Martines Perez	Terça	Tarde	De 16:00 a 22:00
Jd. Brasil Novo	Av. Francisco Barbosa da silva	Terça	Tarde	De 16:00 a 22:00

Maré Mansa	Rua Henrique O. De Melo	Terça	Tarde	De 16:00 a 22:00
Jardim Paulista	Rua Gabriel Otavio de Souza	Quarta	Manhã	De 06:15 a 12:00
Vila Formosa	Rua Túlio Cechetti	Quarta	Manhã	De 06:15 a 12:00
Jardim Maracanã	Rua Arlindo Pereira Alves	Quarta	Tarde	De 16:00 a 22:00
São Matheus	Rua Meire Pereti Avelino	Quarta	Tarde	De 16:00 a 22:00
Jardim Panorâmico	Rua José Quirino da Silva	Quarta	Tarde	De 16:00 a 22:00
Vila Marcondes	Rua Benjamim Constant	Quinta	Manhã	De 06:15 a 12:00
Cohab	Rua das Palmeiras	Quinta	Manhã	De 06:15 a 12:00
C.H. Ana Jacinta	Av. Raimundo Nonato de Lima	Quinta	Tarde	De 16:00 a 22:00
J. Humberto Salvador	Av. João Domingos	Quinta	Tarde	De 16:00 a 22:00
Pq. Girassóis (São João)	Rua José Pereira Junior	Quinta	Tarde	De 16:00 a 22:00
Vila Dubus	Rua General Ozório	Sexta	Manhã	De 06:15 a 12:00
Jardim Planalto	Rua Pierre Almeida	Sexta	Manhã	De 06:15 a 12:00
Jardim Vale do Sol	Rua Irene Faustino	Sexta	Tarde	De 16:00 a 22:00
Jardim Novo Bongiovani	Rua Cerata Donzela Bongiovani	Sexta	Tarde	De 16:00 a 22:00
Cambuci	Rua Salvador Bongiovani	Sexta	Tarde	De 16:00 a 22:00
Vila Tabajara	Rua Aquimerdes Sanches	Sábado	Manhã	De 06:15 a 12:00
Jardim Estoril	Rua Francisco Trévia	Sábado	Manhã	De 06:15 a 12:00

Cecap	Rua das Flores	Sábado	Manhã	De 06:15 a 12:00
João Domingos Neto	Rua Maria de Menezes Alcântara	Sábado	Tarde	De 16:00 a 22:00
Centro	Av. Manoel Goulart	Sábado	Tarde	De 16:00 a 22:00
Centro	Av. Manoel Goulart	Domingo	Manhã	De 06:15 a 12:00
TOTAL				26 FEIRAS LIVRES

Fonte: Secretaria de Desenvolvimento Econômico de Presidente Prudente (Sedepp 2017)

QUADRO 2 - Dias, horários e localidades das feiras da lua de Presidente Prudente.

LOCAL	ENDEREÇO	DIA	PERIODO	HORÁRIO
Jardim Bongiovani	Rua José Bongiovani	Segunda	Tarde	De 18:00 a 21:00
Jardim Alto da Boa Vista	Avenida Vereador Aureliano Coutinho	Terça	Tarde	De 18:00 a 21:00
Central Park Residence	Av. Mathias Mendes Cardoso	Terça	Tarde	De 18:00 a 21:00
TOTAL				03 FEIRAS DA LUA

Fonte: Secretaria de Desenvolvimento Econômico de Presidente Prudente (Sedepp 2017)

Segundo a Sedepp, cerca de 500 feirantes são beneficiados pela comercialização de produtos nesses locais, porém, o órgão não apresentou nenhum documento que confirme esse número, alegando que não foi possível encontrá-lo e que o que se tem está desatualizado. Para ter acesso a uma relação com a quantidade e identificação dos feirantes, os autores tiveram que preencher um requerimento junto à prefeitura, conforme pode ser visto no Anexo B. A relação obtida apresenta dados dos feirantes de todas as 26 feiras da cidade, sem nenhuma divisão por local. Esses são classificando apenas pelos produtos comercializados e sem nenhum filtro quanto aos que deixaram a atividade ou que já faleceram.

Dentre os feirantes que trabalham atualmente na feira da Manoel Goulart, os mais antigos estão lá há mais de 50 anos. Esses chegaram para trabalhar no local por volta da década de 1960. Segundo eles, a feira antigamente ocupava uma parte maior da avenida. Em comparação com o atual cenário, a maioria dos comerciantes revela que antes era muito mais fácil vender seus produtos. Paulo Koga⁹, feirante há 30 anos, explica a dificuldade atual:

Antigamente as vendas eram melhores porque não se tinha supermercados, sacolões e o mercado maior de frutas e verduras, de tudo, era a feira. Os clientes encontravam de tudo, carnes frescas, galinhas, comestível. Com o tempo é que a feira começou a vender roupa e brinquedo.

Traçado o panorama da feira livre na avenida Manoel Goulart, considerando o contexto histórico de seu surgimento e trajetória na cidade de Presidente Prudente, no item seguinte, o presente trabalho passa a se concentra no cenário atual em que se encontra a mais tradicional feira da cidade.

4.2 O Contexto Atual

A feira da Manoel Goulart atualmente acontece aos sábados no período da tarde e noite entre as 16h e 21h e aos domingos na parte da manhã, das 6h15 às 12h15, compreendendo, dentro desse tempo, a montagem e desmontagem das barracas, dois momentos importantes e bastante significativos.

Em primeiro lugar, a feira altera o espaço público na medida em que acontece. A avenida Manoel Goulart, que corta o centro e é onde se concentra grande parte do comércio da cidade, simplesmente para em um dos lados, interrompendo o trânsito, obrigando veículos a desviarem o caminho, além de invadir as calçadas e tapar fachadas de lojas, mercadinhos ou lanchonetes. Mesmo aos domingos, em que o comércio formal não funciona, os efeitos da feira alteram de modo significativo o território que ocupa, interrompendo a dinâmica normal na avenida. Após a desmontagem, o espaço pode voltar ao seu uso original, porém, os vestígios da feira, como a sujeira deixada, são facilmente encontrados.

⁹ Entrevista com Paulo Koga, feirante da Feira Livre da avenida Manoel Goulart, realizada em 31.dez. 2017.

Segundo a feirante Nadegi Maria Pinto¹⁰, de 61 anos, dona de uma banca de bordados e artesanatos, o tempo gasto para montagem de sua banca varia entre uma hora, uma hora e meia. Ela recebe ajuda de seu marido. Como chega às 6h da manhã de domingo na avenida Manoel Goulart, às 7h ou 7h15 sua banca está pronta para atender. A desmontagem leva o mesmo tempo.

Outro ponto a ser observado no que se refere a montagem e desmontagem, é o que esses momentos representam para os trabalhadores do ponto de vista simbólico. A montagem sugere as expectativas e incertezas do feirante ao se preparar para mais um dia de trabalho e a esperança de que as vendas sejam boas e o dia seja produtivo. Já o encerramento significa o cumprimento de mais um dia de trabalho e os resultados da venda, se foram bons ou não. Isso relaciona-se com o papel fundamental da feira, dentro de seu aspecto econômico e social, no sustento de inúmeras famílias que conseguem sobreviver através dessa forma de comércio.

Na verdade, a feira é surpreendente. Tem dias que você sai e fala assim ‘Ai meu Deus, hoje eu vou vender’ e acaba não vendendo nada, pois tem vezes que você chega aqui e sai sem nenhum “tostão” e as vezes você vende cinquenta reais, vinte reais e as vezes você chega e fala ‘hoje estou ferrada, não vendi nada’ e aí você “estoura a boca do balão” e se surpreende de novo, então feira é isso.¹¹

Os feirantes da Manoel Goulart, além do sábado e domingo, trabalham ao longo da semana nas feiras dos bairros, estando a cada dia em um local diferente, o que atribui um caráter itinerante ao trabalho no comércio ao ar livre. Por essa razão, os trabalhadores apresentam uma rotina bastante sacrificada. Muitos deles descansam apenas um único dia na semana, em geral, as segundas-feiras, quando não se tem nenhuma feira na cidade.

Em dia de ir para avenida na parte da manhã, a grande maioria acorda bem cedo para montar as bancas e expor as mercadorias, respeitando os horários estabelecidos. Segundo o feirante Sebastião Oliveira¹², a rotina é difícil, “desde o começo do dia, eu levanto 4h. Às 5h eu já estou saindo de casa, aí começa a armar aqui. Nos outros dias a mesma coisa. Eu faço quatro feiras: terça, sexta, sábado e domingo [...]”

¹⁰Entrevista com Nadegi Maria Pinto Caldeira, Feirante da Feira Livre da Manoel Goulart, realizada em 17. jul. 2018.

¹¹ Idem.

¹² Entrevista com Sebastião de Oliveira, Feirante da Feira Livre da Manoel Goulart, realizada em 20. mai. 2018.

A rotina no caso do feirante Barbosa¹³, é ainda mais tumultuada, pelo fato dele ser também produtor rural. Além da venda de suas mercadorias na feira, ele também planta e colhe seus próprios produtos. Nos domingos, levanta às 5h30 da manhã, já em dias de semana, permite-se dormir um pouco mais, já que só faz feira no período da tarde. Ainda de acordo com Barbosa¹⁴:

Não tem folga. Você trabalha direto, o dia que não tem feira, que é de segunda e você acha que vai descansar um pouquinho, é o dia que trabalha mais, porque você tem que plantar, tem que deixar as coisas prontas para o outro dia e é isso aí.

Além da Manoel Goulart, Nadegi Maria Pinto¹⁵ faz outras seis feiras ao longo da semana. Embora o trabalho seja cansativo, para ela é também prazeroso e satisfatório pelo fato de ser autônoma, o que significa ser dona de seu próprio negócio e, portanto, construir sua própria rotina. “A minha vida inteira trabalhei como funcionária, empregada, então aqui ninguém manda, quem manda sou eu [...] O dia que eu não tiver boa ou não estiver afim de vir, eu não venho.”

Já José Ramos¹⁶, feirante de 59 anos, pensa diferente. Ele vende em sua banca, produtos hortifrutigranjeiros e conta com a ajuda de sua esposa, Edna Ramos, de 56 anos. José confessa que não gosta do seu trabalho na feira, mesmo estando nessa função há mais de 30 anos, quando deixou um emprego de recepcionista em um hotel. Ele afirma trabalhar por necessidade, por isso suporta a árdua rotina, segundo seu ponto de vista:

[...] enfrentar feira não é fácil não. É frio, é geada, não é gostoso. Que nem agora, como eu aposentei, eu parei de fazer a feira da terça. Que nem, hoje tem feira, acordei 8h para ir no Ceasa. Vou no Ceasa na terça, na quinta e no sábado. O sono depois das 4h até as 6h é um sono mais gostoso, você tem de levantar para estar carregando caixa. Não é gostoso trabalhar na feira, a gente trabalha porque precisa, mas gostoso não e não, gostoso e trabalhar em um serviço leve, que nem eu trabalhava no hotel [...] lá é bem limpinho, arrumadinho [...].¹⁷

¹³ Entrevista com Paulo da Silva Barbosa, Feirante da Feira Livre da Manoel Goulart, realizada em 22.jun.2018.

¹⁴ Idem.

¹⁵ Entrevista com Nadegi Maria Pinto Caldeira, Feirante da Feira Livre da Manoel Goulart, realizada em 17. jul. 2018.

¹⁶ Entrevista com José Ramos, Feirante na Avenida Manoel Goulart, realizada em 15.mai. 2018.

¹⁷ Idem.

Em relação à organização e estrutura da feira, busca-se uma padronização prevista no regulamento. As barracas são constituídas por lonas de plástico, estruturas de metal e tabuleiros de madeira. A área de cada barraca é muito bem delimitada. Os espaços são fixos, ou seja, cada feirante tem o seu, podendo variar quando há acordo entre os próprios e o fiscal de feira.

Flávio Serra¹⁸, 54 anos, dono de uma banca de brinquedos e acessórios, explica como funciona a dinâmica dos pontos de venda:

[...] o ponto aqui é meu só quando estou trabalhando, caso eu falte, ele pode sim colocar outra pessoa. O fiscal coloca quem ele quiser, pois ele é o dono do ponto caso eu não venha. Nem eu posso falar 'vai lá e coloca ele', pois eu não tenho esse direito, fica a critério do fiscal, pois geralmente as pessoas vem para trabalhar e vão atrás dos fidejantes e ele decide e é assim que tem que funcionar. Há alguns anos atrás, com outras administrações, era bem complicado, só trabalhava aquele que pagava o fiscal, era uma corrupção terrível [...].

Quanto à disposição das bancas, em geral as feiras livres não seguem tantos padrões. A feira da Manoel Goulart é bastante característica. Isso é sentido na diversidade de produtos e nos modos como as bancas estão distribuídas, não sendo necessário, por exemplo, separar alimentício dos demais produtos, o que geralmente acontece. Dentre a diversidade de mercadorias expostas está o típico hortifrutigranjeiro com frutas, legumes e verduras, ovos, etc. Mas ainda se tem os alimentícios, ou seja, pastel, salgado, tapioca, bolos, pães, etc. e ainda artigos como brinquedos, acessórios, roupas, calçados, artesanato, eletrônicos e outros.

Foi possível observar, durante a pesquisa de campo, e por meio das entrevistas, que as diferentes categorias de mercadorias convivendo em um mesmo espaço reflete-se em algo positivo para os feirantes de uma maneira geral, já que acaba atraindo um público maior, que busca satisfazer interesses diversos.

No cenário atual, um dos pontos fortes da Feira da Manoel Goulart está nas praças de alimentação que se formam ao longo da avenida, como afirma o feirante Paulo Henrique¹⁹, de 22 anos, “[...] o que ajuda muito a questão da feira também e a questão da alimentação né, tem pastel, lanche”. Esse é, inclusive, o fator primordial na diferenciação entre a feira de sábado e a de domingo na mesma avenida.

¹⁸ Entrevista com Flávio Serra Marques, Feirante na Avenida Manoel Goulart, realizada em 15.jul.2018.

¹⁹ Entrevista realizada com Paulo Henrique G. da Costa, Feirante na Avenida Manoel Goulart, realizada em 08.jul.2018.

Conforme os relatos da grande maioria dos feirantes ouvidos, foi possível constatar que no sábado a movimentação é maior, porém, a procura por refeições é o que atrai mais as pessoas. Ainda que essa pesquisa se concentre na dinâmica da feira realizada no domingo, em visita a Manoel Goulart no sábado à noite, foi possível constatar uma enorme variedade de opções quanto a alimentação. Além do tradicional pastel, encontra-se lanches, churrasco, pão com linguiça, tapioca, doces, sucos em geral, dentre outras comidas e pratos típicos.

Tem, o público de sábado, eles vêm para comer na praça de alimentação, vem mais para lazer mesmo, e no domingo dificilmente quem veio no sábado vem no domingo também, geralmente de domingo é mais senhores, que acordam cedo e já vem para feira comprar as coisas, dar uma andada.²⁰

As diferenças entre o sábado e domingo no caso da feira na Manoel Goulart, acaba abrangendo também os tipos de público, assim constata Vagner Capito²¹: “Muda né, muda o tipo das pessoas, a idade. De sábado é mais jovem e de domingo mais velhos”. No sábado, em que a procura por refeições e lazer é mais acentuada, costuma-se ver mais jovens circulando. Já no domingo de manhã, predomina a presença de pessoas de mais idade e famílias, que aparentam uma tendência maior a gastar na compra de outros tipos de mercadorias.

Segundo Amarildo Pereira²², responsável pelas feiras dentro da Sedepp, a feira de domingo possui cerca de 100 feirantes cadastrados, de acordo com uma última contagem feita até o momento em que esse TCC foi realizado. Em levantamento realizado pelos pesquisadores entre dezembro de 2017 e julho de 2018, foram contabilizadas 91 bancas, sendo que, em cada uma delas, há pelo menos um feirante responsável que pode ou não contar com colaboradores. Porém, deve se considerar que no domingo a incidência de faltas de feirantes é grande, fazendo notar espaços vazios ao longo da avenida. Como já explicando anteriormente, nem a Sedepp e, nem a prefeitura apresentaram uma relação dos feirantes de domingo na Manoel Goulart.

De acordo com a Sedepp, a autorização para comercialização de produtos na feira, ou seja, o alvará de funcionamento é dado ao feirante mediante o pagamento de uma taxa anual que gira em torno de R\$ 76,00. Esse valor pode variar

²⁰ Entrevista com Maria Aparecida, Feirante na Avenida Manoel Goulart, realizada em 08.jul.2018.

²¹ Entrevista com Vagner Capito, Feirante na Avenida Manoel Goulart, realizada em 08 jul. 2018.

²² Entrevista com Amarildo Pereira Lopes, funcionário da Sedepp responsável pelas feiras livres de Presidente Prudente, realizada em 07. mar. 2018.

devido a UFM (Unidade Fiscal do Município), referente a legislação tributária municipal, em relação aos produtos em termos de tipos e quantidade. Após a expedição do alvará, o feirante é cadastrado e obtém um número de registro com seus dados pessoais, como identificação, endereço e especificação de mercadorias que pretende vender. A partir disso, passa a ter o dever de respeitar o regulamento da feira previsto na lei 4.886/97.

Chagas (2013), advogado especialista em Direito Tributário, aborda a regulamentação das feiras:

A regulamentação e funcionamento das feiras são de competência legislativa e administrativa do Município, sendo, ainda de sua responsabilidade criar mecanismos que propiciem a realização deste tipo de comércio num âmbito mais abrangente e até mesmo restringir ou proibir o seu funcionamento, considerando as necessidades prementes da população, bem como da própria administração.

O panorama traçado acima se revela fundamental na medida em que permite compreender o atual cenário no qual a feira livre da Manoel Goulart se encontra e, em grande parte, pela oportunidade de refletir sobre a realidade dos atuais feirantes enquanto atores sociais das feiras.

Dando continuidade ao estudo, o item abaixo é focado nos personagens oficiais da feira e na busca em compreender de maneira mais profunda a realidade vivenciada por esses trabalhadores, abordando ainda outros aspectos quanto à dinâmica no local.

4.3 Os Trabalhadores: Personagens Oficiais

Sabe-se que desde a Antiguidade, com a experiência da Grécia Clássica, a cidade é o lugar do encontro. Não existe, na história da humanidade, um local sem espaços de uso comum. No transcurso da história, a evolução das técnicas e a divisão social do trabalho se integram nas formas de habitar/existir, que podem ser compartilhadas por indivíduos das mais diferentes origens e culturas.(ARAÚJO, 2012, p.51)

O feirante é um trabalhador urbano, personagem do meio onde está inserido, ele é quem comercializa seu produto em um estabelecimento, sendo a banca seu mercado. Weber (apud VEDANA, 2013, p.45), descreve a cidade ou uma das

categorias de cidade como um local de mercado. Nesse caso, o comerciante constitui-se nesse personagem responsável pelo trânsito de mercadorias entre diferentes localidades dentro de um perímetro urbano.

Sobre as atividades desenvolvidas pelos feirantes, Almeida (2009, p.43) conta que:

Feirantes e fregueses apropriam-se desses espaços, protagonizando espetáculos de compra, venda e permuta de variados produtos, utilizando para isso um arsenal próprio de estratégias, gestos e linguagens relacionadas ao nutrir, dizer e fazer que colaborem para que a feira resista e sobreviva aos apelos modernos de compra/venda, aos encontros, às convivências.

Almeida (2009, p.43) aborda a estética composta pela sonoridade de uma feira, capaz de preencher o "espaço de rua com a voz e performance corporal dos feirantes" na busca pela atenção do freguês e para divulgar seus produtos, recorrendo algumas vezes a algum tipo inusitado.

A interação entre feirantes e fregueses se consolida em um vínculo de sociabilidade, e no decorrer de suas atividades é essencial a construção de amizade no local, assim, contribuindo para o sucesso nos negócios. Andrade (2015, p.38) fala da gentileza, bom humor, conversas e elogios que se constituem como base dessa relação. "Essa proximidade torna o preço negociável, e é essencial para o negócio prosperar."

Durante a pesquisa de campo, os pesquisadores realizaram no período de dezembro de 2017 a julho de 2018 visitas à feira livre da Manoel Goulart, no intuito de empregar as técnicas de observação e entrevista. Foram realizadas um total de oito visitas dedicadas exclusivamente à observação, no qual foi possível conhecer os feirantes com os seus modos, características, histórias particulares e a ligação específica com a feira. A tabela com os dados dos feirantes entrevistados se encontra no Apêndice A e os relatórios de observação podem ser lidos no Apêndice B.

Alguns dos feirantes entrevistados confirmam as ideias apontadas pelos autores quanto ao atendimento característico na feira, tido como ponto forte em relação à concorrência com supermercados e sacolões. Segundo o feirante Tsunoda²³, as pessoas buscam na feira produtos mais baratos e de qualidade, o que ele chama de produtos "fresquinhos".

²³ Entrevista com Nogueira Tsunoda, Feirante da Feira livre da Manoel Goulart, realizada em 20. mai. 2018.

Ainda de acordo com Tsunoda²⁴, em sua banca, onde as frutas são as principais mercadorias, ele busca levar sempre produtos diferenciados que agradam o freguês e que gerem muita procura. O feirante reforça a importância do bom atendimento. “Graças a Deus! [...] os fregueses que a gente tem aí, toda semana eles estão voltando aqui né, então a gente fica contente com isso, porque se o freguês começa a afastar e tudo né, é porque a gente não está atendendo direito.”

Por meio da observação em campo, foi possível constatar o comportamento típico dos feirantes em meio ao trabalho de atender a freguesia. Em geral, se posicionam atrás das bancas. Muitas vezes ficam simplesmente parados à espera do freguês, em especial os mais velhos. Outros movimentam-se o tempo todo, organizando os produtos na banca, ajeitando a lona de cobertura ou indo conversar com o feirante vizinho. No caso da Manoel Goulart, pouco se ouve gritos de feirantes divulgando o produto e preço na tentativa de chamar atenção, é o freguês que vai até à banca por já conhecer o dono ou pelo interesse pelas mercadorias expostas. Nas bancas maiores, vê-se sempre mais de três pessoas atendendo.

No atendimento ao cliente, verificou-se que grande parte dos trabalhadores são ágeis no processo de pegar o produto, embalar, pesar, calcular e receber. Isso em razão de que em muitas vezes, nos momentos de pico da feira, eles precisam atender mais de um freguês ao mesmo tempo. Os feirantes mais velhos demonstram mais tranquilidade, com gestos lentos, conservando uma forma mais tradicional de atendimento.

Durante a observação realizada pelos autores, foi possível destacar Sampaio²⁵, de 55 anos, como um dos mais carismáticos dentre os feirantes da Manoel Goulart de domingo, não por acaso, sua banca é uma das mais movimentadas. Ele conta com a ajuda do filho. Sampaio fala sobre a importância de cativar o cliente para obter sucesso na feira. Segundo ele:

[...] a questão da feira é o seguinte, é questão de atendimento. Você por exemplo, você está fazendo compra, se eu te atendo com uma certa, um certo carinho, uma certa elegância, uma maneira diferente, uma diferenciação no atendimento, automaticamente você vai virar minha freguesa, certo? Então você conquista os seus fregueses. [...] você para o que está fazendo para prestar o atendimento, porque eu dependo dele. Essa é a questão, tem freguês que chega na sua barraca, você tem que dar um atendimento diferenciado sabe, ser educado, tem que ser carinhoso, atencioso né e é isso, acho que isso faz a diferença. Além do que, os produtos têm que ser de

²⁴ Idem.

²⁵ Entrevista José Nunes Sampaio, Feirante na Avenida Manoel Goulart, realizada em 01. jul. 2018.

qualidade né. Não adianta nada você trabalhar com porcaria porque você não consegue.

Como ir à feira é um hábito, no caso da Manoel Goulart existem pessoas que vão todos os domingos e que já são esperadas pelo trabalhador. É possível observar que feirantes e fregueses se chamam pelo nome, se tratam como amigos, contam histórias ocorridas no decorrer da semana, fazem perguntas quanto à família ou o trabalho, em uma preocupação mútua.

José Ramos²⁶ fala a respeito do atendimento e os laços estabelecidos com a clientela, dando exemplos de interação entre comprador e vendedor que ultrapassa as relações comerciais. “Tem uma cliente lá que deu até um presente de casamento para minha filha. Telefonou para entregar o presente. Eu tenho esse freguês por causa do atendimento.” Em uma outra situação, ele conta de uma freguesa, moradora próxima a Manoel Goulart, que recebia seus filhos em casa enquanto ele e a esposa trabalhavam na feira.

Como visto acima, a proximidade entre o vendedor e comprador dentro do espaço da feira se mostra um diferencial em relação às outras formas de comércio varejistas, sobretudo os grandes supermercados. De acordo com Vinícius Pinto, Andler Pinto e Sidney Vieira (2011, p.125), o consumidor constrói uma relação de pertencimento com a feira livre, no sentido de estabelecer laços com os feirantes, o que implica na facilidade em negociar preços e obter descontos.

Uma prática comum observada em meio a dinâmica do atendimento na feira é o pedido de desconto, que significa “pechinchar”. Essa negociação de valores é uma das características que diferenciam a feira. Segundo Creuza Gomes²⁷, feirante de 63 anos, o desconto compensa quando se trata do freguês fixo que sempre volta a sua banca. “Uma pessoa dessa, vale a pena dar desconto [...]. Agora uma pessoa que é turista e já chega na banca colocando preço na sua mercadoria, o que você vai fazer? Aí eu falo ‘Não leva, deixa aí’.”

Nem todos os feirantes, de acordo com o que foi levantado pelas entrevistas de modo geral, são adeptos da concessão de descontos. Flávio Serra²⁸ é um exemplo dos que não toleram a pechincha. “Eu falo uma ou duas vezes, pois o

²⁶ Entrevista com José Ramos, Feirante da Avenida Manoel Goulart, realizada em 15. mai. 2018.

²⁷ Entrevista com Creuza Gomes, Feirante da Avenida Manoel Goulart, realizada em 27. mai. 2018.

²⁸ Entrevista com Flávio Serra Marques, Feirante da Avenida Manoel Goulart, realizada em 15. jul. 2018.

freguês é chato, tem uns que chegam e ficam achando que você é obrigado a fazer o preço que ele quer e eu sou chato para caramba”.

Ainda em relação aos descontos, muitos feirantes sentem-se desmotivados e desvalorizados quando fregueses não querem pagar o preço que é dado as mercadorias. Barbosa²⁹, reflete sobre isso:

Aí é que está o problema, o pessoal aqui não dá valor para o produtor. Parece que a gente chega aqui e veio pedir esmola. Isso aqui é o meu serviço, eu tenho contas para pagar, mas aí o pessoal chega aqui e quer dar o preço na sua mercadoria. Eu sou diferente dos outros aqui, eu não consigo baixar muito o preço da mercadoria porque eu não consigo trabalhar de graça, eu tenho um gasto para produzir uma verdura de qualidade [...] então eu não tenho muita freguesia. Graças a Deus eu vou levando, não tenho tanto freguês igual os outros, mas o que eu tenho consigo me manter.

Ainda segundo Vinícius Pinto, Andler Pinto e Sidney Vieira (2011, p.125), esses valores, que se referem a dinâmica entre comprador e vendedor na feira, não são possíveis de serem encontrados em supermercados, esses não deixam espaço para uma relação de pertencimento, dada sua tendência a uma padronização que implica na descaracterização e impessoalidade do local onde acontece.

Porém este consumidor não deixa de ir ao supermercado, consome nas duas formas de comércio, ou seja, de certa forma está conectado com o mundo e as novidades do mercado massivo, mas encontra na feira livre a relação como pessoa, a interação, ser ouvido, o pertencimento ao local. (PINTO; PINTO; VIEIRA, 2011, p.126)

Sobre as diferenças entre os supermercados e as feiras livres, Silveira et al. (2017, p. 2), diz ainda que essas têm por finalidade a oferta de produtos mais baratos e de maior qualidade em relação aqueles. Soma-se a isso, como já dito anteriormente, o modo de abordagem e atendimento que se difere muito de um local para o outro. Dentro do espaço da feira, os vendedores possuem um jeito muito peculiar em fisgar o freguês.

[...] metade dos consumidores de uma feira livre vem atrás de um preço mais baixo e a outra parte vem à feira, pois aprecia a boa conversa proporcionada pelo meio. Talvez essa seja uma boa vantagem competitiva que os feirantes têm em relação aos supermercados e funcionários que não abordam os seus clientes para lhe oferecer frutas, verduras ou legumes com um jeito especial, característico. (SILVEIRA et al., 2017. p.57)

²⁹ Entrevista com Paulo da Silva Barbosa, Feirante da Avenida Manoel Goulart, realizada em 28. jun. 2018.

Os feirantes avaliam de modo diverso a concorrência com supermercados e sacolões no cenário atual. De acordo com o que foi apurado na pesquisa de campo e nas entrevistas, para a grande maioria dos trabalhadores, essa concorrência configura sim como uma grande ameaça a permanência da feira. São muitas as queixas quanto a quedas de vendas, quanto a concorrência desleal imposta por mercados que derrubam preços e fazem promoções no intuito de fisgar a clientela. Porém, cada tipo de comércio apresenta suas particularidades e os pontos de vistas entre os feirantes são muitos.

De acordo com Tsunoda³⁰, o diferencial da feira é a possibilidade de tratar diretamente com o dono das mercadorias, o que facilita a negociação. No mercado existe um funcionário ou um gerente como um intermediário entre freguês e o dono do negócio, o que dificulta uma relação de proximidade. “Aqui o dono está aqui em pé. Se ele quiser olhar... leva uma mercadoria ruim assim hoje, aí semana que vem ele traz a mercadoria [...] e fala ‘ó sua mercadoria assim não prestou né’, é isso.”

Na visão de Sampaio³¹, a competitividade estabelecida pela estratégia do supermercado é desleal. Segundo o feirante, é desleal porque “o supermercado tem a vantagem de ter mil e um produtos para poder faturar em cima. Então ali no hortifrutigranjeiro, o supermercado não visa lucro. Aquilo ali é um chamariz”.

Paulo Koga³², em sua análise acerca do diferencial da feira como algo que ainda segue atraindo público, se mostra otimista e afirma que a feira livre ainda possui condições de brigar de igual para igual com os mercados, ainda que esses ofereçam uma porção de facilidades. Sobre o assunto, Koga³³ reflete:

O problema da feira é o seguinte, como eu disse, o mesmo item que ele vai pegar no mercado, ele acha o preço deles limitado em x, um preço só, e não tem com quem reclamar. Na feira ele vai e acha a mesma mercadoria custando cinco ou seis tipos de preço. As pessoas que chegam na feira com pouco dinheiro também levam mercadoria, tem essa vantagem, é só ele andar e ele acha.

Seguindo seu raciocínio, Koga³⁴ afirma ainda que “[...] o pessoal de classe média e acima gosta de mercado, que já vai e compra tudo em um lugar só,

³⁰ Entrevista com Nogueira Tsunoda, Feirante da Avenida Manoel Goulart, realizada em 20. mai. 2018.

³¹ Entrevista com José Nunes Sampaio, Feirante da Feira Livre na Avenida Manoel Goulart, realizada em 01. jul. 2018.

³² Entrevista realizada com Paulo Koga, Feirante da Avenida Manoel Goulart, realizada em 20. mai. 2018.

³³ Idem.

³⁴ Entrevista com Paulo Koga, Feirante da Feira Livre da Avenida Manoel Goulart, realizada em 20. mai. 2018.

ele não está importando com o preço [...]. Agora, da classe média pra baixo, tudo vem para feira”.

Pelo exposto acima, os autores desse trabalho entendem o feirante, enquanto personagem oficial da feira, como sendo o responsável por construir a dinâmica no espaço público, atribuindo inúmeros significados a existência da atividade enquanto tradição. Eles se apropriam do espaço urbano, fazem a feira acontecer e atraem o público com as formas particulares de proporcionar mercadorias de qualidade, facilidade em negociar e interação, o que permite o comércio de rua sobreviver a competitividade com o comércio formal. Diante disso, mostra-se necessário compreender os modos como esses trabalhadores chegam até a feira, tornando-se parte dela.

Para traçar um perfil dos feirantes que atuam no espaço de uma feira livre, em especial no caso da Manoel Goulart, é preciso compreender as razões pelas quais eles se inseriam na atividade. Em relação ao histórico dos feirantes, Araújo (2012, p.62) disserta que muitas são as razões que levam uma pessoa a trabalhar na feira:

Se observarmos os personagens das feiras quanto a suas proveniências, perceberemos uma variedade de origens. Há aqueles que se constituíram enquanto tal na própria feira, onde aprenderam o ofício com seus pais, irmãos, padrinhos e familiares de uma maneira geral. Por outro lado, também há os que se tornaram feirantes por outras vias, como por exemplo, os que se casaram com feirantes, ou estavam em situação de desemprego e, na busca por trabalho informal, tornaram-se feirantes. Há também os que são feirantes e produtores. Nesse grupo se destacam os lavradores (agricultores), os artesãos e os pecuaristas.

Para começar, pode-se afirmar que a ligação entre o feirante e a feira varia de um para o outro. Vanessa Ferreira do Nascimento³⁵, por exemplo, entrou na profissão depois de se casar com Erli, como ela mesma afirma:

Meu marido sempre trabalhou a vida toda na feira, e quando me casei vim ajuda-lo na renda da família; no começo vendíamos somente laranjas, e hoje vendemos várias outras frutas, e para acrescentar a renda, montamos outra barraca na feira de Regente Feijó, enquanto eu e minha filha ficamos aos domingos na Manoel Goulart, Erli vai para Regente Feijó.

³⁵ Entrevista com Vanessa Ferreira Nascimento, Feirante da Feira Livre da Manoel Goulart, realizada em 10. dez. 2017.

Já os feirantes Sérgio Paraíso³⁶ e Sinira Paraíso³⁷ moravam em São Paulo. Sérgio trabalhava com eletrônicos, veio para o interior e não conseguiu emprego na área. Logo resolveu montar uma banca de pastéis na feira da Manoel Goulart onde está há mais de 15 anos e onde, segundo ele, nunca pensou em parar de trabalhar. Sérgio e Sinira não têm histórico de feirantes na família.

A feira é um local onde se podem encontrar histórias e personagens diversos. As razões que os levam a trabalhar nesse espaço podem ser ainda: por amor, cultura, tradição ou como é o caso do agricultor e feirante, José Nakano³⁸, que começou na feira ainda menor de idade, seguindo o mesmo caminho que o pai.

[...] nós compramos um sítio aqui perto da cidade né, uma chácara, aí começamos a trabalhar porque a área era pequena, então tinha que trabalhar na feira e começamos né. [...] era nós da família, nós éramos tudo pequeno e eu era menor de idade. Foi passando de pai para filho. Éramos produtores rurais, aí pensamos “vamos trabalhar uns dez anos de feira para ganhar dinheiro, e depois nós paramos”, e estamos aqui até hoje. Já passou de cinquenta anos [...] Um dos meus filhos me ajuda aos sábados e o outro é professor em Brasília. E aos domingos conta com a ajuda do Benedito, primo de minha esposa.

Como é possível observar na fala de José Nakano³⁹, o trabalho na feira possui também um caráter familiar. Verificou-se na presente pesquisa, muitas pessoas que cresceram na feira ou que foram influenciadas pelos pais, ou seja, um trabalho que se passa de geração para geração. Caso de Maria Roseli de Lima⁴⁰, conhecida na feira da Manoel Goulart como “Rosinha” entre os colegas feirantes e a freguesia, que aprendeu tudo com o pai quando entrou na feira há 32 anos sem jamais ter saído. Durante entrevista, Maria Roseli⁴¹ disse a seguinte frase: “Eu estou com 52 anos. Nunca trabalhei como empregada para ninguém”. Ela deixa claro que “ama” o trabalho que faz na feira.

O trabalho na feira exige uma rotina diferente. Grande parte dos feirantes ouvidos para essa pesquisa são produtores rurais, portanto, quase sempre o trabalho nas lavouras foi o que os levou para feira. Existem ainda os feirantes que não

³⁶ Entrevista com Sérgio Paraíso, Feirante da Feira Livre da Manoel Goulart, realizada em 31. dez. 2017.

³⁷ Entrevista com Sinira Paraíso, Feirante da Feira Livre da Manoel Goulart, realizada em 31. dez. 2017.

³⁸ Entrevista com José Nakano, Agricultor e Feirante da Feira Livre da Manoel Goulart, realizada em 31. dez. 2017.

³⁹ Idem.

⁴⁰ Entrevista com Maria Roseli de Lima, Feirante da Feira Livre da Manoel Goulart, realizada em 20. mai. 2018.

⁴¹ Idem.

produzem, mas vivem de comprar mercadorias no atacado para revender, conhecidos como “atravessadores”. Isso significa dividir-se entre a feira e as outras atividades.

A principal importância da feira livre pode ser medida a partir de sua função enquanto um meio de sobrevivência e sustento de indivíduos que não conseguiram se enquadrar em um mercado de emprego formal. Considera-se neste caso aspectos econômicos da atividade ao dividir a cidade em dois setores, também denominados de “circuitos” da economia: os circuitos superior e inferior. (SANTOS apud ANDRADE, 2015, p.43). Circuito superior refere-se aos avanços tecnológicos que promovem práticas comerciais modernas que beneficiam poucos. Já o circuito inferior consiste nos indivíduos não beneficiados pela modernização e que acabam recorrendo a atividades de pequena dimensão, que abrange também o setor informal de economia. Portanto, o feirante se insere no circuito inferior.

De acordo com Flávio Serra⁴², trabalhar na feira foi o único meio que encontrou para pagar as contas. Segundo ele, o que ganha na feira é mais do que ganharia como empregado. “Se eu trabalhasse de empregado ‘estaria na roça’, salário de empregado hoje é um salário máximo de mil e quinhentos reais. Minhas despesas em casa não pagam menos que mil e quinhentos reais.”

Através do trabalho como feirante, muitas dessas pessoas conquistaram muitas coisas, não só bens materiais, mas também coisas básicas e essenciais para uma vida com dignidade, como alimentação e estudo para os filhos, moradia, dentre outros benefícios. Segundo a maioria dos entrevistados, é possível sobreviver com os ganhos da feira, ainda que com dificuldades. Rose Tomiazzi⁴³, afirma que a feira livre, há 22 anos, é sua única fonte de renda. “Hoje é o meu ganha pão, de onde sai o meu sustento, a faculdade do meu filho, sai tudo daqui”.

De acordo com Roseli de Lima⁴⁴:

[...] a primeira coisa que fiz foi tirar a carta. Me lembro como hoje, eu tirei e eu já tinha uns “carrinhos” velhos para andar [...] Está com cinco anos que eu tenho um Fiesta para eu andar e eu sou feliz. É um 2003 e está bom demais já que eu usava um “fusquinha” 75, depois peguei um 93 “uninho”, agora está pago, comprei essa perua aqui vai fazer um ano, coitada, ela estava feia, arrumei tudo com o dinheiro da feira.

⁴² Entrevista com Flávio Serra Marques, Feirante da Feira Livre na Manoel Goulart, realizada em 15. jul. 2018.

⁴³ Entrevista com Rose Tomiazzi, Feirante da Feira Livre na Manoel Goulart, realizada em 17. jun. 2018.

⁴⁴ Entrevista com Maria Roseli de Lima, Feirante da feira Livre da Manoel Goulart, realizada em 20. mai. 2018.

Nem todos os feirantes apresentam a mesma perspectiva em relação ao trabalho que realizam. Enquanto uns estão satisfeitos, outros enxergam muitas dificuldades. Creuza Gomes⁴⁵ afirma que trabalha hoje na feira por necessidade e que o que ganha é o bastante para sobreviver, mas não para fazer planos e obter grandes conquistas. “Para quem trabalha com feira tem que economizar muito, porque você não pode contar só com a feira, fazer uma conta só com o dinheiro da feira, você tem que gastar conforme o que está ganhando.”

No ponto de vista de Sampaio⁴⁶, é possível obter sucesso desde que haja dedicação, não só no investimento em produtos de qualidade e no atendimento ao cliente, mas também na administração dos lucros. Ainda segundo Sampaio⁴⁷:

Só que tem muito feirante patinando tá! Outro segredo é comprar à vista, pagamento à vista, sabe, você tem que ter essa concepção de ir no mercado, lá você tem crédito para comprar fiado, mas um exemplo, uma caixa de tomate que lá você vai comprar à vista, você paga 30, se você for marcar, eles vão cobrar 40. Você pagando 40, você tem que vender mais caro. Então é uma corrente. E as vezes você vende aqui e vê o dinheiro no bolso, só que você se esquece que você está devendo lá. E é uma bola de neve.

São muitos os trabalhadores que dedicam uma vida inteira ao trabalho na feira. Foi possível notar que a história de cada um dos que foram ouvidos para essa pesquisa está colada ao comércio ao ar livre, independente da relação que possuem com o trabalho que realizam.

Fátima Magnezzi⁴⁸ tem 63 anos e há 47 está na feira. Hoje trabalha exclusivamente na Manoel Goulart aos sábados e domingos. Sobre o significado de feira em sua vida, Fátima constata:

Para mim foi a minha vida né. Porque eu não casei, não tive filhos, só tive a minha mãe e o meu pai para cuidar, e agora Deus levou minha mãe e eu fiquei sozinha, sempre vivi em função dos dois e esqueci de mim, sempre cuidei dos dois com carinho.

⁴⁵ Entrevista com Creuza Gomes, Feirante na Feira Livre da Manoel Goulart, realizada em 27. mai. 2018.

⁴⁶ Entrevista Com José Nunes Sampaio, Feirante da Feira livre da Manoel Goulart, realizada em 01. jul. 2018.

⁴⁷ Idem.

⁴⁸ Entrevista com Fátima Magnezzi, Feirante da Feira da Manoel Goulart, realizada em 22. jul. 2018.

Para além da sobrevivência, o trabalho como feirante proporciona outras conquistas, como o lazer, a sensação de pertencimento e de estar contribuindo de algum modo para a cidade e para as pessoas em geral. De acordo com Waldemar da Silva⁴⁹, de 73 anos, que possui um carrinho de caldo de cana na feira e que trabalha ao lado da mulher, Maria Isabete de 72, a importância de ser feirante em sua vida está no fato de se sentir útil apesar da idade. “O dia que a gente não vem sempre tem fregueses que sentem falta da gente, chega aqui e pergunta ‘Seu Valdemar não veio hoje? Dona Maria, não veio hoje?’”.

Josefa Novaes⁵⁰, de 82 anos e que expõe em sua banca os bordados e artesanatos que produz, apresenta um sentimento parecido ao de Waldemar. “É a minha vida! Gosto porque eu mesma faço, eu mesma vendo e eu vou pegando mais freguesia. O pessoal gosta de mim e eu gosto deles também”. Josefa afirma ainda:

É, é uma chance de mostrar meu trabalho, meu trabalho para mim é muito importante, eu estou numa idade que se ficar parado é ruim né. Ficar parado não dá, então já cedo faço meu café, tomo meu café e já vou com a minha cestinha para eu trabalhar lá na área. E ensino também para minhas amigas, para quem quer aprender. Aí eu ensino e não cobro nada, só peço para trazer o material. E mando eles venderem também.

Os feirantes entrevistados, em especial os de mais idade, que tem em média acima de 60 anos, não falam em sair da feira, pelo contrário. De acordo com Tsunoda⁵¹: “pela idade que eu estou, na verdade precisava já estar parado faz tempo, mas eu trabalho assim na roça e aqui porque a gente tem saúde né, principalmente saúde né”. Josefa⁵², segue a mesma linha de pensamento. “Olha eu não penso, só quando Deus me chamar. Enquanto eu tiver saúde eu estou vindo aqui.”

Por outro lado, há aqueles que pretendem deixar a feira, caso de Larissa de Azevedo⁵³. “[...] não quero ficar ‘velhinha’ aqui não, pois é muito cansativo. Para você ser feirante você tem que ter muita opção, pois não é fácil”. Sobre o futuro, Flávio

⁴⁹ Entrevista com Waldemar Augusto da Silva, Feirante da Feira livre da Manoel Goulart, realizada em 17. jun. 2018.

⁵⁰ Entrevista com Josefa Novaes, Feirante da Feira Livre na Manoel Goulart, realizada em 10. jun. 2018.

⁵¹ Entrevista com Nogueira Tsunoda, Feirante da Feira Livre da Manoel Goulart, realizada em 20. mai. 2018.

⁵² Entrevista com Josefa Novaes, Feirante da Feira Livre na Manoel Goulart, realizada em 10. jun. 2018.

⁵³ Entrevista com Larissa de Azevedo, Feirante da Feira Livre na Avenida Manoel Goulart, realizada em 15. jul. 2018.

Serra⁵⁴ afirma não gostar de pensar muito a respeito. “Mudar de ramo? Não penso, não tem como sossegar em casa [...] A gente não pode pensar em coisas, não podemos pensar no amanhã, pois ele só pertence a Deus, temos que pensar no hoje.”

Todo o exposto acima permite compreender os trabalhadores da feira como personagens que emprestam histórias, tempo e cultura, que compartilham sonhos e até mesmo sentimentos, preenchendo assim o espaço público e compondo a dinâmica que se estabelece no local. Dessa forma, os autores desse trabalho puderam compreender que a maior parte da importância de uma feira livre reside no que ela contribui na vida dessas pessoas. Helena Tonzar⁵⁵ sintetiza o significado da feira na vida do trabalhador:

A feira significa nosso futuro né, que é através dela que a gente vai ter nosso dinheiro para eu poder estudar o meu filho que quer fazer Medicina. Então à feira representa o futuro. Em uma palavra, trabalho, porque a gente vem para feira e tem que trabalhar né. A gente faz as coisas com amor e carinho.

O encontro das necessidades e aspirações dos feirantes, bem como suas ações no espaço onde ocorre a feira, vão de encontro aos desejos perseguidos por frequentadores, indivíduos que conservam o hábito de ir a uma feira livre não necessariamente ligado ao desejo de consumir e comprar, mas o de pertencer. A partir desse encontro a feira livre se manifesta configurando-se e reconfigurando-se enquanto uma amostra da cidade, refletindo sua diversidade, seus tipos, sua economia e até mesmo mazelas, desigualdades. O item seguinte se concentra nos significados que a feira livre adquire para com a população e a comunidade como um todo.

4.4 O Significado da Feira para Cidade e para o Povo

A forma em que se dá uma feira diz muito sobre a região ou local em que a mesma acontece. É quase como um reflexo do contexto em que vivem os personagens que constroem essa dinâmica, ao mesmo tempo em que contribui para a formação da identidade do local. Sobre isso, Silva (2006, p.27) fala que "a

⁵⁴ Entrevista com Flávio Serra Marques, Feirante da Feira da Lua da Manoel Goulart, realizada em 15. jul. 2017.

⁵⁵ Entrevista com Cesar Tonzar e Helena Tonzar, Feirantes na Feira Livre da Manoel Goulart, realizada em 22. jul. 2018.

comunidade traz a cultura para feira e esta molda-lhe com os antagonismos", aqui entendidos como comprador/vendedor, rural/urbano, campo/cidade.

Araújo (2012, p.51) expõe o papel que a modalidade de comércio ao ar livre e em espaço público desempenha no meio social através das relações estabelecidas entre tempo, agentes sociais e os processos que fazem com que "[...] a vida citadina carregue grande diversidade e riqueza de possibilidades plurais de rituais, comportamentos, normas e limites de uso e apropriação do território urbano".

É importante considerar os aspectos econômicos e de que maneira esses influenciam o meio no qual as feiras estão inseridas. Segundo Silva (2006, p.29), as atividades realizadas pela sociedade nesse ambiente possuem um papel importante no desenvolvimento da economia local.

Como visto no item anterior, o cenário econômico em que se situa a feira, revela os circuitos da economia que se apresentam em determinado local, que se dividem em inferior e superior. Entendido isso, é possível analisar os aspectos econômicos em relação aos comércios realizados ao ar livre de modo a concluir que esses têm papel fundamental no abastecimento interno da população e na garantia do sustento de vida do trabalhador inserido no circuito inferior, no caso, o feirante.

De acordo com Silva (2006, p.25), transpondo as reflexões quanto aos aspectos econômicos, existe a necessidade de analisar a atividade feira para além da simples compra e venda de mercadorias:

Há que se compreender, todavia, a feira não como um final de um ciclo, mas como instrumento de um efetivo desempenho na dinâmica de insumos e consumos. A feira livre nesse aspecto integra a vida socioeconômica da região como esteio de fundamentação e efetivação do trabalho como prática de sobrevivência e consagração dos valores civilizatórios.

Segundo Chaves (2011, p. 23), as feiras possuem a capacidade de absorver diferentes atividades dentro de seu espaço limitado. Ele a define como um "museu da cultura local de curta periodicidade". Ainda segundo o autor, é nessa área em que se podem encontrar os principais equipamentos de comércio e prestação de serviços no âmbito das pequenas cidades do interior.

Outro aspecto importante referente à feira tem relação aos saberes populares do trabalho que ela permite estabelecer. "Pode-se constatar que trabalhadoras e trabalhadores urbanos, no universo das feiras livres constroem e

reconstroem, cotidianamente, saberes ao longo de suas trajetórias." (SOUZA, 2015, p.129)

Essa ideia é ligada aos atos, comportamentos, gestos, movimentos, dizeres, modos de agir e se relacionar típicos do ambiente:

Podemos afirmar que, em seu cotidiano, as crianças e adolescentes feirantes, desenvolveram estratégias pessoais para a resolução de situações-problema, através de mecanismos não-formais – como o cálculo mental, os arredondamentos, as estimativas – tudo isso sem o auxílio de máquinas de calcular ou sem recorrer a cálculos escritos. (ALMEIDA, 2009, p.50)

Voltando-se para os aspectos sociais, Andrade (2015, p.16) disserta que, "a feira se destaca como espaço de socialização, promovendo o encontro e desencontro de indivíduos". Chaves (2011, p.22), ao abordar as relações sociais existentes em uma feira livre, fala sobre a proximidade entre o vendedor e o comprador, e sobre as motivações que levam as pessoas para a feira, não limitadas ao consumo, mas para "jogar conversa fora"; trocar experiências ou preservar uma tradição.

Segundo José Ramos⁵⁶: "eu tinha cliente que acordava cedo, ia na feira, conversava, e só entrava para dentro quando acabava a feira. Tem pessoa que quer conversar. É importante por causa da comunicação."

Durante a pesquisa de campo, os pesquisadores puderam notar que a feira da avenida Manoel Goulart é um ambiente democrático onde circulam pessoas de todos os níveis sociais e econômicos, o que facilita a formação de uma ponte para a sociabilidade. Notou-se ainda, confirmando o que disseram os autores analisados, que os trabalhadores que preenchem o local não se preocupam apenas em vender, mas também em criar um elo com a clientela. Os mesmos fazem perguntas pessoais sobre: a mãe, pai, filhos netos e acabam jogando conversa fora, o que evidencia a familiaridade com os que chegam na banca.

Além das relações entre vendedores e fregueses, foram observadas também as interações entre os próprios feirantes, que visitam um a banca do outro e que manifestam uma relação de parceria, assim como as relações entre os frequentadores. É comum encontrar na feira rodas de conversa, pessoas se

⁵⁶ Entrevista com José Ramos, Feirante da Feira Livre da Manoel Goulart, realizada em 15. mai. 2018.

encontrando, se abraçando, falando sobre assuntos do cotidiano, bem como a presença de famílias inteiras no local, pais e filhos, casais ou grupos de amigos.

Andrade (2015, p.38) confirma esse ponto de vista sobre a feira ao também apontar que as atividades do comércio de rua não se resumem apenas ao consumo material:

Para muitos, a prática de ir à feira é um momento não só de compras e vendas, um espaço de comércio, é também um espaço de socialização onde os indivíduos reveem amigos e parentes, pois muitos não se veem há muito tempo, sabem notícias dos familiares, colocam a conversa em dia, discutem sobre os assuntos recentes, discutem política e futebol, entre outros. Já outros indivíduos visitam a feira apenas para perambular e jogar conversa fora.

Segundo Araújo (2012, p.52), a feira se torna uma "efervescência social" na medida que as pessoas de ambientes rurais ou de outros centros urbanos se deslocam até ela. Ainda de acordo com a autora, essa efervescência se caracteriza pela "multiplicidade de sujeitos, com vários eventos, modificando, ainda que por um período curto, a temporalidade da cidade e imprimindo um dinamismo diferente do rotineiro, do habitual".

Na feira livre da Manoel Goulart é possível perceber essa característica da atividade quanto ao rompimento do 'protocolo', da convivência, ritmo, modo de ser e classes sociais, o que permite que este espaço público seja de fato um espaço público, onde todos têm vez e voz.

Segundo Roseli de Lima⁵⁷, "A mulherada quando eu chego na feira eu tiro o sarro porque elas falam 'Rosinha' [...] a gente não sai, mas quando chega na feira encontra todo mundo', mas é isso, eles não vão somente para comprar, conversa com um, conversa com outro."

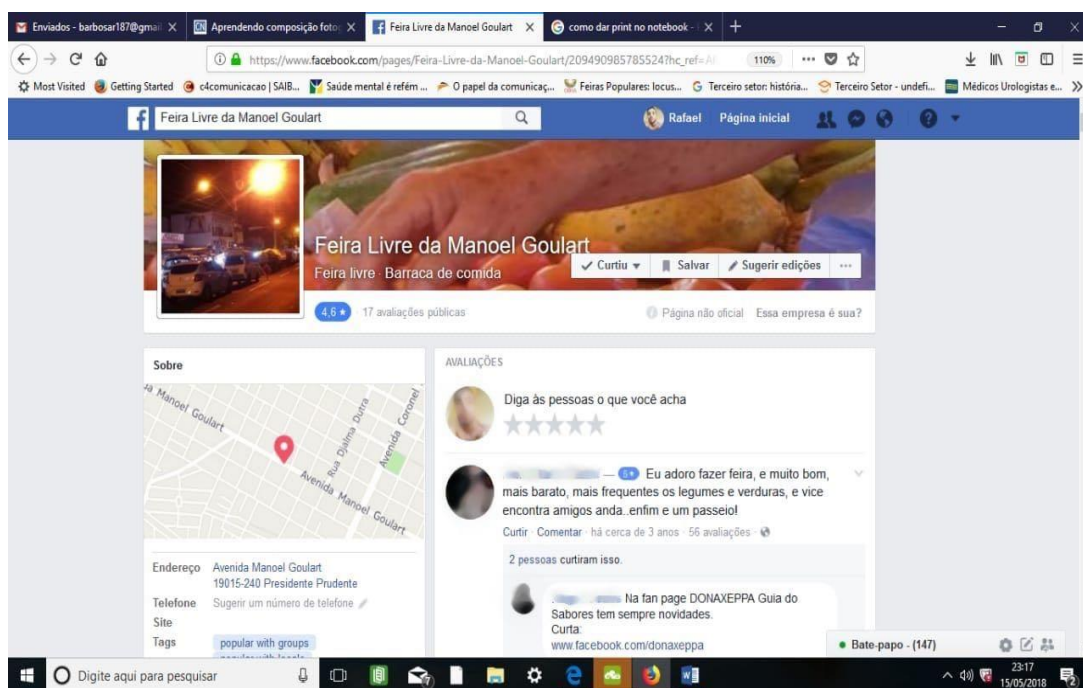
Uma evidência de que as feiras livres realmente ultrapassam as definições de atividade econômica e comercial é a sua presença nas redes sociais. A partir de páginas, publicações e comentários diversos, tem-se uma amostra do significado do comércio de rua para as pessoas.

A feira livre da Manoel Goulart possui atualmente uma página no Facebook (Figura 18) estando indicada como feira de compras e varejo. Lá se encontra o endereço e os horários de funcionamento. Na parte superior, logo que se

⁵⁷ Entrevista com Maria Roseli de Lima, Feirante da Feira livre na Manoel Goulart, realizada em 20. mai. 2018.

abre a página, é oferecida a oportunidade de avaliar a feira dentro de um esquema de atribuição de nota.

Figura 18 – Página da feira livre da Manoel Goulart no Facebook.



Fonte: Página da feira na Manoel Goulart < <https://www.facebook.com/pages/Feira-Livre-da-Manoel-Goulart/209490985785524> > Acesso em: 16. abr. 2018.

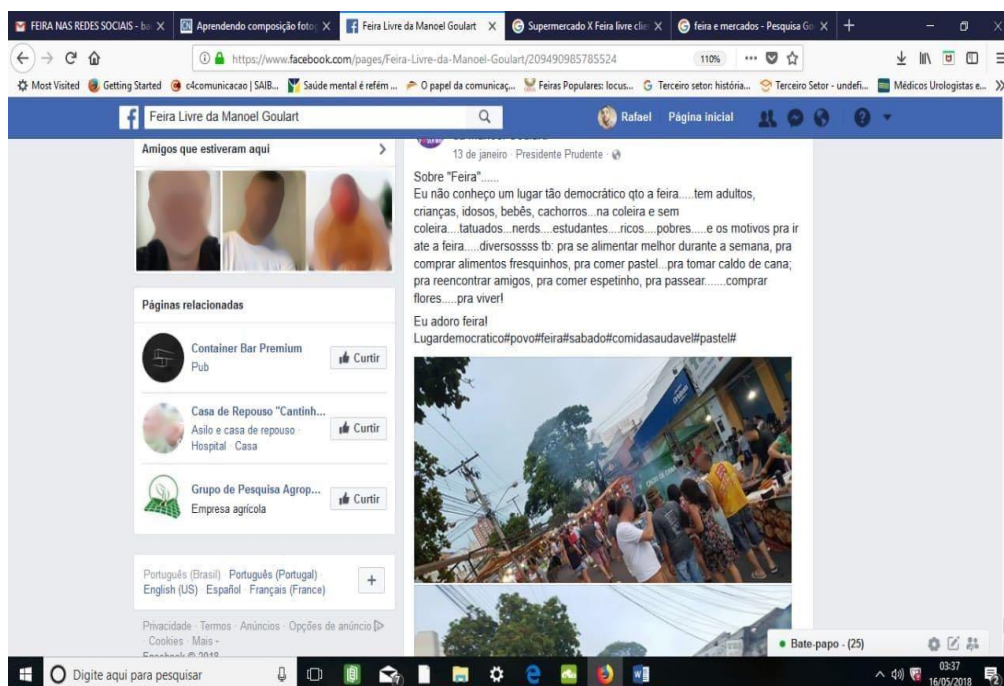
“Eu adoro fazer feira, é muito bom, mais barato, mais frequentes os legumes e verduras, e você encontra amigos, ainda bem né, enfim. É um passeio!”⁵⁸. Essa citação foi retirada em um dos comentários avaliando a feira no Facebook. Aqui se confirmam algumas das aspirações dos frequentadores da feira: a busca por produtos típicos, característicos do local, no caso, os legumes e verduras mais frescos e mais baratos. É isso o que faz com que feira ainda mantenha credibilidade quanto à oferta e exposição de suas mercadorias e, principalmente, a oportunidade de diversão, do encontro e de fazer parte de algo.

Ao rolar a página, é possível verificar as publicações dos frequentadores que geralmente postam fotos e *status* indicando a localização. A partir daí têm-se

⁵⁸ Comentário extraído da página da Feira Livre da Manoel Goulart no Facebook. Disponível em: < <https://www.facebook.com/pages/Feira-Livre-da-Manoel-Goulart/209490985785524> > Acesso em: 16.abr. 2018.

uma porção de fotografias com imagens de famílias, dos produtos e das pessoas demonstrando o seu relacionamento com a feira (Figura 19).

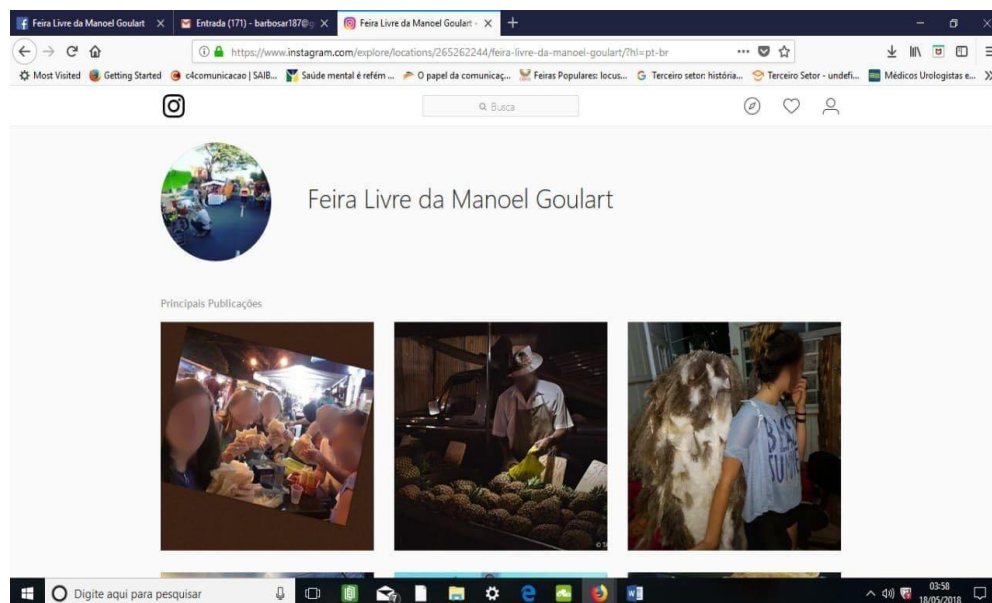
Figura 19 – Publicações na página da feira da Manoel Goulart no Facebook



Fonte: Página facebook < <https://www.facebook.com/pages/Feira-Livre-da-Manoel-Goulart/209490985785524>> Acesso em: 16.abr. 2018.

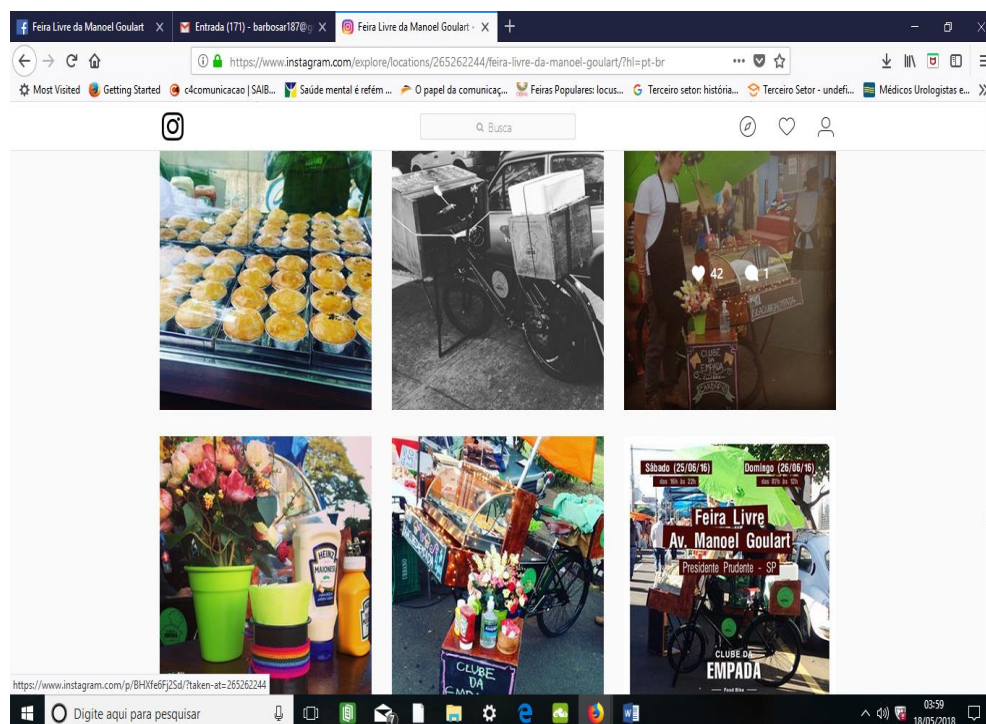
A feira livre na Manoel Goulart está presente também no Instagram (Figura 20), rede social especializada em fotografias, onde também se pode analisar os significados da modalidade de comércio ao ar livre para as pessoas. A partir do momento em que o indivíduo ativa sua localização por meio de um dispositivo celular com GPS, suas fotografias são enviadas a página da feira. O perfil reúne centenas de fotos (Figura 21) diversas que servem de amostra para caracterizar a feira como uma fonte de lazer e um aspecto da cultura local.

Figura 20 – A Feira da Manoel Goulart no Instagram



Página da feira livre da Manoel Goulart no Instagram.
Disponível em < <https://www.instagram.com/explore/locations/265262244/feira-livre-da-manoel-goulart/?hl=pt-br>> Acesso em: 18.mai.2018.

Figura 21 – Publicações na página da Feira da Manoel Goulart no Instagram



Página da feira livre da Manoel Goulart no Instagram.
Disponível em < <https://www.instagram.com/explore/locations/265262244/feira-livre-da-manoel-goulart/?hl=pt-br>> Acesso em: 18.mai.2018.

A partir das informações apresentadas, é possível afirmar que a feira livre é um importante aspecto dentro de uma comunidade, como no caso de Presidente Prudente. As pessoas são levadas ao espaço não apenas no intuito de comprar, mas para socializar e entreter-se, como o reflexo de uma tradição. O valor tradicional da feira pode ser apontado como a razão de sua resistência frente às transformações sociais e que permite vislumbrar seu futuro, como é abordado no item abaixo.

4.5 O Futuro do Comércio de Rua

Ao longo dos anos, de modo geral, as feiras livres foram sofrendo interferências e passando por inúmeras transformações. Na contemporaneidade, elas enfrentam um mercado cada vez mais competitivo, tendo como principais concorrentes os supermercados e sacolões. Isso se dá principalmente pelas exigências do consumo moderno, como aponta Chaves (2011, p.23). Ainda segundo o autor:

[...] a feira livre hoje pode ser uma representação do passado, ou seja, é uma rugosidade que ainda resiste as transformações do presente, e mesmo se transformando, busca de maneira significativa novas características para sua continuidade no lugar.

Ainda assim, atualmente as feiras livres resistem às adversidades e permanecem ressignificando-se e adaptando-se aos novos cenários sem perder suas raízes históricas, preservando um hábito, um costume, uma tradição entre os públicos. Quando se fala sobre o fim da atividade, Guimarães (1969, p.92) disserta que:

Indiscutível se torna que até os dias atuais, as, feiras-livres satisfazem plenamente ao abastecimento, em termos de varejo. Retirá-las seria firmar uma lacuna, que somente se preencheria com uma forma de comércio Varejista que se assemelhasse às feiras.

Segundo Vinícius Pinto, Andler Pinto e Sidney Vieira (2011, p.128) não há exatamente uma concorrência entre às duas formas de comércio, e sim uma espécie de nichos específicos. Para os autores, existem então consumidores de feira e os de supermercado que buscam coisas diferentes ao escolher onde comprar. Os consumidores de feira procuram satisfazer-se culturalmente, ou seja, trata-se de um

hábito geralmente cultivado desde a infância. Também é dada preferência para as relações estabelecidas, aos atendimentos, ao lazer proposto. Já os frequentadores de supermercados buscam aquilo que a feira já não consegue oferecer e a escolha por esse tipo de comércio também se mostra uma resposta cultural a algum planejamento de *marketing* ou apelo publicitário.

Cada feira livre possui sua peculiaridade, embora existam alguns paradigmas na forma de fazê-la. De acordo com a pesquisa bibliográfica e observação em campo empreendidas no presente estudo, é possível dizer que tal modalidade de comércio, por seu valor tradicional e por se classificar como uma atividade informal, conserva formas arcaicas de se organizar, como, por exemplo, o emprego de balanças manuais, a própria estrutura das bancas, a abordagem e mecanismos de venda.

Ao observar o espaço, os autores desse trabalho puderam perceber que a feira, embora conservando seus modos tradicionais de comercialização, tenta se adaptar aos novos tempos. Hoje, além de frutas, legumes e verduras, o comércio de rua comercializa roupas, calçados, brinquedos e objetos em geral. Muitas feiras já aderiram o cartão de crédito como forma de pagamento.

O espaço público em que acontece o comércio livre também já não é restrito aos produtores rurais. Há os feirantes que compram mercadorias de um intermediário ou que estabelecem novas formas de comércio como as bancas especializadas nos produtos citados acima e as praças de alimentação. Existem ainda os vendedores ambulantes ou artistas de rua itinerantes que se apropriam da dinâmica para vender seu trabalho.

Relatos dos feirantes revelam que ao longo dos anos a feira da Manoel Goulart foi perdendo espaço. Antes, enquanto acontecia, a atividade ocupava os dois lados da avenida. Hoje ocupa apenas um, deixando o outro para o trânsito normal de veículos. Sobre as mudanças pelas quais passou a feira na Manoel ao longo dos anos, Tsunoda responde⁵⁹:

Há vinte anos atrás [...] antes dos vinte anos, eu trabalhava [...] plantava melancia, aqueles melões caipiras [...] aí a gente aqui tinha fila de caminhão, vinte, trinta caminhões ali vendendo. Um vende abacaxi, outro vende laranja, porque supermercado não tinha antigamente né, aí é aquela fila de trinta, quarenta caminhões assim [...] numa noite eu vendia um caminhão lotado de

⁵⁹ Entrevista com Nogueira Tsunoda, Feirante da Feira Livre na Manoel Goulart, realizada em 20. mai. 2018.

melancia, aí ia embora e depois voltava, aí cedo estava com outro restinho de melancia que tinha sobrado em casa, a gente trazia e vendia.

Sobre a diminuição da feira na Manoel, o historiador Macedo⁶⁰ atribui não só à concorrência e à mudança de hábitos do consumidor, mas à descentralização da atividade no município. Outras feiras foram surgindo no interior dos bairros de Presidente Prudente, o que fez com que as pessoas já não mais tivessem que se deslocar para o centro.

Ainda de acordo com Macedo⁶¹, sempre houve discussões por parte do poder público municipal quanto à retirada dos feirantes da Manoel Goulart para alocá-los em outro espaço. No entanto, os trabalhadores sempre se recusaram a sair. O historiador acredita que esse seria o ideal, no entanto ele reconhece o valor tradicional que a atividade tem para a população e a isso atribui a resistência da feira.

Ela é a tradição então não pode arrancar porque todo mundo, o que se ouve falar é que já é uma tradição essa feira. [...]. Se sair daqui você vai fazer o que? você pode ir para outro lugar fechado para onde for; mas um lugar fechado não é a mesma coisa, porque se chama feira livre, é livre para todo mundo, gato, cachorro, pode ir quem for.⁶²

Diante do que foi apresentado, é possível constatar que, ainda que os grandes supermercados ou hipermercados inseridos no circuito superior da economia proporcionem conforto, comodidade e facilidade, eles não conseguem substituírem a feira em relação ao seu público. Isso quer dizer que as pessoas que frequentam a feira não o fazem apenas com o objetivo de consumir, como acontece nos supermercados. Pelo contrário, as pessoas vão à feira socializar-se. De acordo com Guimarães (1969, p.91), esse ambiente é um ponto importante, principalmente para as pessoas de baixo nível econômico, o que preserva sua função de abastecedora interna.

Talvez o seja ainda por muito tempo, porque a cidade cresce, se embeleza, torna-se até turística, mas ainda possui a população em grande parte, de baixo nível econômico social, de padrão de vida que muito deixa a desejar; a feira é o armazém dessa população: do pobre e do indivíduo de classe média baixa, principalmente. (GUIMARÃES, 1969, p.91)

⁶⁰ Entrevista com Ronaldo Macedo, historiador de Presidente Prudente, realizada em 19. mar. 2018.

⁶¹ Idem.

⁶² Entrevista com Robson Arantes, Feirante da Feira livre na Manoel Goulart, realizada em 20. mai. 2018.

As pessoas buscam a feira não pelo simples fato de comprar, mas por razões além. O local é um evento público, um ponto de encontro onde se busca interagir, descobrir, relacionar-se e fazer parte de algo. É nesse sentido que ela vem demonstrando força para continuar a atravessar o tempo.

5 PROJETO EDITORIAL FOTOLIVRO FEIRA LIVRE

5.1 Introdução

O presente projeto apresenta as bases para a produção do fotolivro “Três por um: a feira livre da Manoel Goulart”, um trabalho documental sobre a tradicional feira prudentina. Durante todo o processo de produção, buscou-se promover uma interpretação do comércio de rua a partir de uma narrativa fotográfica capaz de apresentar a dinâmica do local e seus personagens, proporcionando desse modo um ponto de vista acerca de sua qualidade social e cultural. Buscou-se ainda preservar a memória da feira para a sociedade prudentina por meio de um registro histórico, bem como satisfazer as lacunas referentes à documentação existente junto aos órgãos públicos. Para atingir tais objetivos, foram empregadas as técnicas e a linguagem fotográfica, tendo ainda o jornalismo como parâmetro.

A escolha da fotografia como meio de registrar a feira livre da Manoel Goulart se deu por sua qualidade documental e sua função enquanto mediadora entre o homem e o mundo. Conforme o referencial teórico estudado, no que diz respeito aos usos da imagem iconográfica ao longo da história, é possível constatar que a importância do registro se reflete na necessidade do homem de ver-se representado. Sendo assim, observa-se que, por meio da imagem, pode-se revelar o interior de uma cultura, de uma comunidade ou um povoado, colaborando dessa maneira para o conhecimento e construção de um mundo histórico.

Em relação ao fotolivro, esse é constituído por fotografias reunidas em conjunto a fim de mostrar a realidade de determinado local. Em geral, o objetivo de um autor é quase sempre mostrar para os leitores os pormenores de uma realidade através da perspectiva fotográfica, na intenção de agregar conhecimento ao indivíduo. Seguindo esse pensamento, os autores desse trabalho escolheram o fotolivro como peça prática, tendo como finalidade abordar os aspectos culturais e sociais da feira livre de Presidente Prudente a partir do registro das ações praticadas ao longo da realização da atividade.

A peça prática possui característica documental, pois prescinde do estudo e levantamento de dados acerca de informações relevantes sobre a comercialização na feira livre. Desse modo, buscou-se esse conhecimento através das teorias de autores extraídas de livros, dissertações e documentos oficiais

disponibilizados pelos órgãos públicos da cidade. Soma-se a isso também a própria imersão e vivência dos autores no local, fundamental para o trabalho de documentação fotográfica.

O fotolivro documental da feira é composto por três capítulos que retratam a dinâmica do local e que trazem luz a alguns dos significados inerentes à atividade, por isso o título “Três por um”. O primeiro é focado na montagem, o segundo na movimentação e o último na desmontagem. Cada capítulo inicia com pequenos textos introdutórios que trabalham a historicidade das imagens, orientando a leitura. Constam no final do livro, os retratos dos personagens presentes ao longo da narrativa.

Os autores desse trabalho buscaram confeccionar um material capaz de apresentar informações que futuramente ajudarão a orientar outros pesquisadores que venham a manifestar interesse pelo assunto, valorizando principalmente as atividades exercidas pelos feirantes na cidade e contribuindo para a memória da feira livre da avenida Manoel Goulart.

5.2 Objetivos

5.2.1 Objetivo geral

Produzir um fotolivro que promova a documentação da feira livre da avenida Manoel Goulart em Presidente Prudente.

5.2.2 Objetivos específicos

- Planejar e produzir fotografias que traduzam ao público o ponto de vista dos autores em relação às trocas culturais, sociais e comerciais existentes em uma feira livre;
- Aplicar as técnicas e a linguagem fotográfica de modo a ressaltar a intencionalidade dos autores;
- Contribuir para a documentação da feira da Avenida Manoel Goulart junto aos órgãos públicos;
- Servir de apoio para futuros trabalhos acadêmicos que tenham como base este tema;

- Proporcionar a construção da memória coletiva prudentina valorizando a feira livre e atividade dos trabalhadores no local.

5.3 Justificativa

Ao considerar o comércio ao ar livre em espaço público como algo que ultrapassa características comerciais e que alcança o valor cultural para cidade onde ocorre, considerando ainda a influência e os papéis que desempenha, faz-se necessário o debate e a reflexão acerca do assunto. A fotografia enquanto suporte, contribui nesse sentido, por seu valor documental e sua capacidade em recriar um mundo físico, proporcionando representar, interpretar e preservar uma realidade em termos de registro histórico.

Com esse trabalho, tem-se a oportunidade de ampliar os horizontes dos leitores do fotolivro acerca da dinâmica de uma feira livre inserida no contexto social, cultural e econômico de Presidente Prudente. Isso significa pensar na atividade como algo a ser problematizado e que se mostra fundamental para a construção de identidade do povo prudentino.

Esse fotolivro se justifica socialmente, em primeiro lugar, pela ausência de trabalhos anteriores que abordaram o assunto de forma aprofundada. Em sequência, pelo fato de ter-se verificado uma deficiência e desorganização em relação à documentação existente em órgãos públicos, referente às feiras de Presidente Prudente, incluindo a da avenida Manoel Goulart, maior e mais antiga feira da cidade. Nesse sentido, espera-se, com esse trabalho, agregar ao que se tem de documentos sobre feira, ainda que por meio de representação fotográfica.

A escolha da fotografia, como suporte para materialização e interpretação acerca do tema, deu-se principalmente por seu valor documental. Ao mesmo tempo, a fotografia possibilita uma representação que fornece condições para o leitor interpretar e refletir uma realidade através de um fragmento da mesma. Uma imagem não é apenas o que se vê, mas os sentidos, informações e contextos que apresenta. Compreende-se aqui a qualidade de mediadora entre homem e mundo inerente a fotografia.

O maior desafio desse trabalho foi construir um documento que fosse capaz de satisfazer a defasagem de documentação acerca da Feira livre na Manoel

Goulart e que, ao mesmo tempo, permitisse a construção de sua memória, possibilitando ainda a atuação do fotolivro enquanto instrumento de informação, conhecimento e pesquisa para as gerações futuras.

Academicamente e pessoalmente, a realização desse fotolivro justifica-se pela oportunidade de empregar as técnicas e a linguagem fotográfica aliadas a prática jornalística, no que se refere à coleta, tratamento das informações e construção da narrativa em um trabalho que visou contribuir para discussões e reflexões no tocante a sociedade. Portanto, os autores puderam atuar como agentes políticos e sociais.

Acredita-se que, por meio da fotografia, a sociedade prudentina pode sentir-se representada através do registro de um aspecto de sua cultura que envolve questões comerciais, econômicas, sociais, políticas e espaciais, como é o caso da feira, além de ter a tradição da feira livre na Manoel Goulart preservada por meio do registro.

5.4 Público-Alvo

O fotolivro tem como público toda a sociedade prudentina, tais como os moradores, órgãos públicos, estudantes e demais pessoas que anseiam obter conhecimento referente à feira livre, mas sobretudo, os próprios feirantes retratados.

5.5 Linha Editorial

O fotolivro documental, enquanto peça prática desse TCC, propõe uma narrativa que seja capaz de revelar os pontos mais fortes dentro da dinâmica da feira livre na Manoel Goulart. O objetivo é promover um novo olhar para a atividade, tendo como foco a sua importância no âmbito social e cultural de Presidente Prudente. Basicamente, a ideia é provocar no leitor uma reflexão quanto ao valor que uma atividade como a feira tem para a comunidade e a sociedade.

A narrativa tem como ponto de partida os personagens reais. O comércio ao ar livre não existiria se não fosse o trabalho dos feirantes, se não fosse o esforço diário deles. Os autores entendem que é através dessas pessoas e de suas ações no espaço urbano que a feira ganha vida e se constrói periodicamente, estabelecendo

uma dinâmica muito particular de compra e venda, de trocas sociais e culturais. A feira livre ganha consistência quando a necessidade de trabalhar e sobreviver dos feirantes encontra os desejos de consumo, entretenimento e pertencimento dos frequentadores.

O estudo da feira realizado pelos autores, destacando-se a vivência no local onde foi possível observar de perto como a atividade acontece, caracteriza o fotolivro como um trabalho documental. O caráter jornalístico se dá a partir do emprego das técnicas jornalísticas durante os procedimentos de coleta de dados e informações, que no caso foram o levantamento de fontes, pesquisa e apuração em documentos e bibliografia, resultando no discurso a ser transmitido por meio da narrativa de imagens.

O discurso assumido pela narrativa apresentada no fotolivro, destaca a importância da feira livre que emerge da capacidade dela em promover o encontro de diferentes indivíduos e de refletir aspectos da comunidade, como a economia local, os hábitos, costumes, a cultura e até mesmo as necessidades e desigualdades. É nisso que reside o aspecto social e cultural da feira, configurando-a como uma amostra da vida cidadina. Porém, a partir da observação da dinâmica do local, destaca-se como o ponto mais forte a função da atividade enquanto um meio de trabalho e sobrevivência de pessoas não inseridas em um mercado formal de emprego.

Posto isso, a narrativa do fotolivro tem como espinha dorsal o elo entre os trabalhadores e a feira livre. A história construída através das imagens se concentra em provocar no leitor uma reflexão quanto à importância da feira livre ao se pensar no quanto ela é significativa na vida das pessoas que a realizam. A ideia é fazer com que os leitores se perguntem sobre quem são os feirantes, o porquê eles estão na feira, quais as histórias deles, quais seus sonhos e objetivos e a partir disso entender como a atividade acontece e o porquê sua memória merece ser preservada.

Quanto à produção do fotolivro propriamente dita, as fotografias aliadas a pequenos textos perseguem uma sequência lógica de um dia de trabalho na feira. Isso significa trabalhar a essência da atividade, mas sem perder o viés cronológico, resultando em uma narrativa poética em que a justaposição de imagens proporcione sentidos e gere sentimentos diversos.

O ponto de partida é a chegada dos fregueses ao local para montagem das bancas, buscando evidenciar as mudanças no território urbano e traduzir os sentimentos e aspirações do trabalhador em relação ao dia de trabalho. A narrativa

se segue apresentando a aglomeração de pessoas, os encontros, as interações entre os fregueses e os feirantes, as mercadorias, a organização e toda a diversidade que se mostra. O fotolivro se encerra com a desmontagem das bancas, ou seja, a volta do espaço em seu uso original, os resquícios da feira e as sensações dos trabalhadores quanto ao resultado do dia. Cada momento desse constitui um capítulo do fotolivro, cujas imagens devem transmitir significados que podem ser expressos por palavras-chaves.

O capítulo um retrata a montagem da feira. Este é o momento que permite refletir sobre as expectativas do feirante para mais um dia de trabalho. As imagens nesse caso, observando as ações e funções do trabalhador no local, devem transmitir os sentidos de oportunidade, meio de sustento, energia, força física, determinação, estrutura, estratégia, anonimato e invisibilidade.

Já o segundo capítulo tem como foco toda a movimentação da feira, trabalhando imagens que retratam a aglomeração de pessoas, as interações e trocas ocorridas no local, bem como os contrastes e toda a diversidade. Os significados que emergem da reflexão sobre essa etapa, sempre a partir da perspectiva do trabalhador da feira, são: rotina, dinâmica, relacionamento com os fregueses, força física, persuasão, persistência, atendimento, dinheiro, mais expectativa, as necessidades e problemas e o elemento urbano.

Por fim, o terceiro e último capítulo se concentra na desmontagem e encerramento de um dia de trabalho na feira. Muitos elementos e significados trabalhados pela fotografia nesse livro se repetem aqui onde buscou-se amarrar a narrativa através de uma reflexão quanto à sensação de dever cumprido do feirante diante de mais um dia trabalhado. Os significados perseguidos nesse caso são: os sentimentos de alegria, decepção ou indiferença; a dor física e mental; o cansaço e resiliência; o lucro ou o prejuízo; a volta ao lar e para a família, a esperança e perspectiva para o amanhã.

Ainda em relação à narrativa, a escolha do nome do fotolivro, bem como os títulos dos três capítulos, persegue a ideia pretendida ao estabelecer o conceito da peça. Buscando fazer uma analogia aos dizeres típicos dos feirantes durante as vendas de suas mercadorias, anunciando os preços e qualidade dos produtos de forma particular, definiu-se o título “Três por um: a feira livre na Manoel Goulart”. O título significa a representação da feira a partir de três etapas em um único livro. Seguindo esse raciocínio, o capítulo dedicado a montagem recebeu o nome “1 é 6”; o

da movimentação passou a se chamar “2 é 10” e o da desmontagem “3 é 13”, que indicam o horário de cada etapa, evidenciando o viés cronológico da narrativa.

Os pesquisadores se comprometeram a realizar esse trabalho de acordo com os padrões éticos do jornalismo que nortearam toda a produção. Os padrões estão relacionados principalmente ao respeito, neutralidade e confiança no trato com as fontes. A busca é justamente valorizar o trabalho e as experiências subjetivas das pessoas que atuam no universo. De modo algum, os autores interferiram na dinâmica da feira, preservando assim a espontaneidade e naturalidade do local.

Tendo em consideração a produção, os autores respeitaram as técnicas e linguagem fotográficas, as empregando de forma a construir o significado pretendido, baseado no ponto de vista adquirido durante o estudo. Diante do olhar de cada integrante da equipe de autores, buscou-se compartilhar a vivência e experiência de tal realidade com os leitores de modo a oferecer subsídios para melhor leitura da narrativa em imagens.

Os planos, angulação e demais elementos da linguagem da fotografia visaram atender à finalidade da narrativa. Nos momentos em que foram abordados o espaço e as interações vivenciadas na feira, foram utilizados os planos mais abertos, em que se buscou um equilíbrio entre o ambiente e os objetos vivos e móveis presentes na cena. No que diz respeito aos personagens, aspecto fundamental na narrativa, foram trabalhados os planos fechados.

O livro trabalha apenas fotos coloridas na narrativa, já que a feira é caracterizada justamente por ser um ambiente diverso em cores e movimentos, o que tornam mais vivas as cenas registradas. O preto e branco é utilizado apenas nos retratos dos feirantes apresentados após a sequência narrativa. No interior das páginas, são apresentados pequenos textos introdutórios que promovem a historicidade necessária para orientar a interpretação do leitor. As escolhas referentes ao tamanho, formato, diagramação, design, número de páginas, tipografia e demais elementos visaram atender a finalidade da narrativa.

Com o entendimento acerca do tema, somado as diretrizes e critérios estabelecidos durante o processo de produção e de construção da narrativa, acredita-se que o fotolivro documental da feira apresenta as condições necessárias para atingir os objetivos propostos.

5.6 Estrutura

A peça prática foi impressa em formato paisagem, tamanho grande, medindo 25X35 cm, contando com 41 lâminas e um total de 82 páginas impressas em papel laminado fosco nas quais foram trabalhadas 69 fotografias, além dos retratos no final. Para entrega para banca de qualificação, foi impressa uma versão diferente em papel couchê, tamanho A3, contendo duas lâminas por página, correspondente à quatro páginas do fotolivro final.

A narrativa é apresentada em três capítulos e cada um deles, focado em uma diferente etapa do cotidiano da feira, apresenta uma introdução com um pequeno texto que confere a historicidade necessária a leitura das imagens. Em relação à disposição das fotografias, buscou-se trabalhar com fotos de página inteira, intercalando em alguns momentos com páginas apresentando duas fotografias. As margens brancas separam uma foto de outra. Com isso, buscou-se propor uma leitura contemplativa do fotolivro. A peça é impressa em capa dura, trabalhando título e imagem.

Logo ao abrir o fotolivro, o leitor encontra o expediente com uma breve sinopse da obra e a ficha técnica. Em seguida, apresenta-se uma folha de rosto contendo o nome da faculdade, título da obra e nome dos autores. Antecedendo os capítulos, tem-se uma foto disposta de maneira sangrada (quando a imagem ultrapassa a margem).

Dando continuidade, a narrativa é dividida em três capítulos, sendo que cada um propõe um enfoque diferente. São retratados três momentos da feira: a montagem, movimentação e desmontagem. Cada um desses momentos, compreendidos dentro da dinâmica da atividade como diferentes etapas para sua realização proporciona refletir sobre os diferentes significados do comércio ao ar livre.

Após o final dos capítulos, o fotolivro dedica um espaço especial para os retratos dos protagonistas da história contada, apresentando-lhes ao leitor por meio de fotografias com medidas 5X5,5 cm. Tais retratos são acompanhados por legendas contendo informações quanto ao nome e tempo de feira.

O início de cada capítulo apresenta título junto de uma foto sangrada e o texto introdutório acompanhado de mais uma fotografia que sintetize a ideia a ser trabalhada nas páginas seguintes. No interior das páginas, as imagens são

intercaladas, sendo que, a cada quatro fotos de página inteira, a página seguinte apresenta duas fotos.

Os textos introdutórios de cada capítulo buscam fugir do sentido de uma legenda comum com finalidade explicativa e se dedicam a apresentar pequenas reflexões em conjunto com a informação, lançando mão de recursos que contribuam para gerar sentimento e sensações no leitor. As sequências de imagens propõem uma leitura contemplativa, dispensando o uso de legendas, essas só aparecem nas páginas finais junto dos créditos.

Após a narrativa, apresentação dos retratos e as especificações técnicas são apresentados os agradecimentos de cada autor, acompanhados de uma fotografia do grupo. O fotolivro se encerra com uma foto sangrada que apresenta um plano aberto da feira, destacando a dinâmica de modo geral. Ao lado da imagem constam epígrafes com as falas dos feirantes que mais marcaram os autores ao longo da produção do trabalho.

5.7 Projeto Gráfico

Na composição do fotolivro, todos os elementos quanto à diagramação, *design*, tipografia, tamanho de página, modo de impressão, encadernação, qualidade de papel, dentre outros, perseguiram, em conjunto com o trabalho fotográfico, a transmissão da intencionalidade dos autores.

A sequência narrativa é marcada pela disposição das imagens e o emprego dos textos. A escolha pela disposição das fotografias intercalando fotos de página inteira com páginas com duas fotos, se deu pela busca por uma leitura contemplativa do fotolivro.

Ainda em relação à disposição dos registros, a narrativa é composta também pelos elementos inerentes ao suporte, ou seja, toda a montagem, o que implica em cortes, enquadramentos e distanciamento entre as imagens que devem buscar estabelecer a sensação de tempo, ritmo e fluidez da narrativa. Espaços em branco entre uma imagem e outra, provocam um olhar mais contemplativo estabelecido por um ritmo mais lento e o espectador preenche esses espaços com seu próprio imaginário. No que diz respeito à tipografia, ou seja, à fonte adotada nos textos, a escolha se deu pela fonte Constantia.

Em relação às cores do fotolivro, buscou-se trabalhar com o colorido pela possibilidade de recriar o universo da feira, caracterizado principalmente pela riqueza de cores, movimentos e contrastes, dando assim, vida às cenas registradas. O preto e branco designado às fotos de retrato dos feirantes foi adotado pela capacidade de evidenciar a tradição, expressividade e as marcas de trabalho.

O fotolivro foi confeccionado por um diagramador contratado pelos autores, o publicitário Amado Felipe Neto, que utilizou o *software Photoshop*. A impressão dessa peça prática foi realizada na H3 Brasil de Presidente Prudente, que imprimiu o fotolivro em papel laminado fosco visando uma melhor proteção das fotografias.

Para a banca de qualificação foram entregues no atendimento Facopp duas cópias da primeira versão impressa em papel couchê A3, com duas lâminas por página, equivalentes a quatro páginas do produto final. Para a banca de defesa pública foram entregues duas cópias da versão final do Fotolivro.

5.8 Recursos Técnicos

Para produção da peça prática, os autores utilizaram equipamentos disponibilizados pela universidade, além dos próprios equipamentos e dos colaboradores contratados.

Universidade:

- 2 câmeras *Canon 60 D*
- Lente *Canon 18-135 mm*
- Lente *Canon 70-300 mm*
- Lente *Canon 50 mm*
- Bateria *Canon LP-E6*
- Carregadores *Canon LP E6*

Autores:

- *Notebook Positivo Stilo XC7660*
- *Notebook Samsung*
- *Notebook Sony Vaio modelo SFV153B1YX*

- *Photoshop CS6*
- *Photoshop CC2018*

5.9 Recursos Financeiros

Todas as despesas foram divididas igualmente entre os integrantes do grupo. Foram gastos R\$130,00 com a edição das fotos e mais R\$400,00 com a diagramação do fotolivro, incluindo todas as mudanças e alterações que precisaram ser feitas. A impressão do produto apresentado a banca de qualificação gerou um custo de R\$ 220,00, além do corte teórico que custou mais R\$160,00. Já para a banca de defesa pública, a impressão de duas cópias do fotolivro pronto custaram aos autores mais R\$2.700,00, além de outros R\$180,00 gastos com a impressão do corte teórico em capa dura entregue no atendimento Facopp. Somam-se a esses valores, gastos periféricos com transporte, alimentação, cópias, impressões, amostras etc.

5.10 Recursos Humanos

Toda a produção de fotografias, abrangendo as etapas de pré-produção e produção, foi realizada pelos quatro integrantes do grupo: Beatriz da Silva Moura, Lays Karolayne Maréco, Nayene Cardoso Furmigare e Rafael Barbosa dos Santos. A diagramação e edição final ficou sob a responsabilidade de Nayene Furmigare que contou com a colaboração de Amado Felipe Neto. Já o discente Rafael Barbosa foi o responsável pela produção e edição de texto. Todo o trabalho foi realizado sob a orientação do professor Dr. Roberto Ap. Mancuzo Silva Júnior.

6 MEMORIAL DESCRITIVO

Este capítulo se concentra em relatar como foi feita toda a produção do presente Trabalho de Conclusão de Curso, compreendendo o período que vai desde a escolha do tema até a elaboração da peça prática. De acordo com o entendimento dos autores, é fundamental resgatar todas as etapas anteriores à confecção do fotolivro documental da feira livre na Avenida Manoel Goulart de Presidente Prudente, para que fique claro que este é resultado de muita pesquisa, coleta de dados e observação. Assim, é possível evidenciar o sentido do trabalho na totalidade.

Ao longo do percurso realizado pelos autores, foram colocados em prática os conhecimentos adquiridos em sala de aula durante os quatro anos de curso, em especial os relacionados à fotografia. Isso possibilitou ainda uma oportunidade de pensar formas diferentes de fazer o jornalismo, evidenciando sua função enquanto um mediador entre a sociedade e os fatos que a cerca. Nesse caso, a prática jornalística se fez presente na busca pela compreensão de uma realidade como a feira livre, trabalhando, ao mesmo tempo, informação, interpretação e possibilidades de representação.

A produção da peça prática enquanto etapa final do trabalho é fruto de um pré-projeto iniciado pelos alunos no segundo semestre de 2017, quando ainda estavam no 6.º termo do curso. Após a aprovação do projeto, o grupo deu início ao TCC de fato, perseguindo o objetivo de produzir um fotolivro.

6.1 Primeiros Desafios: a Escolha da Feira Livre como Objeto de Estudo

Antes de tudo, convém dizer que o grupo composto por Beatriz da Silva Moura, Lays Karolayne Maréco, Nayene Cardoso Furnigare e Rafael Barbosa dos Santos já estava formado muito tempo antes do pontapé inicial do TCC. Os quatro integrantes se reuniram por afinidades encontradas em trabalhos acadêmicos anteriores e pelo sentimento de amizade, mesmo antes de definirem o tema e área do jornalismo a serem trabalhados.

O grupo apresentou muitas ideias durante as discussões com a professora Fabiana Aline Alves, responsável por ministrar a disciplina de Metodologia de Pesquisa em Jornalismo I em que foi desenvolvido o pré-projeto. Em um primeiro momento, foi proposto trabalhar com a área de assessoria de imprensa, ideia logo

abortada pela falta de identificação dos autores com o tema. Posteriormente cogitou-se a possibilidade de produzir um livro reportagem, mas havia ainda a dificuldade de encontrar um tema que se encaixasse no formato. Mantendo a ideia do livro, os autores optaram pela produção de um fotolivro.

Com exceção da discente Beatriz da Silva Moura, que foi estagiária do laboratório de fotografia da Facopp, os autores ainda não haviam tido uma grande experiência em uma produção fotográfica. A escolha pela área se deu, em um primeiro momento, pela manifestação do desejo de se produzir um livro de fotografias e por todos os estudos teóricos que revelam as possibilidades de uma imagem dentro das funções de informar e levar a reflexão que o jornalismo possui. Em seguida, a ideia de se trabalhar com fotografia se sustentou pelo aprofundamento nos conceitos teóricos que os autores precisaram fazer, o que tornou ainda mais evidente o potencial do registro fotográfico em representar realidades, seja informando, documentando, interpretando ou fazendo refletir.

Escolhida a peça prática, faltava ainda definir o assunto que seria abordado. O grupo manifestou o desejo de trabalhar a questão da saúde mental. Chegou-se a desenvolver as etapas de introdução, justificativa e objetivos do pré-projeto com base nessa ideia. Porém, os professores Fabiana Alves e Roberto Aparecido Mancuzo Silva Júnior, a quem o grupo recorreu em busca de sugestões, desencorajaram os autores sob o argumento de que esse seria um assunto delicado que esbarraria em inúmeras questões burocráticas, além disso, poderiam incorrer no risco de estigmatizar ainda mais pessoas que vivem essa realidade. Os autores compreenderam o argumento e mais uma vez abortaram a ideia.

Atrasados com o cronograma de produção do pré-projeto, o grupo precisou correr contra o tempo para pensar em um novo tema. Foram realizadas muitas reuniões que acabaram resultando em muitas ideias, mas nada consistente. Até que em determinado momento, a discente Nayene Furmigare lembrou-se de uma sugestão que o professor Roberto Mancuzo havia dado quando foi procurado anteriormente. Ele sugeriu fazer um TCC sobre a feira. Não seria a primeira vez que o grupo trabalharia com o tema em uma atividade acadêmica.

Ainda no quarto termo do curso, segundo semestre de 2016, um dos autores, Rafael Barbosa, teve um primeiro contato com a feira livre na Manoel Goulart ao escolhê-la como tema de um dos trabalhos desenvolvidos na disciplina de Fotojornalismo II, também ministrada pela professora Fabiana Alves. A atividade

consistia na produção de uma fotorreportagem. Para realização desse trabalho, foram necessárias visitas e entrevistas que antecederam a realização de um conjunto de imagens da feira.

Posteriormente, a feira novamente cruzou o caminho do discente Rafael Barbosa em um novo trabalho acadêmico, dessa vez faziam parte de sua equipe outras duas integrantes do grupo, Nayene Furmigare e Lays Maréco. Paralelamente ao desenvolvimento do pré-projeto desse TCC, os três tiveram de realizar um trabalho de grande reportagem multimídia para a disciplina de Jornalismo Online II ministrada pela professora e coordenadora do curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação Social (Facopp), Carolina Costa Mancuzo, e a feira livre foi o tema escolhido.

Para esse trabalho em questão, o grupo precisou realizar entrevistas, fazer fotografias, produzir vídeo, áudio e texto. Já nesse momento o que chamou a atenção dos autores foi justamente as histórias por trás das diferentes realidades dos trabalhadores da feira, bem como algumas características que permitem o comércio de rua acontecer nos dias atuais frente a concorrência de outras modalidades comerciais. Esse foi inclusive o gancho trabalhado na produção da grande reportagem. Portanto, mesmo antes da sugestão do professor Roberto Mancuzo, a maior parte do grupo já estava familiarizada com o assunto. Nesse sentido, em comum acordo, os autores optaram por acolher a ideia e definir a feira livre também como tema do fotolivro.

A principal dificuldade que se revelou depois foi delimitar o tema e definir o que da feira seria de fato objeto de estudo na pesquisa e produção de peça prática que se seguiriam. Em uma orientação informal, já haviam sido discutidas com o professor Roberto Mancuzo algumas possibilidades de se trabalhar o jornalismo na feira, seja por meio das histórias, comportamentos ou pelas diversidades manifestadas pela atividade. A partir disso, entre os meses de setembro e novembro de 2017, foram realizadas as primeiras pesquisas bibliográficas, bem como a coleta de dados para a redação do pré-projeto e definição do foco de trabalho.

Os resultados das primeiras buscas por conceitos referentes ao comércio de rua em artigos acadêmicos, englobando aspectos históricos, técnicos, sociais e culturais, assim como os dados quanto as feiras de Presidente Prudente, proporcionaram aos autores um aprofundamento no assunto. Foi constatado que uma

feira livre representa bem mais que um espaço para compra e venda, abrangendo características que permitem classificá-la como uma manifestação sociocultural.

A apresentação do pré-projeto para a banca de aprovação ocorreu no segundo dia de apresentações, 14 de novembro de 2018, em uma das salas da Facopp. O grupo foi o primeiro a se apresentar. Além dos professores Roberto Mancuzo e Fabiana Alves, a banca foi formada ainda por Maria Luísa Hoffmanm e Giselle Tomé. Foram dez minutos para a defesa do pré-projeto intitulado até então como “Registro fotográfico das feiras de Presidente Prudente: uma análise social e cultural” e mais dez para as considerações dos professores da banca. Após alguns minutos de espera os autores receberam a notícia de que foram aprovados e tomaram conhecimento de que o professor Roberto Mancuzo, como não poderia deixar de ser, seria então o orientador do trabalho dali em diante.

Um dos pontos mais questionados pela banca foi justamente a abrangência que a pesquisa teria. A princípio a ideia era tratar da feira livre de Presidente Prudente de modo geral, considerando as 26 feiras livres que acontecem na cidade e mais outras três “Feiras da Lua” diferenciadas por serem exclusivas do produtor rural. Os pesquisadores foram então aconselhados a restringirem mais o campo de pesquisa, focando em somente uma das feiras prudentinas, já que seria inviável abordar todas. Naturalmente, a escolha se deu pela feira da avenida Manoel Goulart, maior e mais antiga da cidade. Ficou decidido também que o foco seria na dinâmica da feira, buscando um entendimento não só econômico, mas também social e cultural da atividade.

Os pesquisadores tiveram uma primeira orientação na qual foi passada uma lista de tarefas a serem realizadas durante as férias de dezembro de 2017 e janeiro de 2018. Essas deveriam ser entregues no início das aulas do 7.º termo, primeiro semestre de 2018. Assim, o grupo deu início a pesquisa de TCC, realizando as etapas de pesquisa bibliográfica quanto aos conceitos de feira e comércio informal, bem como da área da fotografia, resultando nos primeiros fichamentos. Foram realizadas, ainda nesse período, a pesquisa documental junto aos órgãos de fomento da cidade e as primeiras visitas à feira da Manoel Goulart, no intuito de conhecer os feirantes enquanto personagens oficiais por meio de pré-entrevistas e da redação de relatórios de observação.

6.2 A Vivência na Feira

A imersão e proximidade com o objeto de estudo é a condição primordial para a realização de um fotolivro documental enquanto peça prática. De acordo com Sousa (2004, p.175-176), o fotodocumentário consiste em “[...] um gênero fotográfico problematizador de certezas feitas, refutador de estereótipos e de visões maniqueístas e simplificadoras”. Nesse sentido, os autores iniciaram as visitas na feira cientes de que, para a concretização de uma produção fotodocumental, o fotógrafo precisa antes passar por um processo de politização, para que o trabalho alcance uma dimensão política e social, e a representação se dê com responsabilidade e profundidade.

Na manhã de domingo do dia 10 de dezembro de 2017, as integrantes Beatriz Moura e Nayene Furmigare realizaram a primeira visita na feira da Manoel Goulart, dando início à pesquisa de campo. Essa foi a primeira de uma série de visitas realizadas durante praticamente todos os finais de semana dentro de um período aproximado de um ano. O objetivo dessas visitas, em um primeiro momento, como já apresentados acima, consistiu em proporcionar aos autores a vivência dessa realidade, bem como a realização das entrevistas e os relatórios de observação em formato de diário de bordo.

Em todos os finais de semana, pelo menos dois integrantes estiveram presentes para realização das atividades, apesar das dificuldades de deslocamento. Nenhum dos autores é natural de Presidente Prudente. Lays Maréco e Rafael Barbosa são moradores de Presidente Venceslau, Nayene Furmigare de Regente Feijó e Beatriz Moura de Osvaldo Cruz. Entretanto, Beatriz passou a morar na cidade antes do início do trabalho em campo. A discente Nayene Furmigare também se mudou para Presidente Prudente no decorrer do trabalho.

Como já dito anteriormente, a feira da Manoel Goulart acontece aos sábados das 16h às 22h e aos domingos das 06h15 às 12h. Já nessa primeira etapa de pesquisa, percebeu-se que haveria dificuldade em se trabalhar a feira no sábado. O grande movimento encontrado nesse horário tornava inviável o contato com os feirantes. Optou-se por delimitar ainda mais o tema ao se concentrar na feira de domingo que apresenta uma dinâmica diferente e com menos movimento. Isso proporcionou um contato mais direto com os trabalhadores e uma observação mais detalhada da feira como um todo, sem perder de vista o valor tradicional que se revela.

Todos os domingos, ainda durante a primeira etapa, os autores procuraram chegar à avenida Manoel Goulart o mais cedo possível, por volta das 7h da manhã, permanecendo até às 12h, em que tem início a desmontagem e encerramento da feira.

As primeiras impressões durante a observação intensiva puderam agregar ainda mais ao que já havia sido estudado anteriormente em relação aos conceitos teóricos acerca da atividade de comércio ao ar livre. Dentre os elementos mais observados está a relação entre os feirantes e os fregueses, a diversidade de mercadorias expostas, a convivência de características tradicionais e modernas em um mesmo espaço, como, por exemplo, as balanças manuais antigas em contraponto as máquinas de cartão de crédito, além das formas que a feira tem de se apropriar do espaço urbano. Destacou-se ainda o caráter democrático da feira, por promover o encontro de todos os tipos de público e por proporcionar trabalho para várias pessoas.

As observações descritas no parágrafo acima confirmam o que diz Andrade (2015, p.16) em seus estudos referentes à feira. Segundo a autora, o caráter primordial do comércio ao ar livre se concentra justamente em sua capacidade de promover encontros e desencontros de diferentes indivíduos dentro de um mesmo espaço comum.

Além da observação, os autores dedicaram-se a realização das pré-entrevistas, quando se deu o primeiro contato com os feirantes. Durante a abordagem, os autores apresentaram a proposta de produzir um fotolivro da feira, explicando que esse seria fruto de um trabalho de conclusão de curso e que, por isso, seria importante colherem informações sobre eles. Uma das grandes dificuldades foi conseguir contatar todos os feirantes, pois nem todos quiseram falar em um primeiro momento. Muitos, em sua maioria os de maior idade, adotaram uma postura arredia e desconfiada, em alguns casos até agressiva.

As perguntas realizadas durante as pré-entrevistas respeitavam um questionário pré-estabelecido. Os feirantes tiveram que responder informações básicas como nome, idade, endereço, contato, estado civil, número de filhos, outras ocupações, tempo de feira, produtos que comercializa e um breve relato de como se inseriram na atividade. Muitas dessas pré-entrevistas renderam bem mais do que o esperado, o que possibilitou, já nessa etapa, destacar algumas histórias e personagens mais relevantes, caso de Sebastião de Oliveira, de 63 anos, feirante há

50 anos, o primeiro com quem o grupo construiu uma relação de amizade e colaboração.

Em paralelo às visitas na feira, o grupo conduziu as leituras e fichamentos dos conteúdos de fotografia e fotografia documental, buscando desenvolver na peça teórica uma discussão acerca da qualidade de mediador que um registro fotográfico possui em relação ao homem e a sociedade. Isso permitiu associar o conhecimento adquirido com esses estudos à prática de visitas na feira, fazendo emergir algumas possibilidades de narrativa do fotodocumentário que seria produzido. No entanto, em um primeiro momento, pensar em fotos da feira mostrou-se uma tarefa difícil. Uma discussão realizada entre os autores foi sobre o que exatamente deveria ser captado pela câmera durante a produção, já que a feira é um universo com uma pluralidade de cores, contrastes e movimentos.

Todo o trabalho descrito acima relaciona-se com a fotografia na medida em que os resultados obtidos estabelecem as bases de um projeto editorial do fotolivro documental da feira enquanto uma fonte fotográfica. Isso se confirma com a seguinte afirmação de Kossoy (2014a, p.35) em seus estudos:

As fontes fotográficas são uma possibilidade de investigação e descoberta que promete frutos na medida em que se tentar sistematizar suas informações, estabelecer metodologias adequadas de pesquisa e análise para decifração de seus conteúdos e, por consequência, da realidade que os originou.

Ao final da primeira etapa de pesquisa, que antecedeu o início das aulas do primeiro semestre de 2018, quando efetivamente teria início a longa jornada de produção do TCC, foram realizadas oito visitas à feira, para cada uma foi redigido um relatório (Apêndice B). Em relação aos feirantes, nesse primeiro momento, foram entrevistadas 69 pessoas, cada um deles representante de uma determinada banca. Além dos relatórios e das pré-entrevistas transcritas, precisou ser feita uma tabela (Apêndice A) com os nomes e dados principais dos feirantes contatados, para uma melhor visualização do todo apurado e para facilitar o contato posterior.

6.3 Pesquisa Documental: o Fortalecimento da Justificativa

Além da entrevista, observação e pesquisa bibliográfica, durante o período de dezembro de 2017 a janeiro de 2018, foi realizado também um

levantamento de documentos e informações sobre a feira da Manoel Goulart junto aos órgãos públicos da cidade, bem como a realização de consultas a outras fontes de informação. Essa parte consistiu em uma das maiores dificuldades encontradas pelo grupo.

Quase não se tinha dados relevantes quanto à história e ao surgimento da feira livre em Presidente Prudente. Não foram encontrados trabalhos científicos que se dedicaram a estudá-la de forma exclusiva e aprofundada. A atividade aparece superficialmente em alguns poucos trabalhos voltados para outras áreas e ainda assim, apresentando informações já encontradas pelos autores quanto ao número de feiras na cidade, a localização e horário de funcionamento.

Dois livros serviram de base para que fosse traçado um panorama histórico da feira da Manoel Goulart, o “Formação Histórica de uma cidade pioneira paulista: Presidente Prudente” de Dióres Santos Abreu e o “Raízes Prudentinas” de Benjamin Resende que apresentam informações quanto ao início do comércio de rua na década de 1920. Contribuiu para isso o estudo feito em cima das pesquisas do historiador Ronaldo Macedo, especialista na história de Presidente Prudente, que concedeu ainda uma entrevista (Anexo A) aos autores para contar como se deu esse surgimento. Porém, não foi possível fixar uma data exata para o início da feira e nem identificar quem permitiu que ela acontecesse na cidade.

Nos órgãos públicos de Presidente Prudente foram encontradas poucas informações. A maior parte da documentação obtida consistiu na legislação da feira. A primeira lei de regulamentação da atividade, n.º 4886/97, só foi sancionada em 1997 pelo até então prefeito Ênio Luíz Tenório Perroni. Mesmo na Sedepp, principal fonte de informação documental da feira, já que é o órgão responsável, não se conseguiu nenhum dado relevante além do número de feiras, local e horário de funcionamento e os procedimentos a serem seguidos por aqueles que manifestam interesse em se inserir no comércio de rua.

Ainda na elaboração do pré-projeto, a autora Nayene Furmigare dirigiu-se até a Sedepp no dia 31 de outubro de 2017 para uma reunião com Amarildo Pereira Lopes, encarregado pela fiscalização da feira da Manoel Goulart, com Liliane Spgiorin Maciel, diretora de abastecimento e agricultura participativa em relação as “Feiras da Lua” e Cláudio Moura, coordenador de agricultura. Nessa ocasião, foi apresentada a ideia do trabalho e explicado como seria feita a abordagem. Essas pessoas assinaram um ofício (Anexo B) expedido pela Facopp autorizando a realização da pesquisa na

feira da Manoel Goulart, incluindo ainda a assinatura de Carlos Alberto da Silva Correia, secretário de desenvolvimento econômico. Amarildo Pereira Lopes afirmou que estaria presente com os pesquisadores em algumas visitas à feira para que fosse facilitada a recepção por parte dos feirantes, o que acabou não acontecendo.

Nem a Sedepp e nem a Prefeitura de Presidente Prudente apresentaram dados que confirmassem as 69 bancas existentes na feira da Manoel Goulart aos domingos. Em áudio enviado à discente Nayene via celular, cuja transcrição consta no Anexo A, Amarildo prometeu apresentar um documento atualizado e uma cópia de um alvará de funcionamento que é expedido para que o feirante possa trabalhar, mas protelou a entrega desses durante semanas. Amarildo alegou que os documentos não haviam sido encontrados.

A autora Nayene se dirigiu ainda a prefeitura no dia 15 de março de 2018 onde preencheu um requerimento (Anexo B) para ter acesso a uma relação com os dados e informações de todos os feirantes cadastrados pela Sedepp. A relação obtida apresentou dados desatualizados, constando nomes de feirantes já falecidos ou que já haviam deixado a feira. As informações ainda se encontravam desorganizadas, estando os feirantes classificados apenas em relação às categorias de mercadoria, portanto, não separados por feira.

Diante dessa dificuldade, foi constatada pelos autores a falta de organização por parte da prefeitura e da Sedepp em relação a documentação da feira livre da Manoel Goulart de Presidente Prudente e das demais feiras da cidade. O que antes se mostrou uma grande dificuldade acabou se tornando a justificativa mais forte para a pesquisa e a posterior produção de um fotolivro documental da feira, já que esse viria a ser não só uma representação e um registro histórico, mas também uma possibilidade de sanar as lacunas referentes aos documentos.

Em fevereiro de 2018, início das aulas do 7º termo, o grupo conseguiu entregar as atividades previstas na primeira orientação, ou seja, as pré-entrevistas, os relatórios de observação, os fichamentos e documentos.

6.4 Peça Teórica: Redação do Texto Científico

Dando prosseguimento aos trabalhos, os autores passaram para etapa de escrita dos capítulos da peça teórica. De comum acordo, o grupo decidiu que apenas um integrante ficaria responsável por essa função para não comprometer a

unidade e coesão do texto. Sendo assim, Rafael Barbosa foi o autor escolhido por ter demonstrado maior facilidade na escrita do texto científico enquanto o restante do grupo ficou responsável por abastecê-lo com conteúdo, dados e informações coletadas.

Cada capítulo escrito era encaminhado a todos os autores que deveriam fazer uma revisão. Na maior parte do tempo, esse acordo funcionou, porém, em relação à escrita do capítulo quatro, focado na feira livre da Manoel Goulart propriamente, dada a complexidade e por ser o objeto de estudo da pesquisa, foi necessária a colaboração das autoras Nayene Furnigare e Lays Maréco na redação. A discente Lays Maréco colaborou também na escrita do pré-projeto editorial do fotolivro.

Além dos encontros com o professor orientador Roberto Mancuzo, os autores tiveram a disciplina de Metodologia de Pesquisa em Jornalismo II ministrada pela professora Maria Luísa Hoffmann que apresentou técnicas e sugestões de escrita de texto científico.

Ainda para a confecção da parte teórica, foi necessária a realização de mais fichamentos de livros e artigos acadêmicos, pesquisa e análise documental. O grupo esteve presente no museu de Presidente Prudente e na biblioteca da Unesp, além da busca em órgãos de fomento, mas não obtiveram resultados satisfatórios além dos que já haviam sido encontrados.

No dia primeiro de março de 2018, o grupo entregou ao orientador o capítulo dois, que consiste na fundamentação metodológica. A partir daí, a cada semana foi entregue um capítulo para correção e outro corrigido, sempre seguindo o cronograma previsto.

No dia 24 de abril de 2018 o TCC foi entregue para a aprovação da banca de qualificação composta pelos professores Maria Luísa Hoffmann e Tchiago Inague Rodrigues. Após passagem pela banca, a peça teórica precisou ser corrigida em alguns pontos de acordo com os pareceres dos professores. O principal questionamento foi em relação ao quarto capítulo, no qual foi solicitado um maior aproveitamento da observação e entrevistas realizadas com feirantes e uma reflexão dos autores sobre a feira estudada.

O TCC corrigido foi entregue no dia 21 de maio de 2018, em três cópias impressas e encadernadas, sendo aprovado ao final do semestre.

6.5 Fotolivro: Pré-produção

Após a descrição das etapas que culminaram na entrega e aprovação do corte teórico, o presente capítulo passa a se concentrar propriamente na produção da peça prática, em que se buscou aplicar a linguagem fotográfica como suporte para materialização de uma interpretação da realidade da feira livre da avenida Manoel Goulart.

Tudo o que foi descrito até aqui é importante para um entendimento quanto ao conceito da obra pretendida. A vivência na feira, bem como todas as etapas de coleta de informações se mostraram essenciais para politizar os autores e dar a eles condições de traduzir um ponto de vista e transmitir informação através de uma narrativa fotodocumental.

A produção da peça prática começa logo em seguida à aprovação do corte teórico. Cabe aqui dizer que as etapas de produção do fotolivro da feira já haviam sido previstas na redação de um pré-projeto editorial presente no capítulo 5 do trabalho. Nesse projeto, foram descritos a justificativa, os objetivos, linha editorial, estrutura e demais pontos importantes.

Diante de um novo cronograma, apresentado ainda na primeira semana de junho de 2018, foram previstas atividades a serem entregues na primeira orientação do 8.º termo, após a volta às aulas. Essas atividades foram realizadas durante as férias de junho e julho de 2018. O grupo teve como principal objetivo entender o conceito de fotolivro por meio de estudos teóricos, estando apto a produzi-lo. Nessa etapa, o grupo precisou ainda reformular o projeto editorial do fotolivro com foco na narrativa pretendida, além da elaboração de um cronograma de externas, a produção de fotografias com aspectos gerais da feira e a realização das entrevistas em profundidade que já deveriam constar em uma nova versão do capítulo quatro do corte teórico.

Com o cronograma em mãos, os autores partiram para a execução das atividades previstas. Durante todos os finais de semana dos meses de junho e julho de 2018, o grupo esteve presente na feira, chegando aos domingos entre às 6h30 e 8h30 da manhã. Uma das principais dificuldades encontradas durante a realização das visitas foi em relação às entrevistas com os feirantes.

Nas orientações anteriores discutiu-se a necessidade de se falar novamente com todos os trabalhadores e acabou ficando decidido que, para melhor

politização dos discentes, seria necessário mais esse trabalho. Foi elaborado então um roteiro de perguntas, o mesmo aplicado em todas as entrevistas, por meio do qual buscou-se extrair principalmente relatos das experiências de cada trabalhador com a feira e a consciência de cada um sobre a importância que o comércio de rua exerce em Presidente Prudente.

No princípio, a ideia era conversar com os trabalhadores fora do horário e do local da feira, o que permitiria mais aproveitamento dos relatos. Porém, pela quantidade de pessoas a serem entrevistadas, cerca de 70 feirantes, somado aos conflitos de agenda, já que eles em sua maioria trabalham todos os dias nas diferentes feiras da cidade, isso tornou-se inviável.

Com exceção do feirante Virgínio Miguel Guilherme e do casal Edna e José Ramos que receberam as pesquisadoras Beatriz Moura e Nayene Furmigare em casa, para o restante dos feirantes mostrou-se mais cômodo dar seus depoimentos no espaço da feira, geralmente no início ou no final da atividade. Os casos de bancas com mais de um feirante facilitou o processo de entrevistas já que a fonte poderia ausentar-se por alguns instantes do trabalho, sem prejuízo no atendimento.

Nem todos os trabalhadores aceitaram dar entrevista. Em geral, isso ocorreu com aqueles feirantes mais introspectivos, que não se sentiram à vontade ou que apresentaram dificuldade em se expressar. Ainda assim, mais importante que seguir um roteiro de perguntas, essa etapa revelou-se mais enriquecedora na medida em que foi sendo conquistada a confiança da maioria dos trabalhadores. A essa altura, grande parte deles, já cientes do objetivo do grupo, mostrou-se disposta a colaborar, demonstrando expectativa para com o resultado do trabalho. Após a realização das entrevistas, o grupo precisou atualizar a tabela com os novos dados coletados, já que nessa nova etapa, foram contabilizados 91 feirantes.

Para além das entrevistas, outro momento importante dessa etapa de pré-produção foi o início da produção fotográfica, ainda que não oficial. Essa foi a oportunidade dos autores fotografarem livremente aspectos gerais da feira livre e realizarem os primeiros retratos. O equipamento utilizado foi o disponibilizado pela Facopp. Os autores saíram a campo munidos de duas câmeras, porém, todos os integrantes fizeram fotos. A princípio, os feirantes mostram-se intimidados, mas pouco a pouco muitos deles foram se soltando. Nesse momento, ainda persistia a dificuldade em direcionar o olhar para feira. Essa questão foi discutida posteriormente na definição da narrativa a ser empregada no fotolivro.

6.6 Fotolivro: Definição do Conceito e Narrativa

A primeira orientação após a volta às aulas no segundo semestre de 2018 ocorreu no dia oito de agosto. Nessa data foram entregues as atividades realizadas nos meses de junho e julho. Essas atividades consistiram em todas as transcrições das entrevistas realizadas, as fotografias produzidas, o capítulo quatro do corte teórico reescrito com os depoimentos dos feirantes já incorporados e o mais importante, um novo capítulo com o estudo realizado sobre a produção de um fotolivro e a reescrita do projeto editorial.

Durante as férias, em paralelo às visitas à feira, o grupo realizou um estudo sobre fotolivro. A pesquisa se concentrou principalmente nos conceitos, aspectos históricos e técnicos, e nos usos que se tem feito do fotolivro na sociedade. Todo esse estudo deixou claro aos autores que um fotolivro não se trata apenas de um livro de fotografias, tampouco se constitui meramente como veículo. Ele é, na verdade, extensão de um trabalho documental em fotografia que contribui na construção de uma narrativa, agregando valor com suas especificidades.

O fotolivro por definição é mais do que um livro ilustrado; é resultado de um esforço de um autor (fotógrafo ou não) na organização de um conjunto de fotografias tendo em mente uma narrativa iconográfica com o intuito de produzir um discurso visual. Os fotolivros em geral possuem, portanto, um projeto gráfico em sintonia com o material imagético, tornando-se um produto cultural e um modelo de expressão. (FERNANDEZ apud BARBOSA, 2013, p. 569)

Com o estudo realizado, foi redigido um novo capítulo em que se discute os conceitos fundamentais para o entendimento sobre o que de fato vem a ser um fotolivro. A partir desse capítulo, o grupo passou a se concentrar na definição da narrativa a ser empregada na documentação da feira. Já no pré-projeto editorial entregue no corte teórico, havia uma previsão de narrativa que buscava tratar da dinâmica da feira tomando como base um dia de trabalho com começo, no caso a montagem; meio, quando ocorre a movimentação; e fim com a desmontagem da feira. Buscou-se refletir sobre os significados de cada uma dessas etapas.

Em uma das reuniões realizadas pelo grupo antes da volta às aulas, discutiu-se como se daria a construção do fotolivro. A conclusão a que todos chegaram não fugiu muito do que já estava previsto no projeto editorial, ou seja, a ideia continuou sendo a de buscar retratar um dia de trabalho na feira a partir da

montagem e culminando na desmontagem da banca. O que mudou foi que os autores optaram por eliminar pontos periféricos da feira como a questão dos produtos, diversidade, necessidades e alguns outros elementos. Sendo assim, a ideia passou a ser a busca por sintetizar o conceito do livro tendo como ponto de partida o significado da feira a partir do trabalhador que a faz acontecer.

Durante a reunião, todos do grupo manifestaram suas impressões sobre o trabalho realizado até o momento e o que cada um gostaria de retratar. Dessa conversa, ficou claro que o mais importante de tudo apurado até então é que a feira acontece graças ao esforço diário de cada trabalhador. A feira não simplesmente acontece, mas é a partir dela e em muitos casos só a partir dela que os feirantes retiram seu sustento, realizam sonhos e sentem-se de alguma forma úteis à sociedade. Feita essa reflexão, o grupo conseguiu reformular o projeto editorial e direcionar a narrativa fotodocumental.

Ainda na primeira orientação, o grupo apresentou ao orientador Roberto Mancuzo toda a discussão e reflexão realizada acerca da construção fotográfica que seria feita. A partir da conversa, na qual os autores manifestaram suas intenções, o orientador agregou ainda mais ao conceito do fotolivro. Juntos, orientador e autores estabeleceram um esquema de narrativa a partir dos tópicos a serem abordados: montagem, movimentação e desmontagem da feira. Cada etapa deveria representar um capítulo do fotolivro. A partir disso, foram discutidos os significados que cada uma possui em relação à feira a partir da perspectiva do feirante. Esses significados foram representados por meio de palavras chaves.

Na lousa, o professor Roberto Mancuzo desenhou o esquema que viria a servir de base para produção fotográfica, funcionando como um roteiro a ser seguido. Os integrantes do grupo junto dele foram apontando as palavras que deveriam refletir os significados da feira. E assim chegou-se um conjunto de palavras para cada capítulo. Expectativa, determinação, oportunidade, força física, energia, resiliência, rotina, relacionamento, fregueses, ganha-pão, entre outras foram as palavras apontadas. Dessa forma ficou definido que o fotolivro deveria ser construído a partir de uma narrativa poética da feira, levando em conta todos esses sentidos, mas sem perder de vista o viés cronológico.

Além dos três capítulos, ficou definido já nessa primeira orientação que o fotolivro deveria reservar uma parte para os retratos dos feirantes a serem apresentados em fotos de tamanho pequeno, tipo três por quatro, acompanhadas dos

dados e informações sobre cada um. Em uma discussão sobre as legendas das fotos, decidiu-se também pela utilização de textos introdutórios na abertura de cada capítulo, conferindo a historicidade necessária à interpretação das imagens a ser feita pelos leitores do fotolivro. Após muitas discussões, também ficou definido que a peça prática seria toda preenchida com fotos coloridas, com exceção dos retratos. Os resultados dessa discussão foram acrescentados em uma nova versão do projeto editorial já com a narrativa definitiva.

Na orientação seguinte, realizada no dia 13 de agosto, a discussão entre orientador e os autores se concentrou na linguagem fotográfica a ser implantada no fotolivro. O professor Roberto Mancuzo retomou os conceitos dos planos, enquadramentos, ângulos, composição e demais elementos da fotografia. A partir disso, começou-se a pensar em como aplicar a linguagem fotográfica na produção fotodocumental da feira no sentido de fazer emergir todos os significados pretendidos nas palavras chaves definidas na construção da narrativa. Feito isso, o grupo enfim foi a campo para dar início a produção oficial de fotografias na feira.

No que diz respeito às funções de cada integrante, todos foram responsáveis pela produção de fotos. A discente Nayene ficou responsável pela diagramação e edição, enquanto o autor Rafael Barbosa cuidou da parte textual.

6.7 Fotolivro: Produção Oficial de Fotografias

Ao longo dos seis dias de produção, não sem dificuldades, buscou-se aplicar os elementos da linguagem fotográfica para melhor traduzir os sentidos propostos com a narrativa do fotolivro. Em grande parte das imagens foram trabalhados os planos abertos. O plano geral foi empregado quando o interesse foi registrar aspectos referentes ao elemento urbano e a movimentação, buscando enfatizar o cenário da feira, mas evidenciando também os componentes vivos de cada cena, no caso feirantes e fregueses. Entretanto, os planos mais fechados foram largamente utilizados pelos autores. As ações dos feirantes durante os momentos de montagem e desmontagem, em especial as expressões, foram o objeto de maior interesse.

No domingo do dia 18 de agosto, ocorreu a primeira produção oficial de fotografias. Nesse dia, compareceram os integrantes Beatriz Moura, Nayene Furnigare e Rafael Barbosa. Para estar presente na feira desde a montagem, o

discente Rafael saiu de Presidente Venceslau no sábado, dia 17, ainda no fim da tarde para dormir na casa da autora Nayene em Presidente Prudente. Juntos os dois estiveram na feira da Manoel Goulart já no sábado à noite para fazer testes com as câmeras e se preparar melhor para o dia seguinte de produção. Logo após, os dois foram para casa e tiveram uma discussão sobre como seriam feitas as fotos. Só foram dormir por volta da 01h da manhã.

Às 5h30 do domingo Rafael e Nayene já estavam de pé e antes das 6h chegaram a avenida Manoel Goulart, nesse horário ainda quase deserta, pois, é o momento que os feirantes começam a chegar. Os dois integrantes ficaram responsáveis pelos registros da montagem nesse dia. A discente Beatriz Moura só chegaria mais tarde, às 8h30, para cobrir a movimentação. Mais uma vez foram utilizados os equipamentos da Facopp que são: duas câmeras *Canon 60D*, cada uma com uma lente 18-135 mm e mais outras duas lentes, a 50 mm e a 70/300 mm. Esse veio a ser o mesmo equipamento utilizado em todas as produções posteriores.

Para se preparar para a produção, anteriormente, o grupo recorreu a uma colega de sala, a discente Karine Andrade que já trabalha profissionalmente na área de fotografia. Karine ajudou os autores na retomada de alguns conceitos básicos, bem como a configurar e utilizar da melhor forma possível os recursos das câmeras e lentes. Nenhum dos quatro integrantes do grupo são fotógrafos profissionais e nem tiveram uma experiência prática muito proveitosa anteriormente, sendo esse TCC o primeiro contato mais profundo com a fotografia de uma maneira geral. Talvez, por essa razão, em um primeiro momento o grupo manifestou muitas dificuldades.

O principal desafio foi não perder de vista as palavras chaves definidas na construção da narrativa, o que fatalmente ocorreu em muitos momentos, dada a já citada diversidade de elementos presentes na feira e o ritmo com que as ações acontecem no local. Os significados pretendidos revelaram-se abstrações difíceis de serem traduzidas em imagens. Na dinâmica da feira, são muitas coisas acontecendo ao mesmo tempo e tudo muito rápido. À primeira vista tudo parece ser importante a ponto de merecer um registro.

Ainda que com dificuldades, o grupo cumpriu a primeira produção de imagens. Cobriram da montagem a desmontagem da feira, permanecendo na avenida Manoel Goulart até depois das 13h da tarde, quando os feirantes vão embora e o espaço começa a ser limpo por funcionários da prefeitura. Durante a produção, os autores se revezaram nas câmeras e cada um seguiu para um rumo da feira. Só nesse

primeiro dia, somadas as imagens produzidas por Beatriz Moura, Nayene Furmigare e Rafael Barbosa, houve um total de cerca de 800 fotos produzidas.

Realizada a primeira produção, dois dos autores, Nayene Furmigare e Rafael Barbosa, sentaram para analisar as imagens. Foram selecionadas, entre todas produzidas, aquelas fotografias que ambos julgaram terem alguma condição de integrarem as imagens do fotolivro. Separadas por pastas nomeadas com os nomes de cada autor, as fotos foram entregues ao orientador na orientação do dia 21 de agosto. Durante a análise da primeira produção, o professor Roberto Mancuzo fez os necessários comentários e pediu para ter acesso a todas as imagens. A primeira avaliação não foi como o esperado e o grupo foi orientado a sair para produzir com um roteiro em mãos contendo as palavras chaves, além de ter sido alertado sobre o uso da linguagem fotográfica.

Para a próxima produção o grupo se reuniu novamente com a colaboradora Karine Andrade para mais discussões e orientações quanto ao uso das câmeras e técnicas de fotografia. O grupo passou por alguns problemas de relacionamento pessoais de alguns dos integrantes ao longo da semana, o que infelizmente acabou afetando o trabalho. Estiveram presentes no dia 26 de agosto na Manoel Goulart, os discentes Lays Maréco, Nayene Furmigare e Rafael Barbosa. Os autores não conseguiram chegar a tempo de acompanhar a montagem. A autora Nayene nesse dia não passou bem durante toda a feira e a equipe acabou indo embora mais cedo. A produção foi bem menor em relação à primeira.

Na noite de sábado do dia primeiro de setembro, com exceção de Lays Maréco, o grupo esteve reunido na casa de Nayene Furmigare para mais uma análise das fotos produzidas até o momento e uma discussão quanto à produção seguinte e a estrutura a ser implantada no fotolivro. Os autores tentaram se concentrar melhor no esquema que tinham em mãos organizando as palavras-chave, bem como começaram já a pensar na disposição das imagens nas páginas e demais elementos do suporte.

No dia seguinte, dois de setembro, ocorreu a terceira produção de fotografias. Nesse dia, o grupo conseguiu acompanhar toda a feira, da montagem à desmontagem. Além das fotos dos capítulos, os discentes também se concentraram na produção dos retratos de cada feirante. Foi o dia mais produtivo até então.

Após três dias de produção, os autores passaram a dedicar-se a organizar e sistematizar as imagens realizadas por pastas, as classificando segundo

os capítulos e as palavras trabalhadas. Teve início também os trabalhos junto à gráfica responsável pela diagramação, encadernação e impressão do fotolivro. Uma primeira versão da estrutura, como resultado da reunião em grupo, foi entregue para que fosse impressa uma proposta visual do fotolivro, já prevendo elementos pré-textuais e a disposição das imagens nas páginas.

Apesar de tudo, o grupo seguiu atrasado com o cronograma. A má organização entre os autores acabou resultando em uma orientação pouco proveitosa, no dia quatro de setembro. Os autores não conseguiram entregar a tempo as fotos separadas por pastas e nem a impressão do modelo de estrutura do fotolivro. Diante disso, o grupo começou a preocupar-se com o cronograma e principalmente, com o resultado das produções.

Estavam programados três dias de externas no cronograma, porém, o grupo sentiu a necessidade de estender a produção por não estar ainda satisfeito com as imagens produzidas até então. No domingo do dia nove de setembro compareceram mais uma vez a feira às 5h30 da manhã os discentes Nayene Furmigare e Rafael Barbosa. Beatriz Moura chegou depois, por volta das 7h. Os três integrantes buscaram se dividir entre as duas câmeras. Esse foi um dia bem mais produtivo, com mais de 1500 fotos produzidas.

Na orientação do dia 11 de setembro, junto do orientador os autores conseguiram fechar a estrutura final do fotolivro tendo como referência, trabalhos anteriores produzidos pela Facopp como o fotolivro “Resistir” e o “Eu não sou da sua rua”. Ficou definido de que forma estariam dispostas as imagens ao longo das lâminas, bem como a quantidade de páginas e fotos por capítulo, além dos elementos iniciais e finais. Com base na discussão realizada, os autores Nayene e Rafael redigiram uma espécie de roteiro, contendo toda a sequência do fotolivro para facilitar a diagramação e impressão posterior.

Aconselhados pelo orientador, o grupo partiu para uma quinta produção fotográfica no dia 26 de setembro. Compareceram os discentes Rafael Barbosa, Nayene Furmigare e Beatriz Moura que mais uma vez chegaram na avenida às 6h da madrugada para cobrir a montagem, permanecendo no local até o encerramento da feira. A essa altura, após cinco dias de externas, o grupo já se encontrava familiarizado com o equipamento e muito mais objetivo no que diz respeito à intencionalidade das fotografias a serem produzidas. A cada domingo foi possível sentir uma evolução no trabalho, tanto em relação ao ato de fotografar, já que se tornou bem mais fácil

escolher as cenas que mereciam serem registradas, quanto no resultado das imagens propriamente.

A evolução sentida ao longo de toda a produção refletiu-se em uma produtiva orientação no dia 17 de setembro. Na ocasião, os autores apresentaram cinco sugestões de capa com diferentes imagens e logotipos para o título do fotolivro. Além disso, foram apresentadas as fotografias produzidas já previamente selecionadas e devidamente agrupadas, tendo em vista as palavras definidas lá atrás durante o processo de construção da narrativa. A partir daí, o grupo pôde, enfim, dar prosseguimento aos trabalhos de pós-produção no que diz respeito à diagramação e edição do fotolivro. Porém, ainda assim, no dia 23 de setembro, os autores ainda compareceram à feira, com o objetivo de refazer algumas das fotos apontadas pelo orientador, sobretudo os retratos dos feirantes.

Ao final da produção fotográfica, o trabalho bruto consistiu em mais de 6 mil fotografias produzidas pelos quatro integrantes. Foram registradas as ações, as interações, as expressões diversas dos feirantes, a estrutura, os produtos, os movimentos e toda a diversidade que compõe a feira, aplicando-se a linguagem fotográfica. Os seis dias de produção representaram um processo longo, mas de muito aprendizado e evolução no qual os autores tiveram a oportunidade de aperfeiçoarem a prática da fotografia em favor de um trabalho documental jornalístico como o fotolivro da feira.

6.8 Fotolivro: Pós-produção

Basicamente, a etapa de pós-produção consistiu em todo o processo de seleção, edição e tratamento das imagens selecionadas e na construção da sequência narrativa mediante os conjuntos de fotos. Em seguida, os autores deram prosseguimento aos trabalhos de diagramação e montagem do fotolivro. Ainda que durante a produção de fotos o grupo já tivesse em mente a narrativa, a construção da mesma só foi possível após todas as imagens produzidas.

Como dito anteriormente, paralelamente a etapa de produção os autores já foram realizando a seleção de imagens e as agrupando por pastas nomeadas com as palavras chaves da narrativa pretendida. A quantidade de fotos produzidas a cada domingo de externa era grande, o que exigiu tempo e dedicação para escolha daquelas com condições de compor o fotolivro. Esse mostrou-se um processo difícil

já que se percebeu que nem sempre é a foto mais bonita que entra em um trabalho desse porte e sim aquela que melhor ajuda a compor uma narrativa em sequência lógica e cronológica. Diante disso, os autores precisaram abrir mão de muitas fotos consideradas de qualidade.

Para selecionar as melhores fotos dentre as 7.779 fotos produzidas, o grupo se reuniu com o orientador Roberto Mancuzo, e em seguida, foi analisando uma por uma até chegar em um primeiro número. Abrir mão de tantas imagens representou uma das principais dificuldades desse trabalho. Após a primeira seleção, que resultou em cerca de mil fotos, teve início o processo de edição e tratamento das imagens, que ficou sob a responsabilidade da discente Nayene.

Após a primeira edição de fotografias, essas foram entregues para a aprovação do orientador Roberto Mancuzo que fez uma nova seleção apontando o que deveria ser corrigido e refeito. Diante do material aprovado e editado, na madrugada do dia 18 de setembro, uma quarta-feira, os autores Nayene Furmigare e Rafael Barbosa reuniram-se para organizar as fotografias de acordo com a estrutura do fotolivro, já definindo aquelas que deveriam compor a narrativa. Foram horas de trabalho produtivo em que as imagens foram agrupadas em pastas e em sequência, desde a capa até a imagem que encerra o fotolivro, visando facilitar para o diagramador.

As imagens escolhidas para compor o fotolivro foram aquelas já identificadas com as palavras chaves que nortearam toda a produção. Buscou-se criar sequências com fotos capazes de traduzir os significados das etapas de montagem, movimentação e desmontagem da feira, respeitando um sentido lógico e cronológico. Escolheu-se a foto de capa, a foto de abertura de cada capítulo, as fotos que acompanham os textos e as do interior do fotolivro, totalizando 68 imagens. Além disso, foram agrupadas as fotos dos retratos dos feirantes que compõem uma sessão especial do fotolivro.

Definidas as imagens do fotolivro, para dar conta de recuperar o tempo perdido e adequar-se ao cronograma previsto, o grupo marcou uma orientação extraordinária na sexta-feira do dia 20 de setembro. As fotos, organizadas por pastas de acordo com estrutura do fotolivro, foram apresentadas ao orientador que fez alguns apontamentos e correções, colaborando para a seleção final de imagens do fotolivro. Após essa última seleção, foi batido o martelo e o grupo foi liberado para dar início de fato a diagramação.

Para diagramar o fotolivro os autores contrataram os serviços de Amado Felipe Neto, formado em Publicidade pela Facopp. Ainda no dia 20, logo após a orientação, o grupo esteve reunido com Amado no Campus II da Unoeste onde a estrutura e sequência do fotolivro foram explicadas. Foi entregue a ele todo o material, e o mesmo afirmou que iria entregar uma prévia ainda no sábado seguinte. A autora Nayene é quem esteve acompanhando toda a etapa da diagramação, intermediando o contato entre Amado e o restante do grupo, que por sua vez dedicou-se a revisão de toda a peça teórica. No final de semana que se seguiu, diante dos primeiros resultados, os autores puderam indicar os ajustes e correções necessárias.

No dia 25 de setembro, o grupo apresentou ao orientador Roberto Mancuzo a primeira versão diagramada do fotolivro, ainda no computador. Com algumas sugestões e correções, em termos de sequência narrativa, o trabalho foi aprovado. Os pontos de discussão nessa ocasião concentraram-se no título do fotolivro e nos títulos de cada capítulo, em que se verificou a necessidade de reformulá-los.

O processo de escolha do nome do fotolivro foi longo. Foram meses tentando encontrar um título que coubesse perfeitamente a proposta da peça prática. O grupo apresentou algumas sugestões ao orientador, mas não conseguiu apontar alguma que se destacasse. Durante muito tempo em meio a etapa de pós-produção, os autores chamaram o fotolivro de “vidas em linha”, título pensado em relação ao fato do comércio de rua representar na vida de muitas famílias, uma linha de oportunidade de emprego, lazer, cidadania e sociabilidade, mas ainda não era isso que orientador e grupo precisavam. O objetivo era encontrar um nome que remetesse ao cotidiano dos feirantes, ao ponto dos próprios se identificarem. Essa mesma ideia se entendeu também aos títulos de cada capítulo.

Após muito pensar, orientador e autores finalmente chegaram a um nome. Pensando na linguagem e nos dizeres dos próprios feirantes, verificou-se que as estratégias de venda que implicam no se fazer ouvir pelos fregueses ao anunciar de forma particular os produtos, é um dos fatores mais marcantes da atividade. É muito comum expressões do tipo: “olha o mamão fresquinho, três ‘é’ cinco, seis ‘é’ dez”, dentre outras. Seguindo esse raciocínio, buscando fazer uma analogia a sequência narrativa do fotolivro que propõe representar a feira a partir das três etapas que constituem sua dinâmica, ficou definido que o título da peça seria “Três por um: a feira livre na Manoel Goulart”. O número “3” é referente às três etapas e o “1” referente

ao fato de se tratar de uma única obra, ou seja, três momentos da feira por um único livro, uma única representação.

Os títulos de cada capítulo seguiram a mesma ideia. O capítulo um, em que é apresentada a montagem, passou a chamar-se “1 é 6”, em relação ao horário de início da montagem das bancas, geralmente as 6h. Em sequência, o segundo capítulo e terceiro capítulo receberam os nomes “2 é 10” e “3 é 13” respectivamente, sempre relacionado ao horário em que se dá cada etapa.

No que diz respeito à impressão do fotolivro, convém dizer que mesmo antes do início da produção fotográfica, já estava definido que a H3 Brasil de Presidente Prudente ficaria responsável por essa etapa. Além da H3 foram realizados ainda orçamentos na empresa Quality, também de Presidente Prudente e na Digipix. Inicialmente, a diagramação também seria feita na H3, o que acabou não acontecendo devido à desistência da funcionária que ficaria responsável.

Nas semanas seguintes, durante as orientações, foram feitas correções e ajustes pontuais no fotolivro, buscando identificar repetições de personagens nas imagens ou aprimorar a edição e qualidade das imagens. Foram impressas versões iniciais do fotolivro, também submetidas a análise e correção. Após a orientação do dia 16 de outubro de 2018, o grupo foi liberado para realizar a última impressão do fotolivro a ser entregue para banca de qualificação. No intuito de conter gastos, a versão impressa nesse caso foi feita em papel couchê, tamanho A3, contendo duas lâminas por página. Foi também por essa razão que os autores buscaram os serviços da “Encadernadora Aliança: soluções gráficas” para impressão dessa primeira versão. Por fim, para a banca de defesa, foram impressas duas cópias da versão final do fotolivro pela H3.

Assim, chega-se ao fim do trabalho. Todas as etapas do processo de elaboração do fotolivro aqui narradas foram imprescindíveis para o resultado do trabalho. O compartilhamento dessas experiências, bem como a descrição detalhada de cada atividade realizada, mostra-se fundamental para a compreensão do conceito do fotolivro documental da feira e das bases que o sustenta. As conclusões e os aprendizados adquiridos pelos autores são apresentadas no capítulo seguinte.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com os resultados obtidos ao longo desse estudo, foi possível formar um ponto de vista cultural e social da feira na medida em que se compreendeu o papel que ela desempenha na sociedade. A atividade é responsável por fornecer condições para que indivíduos possam trabalhar e sustentar suas famílias, ao mesmo tempo em que satisfaz as necessidades culturais de uma comunidade. Nesse sentido, a feira proporciona não apenas o abastecimento da população, mas as sensações de pertencimento, oportunidades, trocas sociais e o reforço de hábitos e costumes, construindo-se periodicamente como uma pequena amostra da comunidade prudentina.

Foi possível verificar, ao longo dessa pesquisa, através da busca em órgãos de fomento responsáveis pela feira da avenida Manoel Goulart, a falta de organização e de dados atualizados a seu respeito. A ausência de documentos disponíveis revelou, ao contrário de um valor negativo para o grupo, uma das grandes justificativas desse trabalho, principalmente no que concerne à escolha do fotodocumentário como suporte de apresentação dos resultados obtidos.

Utilizando bases teóricas acerca da fotografia documental e observando os parâmetros do jornalismo durante o processo de levantamento de dados, buscou-se planejar um fotolivro que fosse capaz de preencher as lacunas referentes aos documentos e arquivos existentes sobre feira. Buscou-se também construir um material que pudesse servir como um instrumento de pesquisa e conhecimentos futuros.

A fotografia se apresenta como mediadora entre homem e sociedade quando expõe realidades, carregando informações, sentidos e contextos diversos que ampliam as visões de mundo das pessoas. Muito mais do que um registro neutro do real, uma foto não só apresenta, mas fornece condições para que se possa refletir e compreender fatos sociais, enquanto resultado de um processo de criação. Portanto, o sentido de uma imagem se dá a partir da intencionalidade e da utilização dos recursos da linguagem fotográfica.

A linguagem aplicada à produção fotodocumental buscou, de uma maneira geral, captar as expressões e principais ações que formam a dinâmica. Foram utilizados tanto planos abertos quanto fechados. O emprego de planos gerais e médios serviram na obtenção de imagens que refletissem as ações no ambiente e o

espaço urbano de uma maneira geral. Os autores, porém, fizeram maior uso dos planos mais fechados, buscando explorar principalmente as expressões e sensações dos feirantes. As cores foram observadas durante toda a produção fotográfica, de modo a recriar com maior precisão possível a atmosfera da feira.

As técnicas fotográficas empregadas em conjunto com a aplicação da linguagem, proporcionou a adoção de um discurso sobre a feira que refletisse a intenção dos autores, observando o entendimento que esses obtiveram após o estudo da realidade. Os sentidos pretendidos buscaram evidenciar o valor e importância da feira, partindo-se do protagonismo dos feirantes. O jornalismo contribuiu no levantamento e coleta de dados e na interpretação dos mesmos, buscando estabelecer uma narrativa capaz de informar e levar à reflexão.

A confecção da peça prática proporcionou aos autores desse trabalho responder à problemática levantada ao atingir a finalidade documental da fotografia, não só pelas imagens obtidas, mas por todo o processo de construção do discurso. Acredita-se que a narrativa apresentada proporciona enxergar a feira não apenas como uma forma de comércio, mas principalmente como uma oportunidade de trabalho, de trocas de experiências, de encontros, de realizações e diversidade.

Verificou-se que as mudanças no cenário econômico, ocasionadas principalmente pelos avanços tecnológicos e pelo surgimento de novos hábitos de consumo, ameaçam em certo ponto a ocorrência das feiras, como aponta Chaves (2011, p.23). Atualmente a atividade tenta sobreviver a concorrência com os grandes supermercados, hipermercados e sacolões que oferecem conforto e comodidade. No entanto, o comércio de rua mostra-se capaz de se adaptar, sem perder suas raízes, conservando-se enquanto tradição.

Em pesquisa de campo realizada na feira da Manoel Goulart em Presidente Prudente, foi possível ver de perto o funcionamento da dinâmica que se apresenta no local. Na feira circulam pessoas de todos os tipos, raças, idades, gênero e nível social. Por essa razão, mostra-se pertinente classificá-la como um espaço de uso comum, portanto, democrático.

O público não busca apenas os preços para satisfazer suas necessidades de compra, mas também procuram socializar, encontrar pessoas, relacionar-se e entreter-se, o que não acontece em nenhum supermercado. A movimentação estabelecida no local proporciona uma multiplicidade de cores, movimentos, gestos e vozes. Isso permite compreender o porquê a tradição de ir à

feira livre permanece nos dias de hoje. Independente de mudanças, as outras modalidades de comércio não substituem a feira em relação aos desejos dos frequentadores, ainda que ofereça vantagens.

Para além dos fregueses, fundamental para o entendimento da dinâmica da feira é compreendê-la a partir da perspectiva dos feirantes enquanto personagens oficiais do universo. Durante toda as etapas da pesquisa e posteriormente na produção da peça prática, o que saltou aos olhos foram os significados da feira para as pessoas que a fazem. Muitos trabalhadores estão inseridos no comércio de rua há décadas e tem na atividade o único meio de sustento. São as ações praticadas por eles que transformam o espaço urbano.

A contribuição desse trabalho no âmbito pessoal dos autores concentra-se sobretudo nos aprendizados proporcionados em relação à própria realidade estudada, às funções do jornalismo e aos usos possíveis da fotografia dentro do gênero documentário. Toda a produção do fotolivro da feira representou uma oportunidade de empregar a atividade jornalística fora dos modelos convencionais, buscando evidenciar seu verdadeiro papel no tratamento das informações e interpretações obtidas.

Os autores consideram fundamental praticar um jornalismo que não só transmita informações, mas que, ao mesmo tempo, jogue luz sobre questões relacionadas à sociedade. A feira é uma realidade típica do cotidiano presente no interior de uma cidade como a de Presidente Prudente, mas que, em geral, como se observou ao longo dessa pesquisa, não recebe uma atenção devida nem da sociedade e nem da administração pública. Seguindo esse pensamento, o fotolivro se mostra uma ferramenta que fornece ao público condições de interpretar a feira ampliando o olhar sobre a mesma. É função dos jornalistas examinar ideias e fatos em curso na esfera social de modo a propor reflexões, soluções, estabelecer e fundamentar ensinamentos, como aponta Beltrão (2006, p.29).

Em relação à fotografia documental, os pesquisadores puderam conferir, na prática, as possibilidades do gênero em favor do jornalismo e consequentemente a sua função enquanto mediadora entre os sujeitos e o mundo ao redor. O exercício da produção fotográfica proporcionou o entendimento de que uma imagem consegue evocar inúmeros sentidos e sentimentos, quando realizada de modo intencional. Esse foi o grande desafio do trabalho como um todo, em que se buscou apresentar a feira de modo a evidenciar seu valor e importância e retirar do anonimato os trabalhadores

que periodicamente constroem a dinâmica da feira e que dependem dela para sobreviver.

Espera-se, com o fotolivro, não apenas fazer emergir significados ocultos da feira, mas também construir a memória coletiva da mesma através de um registro histórico. A peça vem a servir como documentação iconográfica da atividade realizada na avenida Manoel Goulart diante da defasagem de documentos, ao mesmo tempo que atribui valor a ela e às pessoas que a fazem.

Os órgãos públicos responsáveis pela feira, Sedepp e Prefeitura, mostraram-se negligentes e desorganizados em relação ao controle das feiras prudentinas, como se verificou na etapa de pesquisa e levantamento de dados desse trabalho. Considerando o caráter jornalístico e documental do fotolivro produzido, a dimensão social do mesmo emerge a partir de sua função enquanto documento histórico, indo na direção contrária ao descaso observado. Diante disso, espera-se ainda que o fotolivro desperte a administração pública para o cumprimento de suas responsabilidades que dizem respeito ao zelo, conservação dos dados, documentos e à manutenção da qualidade e viabilidade do trabalho realizado no decorrer da feira.

Não seria exagero afirmar que a feira livre nunca deixará de existir, pois é algo que ultrapassa as finalidades comerciais, como visto ao longo de toda pesquisa realizada pelos autores. Mais do que qualquer coisa, a atividade é marcada pelas relações de sociabilidade, pelo encontro e convivência de pessoas diferentes. É desse modo que os indivíduos, tanto compradores e trabalhadores, desenvolvem uma relação de pertencimento com a cidade, o que configura o aspecto cultural e social de uma feira. Portanto, acredita-se então que a feira continuará a passar por transformações, mas a sua essência, o seu modo de atrair as pessoas, permanecerá.

Ao apontar o futuro da feira, pode-se apontar também a necessidade de novos estudos acerca do tema, que sejam capazes de compreender como essa atividade pode adaptar-se e ressignificar-se ao longo do tempo, utilizando-se para isso outros enfoques, pontos de vista e diferentes suportes. O fotolivro, enquanto resultado desse TCC, promete contribuir como ferramenta de pesquisa e conhecimento.

Esse TCC representa uma oportunidade de pensar e fazer o jornalismo fora do ambiente acadêmico, observando os conteúdos aprendidos e os aplicando, na prática. Tal experiência, além de fundamental para o futuro profissional dos autores, pessoalmente se revela como uma forma de tornar os membros do grupo agentes

sociais na busca de pensar, questionar e obter um olhar crítico e reflexivo acerca da sociedade.

Chega-se ao final com um trabalho que propõe enriquecer o olhar em direção à feira. Espera-se contribuir para a difusão de ideias relativas as qualidades sociais e culturais da feira, buscando evidenciar sua importância na oferta de oportunidades de trabalho, na democratização do espaço público ao promover o encontro e convivência de diferentes pessoas em um ambiente comum e na promoção de hábitos e costumes que estabelecem relações de pertencimento entre indivíduos e a comunidade. Acredita-se que, com o fotolivro documental, terá sido preservada a feira livre e a memória coletiva prudentina por meio de um documento histórico.

REFERÊNCIAS

ABREU, Dióres Santos. **Formação Histórica de uma cidade pioneira paulista: Presidente Prudente**. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente. Companhia das Letras, Presidente Prudente - SP, 1972.

ANDRADE, Alexsandra Araújo. **A feira livre de Caicó/RN: um cenário de tradição e resistência às novas estruturas comerciais modernas**. 2015, 84 f. Monografia (Bacharelado em Geografia) - Universidade Federal do Rio grande do Norte Centro Regional de Ensino Superior do Seridó - Ceres departamento de Geografia. Caicó – RN, 2015.

ANDRADE, Maria Margarida. **Introdução à Metodologia do Trabalho Científico**. 10. ed. São Paulo. Atlas. 2010.

ALMEIDA, Shirley Patrícia Nogueira de Castro. **Fazendo a feira: estudo das artes de dizer, nutrir e fazer etnomatemático de feirantes e fregueses da Feira Livre do Bairro Major Prates em Montes Claros – MG**. 2009. 135f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Social). Universidade de Montes Claros. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social. Montes Claros-MG, 2009.

ARAÚJO, Giovanna de A. F. O Cotidiano das feiras: aspectos sociais. IN: **Continuidade e descontinuidade no contexto da globalização: um estudo de feiras em Portugal e no Brasil**. 2012. Tese (Douramento em História Contemporânea) - Universidade do Minho – (UMINHO) e História Social (Universidade Federal da Bahia - UFBA), Braga, Portugal, 2012. P.64-69.

Disponível em
<<http://www.maringamanagement.com.br/novo/index.php/ojs/article/viewArticle/131>>
Acesso em: 23. fev. 2018.

BADGER, Gerry. **Por que os fotolivros são importantes**. Zum – Revista de Fotografia. n. 8, abr. 2015. Disponível em: < <https://revistazum.com.br/revista-zum-8/fotolivros/> > Acesso em: 20 jul. 2018.

BARBOSA, Carlos Alberto Sampaio. **Fotolivro e história comparada da fotografia na América Latina: Reflexões técnicas e possibilidades de investigação**. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDO DE IMAGEM, 4. Londrina, 2013. Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0475-1.pdf> > Acesso em: 20 jul. 2018.

BARROS, Antônio Teixeira e JUNQUEIRA, Rogério Diniz. A elaboração do projeto de pesquisa. In: DUARTE; Jorge, BARROS, Antônio. (Orgs.) **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo. Atlas. 2009. p. 32-49.

BELTRÃO, Luiz. **Teoria e prática do Jornalismo**. Adamantina: FAI/ Cátedra Unesco Metodista de Comunicação para o Desenvolvimento Regional. Edições Omnia, Adamantina, 2006.

BERNARDINO, Fernanda. **Mercado Viver: Presidente Prudente**. 109f. Trabalho final de Graduação III. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho (Unesp) – Faculdade de Ciência e Tecnologia. Presidente Prudente – SP, 2011.

BONI, Paulo César. **O discurso fotográfico: a intencionalidade de comunicação no fotojornalismo**. 2000. 306f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). São Paulo: ECA/USP, 2000.

BONI, Paulo César. **O nascimento do fotodocumentarismo de denúncia social e seu uso como “meio” para transformações na sociedade**. 2008, 16f. Trabalho apresentado ao Núcleo de Pesquisa Fotografia: Comunicação e Cultura do VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Rio Grande do Norte, 2008. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0475-1.pdf>>. Acesso em: 30. ago. 2017.

BOMBONATI, Letícia Azevedo de Andrade; BRACHI, Daniela Nery. **Croa: Fotolivro e Design**. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 18. 2016, Caruaru – PE. Intercom, 2016. Disponível em: <www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2016/resumos/R52-1115-1.pdf> Acesso em: 20 jul. 2018.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRACCHI, Daniela Nery. **Experimentações plásticas ao longo da história dos fotolivros**. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 18, 2016, Caruaru – PE. Intercom, 2016. Disponível em: <www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2016/resumos/R52-0979-1.pdf> Acesso em: 20 jul. 2018.

CAMARGO, Isaac Antonio. **Reflexões sobre o Pensamento fotográfico: pequena introdução às imagens e à fotografia**. Londrina: EDUEL, 1999.

CHAGAS, Marco Aurélio. **Funcionamento de feiras livres nos municípios**. 2013. Artigo apresentado ao site: Artigos.com. Disponível em: <<http://www.artigos.com/artigos-academicos/12578-funcionamento-de-feiras-livres-nos-municipios>>. Acesso em: 03 jan. 2018.

CHAVES, Gilvando Rodrigues **Análise Socioeconômica e Cultural da Feira Livre do Município de Remígio-PB**. – 2011. 105 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, Paraíba, 2011.

DANTAS, Geovany Pachelly Galdino. **Feira livre de Macaíba/RN: um estudo das modificações na dinâmica socioespacial (1996-2006)**. 2007, 209 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

D'INCAO, Maria Ângela. **Presidente Prudente: capital regional**. Presidente Prudente: Letras à Margem, 2007.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE; Jorge, BARROS, Antônio. (Orgs.) **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009a. p.62-83.

DUARTE, Marcia Yukiko Matsuuchi. Estudo de caso. In: DUARTE; Jorge, BARROS, Antônio. (Orgs.) **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009b. p.215-235.

FELDHUES, Marina. **Qual o conceito central do meu fotolivro?** Revista Unicaphoto da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Pernambuco, v. 11, n. 11, ago., 2018. Disponível em: < <http://www.unicap.br/unicaphoto/?p=91>>. Acesso em: 20 jul. 2018.

FREUND, Gisèle. **Fotografia e Sociedade**. Lisboa, Portugal: Vega, 1995.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo. Atlas. 2012.

GOLDENBERG, Miriam. **A arte de pesquisar**. 13. ed. Rio de Janeiro. Record. 2013.

GUIMARÃES, Olmária. **O papel das feiras livres no abastecimento de São Paulo**. Universidade do Estado de São Paulo – Instituto de Geografia, 1969.

GUIMARÃES, Camila Aude. **A feira livre na celebração da cultura popular**. 2010, 20f. Trabalho apresentado ao curso de Gestão de projetos culturais – Universidade de São Paulo - Gestão cultural e organização de eventos (CELACC USP). São Paulo, 2010. Disponível em <<http://www.usp.br/celacc/?q=pt-br/celacc-tcc/326/detalhe>> Acesso em: 30. ago. 2017.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. 2. ed: São Paulo: Ática, 1989.

KOSSOY, Boris. **Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo**. 3. ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2014b.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2014a.

KOSSOY, Boris. **Realidades e Ficções na Trama Fotográfica**. 5. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2016.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

LAGE, Nilson. Conceitos de Jornalismo e papéis sociais do Jornalismo. **Pauta geral: estudos em Jornalismo**, Ponta Grossa, vol.1, n. 1, Jan-jul., 2014. Disponível em < <http://177.101.17.124/index.php/pauta/about>>. Acesso em: 10. mar. 2018.

LIMA, Ivan. **A fotografia é a sua linguagem**. Rio de Janeiro: Espaço e tempo, 1988.

LOMBARDI, Kátia Hallak. **Documento Imaginário: Novas potencialidades na fotografia documental contemporânea**. 2007. Dissertação (mestrado) Belo Horizonte - UFMG, 2007. Disponível em <www.bocc.ubi.pt/pag/lombardi-katia-documentario-imaginario.pdf>. Acesso em: 30. ago. 2017.

MACEDO, Ronaldo Antônio Barbosa. **História de presidente prudente**. 1. ed. Presidente Prudente: [s.n.], 2006.

MAGNI, Lolita Fernanda. **Remix e fotografia: manifestações do remix nas montagens de fotolivros com templates**. 167 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Faculdade de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre - RS, 2016.

MAGNI, Lolita Fernanda. **A Montagem Cinematográfica Emprestada aos Fotolivros: Uma Análise do Fluxo Narrativo nos Álbuns de Fotografia Feitos com Templates**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 38. 2015, Rio de Janeiro – RJ. Intercom, 2015. Disponível em: <portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-3204-1.pdf> Acesso em: 20 jul. 2018.

MOREIRA, Sônia Regina. Análise documental como método e técnica. In: DUARTE; Jorge, BARROS, Antônio. (Orgs.) **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009. p.269-279.

OLIVEIRA, Elaine Abreu. **Ler imagens, ver a cidade: A fotografia e a questão da narratividade urbana**. Esferas. v. 5, n. 5, ano 3, jun./dez. 2014. Disponível em: <<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/viewFile/5681/3612>> Acesso em: 20 jul. 2018.

PALACIN, Vitché. **Fotografia: teoria e prática**. São Paulo: Saraiva, 2012.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

SEUR (SEMINÁRIO DE ESTUDOS URBANOS E REGIONAIS), 7., COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE EDUCAÇÃO DO CAMPO E ENSINO DE GEOGRAFIA EIXO 2 – ECONOMIA, TERRITÓRIO, COMÉRCIO E CONSUMO, 1., 2011., PINTO, Vinicius Lacerda; PINTO, Andler Kimura; VIEIRA, Sidney Gonçalves.

Diferentes espaços de consumo: o caso das feiras livres e supermercados no bairro Fragata, Pelotas – RS.

Disponível em <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/seur/article/view/5295>> Acesso em: 21. Mai. 2018.

RESENDE, Benjamin. **Raízes Prudentinas**. Presidente Prudente SP: ed. Do autor. 2006.

SCOTTINI, Alfredo. **Minidicionário escolar da Língua Portuguesa**. Blumenau, SC. Todolivre Editora 2009. 154p.

SECIUK, Ana Cristina; BARTZEN, Jaqueline. **Merda! Estudo teórico e descrição do processo de montagem de um fotolivro documental**. 103 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba - PR, 2007. Disponível em: <
https://acervodigital.ufpr.br/.../TCC_Merda_estudo_teorico_e_descricao_do_processo...> Acesso em: 20 jul. 2018.

SILVA, Lígia Betânia Wanderley. **A feira livre em Pedras de Fogo – PB**. 2006, 54 f. Monografia (Graduação em Geografia). Universidade Federal de Paraíba (UFPB/CCEN) - João Pessoa, 2006. (Disponível em <
http://www.geociencias.ufpb.br/~paulorosa/gema/images/stories/monografias/2006/mono_ligia.pdf> Acesso em 08 de abril de 2018.

SILVA JUNIOR, Roberto Aparecido Mancuzo. **O MST desterritorializado: Um novo olhar sobre a criminalização do movimento a partir do fotojornalismo e do hiperespetáculo**. 2010. 131 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina. 2010.<Disponível em http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000155917_-> Acesso em: 24. fev. 2018.

SILVEIRA, Victor Cardoso. et al. **Avaliação da importância das feiras livres e a forma de comercialização adotada pelos feirantes na cidade de nova andradina – ms**. In: Encontro Internacional de Gestão, Desenvolvimento e Inovação, nº 1; v: 1., 2017. Disponível em < <http://seer.ufms.br/index.php/EIGEDIN/article/view/4288> > Acesso em: 20 mai. 2018.

SONTAG, Susan. **Ensaaios sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Arbor, 1983.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Chapecó: Grifos; Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

SOUZA, Carolina Rezende de. / As feiras livres como lugares de produção cotidiana de saberes do trabalho e educação popular nas cidades: alguns horizontes teóricos e analíticos no campo trabalho-educação. /**Trabalho necessário**. /Rio de Janeiro, Universidade Federal Fluminense. v. 13. n. 22. 2015. Disponível em <
www.uff.br/trabalhonecessario/images/TN_22/06_Carolina_Rezende_de_Souza.pdf> Acesso em: 21 mai. 2018.

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE; Jorge, BARROS, Antônio. (Orgs.) **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009. p.51-61.

TRINDADE, Denise. **Narrativas cinemáticas em fotolivros: Miguel Rio Branco e Rosângela Rennó**. Trama: Indústria Criativa em Revista. Dossiê: A Cidade e as Questões do Urbano. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, ano 1. jul./nov. 2015. Disponível em: < periodicos.estacio.br/index.php/trama/article/download/1773/846 > Acesso em: 20 jul. 2018.

VEDANA, Viviane. Fazer a feira e ser feirante: a construção cotidiana do trabalho em mercados de rua no contexto urbano. IN: **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 13, n. 39, p.41-68, jan/jun, 2013.

Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832013000100003>. Acesso em: 21 mar. 2018.

VIEIRA, Beatriz. **Fotojornalismo/Fotodocumental**. 2016. 43f. Monografia (Habilitação em Fotografia) - FOCUS escola de Fotografia. São Caetano do Sul, 2016. Disponível em <<https://focusfoto.com.br/wp.../FOTOJORNALISMO-FOTO-DOCUMENTAL-TCC.pdf>> Acesso em: 21 mai. 2018.

ANEXOS

ANEXO A
ENTREVISTAS

**ENTREVISTA REALIZADA POR: NAYENE FURMIGARE
LILIANE MACIEL, AMARILDO PEREIRA LOPES E CLAUDIO MOURA.
MEMBROS DA SEDEPP
DATA DA ENTREVISTA: 31 DE OUTUBRO DE 2017
TRANSCRIÇÃO FEITA POR: LAYS MARECO**

Nayene: Boa tarde, sou a Nayene, estudante do sexto termo de jornalismo da Universidade Unoeste. Eu e mais três pessoas estamos querendo fazer um TCC sobre as feiras de Presidente Prudente, tudo começou quando fomos fazer uma grande reportagem para a matéria de online, o que é a grande reportagem? É uma reportagem que engloba várias mídias, texto, áudio e fotografia. Tivemos um outro olhar sobre a feira, uma questão totalmente diferente, resolvemos trazer as feiras para o nosso TCC. A gente vai fazer um fotolivro, o que é um fotolivro? É os aspectos culturais e sociais que a feira traz para a população de presidente Prudente. O Amarildo que particularmente tem me respondido muito bem no WhatsApp, tem me fornecido muitas informações sobre as vinte e seis feiras de Presidente Prudente e as três feiras da lua. Nossa equipe, que é o meu grupo, tem ido nessas feiras e conversado com os feirantes e a gente apresentou o trabalho para a nossa orientadora, que é a Fabiana, ela aprovou o tema e o tema seria “O registro fotográfico das feiras livres de Presidente Prudente: uma análise cultural e social”, e para isso, como o Amarildo já tem me fornecido algumas questões, alguns requisitos sobre a feira, eu precisaria de um ofício de vocês, que vocês autorizassem a gente estar produzindo esse fotolivro, porque assim, sei que todo mundo aqui é ocupado e eu vou precisar ‘Oh Amarildo, você confirma esse dado?’, como eu liguei perguntando e conferindo alguns dados com ele e ele conferiu para mim. Então para amanhã ou depois algum de você falar ‘Não autorizei’, aí é por isso que estou vindo aqui para expor o nosso trabalho. Se não a gente não e forma na faculdade. Uma coisa que é bem interessante, as pesquisas que fizemos na faculdade, não tem nenhum projeto de TCC envolvendo a feira.

Claudio: Nós vamos depois ter acesso?

Nayene: Com certeza, vou convidar vocês quando o livro foi publicado, pois vamos escrever tudo, vai ter todo um processo e provavelmente se Deus quiser o ano que vem nós acabamos nossas pesquisas sobre as feiras e eu vou estar convidando vocês para irem lá na Unoeste e assistir nossa apresentação e para vocês estarem contando o que acharam. E assim, no decorrer do nosso trabalho, eu, os outros integrantes do grupo vai vir aqui para mostrar o andamento, tá assim, assim e assim, ‘ah, mas porque vocês fotografaram aquela parte, é porque não pode’, apesar que quando a gente for fotografar sempre pede autorização para os feirantes antes, a gente conversa, a gente explica, mas como é a Sedepp que cuida de todas as feiras e a nossa equipe sempre está perguntando se pode estar registrando, se pode ou também se a pessoa não gosta e aí eu queria ver se vocês topam.

Claudio: Uma vez eu recebi um rapaz fez, o tipo que vocês estão fazendo, só que ele era de fotografia, aí ele estava fotografando uma academia lá e ele me deu uma cópia.

Nayene: Não, a gente vai providenciar um livro no final para vocês guardarem aqui ou expor em outros lugares.

Claudio: Não, para vocês é interessante, as vezes aqui não tem pontos e fotos que a gente nem sabe.

Nayene: E vamos sim, pois são vinte e seis feiras mais as feiras da lua.

Amarildo: E são mais de quinhentos feirantes né?

Nayene: Sim.

Claudio: E vocês vão fazer entrevista com todos eles?

Nayene: Sim, temos algumas alterações para corrigir. A gente já conversou com os feirantes mais velhos que estão a mais tempo, por exemplo, o Amarildo me mandou alguns dados que não tem uma data exata de quando surgiu a feira, de como começou, e o relato que os feirantes falam é que a feira da Manoel Goulart era nas duas vias.

Amarildo: Sim, eram nas duas vias.

Nayene: Aí eu falo, 'mas a quanto tempo isso?' e eles falam 'Mil novecentos e bolinhas' 'mil novecentos e alguma coisa'.

Amarildo: Até os anos dois mil mais ou menos.

Nayene: Que foi os dois lados, mas o início?

Amarildo: Foi na década de sessenta.

Nayene: Exato, aí o senhor Sebastião que é um dos nossos grandes feirantes, fontes disse 'ali a gente fornece qualquer informação, fotos'

Amarildo: A feira do sábado na realidade ela começou no parque São Jorge, pelo o que eu sei da história, pelo o que me contaram, no Parque São Jorge lá onde é o campo do pretinho, ali nos arredores, ali onde é a Americanas. Depois ela já passou lá para a frente do corpo de bombeiros e depois que ela veio para a Manoel Goulart. Quando eu cheguei aqui em mil novecentos e sessenta e sete, que já morreu um monte, eles me contavam isso, assim, assim e assim.

Nayene: E o interessante que esse senhor Sebastião que a gente entrevistou, ele fala que quando começou ele trazia as coisas do sítio e vendia na calçada, então a feira começou vendendo na calçada, assim, não tinha barracas e nada disso que vemos hoje. A gente vai relatar, e tanto quando a gente souber quem vai ser o nosso orientador, a gente vai dar essa possibilidade, pois eu fui fazer um trabalho recentemente agora, semana passada na feira da lua, e vi que é um mundo totalmente diferente. A feira da lua é mais organizada, é aquela tradição de feira mesmo, é tudo separado, verduras e espetinhos para não ter cheiro.

Amarildo: É, mas ela pode falar para você dos projetos da lua que eles que tocam.

Liliane: É um projeto do ministério do governo federal, dos movimentos agrários. Antigo ministério do movimento agrário.

Nayene: Nós falamos com a Julia...

Liliane: Ela está desde o começo...

Nayene: É, ela me explicou.

Liliane: E ela é padronizada e é para agricultor familiar e isso estava constatando no edital do ministério e é regional, é territorial pelo ministério do movimento agrário, abrange Pontal até a região de Presidente Prudente. Inclusive a gente precisa de agricultor de fora, pois já tivemos bastante.

Nayene: Ela me contou que já conseguiu um caminhão pelo governo para estarem levando as barracas que ganharam.

Claudio: Um caminhão, uma picape.

Nayene: É, nosso projeto é mais ou menos assim.

Liliane: Porque esse caminhão por exemplo, como essa feira pode ser inerente, ela pode ser em Regente, em Mirante, entendeu? Ela pode ir para fora.

Nayene: É, ela me falou. Nossa, ela é uma grande fonte no qual vamos utilizar bastante.

Amarildo: Feira noturna, da lua é porque é a noite.

Nayene: Sim, ela começa a partir das dezoito horas... E, tem vários outros aspectos que o nosso grupo visualizou na feira da lua que não tem na feira da Manoel Goulart, pois nosso foco é mais na feira da Manoel Goulart, pois ela tem uma maior dimensão. Não que a gente não vai acompanhar as outras, as outras vinte e cinco feiras, mas o termo de comparação vai ficar mais nessas duas mesmos.

Amarildo: Você tira lá, como vou fazer uma listagem de feiras, é duas ou três “barraquinhas”

Nayene: Então, nós vamos ter que visualizar todos.

Claudio: Para o seu trabalho é muito interessante ver a diferença, ter que visualizar o local, duas ou três barracas, um local sessenta...

Nayene: Sim, vamos ter que visualizar todas, nosso grupo só visualizou a feira da lua do Alto da Boa Vista e da Manoel Goulart, pois são trabalhos que já fizemos em outras matérias e está puxando para o nosso TCC, para a nossa pesquisa, mas para isso eu preciso do secretário municipal do desenvolvimento econômico, que você falou que é o João Carlos Marcondes...

Claudio: Certo.

Nayene: O Amarildo que é o diretor de comércio, que é o que está me informando por enquanto todas as informações e se tiver mais gente e vou refazendo.

Claudio: Mas aí você pega o da feira da lua e vai no coordenador da agricultura...

Nayene: Sim, pois eu preciso de todos.

Claudio: É, quem manda é o secretário.

Nayene: Vocês para mim são importantes porque? Às vezes eu não vou falar diretamente com ele...

Liliane: Sim, em termos de dado, essas coisas, informações...

Claudio: Sim, aqui só autorizações.

Nayene: Sim, quando conversei com o Amarildo ele me passou o dele e do Amarildo, pois ele já vem me fornecendo dados, já vem me ajudando. Agora vocês dois eu vou pegar o de vocês hoje, o secretário está aí hoje?

Liliane: Ele estava, não sei se eu vi ele passando.

Nayene: Mas qualquer coisa eu deixo esse ofício com você Amarildo ou com vocês dois e eu trago amanhã um novo que é para cada um de vocês dois, pego o nome a função certinho e recolho todos os vistos dos ofícios.

Amarildo: Qual foi o diferencial que você achou da feira da Manoel Goulart para o da Lua?

Nayene: A organização, primeiro que as barracas são todas padronizadas, não vemos os “griteiros”

Liliane: Ah não.

Nayene: Tudo, aquele silêncio pleno que a gente falava assim, tanto meu grupo como eu falávamos assim ‘gente será que estamos no lugar certo?’.

Amarildo: Mas você sabe que a feira da Manoel Goulart já foi padronizada?

Nayene: Já, conversamos...

Liliane: Nossa, eu não sabia.

Amarildo: Na Manoel Goulart foi eu em mil novecentos e noventa e sete.

Liliane: E como você padronizou, cada um fazia a sua?

Amarildo: No tapa “fia” ou padroniza ou cai fora.

Nayene: O senhor Sebastião que a gente conversou, ele relatou para a gente que até mais ou menos dois mil era tudo padronizado, só que depois começou a desandar.

Só que lá na feira da lua a gente não vê vendedor ambulante, a gente não vendendo peixe, vendendo, raramente que a Julia falou que queijo e se algum feirante ver outro vendendo algo diferente, corre e fala para ela. O que eu achei muito interessante é que a feira da lua é separada, ela começa com um brinquedo e vem um pastel, depois verduras.

Liliane: É, isso foi tudo planejado, porque assim, a gente procura deixar brinquedo nas duas pontas, área de alimentação nas duas pontas para no meio ter melhor circulação.

Amarildo: Você vai na quinta-feira no Parque dos Girassóis que é a caçula da turma que é um modelo que estou querendo implementar no município, queremos inovar as antigas e é igual a deles, brinquedos de um lado, hortifrutigranjeiros do outro.

Nayene: Nossa, mas assim, é totalmente diferente, eu achei a organização bem mais e como a Julia me disse, a feira da lua ela resgata o que é uma tradição de feira, pois a feira da Manoel Goulart perdeu o sentido de feira, pois lá você encontra vendedor ambulante, você encontra coisas do Paraguai, não são somente os hortifrutigranjeiros.

Claudio: Então, a da Lua tem uma comissão da feira, então tudo que vai ter de diferente tem que consultar a nós e a comissão.

Liliane: E se for algo bastante complicado tem que ter uma cegonha.

Amarildo: Quem é o Sebastião que você conversou com ele?

Nayene: O Sebastião ele fica com a barraca bem no início da Manoel Goulart, é a primeira barraca de verduras.

Amarildo: Acho que sei quem é.

Claudio: A feira da lua existe uma sessão de urso que eles não compram.

Liliane: E gestão.

Claudio: O governo federal cedeu né? E nós passamos para eles, eles assinam o compromisso.

Liliane: Desistiu devolve o equipamento.

Nayene: E a gente viu que eles cuidam muito bem, porque assim, todas as frutas e verduras são muito bem organizadas em todas as barracas e isso porque fomos visitar somente duas vezes.

Amarildo: Estou pensando em mandar vocês tomarem, conta da feira da Manoel Goulart, o que vocês acham? Querem trocar?

Claudio: Mas todas as feiras o pessoal assina.

Liliane: Sim, porque tem regras.

Nayene: Mas em termos de fiscalização?

Liliane: Então, tem né?

Nayene: Da feira da Lua?

Liliane: Tem.

Amarildo: Tem.

Claudio: Bom, não chega ter.

Liliane: O problema é quando chega alguém querendo vender, ambulantes e o fiscal já fala 'aqui não'.

Amarildo: O problema é que, isso aqui vocês nem relatam no trabalham... O problema é que os funcionários eles são terceirizados, digamos assim, eram funcionários da Prudenco, os fiscais, e venceu o contrato da Prudenco e nossa secretaria não renovou o contrato e tirou todo mundo.

Liliane: Por isso está sem fiscal.

Amarildo: Hoje estamos com vinte e nove feiras, vinte e seis, mais três da lua, com dois funcionários

Claudio: Esse rapaz era fiscal deles, mas gostou da feira da Lua e disse 'posso dar uma mãozinha aqui' e para nós foi bom. Então ele ia lá, não que ele quisesse ser o fiscal da feira, mas ele ajudava.

Nayene: A Julia me informou que foi esse ano foi uma ou duas vezes, mas assim, que ela é a grande fiscal, ela fala.

Liliane: Mas é mesmo, as vezes eu chego lá e ela 'veio aí, aí nós não queríamos deixar', mas vai fazer o que?

Amarildo: Mas a feira é igual sua casa, o cara não vai chegar invadindo, um maluco com um caminhão de melancia chega e larga uma caixa, eles não têm essa problemática, lá na Manoel tem.

Claudio: Elas são três feiras muito pequenas.

Nayene: Cada feira da Lua deve ter, a gente não fez esses dados ainda, pois está muito recente porque ainda esperamos aprovação, mas a gente não apurou, mas quantos feirantes mais ou menos tem em cada uma?

Claudio: Não temos uma ideia assim.

Nayene: Mas a quantidade é bem pouca né?

Amarildo: Sim, em relação as livres.

Liliane: Por exemplo, aqui no Bongiovani são vinte e dois, na segunda feira, na quarta são dezoito, no Alto da Boa Vista são vinte e seis.

Nayene: Olha... Então, a gente vai trabalhar com tudo isso, então...

Amarildo: Então na feira de cada lado deve ter um cinquenta.

Nayene: Ah não, naquela da Manoel Goulart...

Amarildo: Eu não tenho curiosidade de contar, mas uma vez contei e deu uns duzentos e cinquenta, pois tem uns que tem dois metros, outros com outros metros, mas quando contei deu duzentos e cinquenta, duzentos e cinquenta e dois.

Nayene: A gente viu em questão de impostos, os produtores rurais não pagam o alvará.

Liliane: Sim, eles não pagam o alvará.

Amarildo: Sim, o alvará municipal é setenta e cinco reais por ano aproximadamente.

Liliane: Os da feira da Lua pagam energia e a propaganda quando eles querem fazer eles pagam.

Nayene: E é isso, o interessante é que lá na feira da Lua todo mundo tem um mesmo espaço que a gente observa, não tem um querendo ser mais do que o outro.

Liliane: Sim, lá existe um limite, pois pode ser por associação ou por produtor individual, quando é por individual, no máximo ele pode ter três barracas de dois metros que vão dar seis metros.

Amarildo: É igual na feira, na feira a barraca é seis metros.

Liliane: Quando é a associação são dez metros as barracas, antes tinham associação, hoje não tem mais então eles dividiram em agricultor individual. Mas tem agricultor que tem uma, duas, três e tem agricultor que tem mais e não pode né? A gente não deixa.

Amarildo: Porque vai muito da necessidade do cara, seis metros não dão, tem uma lá que você pode perceber, é muito grande, Jorge Henrique.

Nayene: Seu Jorge, tentamos conversar...

Amarildo: É um magrelo né?

Nayene: É ele mesmo, mas ele ainda está meio... A gente tentou, o único que está lá a mais tempo e tem uma quantidade maior de alvarás e falou para a gente é o senhor Sebastião, que vais ser fundamental para a nossa peça pratica. Na feira da Lua a

gente foi, conversou com a dona Maria, uma mestiça, conversamos com a Julia, Mário da cama elástica e o pessoal foi conversando e explicando sobre o trabalho e eles foram se soltando mais. Agora, da Manoel Goulart, o pessoal já tem medo, eu não sei o que é.

Amarildo: E na Manoel Goulart é mais “muvuca”, mais movimentado.

Claudio: Na feira da Lua os feirantes são praticamente os mesmos nas três feiras.

Nayene: Então, dependendo do projeto, do projeto não, pois ele já está montado só aguardando a confirmação de vocês, aí a gente pode estar marcando de quando a gente for apresentar nossa pesquisa, pois a apresentação para a banca será agora dia cinco na segunda feira.

Liliane: Já?

Nayene: Sim, segunda feira agora é dia seis.

Liliane: Dia 5.

Nayene: Seis, é, então vai ser dia seis que vamos apresentar para a Fabiana o projeto inteiro, pois já está tudo corrigido por ela, ela só quer ver o desenvolvimento e tudo mais. Aí dia treze na próxima segunda é para a banca, aí vai ter os três professores.

Claudio: Então vai ser a avaliação.

Nayene: Sim.

Liliane: Ah, então é rápido.

Nayene: Aí depois do dia treze vamos saber quem é o orientador e já vamos começar com a pesquisa, então é isso. Aí o ano que vem, pois a pesquisa só termina o ano que vem e depois vai ter outras apresentações para a faculdade.

Amarildo: Quais são as pesquisas? Em cima do que? De venda?

Nayene: Tudo, tudo que citei para vocês.

Amarildo: Sócio, econômico e cultural.

Nayene: É, o nosso objetivo mesmo é o social e o cultural, uma análise em cima disso.

Amarildo: Uma ideia também para o trabalho de vocês é que tem clientes que vão lá desde mil novecentos e bolinhas.

Nayene: Sim, vamos fazer também entrevista com eles, pois nossa pesquisa requer isso já que é uma análise social também, para a faculdade como conclusão de curso e para a gente também né?

Amarildo: No sociocultural também tem muita gente que tem cultura na feira da Manoel Goulart.

Nayene: Eu conversei com duas senhoras inclusive a dona Cleonice que vai para a feira só para comer o pastel da manhã e ela me contou tudo de como conheceu o marido na feira...

Liliane: Olha só!

Nayene: Então assim, é histórias muito legais, mas não podemos colocar no papel, pois ainda não conhecemos o nosso orientador para sabermos para que lado iremos. Então, vou providenciar esse ofício para vocês dois e amanhã eu volto nesse horário, pode ser?

Liliane: Pode sim.

Amarildo: Se eles não estiverem aqui eu entrego a eles, pois é muita correria.

Nayene: Então é isso, está combinado.

Liliane: Está joia.

Nayene: Por enquanto muito obrigada.

Amarildo: Estamos à disposição.

AMARILDO PEREIRA LOPES
RESPONSÁVEL PELAS FEIRAS DE PRESIDENTE PRUDENTE
ENTREVISTA REALIZADA POR CELULAR (GRAVADA)
DATA DA ENTREVISTA: 07 DE MARÇO DE 2018

1. Quais são as características das barracas?

É estrutura é de metal, sendo um tabuleiro de madeirite, contendo seis metros de comprimento e um de largura.

2. Quais os valores econômicos do alvará?

O alvará hoje está girando em torno de R\$ 76,00 reais anuais.

3. Existe um padrão para a personalização das barracas ou é a critério do próprio feirante?

Hoje não está mais padronizada, mas já foi mais para o futuro vai voltar a padronizar. O cara ele vai escolher as cores dele, desde siga as normas que vão ser sugeridas pela prefeitura, em relação ao fechamento lateral e frontal da barraca e mais a cobertura.

4. A delimitação dos produtos que podem ser vendidos na feira é por aprovação sua?

Isso, eles nos procura e fala o quer vender, seja hortifrutigranjeiro, churrasquinho, pastel. No momento em que ele vem aqui se inscrever para se cadastrar como feirante ele já determina o produto que vai vender.

5. Existe punição para aqueles que se cadastra como vendedor de tal produto e na prática vende outro?

Ele é orientado a fazer uma orientação de cadastro, que no caso ele vai alterar os dados na prefeitura informando que ele deixou de vender o produto anteriormente cadastrado e passa a vender o que está vendendo atualmente.

6. E tem alguma punição caso eles não forem comunicar vocês a respeito da mudança sem autorização?

Sim, no primeiro momento como toda regra qualquer da feira, primeira medida é a pessoa ser notificada, a segunda após o não cumprimento da notificação é multa.

7. E essa multa varia em quais valores?

Hoje uma multa vai estar 30 UFM então aproximadamente R\$100,00 reais.

8. Você tem o manual da feira quanto a orientação de montagem e desmontagem das barracas?

Não, isso é conforme a Lei de 97 que deverá ser montado a partir de tais horas.

9. Então é tudo baseado na Lei de 97, não tem dado atualizado até o momento?

Correto, ou você acrescenta uma hora para a montagem e para a desmontagem.

10. Você teria alguma tabela que informa o número de feirantes cadastrado aos domingos na feira da Manoel Goulart para disponibilizar para o projeto?

Não tenho. Olha, vou procurar esse arquivo na prefeitura, tem mais de quinhentos feirantes, só que não conta os que já faleceram, os que deixaram de praticar as atividades, pois tem feirante que abre o cadastro, vai embora e não fecha.

11. Você teria o contato de alguém da prefeitura para que possamos conversar a respeito desses dados? Pois queríamos saber se a quantidade de feirantes cadastrados na prefeitura é a mesma obtidas em visitas as feiras no dia de domingo.

A feira de domingo na última vez que a gente fez uma média de frequência, dava cem, cento e um, cento e dois e é aquilo, no domingo o feirante falta bastante então você está em uma média boa. Na prefeitura não vai estar separado feira por feira, ela dá um cadastro geral.

RONALDO ANTONIO BARBOSA MACEDO
HISTORIADOR DE PRESIDENTE PRUDENTE
ENTREVISTA REALIZADA POR CELULAR (GRAVADA)
DATA: 21 DE MARÇO DE 2018

1. Quando surgiu a feira?

Eu não tenho previsão disso, eu não vi em lugar nenhum referência ao ano, eu sei que nos anos 1920 é que começa um movimento nesse sentido; porque o pessoal vendia verduras e frutas de porta em porta e com carrinho de mão, normalmente pessoal que trabalhava era que tinha chácara, plantação de fruta ou de verduras, hortas que vendiam de porta em porta. Aí surgiu à ideia de centralizar isso em um lugar, surgiu à feira livre na Manoel Goulart que era o final da cidade. Abaixo disso era área rural, então começou a se montar umas barracas provisoriamente para vender pra todo mundo, onde virou tradição de ser ali e é assim até hoje, por isso eles não querem sair dali, é uma feria tradicional, a mais antiga da cidade.

2. Por qual razão foi permitido fazer a feira?

Não sei, e acho que não existia isso no início, na verdade não tinha uma regulamentação, a regulamentação veio depois que começa um setor de higiene da prefeitura que fiscalizava tudo, isso inclusive começa nos anos 30, onde não dá para saber exatamente quem, quando e como foi, não tem uma documentação disso, aí que está, é uma coisa solta no começo.

3. Sobre as necessidades que a feira tem atualmente qual seu ponto de vista? E quanto aos banheiros químicos?

Na verdade, aquela feira deveria sair dali no meu ponto de vista, é o que eu acho. Tudo bem apesar de ser uma feira tradicional, ela é hoje a cidade uma via de acesso na Manoel Goulart, então foi criado uma área para a feira atrás do parque uso múltiplos, quando centralizou aquele fundo de área se fez um vão livre, atrás dele que vai até o parque do povo praticamente, então como ali era um fundo de varia não poderia se construir, então se abriu um vão livre, a ideia era de levar a feira para lá, mas nunca foi aceito isso, tanto que o mercado modelo quando foi demolido nos anos 90 e construído aquela praça da Apea se deslocou o mercado Modelo por uma parte do vão livre porque ele saiu daquela área do Centro, que estava degradada com problema de higiene, estava caindo o mercado e foi transferido para lá, já os feirantes nunca quiseram ir para aquele lugar, alegaram que era um lugar escondido, ruim de comercio e eles precisavam de uma área mais expostas para pode vender, na realidade era essa a ideia. Agora de colocar banheiro químico é um transtorno para falar a verdade, não sei se vai resolver o problema porque a feira hoje é um ponto de encontro, não é só comercialização de produtos, ela é um restaurante, uma praça de alimentação também, então na verdade a Manoel inteira esta sendo ocupada pela feira de comercio de produtos, como frutas, verduras e daí para frente nós também tem a área de alimentação que muita gente vai lá para isso. Tudo bem colocar banheiro químico porque o pessoal não tem quem vai lá para se alimentar e fica algum tempo e vai procurar banheiro onde, no posto de gasolina, ai o pessoal reclama, o comercio não gosta disso, a sujeira toda que fica lá, seria uma saída mas eu não sei se seria ideal achar um lugar melhor e que tivesse uma estrutura fixa.

4. Se tirar a feira da Av. Manoel Goulart você não acha que perderia um pouco da tradição?

Vai perder a tradição, mas hoje ela é um problema sério naquela área, tudo bem que é num fim de semana, no sábado e no domingo, que não tem aquele movimento que tem durante a semana, mas é um problema. Muita gente reclama de sujeira, quem tem ainda algum comercio por ali, quando a feira começa, o comercio está fechando, mas tem aquele transtorno de bloqueio de área, para sair com o carro. Eu acho que já chegou a hora daquela feira sair dali, deveria ter um lugar especifico para ela, como foi construído aquele vão livre atrás do Parque dos Múltiplos com a intenção justamente facilitar o acesso, mas eles não quiseram sair de lá e provavelmente não vão sair ai é a mesma coisa o camelódromo ele também não quer sair daquele lugar, já se falou, já se discutiu, mas ele também não querem porque é uma área central, uma área de visibilidade então de repente não querem sair dali, e a feira hoje tanto do que ela já foi ela não é nem um terço, ou um quarto do que ela foi, ela é minúscula, na verdade a feira ocupava as duas partes da avenida Manoel Goulart à uns trinta anos atrás mais ou menos, hoje ela é pequena, então não sei se seria o ideal achar um local mais adequado para ela, inclusive facilitaria a vida de todo mundo.

5. Porque ela vem diminuindo em seu tamanho?

Porque os sacolões, supermercados começaram a concorrer, o próprio Ceasa, de repente o pessoal ao invés de ir à feira vai ao supermercado ou vai no sacolão que tem verduras, frutas do mesmo jeito, as vezes de qualidade um pouco melhor, e de repente a feira é uma coisa que ainda tem aquela tradição antiga, o produtor rural que vai lá vender uma parte, alguns deles. Mas se você pode comprar mais em conta em um local mais adequado com facilidade como o supermercado e o sacolão o pessoal está preferindo isso. A concorrência é grande, a não ser as feiras que estão surgindo nos bairros tipo Ana Jacinta, Cohab, aquelas feiras a noite, que já virou uma tradição lá, de repente é o outro ponto, a descentralização dessa comercialização dos produtos e levando para os locais distantes, porque quem mora no Ana Jacinta não veem ao centro, por isso se criou uma feira lá e assim em outros bairros, que existe outras feiras, então aquela da Avenida Manoel Goulart foi se esvaziando gradativamente, onde naquela área não tem mais para residência se pensar bem, é uma área exclusivamente comercial. Quem vai na feira é quem veem de fora e muita gente também não vai vir de fora sabendo que se tem um sacolão perto de casa ou supermercado. Não sei qual é a opinião do público, mas as pessoas gostam de ir nas feiras porque é uma diversão a mais, um ponto de encontro que virou, mas isso aí pode ser em outros locais.

MAURO NEVES
VEREADOR DE PRESIDENTE PRUDENTE.
ENTREVISTA REALIZADA PESSOALMENTE (GRAVADA)
DATA: 15 DE FEVEREIRO DE 2018

1. O que falta para instalar esses banheiros?

Boa vontade do prefeito. Antes mesmo da campanha, a gente andou e andando você ia vendo as reivindicações das pessoas na feira. Foram duas coisas que eles pediram, que é a segurança e os banheiros químicos que é uma luta, eles disseram há 20 anos que eles querem um banheiro químico e tal. Aí o que eu fiz? Na época eu até levei para o prefeito essa informação, que o atual prefeito que era o candidato, eu falei para ele isso daí e até colocou no programa dele para instalar, aí dia 20 de Janeiro eu fui e conversei com ele, ele tomou posse e eu fui falar com ele e nesse ato ele entrou em contato com o secretário na época de desenvolvimento econômico que cuida da feira e mandou fazer a licitação e aí diante disso eu fiz um requerimento - porque a gente se direciona ao executivo através de um requerimento -, que seja instalado isso, que seja feito aquilo, requerimento de informação que a gente quer requerimento em termos de fiscalização, quem são os médicos? Porque não está em tal posto? Informação e o de providência que são duas formas da gente se dirigir até o prefeito e aí eu fiz o pedido de requerimento e pedi e ele me devolveu, me respondeu, ele tem que responder, dizendo que já estava em licitação, e a licitação dura no máximo noventa dias, é o máximo de uma licitação é noventa dias e já dura mais de 1 ano, mas nesse período eu venho sempre, vamos dizer assim, cobrando, pedindo ao prefeito, perguntando, mas ele fala que "estamos vendo, estamos comprando" e tá nessa situação até hoje.

2. Faz quanto tempo isso?

Foi mais ou menos em fevereiro, entre o requerimento e a resposta, eu vou pegar a data exata para você, eu sei que é coisa de primeiro ou dois de fevereiro. Eu fiz um requerimento dia seis de fevereiro de 2017 e eles responderam dia 14 de fevereiro. "[...] em resposta ao requerimento acima de autoria do vereador Mauro Neves, informamos que a instalação dos banheiros químicos das feiras livres é projeto", este a secretaria já está desenvolvendo de fase dos orçamentos dos banheiros. Então seria um ano já, 14 de fevereiro já passou.

3. Muitos feirantes reclamam sobre a falta de segurança e o policiamento na feira, o que tem a dizer?

Eu fiz um pedido de instalação de colocar o pessoal, a polícia militar que vai te dar a delegada, só que entendam, o que é te dar delegado? Foi criado em São Paulo e o governo do estado fez convênio, abriu e fez uma lei que pode haver esse convênio com os municípios, então São Paulo fez, Assis fez, então várias cidades do estado fizeram. Em Presidente Prudente também tem esse convênio, o que é o convênio? O policial militar em seu horário de folga, ele se inscreve para trabalhar em um determinado dia, uma determinada hora, aí o município paga o serviço dele. Então isso funciona hoje, tem no terminal rodoviário de Patota, nos postos de saúde, tem lá no balneário, tem vários pontos da cidade que tem já polícias, não só nos centros mesmos. É num programa do computador, de livre e espontânea vontade vai lá na prefeitura e paga mensalmente para esses policiais. Eu tentei colocar na feira, mas eles responderam que a feira, a atividade delegada desse convênio, é para cuidar do patrimônio, que seria cuidar do balneário, cuidar da rodoviária e o que seria o que a

guarda civil faz, a guarda municipal, aqui em Prudente não tem. Em outras cidades é isso, a guarda municipal não atua como policias na rua parando as pessoas e é claro que é crime se qualquer um de nós ver, qualquer cidadão pode prender e conduzir para a polícia judiciaria, então eles alegam que a feira não é patrimônio e eu contestei e ainda estou pedindo. É um patrimônio do município, ela tem estatuto, ela é administrada pelo município, ela tem os fiscais, elas cuidam, organizam, então eu vejo como um patrimônio sim. Não é um patrimônio do município a banca, mas é administrado pelo município e até patrimônio histórico, essa feira da Manoel Goulart é antiga.

4. Esse estatuto que citou é a lei de 1997? Conforme informações do Amarildo, não teve mudanças.

Eu não me lembro muito bem o que é a lei, mas foi nesse período aí. Uma lei que disciplinou algumas coisas na feira.

5. Sobre o início das atividades da feira o senhor tem alguma informação?

Do início da feira? Nossa. Eu era bem criança e já existia. Eu posso até tentar ver. Vocês já conseguiram detalhes com a prefeitura? O Amarildo não soube dizer? Ele não tem? Mas é ele quem cuida da parte da feira, que administra. Esses dias eles estavam fazendo uma capacitação, eles estavam medindo para fazer algumas adequações, até mesmo para conseguir liberar para mais pessoas trabalhar no espaço, mas eu acho estranho, eu vou até falar com o Amarildo, 'Oh Amarildo, a Sedepp não tem quantos feirantes da Manoel Goulart?' Porque é assim, tem no sábado e no domingo, pode ser que no sábado tem uma quantidade e no domingo tem pessoas que vai no sábado e não vai no domingo. Isso aí deveria ser alguém. O Laércio ele conhece bem. Ele foi secretário do planejamento.

6. E a respeito das leis de proibição da comercialização de animais vivos? Então tem que pesquisar nessa lei não sei se parte do executivo, baseado em algumas normas federais. Antes tinha tudo né? Porcos, passarinhos, tinha tudo. Doutor Ênio Perrone que sancionou a lei.

7. Existe algum tipo de multa para o feirante que desrespeitar o horário do início das montagens das barracas?

Neste caso não tem nenhum tipo de multa exercida pela polícia militar. Pode ser que tenha caso o feirante estacione o seu veículo de modo irregular para desmontar.

8. O que você pensa sobre as competições entre feiras e mercados?

O que acabou um pouco com a feira eu acho que são os sacolões, os mercados. Todo bairro tem um mercado, eu acho que eles vendem muito e eles fazem promoções, igual o Nagai. O Nagai tem uma feira em frente dia de quarta-feira do mercado e na quarta-feira o Nagai faz a feirinha, a promoção porque é o dia da feira né? Então tem toda essa concorrência. Mas eu vejo a feira mais como uma tradição, tem gente que gosta de ir lá.

9. E a respeito do projeto de nova estrutura da feira da Manoel Goulart?

Eles estavam com um projeto aí de querer mexer na feira de separar os produtos, por exemplo, um quarteirão da feira é para a parte da alimentação, os mesmos para tirar do meio da feira. Eu sei que eles estavam querendo nessas medidas padronizar o espaço para cada um, tem pessoas que está com espaços maior, sobrando do lado,

então, adequando para poder mais pessoas poderem trabalhar, então eles estão tentados fazer isso aí, onde têm barracas de frutas, a praça de alimentação, enfim, dá uma disciplinada. Acho que fica legal, mas toda mudança à uma resistência, de repente pode falar “não mas está tanto tempo assim e tira aquela tradição se ficar assim”

10. Muitos feirantes reclamam da energia da feira onde os fios ficam espalhados pela avenida o que os deixam inseguros quanto a segurança deles e dos feirantes e reclamam também da sujeira espalhada pela feira. Aconteceu uma reunião aqui na câmara a respeito da energia da feira da Manoel, o senhor poderia passar algumas informações discutidas?

É, quem participou foi o Claudio, mas eu sei que é um negócio de padrão, de energia, de fios. Isso é uma forma de fazer requerimento, pelo menos eu não vi lixo, lixeira. Vamos fazer essa reivindicação, aproveitar as informações delas e fazer um pedido de lixeiras, pode ser umas lixeiras móvel né? É boa essa informação que a gente vai fazer o pedido. E o banheiro eu ainda continuo falando, a última conversa, só “Não, não, tal, tal, está vendo. O Laércio é uma pessoa que tem um conhecimento muito vasto da cidade. Então se ele não souber, ele vai em busca de alguém.

YCHICO HIAMOMOTO, 60 ANOS.
FEIRANTE DA FEIRA DA MANOEL GOULART
ENTREVISTA REALIZADA PESSOALMENTE (ANOTAÇÃO)
DATA: 11 DE MARÇO 2018

1. Como e quando surgiu a feira da Manoel Goulart?

Já faz um tempo que existe a feira, creio que há mais de 50 anos, pois quando comecei ela já era bem conhecida e tinha a tradição de feira mesmo.

2. Como era a feira antes e o que mudou nela hoje?

Aquele tempo era mais produtor rural que fazia feira, hoje qualquer um pode, vão no Ceasa adquire a mercadoria e revende. As barracas não existiam, era vendido no chão ou nos caminhões, e não pagávamos a taxa de alvará para a Prefeitura.

3. Qual o valor que você paga pelo alvará?

R\$ 71,00 anual.

4. Qual o espaço ocupado?

Cada pessoa tem direito a 6 metros, eu e o meu esposo Francisco juntos temos 12 metros de comprimento.

5. O que você acha que precisa melhorar na feira?

A necessidade principal seria os banheiros químicos, pois não tem aonde ir, aí tem que ficar pedindo nas lanchonetes, farmácias e melhorar a segurança de mais fiscais e fazer suas leis funcionarem.

6. Você consegue se manter com a remuneração que a feira proporciona?

Sim

7. A arrecadação da feira chega a quantos salários mínimos?

Chega até dois salários mínimos, depende muito do mês e do tempo.

APARECIDO CANDIDO DE OLIVEIRA, 65 ANOS
FEIRANTE DA MANOEL GOULART
ENTREVISTA REALIZADA PESSOALMENTE (ANOTAÇÃO)
DATA: 11 DE MARÇO 2018

1. Como e quando surgiu a feira da Manoel Goulart?

Quando cheguei do Ceará a feira já existia (1973), e quando foi em 1976 comecei a trabalhar nela, devido os pais já estarem no ramo de produção. A única coisa que sei a respeito das feiras é que naquela época se estocava muito alimento a produção era maior, e para não perder começou a ser comercializado nas calçadas, em cavalos, tudo dentro de sacos.

2. Como era a feira antes e o que mudou nela hoje?

Antes se vendia mais, as coisas eram menos burocráticas, vendia os produtos em cima dos caminhões mesmo, tinha que dormir no local, todos os caminhões eram enfileirados um atrás do outro, sem falar que era dos dois lados da avenida a feira. Hoje se tem fiscalização quanto aos produtos que comercializamos, horário para chegar e sair, são em barracas, e pagamos uma taxa de Alvará, coisa que antes não se fazia.

3. Qual o valor que você paga pelo alvará?

R\$ 74,00 reais anuais.

4. Qual o espaço ocupado?

Seis metros de comprimento.

5. O que você acha que precisa melhorar na feira?

O mais importante é a segurança do local, a fiscalização passa uma vez a cada três meses, quase não vimos policiais fazendo rota, e sem falar as condições de trabalho, lixeiras grandes para descarregar o lixo durante o período da feira, e a falta de banheiros químicos no qual deveria existir, porque quando queremos ir ao banheiro temos que ir em bar, lanchonete e farmácia, e o constrangimento é grande para todos nós, seja feirante seja cliente.

6. Você consegue se manter com a remuneração que a feira proporciona?

Sim

7. A arrecadação da feira chega a quantos salários mínimos?

Depende do mês, mas em torno de dois a três salários mínimos.

**MILTON NISGIMOTO
FEIRANTE DA MANOEL GOULART
ENTREVISTA REALIZADA POR CELULAR (GRAVAÇÃO)
DATA: 21 DE MARÇO DE 2018**

1. Na época não era permitido a venda de pastéis em Prudente?

Na feira ainda não era permitido ainda, mas depois de dois meses de existência meu pai e meu irmão foram na prefeitura e conseguiram através do Secretário do Desenvolvimento uma liberação para iniciar esta atividade de comercialização de salgadinhos na feira. Isso por volta de 1980.

2. Você trabalha na feira por quanto tempo?

Já estou praticamente há 30 anos na feira, e só comercializando pasteis. Além dessa atividade sou formado como Técnico Eletrônico. Depois que meus 4 filhos se encaminharam na faculdade e na vida eu resolvi já que moro ali em frente ao tiro de guerra eu resolvi fazer um curso que eu gosto muito física onde me formei em 2006, e prestei o concurso do estado e lecionei durante cinco anos em Bernardes na única escola de ensino médio estadual Alfredo Westin Junior. Além disso, depois desse período, ou melhor, no período que eu lecionava lá eu fiz o curso do Cresci Corretor de Imóveis e hoje eu tenho uma imobiliária e depois desses cinco anos lecionando em Bernardes eu percebi que não havia mais sobra de tempo para executar três atividades ao mesmo tempo pastelaria final de semana, lecionar durante a semana e conciliar tudo isso com a atividade de corretor de imóveis; então pedi exoneração do estado. Na esquina da H3 Brasil aos finais de semana ainda continuo no mesmo lugar.

3. Da década de 80 para cá, o que você viu de mudança na feira?

Muita coisa mudou né, hoje a feira tem uma alimentação variada desde salgadinhos, yakisoba, sucos naturais, caldo de cana, então virou uma praça de alimentação, onde nos fins de semana principalmente na parte da noite no sábado as famílias se reúnem para uma refeição diferente, reunir com os parentes, amigos etc.

4. No seu ponto de vista, qual a necessidade da feira para a população?

A feira é um bem necessária, onde a população se reúne não só pra adquirir os produtos e bens alimentícios como frutas, verduras, legumes, de uma maneira sadia porque os produtores muitos deles já tem tradição de comercializar esses produtos e já trazem direto das suas propriedades rurais; então a população encontra uma verdura, legumes mais fresquinha, além do mais já virou uma tradição porque a turma veem final de semana inclusive pessoas de Regente Feijó, Machado, Bernardes eles veem adquirir esses produtos regularmente todos os fins de semana, então já virou uma tradição, e, além disso, já fazem essas refeições que não precisa voltar pra casa e fazer janta ou almoço, aí aproveitam e fazem essas refeições na própria feira e encontra com os amigos também.

5. No dia 29 de janeiro teve uma reunião entre os feirantes e a Sedepp para levantar o que era necessário para a feira hoje e por quererem tirar a feira da Manoel Goulart da “avenida”, e colocar ela no fundo do parque Múltiplo; qual seu ponto de vista a respeito?

Não é a primeira vez que os gestores tentam tirar essa feira aqui da Manoel Goulart, por ser uma feira tradicional, além dos próprios feirantes em não aceitarem esta

condição, dificilmente elas vão conseguir tirar, porque além dos feirantes a própria população acostumou em fazer essa feira e não vão permitir que saiam daqui, mas eles vão tentar, toda gestão vai tentar tirar a feira daqui mas não vão conseguir.

6. Foi levantado a necessidade de banheiros químicos, tomadas, caçamba de lixo ao decorrer da feira, você concorda com tudo isso, tem alguma coisa a acrescentar?”

Eu concordo realmente devido ao período prolongado esses banheiros químicos seriam importantes até para os próprios feirantes, funcionários e principalmente para os clientes que quando querem fazer suas necessidades físicas tem que ficar indo em postos de gasolina, farmácia onde acaba atrapalhando um pouco. Quanto às tomadas já existem nos postes onde são utilizados para iluminação das bancas em alguns trailers que utilizam freezer, hoje graças a Deus estão se abastecendo desta utilidade que estão concedendo para os feirantes, mas claro que ainda falta melhor muito.

NELSON RUIZ, 72 ANOS.
FEIRANTE DA MANOEL GOULART
ENTREVISTA REALIZADA POR CELULAR (ANOTAÇÃO)
DATA: DIA 14 DE MARÇO DE 2018

1. O senhor é casado?

Sim, vai fazer 50 anos ano que vem, ninguém aguenta mais, hoje em dia o povo casa, dois, três anos estão se separando.

2. Tem filhos?

Um casal, uma moça e um moço, os dois casados e não moram no Brasil, ela mora nos Estados Unidos, ela falou que não volta para o Brasil mais nunca. Ela ia se formar aqui em odonto, tinha passado, mas deu um problema lá e ela abandonou aí casou. Eu tenho dois netos homens americanos e uma neta americana e um brasileiro. Minha neta quando tiver idade pode ser modelo de tão linda.

3. Ela ajudava você na feira?

Trabalhou dois anos aqui comigo vendendo coisas do Paraguai e depois foi embora.

4. Como é a sua relação com os outros feirantes aqui na Manoel?

Aqui cada um me coloca apelido como mandioca mole, eu tenho muito tempo de feira, vai fazer 30 anos que eu trabalho com o consumidor.

5. Como você começou a trabalhar na feira?

Comecei a trabalhar na feira com 15 anos, 1960, na época eu era solteiro e trabalhava com o finado pai. Na minha vida eu trabalhei apenas sete meses como empregado, eu sou agricultor até hoje. Tudo que eu vendo sou eu que planto.

6. Alguma vez já quis desistir da profissão de feirante?

Eu tentei, eu ia entrar para polícia na época quando eu tinha 19 anos. Fiz tiro de guerra, ganhei várias medalhas, mas infelizmente as minhas vistas não deu, pois praticamente eu era cego de nascença. Fui nos melhores médicos em Campinas e eles me disseram que eu nunca poderia usar as lentes que eu precisava, pois daria duas visões eu dirigia. Eu até usava óculos, trombava aí como deu catarata então eu precisei fazer cirurgia e hoje eu uso lentes.

ANTONIO BREDAS, 89 ANOS
FEIRANTE DA MANOEL GOULART
ENTREVISTA REALIZADA POR CELULAR (ANOTAÇÃO)
DATA: DIA 14 DE MARÇO DE 2018

1. A quanto tempo o senhor trabalha na feira?

Eu trabalho a mais de 40 anos na feira, só que eu comecei na praça da Bandeira, em frente à estação.

2. Quando o senhor veio para a feira da Manoel Goulart?

Estou aqui na feira da Manoel Goulart desde quando era os dois lados.

3. Alguém ajuda o senhor nas vendas aqui na feira?

Não, eu vendo sozinho.

4. Qual a motivação que o senhor tem para ainda praticar as atividades da feira?

Eu moro na cidade, mas eu tenho um sítio e os filhos produzem e eu tenho que vender o que eles produzem. Tenho cinco filhos.

5. Como foi a sua vinda para?

Eu morava no sítio e lá a gente produzia frutas, legumes e eu tinha um cavalo e eu colocava dois balaies em cima e vinha puxando e parava lá em frente a estação da praça da Bandeira, ali eu vendia e para voltar eu montava no cavalo.

6. Naquela época não existia barracas?

Não, eu colocava no chão nos balaies.

7. Antes de feirante o senhor trabalhava com o que?

Trabalhava na roça, mas durante a semana e quando tinha dias vagos, trabalhava na venda como barbeiro, mas era alguns dias só.

8. O senhor pretende parar com as atividades aqui na feira da Manoel?

Sim, vou parar. Meus filhos falam que eu vou fazer falta caso eu pare, falta para eles, mas a minha idade está muito alta. Eu compro tudo o que eles produzem, o mais bom e o mais ruim e se eu parar eles vão vender só os mais bons, as outras coisas não têm para quem vender.

FÁTIMA MAGNESE, 62 ANOS.
FEIRANTE DA MANOEL GOULART
ENTREVISTA REALIZADA POR CELULAR (ANOTAÇÃO)
DATA: DIA 14 DE MARÇO DE 2018

1. A senhora trabalhava aonde antes das atividades como feirante?

A gente morava no sítio e com 15 anos eu vim para a cidade e fui trabalhar de empregada durante oito anos e depois eu entrei na feira.

2. A quantos anos a senhora está trabalhando na feira?

Há 47 anos.

3. Já pensou em desistir da profissão?

Não, dá dó de largar, pois já tenho minhas freguesias que vem de sábado a sábado e de domingo em domingo.

4. Quem trabalha na banca?

Eu e meu sobrinho que vem vender pamonha.

5. Tem histórico de feirantes na família?

Tenho, meu pai, nós éramos autônomos. Pegávamos mercadorias no Ceasa nos sítios e vendíamos.

6. A senhora chegou a participar das feiras aqui na Manoel Goulart quando ainda eram realizadas nas duas avenidas?

Sim, eu trabalhava de um lado nos dias de sábado e no outro nos dias de domingo, na época se trabalhava dos dois lados.

7. O que mudou daquela época para os dias atuais?

Caiu um pouco a venda, mas geralmente não se tem o que reclamar, se vende menos, mas o pouco que vendemos é bem vendido, mas antigamente era bem melhor, todo produto que se trazia, vendi.

8. Porque você acha que antes vendia mais do que hoje?

Hoje existe muitos sacolões e mercados, mas os fregueses que é da feira só vem na feira, geralmente é sagrado, o freguês de sábado é de sábado e os de domingo são de domingo, mas para mim está sendo bom, graças a Deus.

TAKESI HIRAKAWA, 82 ANOS.
FEIRANTE DA MANOEL GOULART
ENTREVISTA REALIZADA POR CELULAR (ANOTAÇÃO)
DATA: DIA 14 DE MARÇO DE 2018

1. Quanto tempo o senhor é feirante na Manoel Goulart?

Mais de 20 anos, desde o tempo em que a feira era dos dois lados.

2. O senhor é casado? E tem filhos?

Sim, sou casado. Tenho três filhos.

3. Alguém ajuda o senhor na banca?

Eu venho sábado e domingo e nos sábados minha esposa vem ajudar.

4. Quantos metros tem sua banca?

Tem sete metros, falta um metro de banca para completar.

5. O senhor vende o que aqui na banca?

Frutas, no meu alvará pode vender até cereais e verduras.

6. O senhor quem produz suas mercadorias

Sim, é tudo produção própria.

7. Tem histórico de feirante na família?

Não, de irmãos só eu sou feirante. Gente que não tem estudo só faz feira.

8. Como o senhor decidiu pegar suas plantações e vir para feira?

A gente produzia algodão e amendoim, mas não tinha valor né? Foi para ganhar um dinheiro a mais.

ENTREVISTA REALIZADA POR: BEATRIZ MOURA E NAYENE FURMIGARE
ENTREVISTADO: JOSÉ RAMOS E EDNA RAMOS, CASADOS. 52 ANOS.
DATA: 15/05/2018
HORÁRIO: 20H23
LOCAL: PLÁCIDO DE CASTRO, Nº 374, SÃO JUDAS TADEU.

1 - O senhor tem algum documento de feira?

Documento eu tenho um alvará, de 82 eu tenho. Bom eu acho que eu tenho, porque antes de me aposentar, não sei se eu joguei fora, mas acho que eu tenho sim. O dela (Dona Edna Ramos, esposa) e de 86, mas mesmo assim o alvará marca a data de abertura, todos os alvarás que vem aí fala a data que você abriu, desde quando está lá. Que nem o dela e de 86 e o meu e de 82, porque aí eles começaram a encrencar lá porque era só 6 metros e eu já estava com mais de 6 metros, então eu tirei o alvará pra ela.

2- Mas tinha uma fiscalização quando eles começaram a encrencar

Tinha, toda vida teve, fiscal sempre teve.

3- E eles vão na feira até hoje, vocês os veem passando?

Vão, toda vida teve. Antigamente ainda, tinha fiscal da higiene, que era o da saúde ne, nos tinha que ter carteira de saúde pra trabalhar, todo ano tinha que renovar, todo ano tinha que ir no palácio, não sei se era por causa de tuberculose aquele tempo ne, mas tinha que ter carteira de saúde pra trabalhar. Agora hoje nunca mais falaram, a não ser que por coisa assim, pastel, também não sei se tem, mas nunca mais falaram nada.

4- Qual a história do senhor com a feira e quais os motivos que fizeram o senhor se tornar feirante?

Bom, a minha mãe já era feirante, quando eu era pequeno, já trabalhava na feira, só que nós produzíamos. Ai depois que mudamos pra cidade aí cada um foi caçar um rumo. Minha mãe parou feira e eu trabalhei em hotel 6 anos, aí depois eu peguei e voltei pra feira, eu era solteiro ainda, então o meu alvará de 82 ainda era de solteiro. Aí voltei pra feira e vi que a feira dava mais resultado do que trabalhar no hotel aí eu peguei e ingressei na feira.

5 - E a senhora (Edna Ramos) se tornou feirante porque casou com ele

Foi.

Jose Ramos:

E ela sabia, porque quando a gente se conheceu eu estava trabalhando no hotel ne, mas eu trabalhava no hotel das 17h a 00h. aí eu peguei e comecei a fazer feira na quinta e sábado à noite que era minha folga, fazia quinta de manhã e sábado a noite. Aí eu vi que o negócio acho que era melhor aí eu peguei e ingressei na feira.

Edna Ramos:

Aí foi todos os dias.

Jose Ramos:

Aí eu comecei, comprei minha peruinha, ai fui fazendo todas as feiras que tinha.

6- Aí o senhor já não produzia mais, só comprava do Ceasa?

Não, nós produzíamos quando morava no sítio, porque a minha mãe que era feirante, eu tinha nessa época aí meus 14 ou 15 anos.

7- E a sua mãe chegou a ser feirante da Manoel Goulart

Eu levava ela na Manoel Goulart, com carrinho de cavalo, e na feira de quarta-feira a noite que era na praça da bandeira, que hoje não tem mais, a praça da bandeira tem os camelódromos, era quarta a noite e quinta de manhã, isso no tempo da minha mãe.

8- E isso era por volta de que data?

Vai saber, quer ver, eu tinha uns 12 anos de idade que eu trazia o carrinho de animal pra ela, e eu nasci em 58. 58 com mais 10, 68...70 ne. E, a feira era na praça da bandeira ne, de quarta à noite e quinta de manhã. Ai depois fizeram, foi Paulo Constantino que fez o viaduto, aí tirou a feira de quarta anoite, acabou, e quinta feira mudou pra Vila Marcondes de manhã.

9- E o senhor gosta de trabalhar na feira hoje e porquê?

Na verdade, a gente não gosta, a gente trabalha porque precisa.

10 - A, mas já está todo esse tempo aí, deve ter uma paixão sim...

Não tem. Sabe porque, e muito, você levantar de madrugada, e enfrentar feira não é fácil não. E frio e geada, não é gostoso. Que nem agora como eu aposentei aí eu parei de fazer a feira da terça, que nem hoje tem feira, acordei 8h pra ir no Ceasa. Vou no Ceasa na terça na quinta e no sábado. O sono depois das 4h até as 6h e outro sono e um sono mais gostoso, você tem de levantar pra está carregando caixa. Não é gostoso trabalhar na feira, a gente trabalha porque precisa. Mas gostoso não e não, gostoso e trabalhar em um serviço leve, que nem eu trabalhava no hotel era gostoso, trabalhava lá bem limpinho, arrumadinho, recepcionista e gostoso. Mas na feira não.

11- Além da feira da Manoel o senhor faz outras feiras?

Eu faço só quatro agora, mas eu fazia todas as feiras, depois que eu aposentei aí eu diminui ne.

12- O senhor faz de que dia agora?

Eu faço quarta, sexta, sábado a noite e domingo, só que eu fazia todas as feiras. Fazia duas feiras por dia ainda, porque tem feira duas vezes ao dia, terça duas, quarta duas, quinta duas, sexta duas, sábado duas. Não sei onde eu arrumava tanta força, mas eu fazia. Também pra estudar os filhos, ai comprei esse terreno e fiz a casa, ai depois comprei mais um terreninho, então você tem que correr atrás.

13- Tudo com o dinheiro da feira?

Tudo com o dinheiro da feira.

Jose Ramos:

Apesar que era melhor

Edna Ramos:

Muito sacolão...

Jose Ramos:

Quando eu entrei na feira em 82 ainda, aqui em Prudente só tinha, de mercado o Pastorinho que hoje ainda existe, a casa Moreira que hoje não existe mais e o carvoeiro, era só esse três ne.

Edna Ramos:

Mas não tinha também essas coisas, não tinha frutas...

Jose Ramos:

Não tinha essas coisas, era mais cereais, então era o Pastorinho, carvoeiro e a casa Moreira. E agora você vê as potencias que está nessa cidade. Então ficou mais difícil e que nem sábado à noite que tem freguês que gosta da mercadoria fresquinha tal e compra direto com a pessoa eles manda eu pegar, "pega um melão pra mim" que a gente entende qual que aguenta mais e o dia que chega, então tem aqueles freguês que dá preferência feira. Principalmente a japonesada, na minha banca quatro horas da tarde só vê japonês. Eles conhecem também, não sei se a maioria já vem do trabalho em roça essas coisas e eles conhecem. E graças a Deus sábado à noite eu vendo bem. Então os meus filhos vão ajudar, ai nos trabalha em quatro e tem horas que não dá conta, no sábado a tarde, ai eu parei quinta, parei terça, por causa da aposentadoria e também do filhos já está tudo criado, encaminhado.

14- Fala pra gente um pouquinho da rotina de trabalho do senhor, que horas acorda, como é o processo até chegar lá na feira?

Eu acordo 4h da manhã, aí tem que arrumar a perua e ela faz o café, prepara a agua pra levar, ai vai pra feira, ai chega lá tem que descarregar tudo armar a barraca e atender até acabar ai depois volta tudo de novo.

15- E assim, montar a barraca e só vocês dois?

Dia de sábado à tarde e ele (Matheus-filho) que monta ne, enquanto eu vou arrumando as coisas na banca. Aí nos punha os cavaletes, cobre a barraca e põe a saia na banca. E aí e só vender.

16- E tem gente que vai na feira só pra ver vocês, que já se tornou amigo?

Tem as vez mas a gente não pode dar atenção, e que nem as vezes aparece parente dela na feira e fica do lado da banca pra conversar e as vezes tampa a mercadoria se está entendendo? Então tem que conversar rápido ou então vai atrás da banca dá um abraço e beijo e tem que ir porque não dá pra ficar trocando ideia. Agora tem aqueles fregueses que quer conversar ai essas freguês eu deixo pra eles. Que nem a Daiane (filha do casal) na sexta feira, tem uma adventista lá, tem que deixar pra ela porque conversa muito. Tem o japonês também que chega cedo e conversa. Então tem que ter uma pessoa só pra eles ali, porque se ficar conversando ai não põe nada na banca ai falta mercadoria.

17- Então uma coisa que feirante não gosta e parar em frente a banca pra tampar a mercadoria?

Pessoalmente quando não se trata de conhecido ou parente. Por exemplo, as vezes chega 4 ou 5 de uma família só então tampa a frente da banca, apesar que minha banca e grande. Mas vamos supor que naquela parte está a Pêra, a pessoa que passar ali não vai ver. Aí fica chato pedir pra pessoa sair da frente.

18- Tem algum gesto que você faz pra ela ou algum toque?

Aí eu falo Edna atende aquele ali de baixo pra mim, ai ela tem que cortar conversa pra ir atender. A salvação e quando chega um outro e tem que atender

Edna Ramos:

Ele vai empurrando a gente, vai empurrando. Um dia foi me empurrando até na ponta da banca. Foi ou não foi?

Jose Ramos:

Aí depende o dia...

Edna Ramos:

Foi sim

Jose Ramos:

Não e, e que tem gente que gosta de conversar ai encomprida o assunto, entendeu? Ai se você ficar só dando atenção esquece do resto

20- O senhor compra mercadoria todo dia, ou vai algumas vezes na semana?

Não, antigamente eu comprava assim, ia direto no sitio, eu mesmo colhia, colhia caqui, poncã, pegava o caqui e eu mesmo curtia. Ai eu não compro mais do sitio. Eu ainda compro, mas eles vem trazer aqui eu não busco mais lá. Eu compro uva de Narandiba, pitai-a eu telefono e eles trazem aqui, de machado também. A única coisa que eu busco e uva de Machado, porque e pertinho, então no sitio eu nem vou mais. Compro direto do Ceasa, vou lá terça, quinta e sábado. Que agora eu faço a feira quarta, sexta sábado e domingo. Então eu já tenho já certinho. E agora no sitio mais não, porque quando eu ia no sitio eu ganhava mais dinheiro ainda, porque eu pegava poncã e eu era caprichoso, cortava o cabinho com as folhinhas verdes e fresquinho, então era mais chamativo. Então eu ganhei dinheiro, o caqui mesmo era eu que curtia, mas agora também eu não posso ficar me esforçando mais. Mas eu selecionava, por exemplo comprava caixa de poncã. E fazia dois preços, três preços, por exemplo, as mais bonitas eu fazia 5 a dúzia, a média 3 a dúzia, e as menores 2 a dúzia. Então você separava. Agora a banana por exemplo eu vendo por quilo, não precisa separar.

21- E quais as principais dificuldades em ser um feirante?

Quando chove, principalmente chuva, porque além de vender a gente corre risco. Vento eu tenho medo de vento, mesmo que você amarre a barraca ainda corre risco. Então quando chove e as vezes eu acompanho também, que nem previsão eu acompanho. Vamos supor sábado ai eu vejo na sexta feira vai chover. Ai eu já diminuo a mercadoria.

22- Se amanhecer chovendo muito forte, muito forte mesmo o senhor vai mesmo assim?

Nos tem que ir, as vezes está chovendo forte e chegar lá para, até montar para, e naquela paradinha chega gente e compra. Agora se chover direto não tem jeito. A maior dificuldade e quando chove porque o frio tudo bem a gente aguenta, o sol você cobre as barracas com os panos e se vira, agora a chuva e complicado.

23- E o senhor já pensou em algo que a prefeitura poderia fazer para estrá melhorando pra vocês?

Eu queria uma feira fixa, mas não acabar com a Manoel Goulart. Porque quando o Bragado foi prefeito aqui em presidente prudente ele queria fazer uma feira fixa. Onde e o poupa tempo, era um prédio bem velho, só que a intenção dele era tirar a Manoel Goulart aí os feirantes não aceitaram. Queríamos assim uma feira fixa, mas que não acabasse com a Manoel Goulart. Aí você fica com a feira fixa e as feiras volantes a mesma coisa. Mas todos os prefeitos a intenção deles era acabar com ela.

24- E porque o senhor acha que não acabou até hoje?

Ai eu não sei se foi política não sei o que foi, porque teve tempo aí. Nós paramos os carros tudo lá na frente da prefeitura, pra não tirar. Naquele tempo tinha associação, aí nós fomos lá na frente da prefeitura. Aí está até hoje, porque e uma coisa também histórica ne. E a feira que mais vende também. Ai uma vez também colocaram ia no PUM foi tipo um teste.

Edna Ramos:

Foi horrível

Jose Ramos:

Era uma baixada, aí quando chovia aquele monte de água correndo

Edna Ramos:

Quase que carrega nós

Jose Ramos:

Foi em um sábado de manhã, não sei qual prefeito foi, só sei que não deu certo, aí nós brigamos e ficamos na Manoel Goulart, aí estamos até hoje. Só que assim m tudo que eles vão mexer o negócio e mexer na Manoel Goulart. Quando faz uma reunião se falar que vai mexer na Manoel Goulart os feirantes vão em peso lá.

25- Quando tinha a associação dos feirantes os feirantes eram mais unidos?

Teve o Miguel e foi depois do Carlão de pois foi o Miguel o Daniel ai depois veio as mulher. Teve umas mulheres, se não me engano teve a Ermínia, a mulher do Mane. Vingou quando foi na época do Carlão e do Miguel e o Daniel também.

26- E você não sentem falta de ter uma pessoa que represente vocês?

Não funciona, não dá certo, porque geralmente quando vai resolver alguma coisa na prefeitura não pode ir todo mundo, então vai só a associação, então vai 10, 15 pessoas e decidi por 500 feirantes. Então o certo e estar todos juntos. Porque quando estava na época do Miguel ou do Carlão e foi tirar a feira ai foi todo mundo junto na frente da prefeitura. E resolve, agora se vai 2 ou 3 lá as vezes esses, e problema pessoal deles. Agora nesse ano que passou no horário de verão eles mudaram a feira de 16h para as 17h, muitos feirantes querem e muitos não, eu mesmo não quero. Só quer a gente deixa de vender, as pessoas quando sai do comercio elas já estão ali e fazem a feira, agora se muda o horário, as pessoas não vão pra casa e depois voltar pra feira. Então a gente deixa de vender.

27- E hoje o senhor consegue sobreviver da feira?

Tem as épocas boas e ruins, que nem as frutas em junho e julho cai as vendas. Agora quando chega novembro e dezembro, você vende bastante, cai a venda na época do frio.

28- O que a família do senhor pensa do seu trabalho?

Eles querem que muda o jeito de trabalhar, eles falam de inovar. Agora eu já penso assim, como eu tenho um terreno aí eu penso de fazer uma banca no meu terreno. Então eu penso em fazer assim, aí eu consigo parar e ficar ali, mas o duro é ficar ali o dia inteiro. Que nem a feira você levanta cedo, mas tem a tarde livre agora se montar a banca lá tem que ficar até as 18h, e ali vai chegar aquele pingadinho de gente. Eu montei lá na época de natal e vendeu bem e o povo de lá pediu pra ficar, mas nas feiras eu tenho meus fregueses, então não posso trocar o certo pelo duvidoso.

29- E como é o relacionamento do senhor com os feirantes?

Graças a Deus tenho amizade com todo mundo.

30- E o senhor tem alguma técnica pra vender, algum jeito de falar?

Não é normal, antigamente a gente gritava. Está escrito lá não aperta e as pessoas apertam, então as vezes eu sou meio chato, porque estraga a mercadoria. Chega aqueles fregueses japoneses não pega da banca, pede pra pegar lá de dentro, então eu já conheço os fregueses. Tem uma cliente ia que deu até um presente casamento pra minha filha, telefonou pra entregar o presente. Eu tenho esse freguês por causa do atendimento.

31- Como o senhor avalia o reconhecimento da prefeitura, o senhor acha que o seu trabalho é reconhecido?

Eu acho que não, você vê, não tem nem banheiros pra nós. Ficou de fazer o banheiro, mas fica muito caro. Mas até agora e do tempo que eu estou na feira, vai no bar ou no posto. Colocaram as caçambas ne, já ajudou muito porque antes ficava sujo, agora ficou bom.

32- Quando o senhor tem necessidade recorrer aos órgãos público é fácil ou não?

Primeiro a gente fala com os fiscais e eles falam com a prefeitura, então é meio burocrático, demora.

33- Já aconteceu alguma vez de ter que reclamar e demorou?

Não comigo não, uma vez tinha um buracão lá e a gente avisou e no outro dia estava tampado.

34- E como é a fiscalização na feira?

Eles estão lá sempre, que nem de sábado eles tem que fechar a avenida.

35- E como você avalia diversidade de produtos hoje na feira?

Mas antigamente tinha mais coisa, tinha roupa e calçado era banca grande. Antigamente tinha peixe e agora só tem dois, tinha galinha viva agora hoje já não tem mais.

36- Então o senhor não acha que a feira é só pra vender verduras e legumes, quem quiser vender a feira está ali?

Eu acho que sim, mas agora é mais difícil ne. Antigamente tinha de tudo, mas é complicado trabalhar com uma galinha ali do seu lado fazendo sujeira.

37- Referente ao espaço público, você concorda com as críticas que o espaço da feira causa prejuízo a cidade, comércios vizinhos e ambiente?

Eu concordo com eles certo, você chega cedo na feira e a pessoa tem que tirar o carro pra ir trabalhar eu não acho certo. Agora eu chego cedo eu não ligo rádio e tem feirante principalmente novo, liga o rádio conversa alto. Graças a deus em todos os lugares que eu trabalhei nunca tive problema.

38- Ninguém nunca reclamou com o senhor?

Comigo não, porque eu faço isso aí. Até tem uma cliente na vila Formosa que ela tirava o carro pra levar as crianças pra escola até dava as coisas pra mim, chocolate um monte de coisa então a gente faz amizade com eles. Tinha uma pessoa que morava atrás da Manoel Goulart as minhas crianças iam lá e ficava assistindo televisão na casa dela. E o modo que a gente trata as pessoas, então eu nunca tive problema.

39- O senhor tem medo das concorrências dos supermercados e sacolões? Você acredita que um dia a feira vai acabar?

As de vila praticamente já acabou. Eu acho que também as maquininhas que compra a prazo também né, no cartão. Eu acho que não acaba.

40- Qual a importância da feira para a cidade e para o povo prudentino?

Porque ela sustenta a gente, se não é o cliente e não é a feira como vai viver.

41- Essa frase é para o senhor e para a comunidade?

A e a mercadoria, distrai, tipo eu tinha cliente que acordava cedo, ia na feira, conversava, e só entrava pra dentro quando acaba a feira, tem pessoa quer conversar. É importante por causa da comunicação, agora no mercado você compra e não sabe nem quem é o dono. A Daiane ganhou presente de duas freguesas. Por causa da amizade.

42- Qual sua percepção sobre a feira? Pretende trabalhar até quando?

Sei lá, no meu modo de pensar quando ela aposentar... eu comecei na feira com carrinho de mão, então agora eu gosto de banca grande. Mas se eu parar com a feira e colocar no meu terreno eu vou colocar de tudo, não só frutas. Porque eu não vou conseguir ficar parado dentro de casa, eu não consigo, eu tenho que fazer alguma coisa.

ENTREVISTA REALIZADA POR: LAYS MARECO, NAYENE FURMIGARE E RAFAEL BARBOSA

ENTREVISTADO: MARIA ROSELI DE LIMA “ROSINHA”, 51 ANOS

DATA: 20/05/2018

HORÁRIO: 10H43

MEIO: CELULAR

LOCAL: AVENIDA MANOEL GOULART EM PRESIDENTE PRUDENTE

1- Quantos anos de feira você tem?

32 anos

2- No frio é ruim para vender?

É, o tempo fica ruim e o povo não sai de casa.

3- Como você começou a vir para a feira?

Meu pai e os irmãos, é de família.

4- Eles trabalhavam aqui?

É, aí foram casando e a gente entrando.

5- Ele tinha plantação?

Não, nunca plantou, tudo Ceasa.

6- Você planta ou você compra para revender?

É tudo comprado

7- E seu pai ficou bastante tempo na feira?

Sim, meu pai tem 19 anos que faleceu, eu vim depois de grande para a feira, pois pequena a gente vinha somente para andar, porque tinha meus irmãos que trabalhavam mesmo né. É esse mesmo o tempo meu, mas quando eu era mais nova eu vinha mesmo era para passear.

8- Porque você se interessou pela feira?

Meu pai já estava na feira, aí fomos ficando e por fim acabei pegando o ritmo. Os irmãos tudo saíram e eu fiquei, sou eu quem dirijo, faço compras, faço tudo. E eu adoro a feira, nossa senhora.

9- Porque gosta da feira?

Ah, eu gosto, não tem nem porquê, sério mesmo, gosto demais.

10- Você pretende ficar aqui por muito tempo?

Até morrer, se eu aguentar né?

11- Nesses 32 anos de feira, como é a sua relação com os fregueses?

Nossa senhora. Você vê, eu trabalho no sábado aqui em cima e essa feira é enorme, quando termina ali que eu esquento e carrego, eu falo ‘Ah, vou dar uma voltinha ali embaixo para conversar com a torna, porque eu já vendi mesmo né?’ e eu fico indignada assim, tem gente que vem lá de baixo para comprar na minha banca? É porque é freguês né? Porque andar tudo isso daqui? Eu me surpreendo né?

12 - Você é reconhecida somente pelos fregueses ou pelos órgãos públicos da cidade também?

Conhecem, porque para você ter uma ideia, o Douglas Cato ele é vice-prefeito e antes dele ser vereador mesmo, ele morava lá perto da Cohab e quase todas as quintas ele estava ali e ele me conheceu ali na feira 'Rosinha daqui, Rosinha daqui', quando ele entrou para ser o vice, ele foi fazer a carreata lá na rua de casa, aí ele já foi lá para me abraçar 'Oh Rosinha, você mora aqui?'. Nossa, eu sou muito reconhecida, demais e eu me orgulho, pois, falar a verdade, coisa mais gostosa. Eu vou naquele calçadão, nossa, e quando eu chego no Ceasa? Tudo meu pai, porque você chega no Ceasa e vê as mercadorias e pergunta 'Quanto que é isso aqui?' 'É trinta reais', aí eu chego e pergunto 'Quanto vocês vão fazer para mim' e eles falam 'Faz vinte, faz trinta', então é sempre mais barato. Estou vendo o preço que ele falou para o outro, mas tudo por causa do meu pai, pois naquele tempo era feira e agora não é. Naquele tempo meu pai comprava muito, as vezes chegava lá tinha cem sacos de repolho, cinquenta sacos de batatas e hoje a gente já não faz mais isso porque não vende. Então eu fiquei lá no Ceasa bem reconhecida por causa do meu pai, para comprara é uma maravilha.

13 – Como que era a feira antigamente?

Ah, não tem como, não compara. Vendi muito bem, nossa. Meu pai na época em que eu não trabalhava, tinha aqui dois pontos de banca, era um lá e um aqui. Tinha três na verdade, um na esquina, outro ali e outro aqui, era meus irmãos, mas era aquelas bancas lotadas onde vendia mesmo em todas as feiras.

14- Porque você acha que foi diminuindo?

Ah porque o mercado e sacolão não existia isso e hoje tem tudo. Diminuiu muito a feira. Eu vou para o Ceasa de piruá e não venho com ela lotada. Eu faço uma comprinha na quarta-feira para eu trabalhar quinta, pois eu faço feira na quinta-feira à tarde, sobra para sábado e domingo, só que na sexta eu tenho que ir de novo para inteirar, mas aí é duro, pois caiu muito, muito.

15- Mas mesmo assim você sente que o pessoal gosta de vir a feira? Você acredita que um dia a feira possa acabar?

Gostam. Não, nunca acaba, na minha opinião. Não acaba, não acaba.

16- Porque você pensa assim?

Não sei, eu acho que não acaba não.

17- Virou uma tradição?

Para muitos prefeitos essa feira aqui já teria tirado, pois para eles atrapalha o trânsito, mas não acaba de jeito nenhum.

18- E se por um acaso quiserem tirar novamente, os feirantes protestam?

Ah, é difícil em.

19- Você acha que a feira também é uma forma de lazer?

Demais, e muito. Encontra tudo. A mulherada quando eu chego na feira eu tiro o sarro porque elas falam 'Rosinha', as freguesas mesmo, 'Rosinha, a gente não sai, mas quando chega na feira encontra todo mundo', mas é isso, eles não vão somente para comprar, conversa com um, conversa com outro.

20 – Como é o seu relacionamento com os outros feirantes?

Muito bom, graças a Deus não tenho inimigo na feira. Tem gente que tem, pois brigam por causa de ponto e eu falo assim ‘Graças a Deus meus vizinhos são uma maravilha’, me dou bem com todos, não me importo. Como no sábado mesmo, eu trabalho ali e meu vizinho trabalha de frente, o japonês, e ele vende a mesma coisa que eu, eu não quero nem saber o que ele está vendendo e também não quero saber o preço dele, agora tem gente que briga sim, aí vem falando ‘Está vendo aquele lá? Está colocando mais barato’ e eu estou pouco me ligando, eu vou ficar no meu preço, se eu quiser abaixar eu abaixo, se eu não quiser também. Magina, eu estou preocupada com a mulher daqui que é minha amiga que está com uma “bancona”, uns pacotinhos de três por cinco? A minha bacia é cinco reais e acabou, nem esquento entendeu? Minha mercadoria está todas pagas no Ceasa, quem quiser vai lá ver, está tudo pago e eu não quero nem saber.

21- E as mercadorias que não vendem?

Por exemplo, hoje vai sobrar, aí eu vou trabalhar só quinta, pois eu trabalho somente na quinta, sábado e domingo, então o que dá para eu aproveitar, eu deixo arrumadinho, deixo um pano molhado em cima. Eu tenho um monte de irmãos, quem quiser chegar lá pode levar, nem cobro. Tem muitas “coisinhas” que sobram na quinta e eu dou para o Esquadrão da Vida, não um monte né? Uma caixinha.

22- O que é o Esquadrão da Vida?

É uma casa de internação para dependentes químicos. Eu dou para eles e na quinta-feira eu também dou para a igreja da Cohab, se tiver uma caixinha lá que tenha quiabo, giló, eu dou.

23- Então você ajuda a sociedade também através do seu trabalho como feirante?

Ajudo e fora em casa também, pois tem uma vizinha minha que me agradece de joelhos, dou cinco “sacolada” de tudo, toda semana.

24- Como você se sente ajudando essas pessoas?

Muito feliz, nossa, pois as vezes ‘Ah, isso não serve para mim.’ Nossa, meu Deus, tanta gente precisando. Às vezes tem cinco, seis e eu coloco nas caixas ali, um pouquinho de cada coisa e depois eu dou para o Esquadrão.

25- Você já trabalhou em outra profissão?

Não, nunca. Estou com 52 anos, nunca trabalhei como empregada para ninguém, nunca fui empregada. Naquele tempo, como estou te falando, a feira era muito boa e meu paizinho trabalhava, meu pai que me ensinou tudo, e ele trabalhava, e eu entrei na feira com dezessete anos, só que antes era tudo dele, eu estudava só que eu dependia de tudo dele, pois eu não tinha outra coisa para fazer. Aí quando eu comecei na feira, tudo ajuda dele, só não estudou quem não quis, porque ele deu todo apoio. Eu tenho uma irmã, que é formada em assistência social, eu não quis estudar, minha outra não quis, então se lascou, vai para feira. Meu pai fazia de tudo, logo quando eu entrei na feira a primeira coisa que fiz foi tirar carta, nossa, tudo isso com o dinheiro da feira, pois eu já trabalhava. Ele pagava né e a primeira coisa que fiz foi tirar a carta, me lembro como hoje, eu tirei e eu já tinha uns “carrinhos” velhos para andar, ele queria ter cinco “carrinhos”, três quatro “carrinhos” velhos, mas não queria ter um zero ‘Está pago’, ele dizia assim. Está com cinco anos que eu tenho um Fiesta para eu andar e eu sou feliz, 2003 e está bom demais já que eu usava um “fusquinha” 75,

depois peguei um 93 “uninho”, agora está pago, comprei esse piruá aqui vai fazer um ano, coitada, ela estava feia, arrumei tudo com o dinheiro da feira.

26- Conquistou bastante coisa com a feira?

Graças a Deus, as amizades então nem se fala, nossa é demais.

27- Você não se arrepende de ser feirante?

“Magina”. Essa minha irmã assistente social pensa numa pessoa. Ela é rica, antipática, pensa que a gente vai querer as coisas dela, para ela só as coisas dela são as que valem e eu sou tão feliz.

28- O que sua família pensa sobre você ser feirante?

Nossa, eles amam. Nossa, eles se preocupam demais. Você vê, tem seis meses que minha mãe faleceu e mora somente eu agora e eles se preocupam comigo, eu tenho 52 anos, aonde ligam já perguntam ‘aonde você está?’ se passarem em casa e não vê meu carro já me ligam perguntando aonde estou, aí eles se preocupam muito comigo e eu fico muito feliz porque chega e perguntam. Na semana passada mesmo estava minha irmã, minha sobrinha, os filhos dela e quando vem assim na quinta-feira eles não em ajudam em nada porque eu não gosto, pois eles se preocupam e sempre estão ali para me ajudar. Quando chove parece que só existe eu na feira, porque eles falam ‘E agora a Rosa na feira?’, eles esquecem dos outros e parece que só tem eu que sou feirante.

29- Sobra tempo até para fazer um jogar aqui na feira?

É filha, na semana passada eu ganhei R\$2,5, foi naquele bar Ali, quando eu lembro dá até uma alegria. Eu já estava arrumando minhas coisas aqui e eles estavam tudo lá e quando eu vi o resultado eu fiquei igual uma louca e eles ficaram todos felizes por mim porque o dinheiro que entra você acerta as “continhas” numa boa né? Pude arrumar meu carro que estava com uns vazamentos.

30- Como é sua rotina?

Eu acordo 5:30, acordo, me arrumo e já venho para a feira e no meio da semana que eu não trabalho acordo só quando quero, é 8h, 9h, 10h e é assim. A minha vida é boa, só não é tão boa pois faz seis meses que eu perdi minha mãe e eu cuidava dela, agora mora eu e Deus. O povo fala assim ‘só’, mas em frente da minha casa mora minhas irmãs e assim a gente se ajuda. Eu amo a feira e acabou. Amanhã eu vou até a organização da feira para arrumar um “pontinho” para trabalhar na quarta atarde, pois eu quero mais uma feira. Vou ver se consigo mais uma feira, pois tipo assim, perdi minha “mãezinha”, o “dinheirinho” dela me ajuda, pois era somente eu e ela e a gente recebia dois salários, um meu e uma dela que era do meu “papai” e agora estou dependendo somente da feira. Vou ficar em casa para que? Eu tenho uma perua boa para andar, eu vou no Ceasa fazer minhas “comprinhas”, então vou ver se encontro mais um lugar para eu fazer.

31- A senhora não consegue ficar recebendo ainda?

Não, para falar a verdade eu não fui atrás, mas na feira tem um advogado e ele falou ‘Rosinha, não dá sabe porquê? Só se ela tivesse um neto no nome dela ou um filho menor de idade’. Eu cuidei da minha mãe e não me arrependo, nossa, como cuidei dela. A minha vida é essa aqui e sou feliz deste jeito.

32- Qual a diferença da feira da Manoel Goulart comparada as outras feiras que você faz aqui na cidade?

A diferença? Eu acho essa feira aqui cumprida, só que em relação a venda eu acho a mesma coisa. Vendo tudo na bacia, não uso balança, meus fregueses já acostumaram. Quando estou montando a banca e meus fregueses chegam e eles já perguntam ‘Oh Rosinha, não vai ter bacia?’ e eu falo ‘Vai sim, já vou fazer’, já se acostumaram a comprar assim. Todas as feiras eu vendo assim, na bacia, toda são as quatro feiras que são na Cohab, quinta de manhã, à tarde no Ana Jacinta e sábado e domingo aqui. Em relação as vendas são igual lá, só que a feirinha aqui é melhor, no caso no sábado anoite e no Ana Jacinta, mas falamos melhor, mas varia, pois as vezes é melhor no domingo do que no sábado.

33 – Em questão de público, também é diferenciado?

Aqui é diferente, não tem como, pois, vem o “centrão” todo. Todo tipo de pessoas tem em todos os lugares, mas aqui você vê.

34- Você acha que a feira aqui realmente é uma tradição?

Demais e não é somente essa feira, são as feiras de todos os bairros, pois o povo já se acostumou, se não tiver a feiram, nossa.

35 – Porque você acha a feira importante a ponto de não pode acabar?

Na minha opinião não tem como, pois, a feira ela serve para tudo, se vende de tudo e é incrível, não tem explicação.

36- O que você vai fazer quando for embora daqui?

Vou descansar e feira só na quarta-feira que eu vou para o Ceasa e eu começo a trabalhar até quinta. Descasar é modo de falar, pois nesses dias eu faço serviço de casa, pago contas, amanhã mesmo é dia, também dar umas namoradas que eu não sou boba, meu time já ganhou ontem mesmo, aí quando minhas irmãs forem me procurar eu tenho eu mentir ‘Estou aqui no mercado’.

37- Resumindo, sua relação com a feira é uma relação de amor?

Demais, você vê, eu fico em casa na segunda, terça, quarta e eu chego na quinta naquela Cohab e renova as forças, nossa senhora, demais, é porque eu gosto mesmo. Meus irmãos por exemplo, se eles gostassem mesmo de feira eles continuariam mesmo casados, mas eles casaram e foram saindo, até a caçula. No final de tudo era eu e a caçula, só que casou e largou tudo e não quis nem saber e eu continuei firme porque eu gosto mesmo.

**ENTREVISTA REALIZADA POR: LAYS MARECO, NAYENE FURMIGARE E
RAFAEL BARBOSA**

ENTREVISTADO: NOGUO TSUNODA, 76 ANOS

DATA: 20/05/2018

HORÁRIO: 10H23

MEIO: CELULAR

LOCAL: AVENIDA MANOEL GOULART EM PRESIDENTE PRUDENTE

1 - Como que é a história do senhor com a feira?

Feira? Ah, feira... para mim é...é... bom né, porque a gente é mais... divertido, assim...porque vem bastante amigo, a gente conversa, a gente vende o que a gente colhe tudo lá na lavoura né... então é bom... eu gosto.

2 - Quando o senhor começou na feira?

Ah, já faz uns vinte anos hein!

3 – E porque que o senhor começou na feira?

É que eu plantei um plantio de propunha, aí comecei a vender na feira com uma banquinha pequena assim né. Aí começou a vender bastante e eu comecei a... a aumentar a feirinha.

4 - Alguém da família do senhor era feirante?

Não... é todo... tudo é esses" família aí ó, mulher e os...

5 – Seus pais?

Não, eles não faziam. Não, eles eram... lavrador.

6 – O senhor cresceu trabalhando na lavoura?

Sim e na lavoura sim, mas... a gente trabalha na lavoura mas também o que a gente colhe a gente trás na feira aqui e o que sobra leva no Ceasa.

7 – O Resolveu trabalhar na feira assim, para ajudar a renda?

Sim, porque a gente aqui, a renda é maior né, porque uma caixa de fruta você compra 30 e aí vende a três, quatro reais o quilo, vai dar né...

8 – Isso que o senhor vende aqui é o senhor que produz ou o senhor compra?

Tem bastante comprada também, mas... é meio a meio mais ou menos.

9 – Mas o senhor produz lá onde o senhor mora?

Sim

10 – E vinte anos de feira né, o senhor falou?

Certo

11 - E a família sempre ajudou assim?

Ah sim, sempre ajuda

12 - Os filhos desde pequeno?

Filhos, desde pequeno. Agora falam que pequeno de 18 anos não pode trabalhar aí vem um castigo aqui (risos)

13 – Como é a sua relação com os seus fregueses?

Graças a Deus, visse, o freguês que a gente tem aí, toda semana eles estão voltando aqui né, então a gente fica contente com isso aí né, porque se o freguês começa a afastar tudo né, é porque a gente não está atendendo direito.

14 – E porque que o senhor acha que o freguês prefere vir aqui na feira do que ir no supermercado?

Eu acho que a gente traz... mais... a... verdura mais fresca. Fruta mais fresca. Fruta diferente também muitas vezes né. Porque a gente traz também essas frutas que dá no Norte bastante. Algumas frutas assim que é diferente e a turma prefere né porque a pessoa era de lá aí veio para cá não tem né...

15 – e aí aqui encontra?

Aí encontra muitas coisas que não tem no mercado né

16 – E como que é a sua rotina do dia a dia, que horas o senhor acorda?

Isso, acordo... já às 6h acordo e aí cada um pega o seu serviço. Meu filho... meu filho planta a parte de verdura e eu mexo mais com a parte de fruta. Eu tenho plantio de goiaba, pitai-a, manga, coco... é... Citros né. Essas coisas que eu mexo mais assim... não é quantia grande, mas uns pouco né, dá uns 15, 20, 30 pés de cada coisa

17 – O senhor conseguiu conquistar bastante coisa com a feira, com a renda que o senhor conseguiu na feira?

Então a gente com... que nem pitai-a mesmo, a gente começou a plantar e eu tenho bastante freguês que... maioria dos fregueses voltam aqui porque diz que a nossa pitai-a é diferente dos outros sabores né, então eles voltam para comprar né e isso aí a gente fica bastante agradecido né.

18 – E em relação as coisas materiais, casa, caminhão, o que o senhor conquistou com o dinheiro da feira?

Ah, carro é carro velho, mas... tudo é velho. Nem ladrão quer.

19 – Mas com suor né?

Mas, a gente vai... feira e lavoura que a gente colhe porque muitas mercadorias a gente leva na Ceasa, que nem laranja lima eu tenho 150 pés e não consigo vender tudo aqui né, aí já leva para feira... Ceasa né aí vende lá também. É... que nem maracujá também, a gente planta em uma área mais grande aí a gente leva para lá também ou o que sobra aí a gente vende aqui e depois sobra e leva para lá.

20 - E o senhor gosta desse trabalho que o senhor faz?

Ah, não é que gosta né. Lavrador é o mais prejudicado na verdade, pelo “coisa”, mas... o que que a gente vai fazer, não estudou, hoje não tem jeito de ir para cidade.

21 – Porque o senhor fala que são prejudicados?

Ah, eu acho assim porque...não... parte do governo assim pra ajudar...porque antigamente, óleo...óleo diesel para gente trabalhar tinha diferença no preço. O governo falava que pro produtor precisava ter uma diferença e tinha diferença. Hoje, está acompanhando a mesma... gasolina né. Quase... a diferença é muito pouco não é verdade. Eu. parte do insumo também, veneno, adubo. Tudo caro”

22 - E da feira, o senhor falou no começo que o senhor gosta, que é divertido, porque o senhor acha isso?

Ah, é porque... a gente encontra bastante amigo, toda hora... né...então um vem...outro fala uma coisa, outro vem fala uma brincadeira e aí a gente fica aí né, é divertido.

23 – Aí na feira o senhor gosta de vir?

Gosto. Gosto

24 – E qual é a maior dificuldade o senhor encontra em estar aqui na feira?

Dificuldade, ah... que nem hoje mesmo, nós tem um barzinho ali... que... fornece para nós...ó... o mictório né, mas hoje que nem ele fechou aí a gente tem que ir na loja assim pedir, essas coisas eu acho que é... é muito chato né. Agora no bar não, a gente gasta um pouquinho lá para comer al. um salgado, uma bebida... aí eles ficam contente com isso aí também. A gente vai usa o banheiro, mas eles tão satisfeito com isso. Aí aqui não, a gente talvez não compra nada... aí a gente vai pedir o banheiro e eu sempre levo uma frutinha já, porque né... fica chato.

25 – Então uma necessidade aqui da feira são os banheiros?

É um banheiro né, eu acho que precisava muito né. Cada dois quarteirões.

26 – e a parte da segurança assim. Vocês se sentem seguros aqui na feira?

Segurança não tem... fiscal...tem fiscal, mas é difícil encontrar fiscal aqui hein. Que nem esse ano, tinha uns 3 fiscais, mas não sei o que é que deu com os fiscais aí parece que tem só um fiscal trabalhando aqui na feira. Isso aí... é, muita gente, gente novo assim, porque nós, sempre vem lá, aí é fixo né, mas tem gente novo assim que quer entrar e não acha lugar né, aí isso aí acho que dificulta muito né.

27 - Dentro da feira o senhor já foi assaltado?

Não, Graças. bom esses tempos atrás roubaram um celularzinho bem vagabundo aqui dentro da cabine, nunca tinha acontecido né..., mas meu filho... estava jogado lá dentro né, porta estava aberta lá, aí passaram a mão né.

28 – O senhor sente que o seu trabalho aqui na feira é reconhecido, pelas pessoas?

Eu acho que sim porque... a turma vem... a gente vende... que nem caqui mesmo... eu vendo sete, oito caixas de caqui, mas é nós que colhe, nós que curte né, então é doce né, doce e bem curtido, porque caqui...

29 – E pela prefeitura, as autoridades assim da cidade, o senhor acha que eles cuidam da feira?

Eu acho que quando eles querem voto, aí eles vêm, mas o resto, acabou. Não tem ninguém passando por aqui.

30 – Você se sente reconhecido por eles, além dos feirantes, porque querendo ou não o trabalho que vocês fazem aqui contribuem para que a feira da Manoel Goulart continue sendo uma tradição aqui na cidade, você se sente?

Sei lá... eu... Eu acho que benefício deles a gente assim não tem nada , só a gente trabalha assim mesmo, por conta mesmo, na verdade, eu acho que... só na eleição aparece né, assim aparece com certeza.

31 – Porque o senhor acha que a feira é importante para cidade?

Eu acho que a pessoa sempre quer comprar uma coisa assim... fresco né, aí... então a turma volta mesmo né, aí alguma coisa diferente que não tem na loja, talvez nós temos assim do sítio né.

32 – Existe concorrência assim entre os feirantes de banca para banca ou é só com os supermercados?

Ah, eu acho que é. não tem... aqui não tem concorrência não, cada um põe o seu preço e a pessoa escolhe.

33 – Qual é o período que mais vende mercadoria aqui?

Ah, quando tem mercadoria boa.

34 – Tipo agora está fazendo um friozinho, o senhor acha que as vendas caíram ou aumentam?

Caiu. Caiu sim. No frio cai.

35 – A qualidade do produto também?

Não. Produto qualidade não cai não, é mais a venda porque ontem, a gente trabalha... sábado nós trabalhamos lá para cima, aí deu um vento frio... ontem estava né, a tarde né... aí o povo não vem né.

36 – Aí a mercadoria que não vende em um dia aí guarda para próxima feira, o que vocês fazem?

Sim, que nem essa laranja quando ela sobra, aí nós temos que vender na bacia a metade mais ou menos aí e a gente tem que vender né. Derruba o preço para vender né, só no final da feira.

37 – E como era a feira aqui antigamente, há vinte anos atrás quando o senhor chegou?

Visse era outra coisa né, há vinte anos atrás...depois... antes...depois...antes dos vintes anos... eu trabalhava... trazia...plantava melancia, aqueles melões caipira né... aí a gente aqui tinha fila de caminhão... vinte, trinta caminhões ali vendendo...um vende abacaxi...outro vende laranja...porque supermercado não tinha antigamente né, aí é aquela fila de trinta, quarenta caminhões assim... e aí era aquela briga para entrar né, mas vendia. Todo mundo...eu trazia é, 600, vendia...numa noite eu vendia um caminhão lotado de melancia, aí embora depois lotava, aí cedo estava com outro restinho de melancia que tinha sobrado em casa, a gente trazia e vendia.

38 – Porque o senhor acha que isso não existe mais?

Por causa do mercado né. O mercado... o supermercado aumentou bastante né... é que hoje o mercado tem e tem que vender porque tem mercado... aí eles vão caçar mercadoria em qualquer lugar porque mercado tem que ter mercadoria em qualquer tempo... isso aí quebrou bastante.

39 – E porque o senhor acha que as pessoas ainda vêm para feira, que nem hoje tem bastante gente aqui?

Por causa ...que...aqui eles querem mais mercadorias diferentes, muitas vezes.

40 – e o senhor acha que o atendimento é diferente, as pessoas gostam?

Ah, é... na verdade você para achar um gerente no mercado, você não acha e aqui o dono está aqui em pé. Se ele quiser olhar... leva uma mercadoria ruim assim hoje, aí semana que vem ele traz a mercadoria aí, seco né, pra mostrar e fala “ó sua mercadoria assim não prestou né” é isso.

41 – E o senhor tem medo da feira acabar?

Eu não tenho não, porque pela idade que eu to, na verdade precisava já estar parado faz tempo, mas eu trabalho assim, na roça e aqui porque a gente tem saúde né, principalmente saúde né.

42 – Enquanto o senhor puder, o senhor vai continuar?

Eu vou. Vou lutar...(risos)

43 – Mas o senhor acha que ela vai acabar?

Acho que não acaba não. Feira acho que não acaba não.

44 – Porque o senhor acha?

Ah, eu acho que é porque... tem muita gente que está vivendo com isso aí mesmo né...é ramo deles... e eu não sou ramo... eu...se eu não vir aqui eu levo no Ceasa, vende mais barato, mas eu vendo né, consigo vender né... então para mim não tem diferença... eu venho aqui porque a renda da mais... melhor né, então a gente vem aqui sabe.

45 – E qual é a importância da feira da Manoel Goulart para o povo prudentino, para as pessoas da região. Se tirar da Manoel Goulart, o senhor acha que vai perder o sentido?

Eu acho que se tirar e pôr em outro lugar eu acho que o povo vai atrás né, porque isso aí não tem dificuldade porque todo mundo tem carro né, não é pessoa que está morando aqui que está comprando né, então vem tudo de fora, de longe dos bairros né. Todo mundo vem aqui e pergunta “onde que faz mais feira” e aí eu falo... eu trabalho na roça então eu tenho que fazer sábado e domingo para o resto ficar na roça né, colhendo, plantando, limpando...

46 – Tem alguma que o senhor queira falar para gente, que a gente não perguntou, alguma mensagem?

Eu acho que não, porque a gente está tudo fixo, a gente vem, coloca

ENTREVISTA REALIZADA POR: LAYS MARECO, NAYENE FURMIGARE E RAFAEL BARBOSA

ENTREVISTADO: ROBSON ARANTES, 41 ANOS

DATA: 20/05/2018

HORÁRIO: 11H23

MEIO: CELULAR

LOCAL: AVENIDA MANOEL GOULART EM PRESIDENTE PRUDENTE

Você está na feira a quanto tempo?

Faz uns dez anos já.

1- Dez anos, e nesses dez anos você só vende frutas?

Não, eu vendia verdura de primeira.

2- E qual que é a sua história com a feira? O que fez você vir trabalhar na feira?

Nós mexíamos com verdura né no começo, aí depois a gente estava mais assim olhando o que ia sair melhor, aí como a gente via que ninguém vendia mamão, aí a gente investimos no mamão.

3- E aí o mamão é o que mais vende na feira hoje?

Hoje é o que mais vende e todo mundo quer vender né, sempre é mamão.

4- E você gosta de trabalhar aqui na feira?

Gosto.

5- Por qual motivo?

Distrai a cabeça.

6- E porque distrai a cabeça?

Porque você conversa com bastante gente né.

7- Faz amizade?

Também. Mais um pouco é porque distrai a cabeça.

8- E além da feira da Manoel Goulart você faz outras feiras?

Faço mais duas, na Santa casa e faço o Nagai.

9- E como é seu dia-a-dia para ir para a feira, sua preparação. Você no dia anterior você colhe o mamão você busca no Ceasa?

Não, nós já vimos de lá preparado, da roça e temos que vir um dia antes. Aí ficamos no meu avô porque no outro dia nos vamos vender.

10- Você acorda que horas no outro dia?

Nós acordamos cinco horas da manhã.

11- Aí é você que monta a banca sozinho?

Nós que montamos a banca sozinho.

12- Conta um pouco da sua relação com a feira, você acha cansativo essa rotina sua de trabalho, acordar cinco horas da manhã, aí quando é meio dia do Domingo já está de boa?

Não, minha relação com a feira é sempre sorrindo e conquistando as pessoas com um sorriso, um bom dia diferenciado, não é cansativo não e no domingo ainda tenho a tarde toda para aproveitar.

13- Você já se acostumou?

Há você acaba acostumando né.

14- E qual a dificuldade que você por ser feirante encontra dentro da feira?

A concorrência.

15- Mas a concorrência dos próprios feirantes ou do supermercado?

Dos próprios feirantes, produtor não tem concorrência, produtor com produtor não faz concorrência, só feirante, aí a concorrência é meia brava e não tanto só a concorrência, mas também o lugar para você fazer, o jeito para você trabalhar aí é muito complicado.

16- E o que falta aqui na feira da Manoel Goulart para você na sua opinião, falta segurança, banheiro?

Mas é segurança.

17- Você não se sente seguro?

A não tem né, você pode olhar e não tem segurança, pode olhar aí.

18- E você já foi assaltado aqui alguma vez?

Não, graças a Deus nenhuma vez

19- E você consegue sobreviver com o dinheiro que você ganha aqui da feira?

A gente sobrevive tranquilo.

20- Tranquilo, dá para tirar um ganho aí pra se sustentar que seja uma quantia boa?

É nos ganha bastante né, que nem a gente é a segunda, a última que fizemos pro imparcial o ganho nosso é super bom, não temos a renda só dessa feira, e sim dos outros lugares, vários meios.

21- E o que sua família pensa de você trabalhar na feira? Eles acham que você deve continuar na feira ou procurar um serviço com registro na carteira?

Não por ser nós mesmo produtor próprio não tem nada a ver, é o meu meio de ganhar a vida, ter dinheiro, esse é meu serviço.

22- A família não fala nada só incentiva?

Parte da minha mãe sim.

23- E do pai?

Já era.

24- E como é seu relacionamento entre você e o cliente, você é sorridente, conquista pela conversa?

O que você acha? Você vai ter que me dizer.

25- Eu acho que você conquista pela conversa.

Então pronto, você já respondeu à pergunta.

26- E como é seu relacionamento com os outros feirantes?

Para mim todo mundo é igual, me dou muito bem com todos, claro que você não pode tacar a pedra nem em um nem no outro, todo mundo faz para sobreviver, trabalha para se sustentar ou porque precisa.

27- Qual o período do mês ou do ano em que mais se vende, ou a estação?

Para nós não existe, para nós que produz não existe período que mais vende ou menos vende, se você tem preço você vende o ano inteiro, agora se o preço está alto e você puxa, aí você não vende mesmo, isso é normal qualquer coisa, agora se você consegue fazer sempre o mesmo preço você vai sempre estar vendendo.

28- E como era a feira quando você começou aqui a dez anos atrás, era melhor de se trabalhar era pior?

Não, você vendia mais, está certo que você vendia bem mais, era mais lotada, as pessoas só estavam preocupadas em adquirir o produto e não com o preço.

29- E por qual motivo se o produto é o mesmo?

O motivo é falta de dinheiro, você pode ver que não tem, todos os comércios todos eles estão fechando a maioria.

30- Como você avalia o controle da prefeitura sobre a feira? você acha que dão o suporte que vocês feirantes precisam?

A prefeitura por mim mesmo não prejudica eu em nada.

31- Mas ajuda se você precisar de alguma coisa?

Não eles não ajudam em nada, não te dão nada, você tem que fazer tudo sozinho, é pelo contrário você paga para a prefeitura para você trabalhar.

32- Você acha que seu trabalho como feirante é valorizado por esses órgãos públicos?

Eu acho que não, não é tanto pelos órgãos públicos que você não é valorizado, tem muito cliente que desvaloriza tudo o que você faz, as vezes você faz bem tenta fazer melhor mas você sempre é acusado de que não fez bem entendeu. Não é sempre, as vezes você tenta fazer o melhor mas o cliente já acha que não é melhor ele sempre quer mais, nunca está satisfeito com o que você está fazendo, você pode melhorar o preço, você pode melhorar a qualidade, você pode melhorar em tudo, mas sempre para eles nunca está bom; e isso não vem só do feirante, ou só dos órgãos públicos, isso veem do ser humano mesmo, a pessoa mesmo faz isso com você. O que acontece é que se você for meio amargo, você vai acabar carregando isso para todo lugar que você for trabalhar, você vai trabalhar em uma coisa você vai levar aquilo com você, vai trabalhar em outra coisa vai levar isso com você, então isso é normal, isso daí você leva para todo lugar, então todo lugar que você for você vai achar, vai

achar em supermercado, vai achar na roça, vai achar em tudo quanto é lugar, aí o que você tem que fazer; ou você sorri ou você chora.

34- Aí no seu caso você...?

Melhor sorrir né, se te xinga ali te mete a pedra ali, você não precisa tacar a pedra naquela pessoa de volta, deixa que Deus faz ué.

35 -E a fiscalização aqui na feira acontece, tem fiscal que passa?

Olha não tem suficiente, ter fiscal tem um muito bom, mas não tem bastante, não é e outra também fiscalização não é bastante não conta ter bastante em números, as vezes um só dá conta de tudo, mas a única coisa que não tem é a segurança, mas fiscalização um só está ótimo e não precisa demais. Se você aumentar mais o número de fiscalização, o que acontece, mais fiscalização vai acontecer de ter mais gastos, e tendo mais gastos vai gastar mais também.

36 -E acarreta de vocês pagarem a mais por isso?

Vamos pagar mais ainda, você já paga uma quantidade por aquilo que você faz pelo Alvará, e se você colocar a mais um fiscal pode acontecer de gastar mais ainda.

37 -E como é essa concorrência na feira, essa concorrência de vocês é sadia, vocês brincam, se diverte?

Depende, vai pelo lado da pessoa que você leva, tem uns que é uma concorrência sadia, agora tem uns que não leva pro lado legal, tem uns que já partem pra ignorância, nós já escutamos muito isso, muito mesmo.

38 -E essa diversidade de produtos que vendem na feira, você acha que a feira é um espaço que ela acolhe qualquer um que tenha seu produto e quer comercializar?

A maioria dos que trabalham na feira não é produtor, a maioria trabalha como atravessador, então não são todos que são produtor. Produtor na feira é pouco.

39 -Mas você acha que está certo?

Não, claro por um lado está certo, todo mundo tem o direito de ganhar o seu, só que eu acho assim, você não pode confundir quem produz e quem não produz. Se você é o produtor você tem que saber que é aquilo que você está fazendo, agora a pessoa falar, “a eu faço isso daqui, eu produzo isso dali”, e você vai lá e o cara não tem um prato, um pé de matança aí é foda, isso aí machuca.

40 -A gente já viu várias críticas da feira ser aqui na Manoel Goulart, já tentaram arrancar a feira daqui o que você acha disso, tem que arrancar a feira daqui mesmo?

Não, a feira tem que ficar aqui mesmo, não precisa arrancar.

41 – Ela é uma tradição?

Ela é a tradição então não pode arrancar porque odo mundo o que se ouve falar é que já é uma tradição essa feira. Ela não.... Se sair daqui você vai fazer o que, você pode ir para outro lugar fechado para onde for; mas um lugar fechado não é a mesma coisa, porque se chama feira livre, é livre para todo mundo, gato, cachorro, pode ir quem for.

42 – E você tem medo dessa concorrência do supermercado e feira?

Não, porque eu não tenho medo da concorrência com mercado porque, porque supermercado eles aguentam até uma época, depois não aguentam mais, porque eles compram e não pagam; (risos) eu já falei para uma amiga minha dona de supermercado, eles compram, e quando estão lá em cima o que eles falam, abrem falência, o banco não paga, e nós também fica no prejuízo, todo mundo, fica os produtores porque acabam acarretando no prejuízo maior com a gente.

43 – E você acredita que a feira pode chegar um tempo a acabar ou não?

Se continuar do jeito que está acaba, por causa que o campo, o supermercado vem fechando muito e fecha demais, você não está totalmente aberto, então o supermercado deveria ser que nem em Venceslau e Epitácio, Venceslau hoje não abre supermercado, tudo fechado, e Epitácio também pegou o costume de não abrir supermercado, porque você vai na feira de lá é outra coisa, totalmente ao contrário daqui, á todo mundo vende, todo mundo compra, porque supermercado tem seis dias da semana, e a feira aqui é um dia na semana, tem muita gente ainda faz feira, agora você pensa pelo outro que só faz dia de hoje, final de semana, como é que faz, nós sobrevive mais esses feirantes que só fazem um dia sobrevivem?

44 – E na sua opinião porque as pessoas preferem vir a feira comprar o seu produto do que a do supermercado?

Eu acho que é porque é mais fresquinho né, é colhido mais recente, não é um produto velho, e é um produto que não passa pelo Ceasa, é mais sadio e mais barato, então compensa, que nem hoje foi cotado mamão agora cedo, foi cotado no Paraná hoje ele está custando R\$52,00 reais a caixa, isso pra você comercializar ele ainda e ele aqui vendido ele sai por R\$40,00 reais direto do consumidor, se o consumidor for comprar uma dessa caixa no mercado ele vai custar R\$100,00 a caixa.

45 - E na sua opinião porque a importância de a feira ser aqui na Manoel Goulart, pro povo prudentino e pro pessoal que vem ai de fora, é a tradição, os aspectos sociais e econômicos?

É mais a tradição né, você pode olhar que todo mundo veem a feira, ai vai atrás de um pastel, vai atrás de comprar alguma coisa, ou compram uma roupa, ou seja é uma feira, uma feira livre.

46 - E você acha que com a sua função sendo feirante, você ajude a crescer algo?

Eu acho que sim.

47- Por qual motivo?

Não sei te responde, (risos) mais um dos motivos é que você traz suas próprias coisas para expor, você vende mesmo o que é seu. Então você acaba ajudando a população em certo ponto.

48 - E qual a sua perspectiva na feira, você pretende continuar a trabalhar até quanto tempo?

Não muito viu, (risos). Sei lá se dependesse eu já havia indo embora.

49- Mas está aqui por necessidade?

A gente já está aqui porque a gente vai se acostumando com isso. Então você vai ficar em casa dormindo, e aí você vai perder a feira deixar a mercadoria parada?

50 – Tem alguma coisa que você queira falar sobre a feira, teve alguma história que te marcou?

Não pelo que me lembre.

51- E tem alguma mensagem que você queira deixar, falar sobre o que é ser feirante para você?

Feira é alegria, é diversidade constante.

52- E se tivesse que definir o que é feira em uma palavra o que diria da feira?

Feira tem muita gente que conta como se a feira fosse tudo, porque se você olhar por um ângulo tem muita gente que depende da gente, porque não fizemos só aqui. Meu irmão está em Regente, e faz ainda em Martinópolis, aí tem bastante gente que depende da gente.

53 - E pra você qual o significado de feira? Se eu falar “Robson a feira da Manoel Goulart”, o que vem na cabeça do senhor?

A feira é uma distração e ocupação para a cabeça, é isso que você ganha, sai de casa pesado, e quando se chega aqui tudo acalma. Só que aqui é assim, você não só fica calmo, como acalma os outros, porque isso é um tipo de terapia. Tem muita gente que você não é um feirante e sim um psicólogo, a gente conversa isso sempre, não é só ser feirante é também ser amigo. Porque todo dia é uma pessoa com um tipo de problema diferente e acaba tranquilizando.

ENTREVISTA REALIZADA POR: LAYS MARECO, NAYENE FURMIGARE E RAFAEL BARBOSA

ENTREVISTADO: SEBASTIÃO DE OLIVEIRA, 63 ANOS

DATA: 20/05/2018

HORÁRIO: 09H30

MEIO: CELULAR

LOCAL: AVENIDA MANOEL GOULART EM PRESIDENTE PRUDENTE

1- Seu Sebastião o senhor e os feirantes se sentem reconhecidos pelos órgãos públicos?

Reconhecido nos mesmos, agora elas autoridades eu acho que não.

2- Pelas pessoas, vocês sentem que elas reconhecem o trabalho de vocês?

Pelas pessoas assim, elas falam, coitado dos feirantes, e chuva e frio e sempre ali ne e tem que armar e desarmar a banca, então elas reconhecem assim, os clientes ne.

3- Como e a sua relação com os clientes?

E boa ne, a gente já tem as pessoas certas que compra da gente assim, e são firmes ne.

4- Toda vez que eles chegam aqui já vem na banca do senhor?

Na feira dia de semana já tem as pessoas certas as pessoas que costuma vim na feira, inclusive na feira de sexta feira tem um senhor que quando ela chega a gente já fala, essa e a última, já pode desarmar a banca.

5- E como e a rotina do senhor, seu Sebastião?

Desde o começo do dia, eu levanto 4h, 5h eu já estou saindo de casa aí começa a amar aqui, e nos outros dias mesma coisa. Eu faço quatro feiras, terça, sexta sábado e domingo. Mas tem bastante feira aqui ne.

6- E quais são as dificuldades que o senhor sente que o senhor tem em relação a feira?

A dificuldade mesmo e a venda ne, que as vezes vende pouco, o tempo ruim, que nem ontem mesmo choveu, poucos feirantes vêm na feira da manhã e tem que armar a banca com chuva, essas dificuldades aí.

7- Tem concorrência na feira de feirante pra feirante ou só feirante e supermercado?

Só os mercados feirantes não. Faz uns três quatro anos que não compro no Ceasa, eu produzo alguma coisa também e compro de outros produtores. Compra de produtor daqui mesmo. Eu faço a feira e compro do produtor de Marcondes, ele termina a feira dele de sábado e eu compro dele muita coisa.

8- O senhor acha que antigamente era melhor pra vender?

Antigamente era melhor porque não tinha mercado só tinha as feiras só, só tinha quatro feiras.

9- E porque o senhor acha que mesmo que tenha caído as vendas que tenha concorrência do supermercado, porque o senhor acha que as pessoas continuam vindo na feira?

Nessa feira aqui de domingo e mais por tradição acostুমou, e não fica sem vim na feira

10- E esse negócio de que os órgãos públicos queriam tirar a feira, como foi para os feirantes, eles apoiam ou não apoiam essa ideia?

Já teve prefeito que queria tirar e enfiar nós no buracão nas baixada e não aceitamos não.

11- Os feirantes têm voz?

A tinha uma época que tinha uma associação aí, mas acabou, mas mesmo assim se for uma coisa pra prejudicar a gente se reuni.

12- E a fiscalização ela existe ou não e abandonada?

Ultimamente na feira de domingo tem uma fiscalização ai, mas nas feira da semana não tem não, e também caiu muito as feiras, tem feira que e só 3 ou 4 bancas.

13- E o senhor que faz as outras feiras o que a da Manoel ela tem de diferente, ela e maior que as outras, ela vem mais gente?

Ela e maior vem mais gente dá mais movimento, vai até mais tarde vem mais gente.

14- É a que o senhor mais gosta?

É.

15- Qual é a lembrança que o senhor tem quando era do outro lado, dos dois lados da avenida?

A lembrança era mais movimento, tinha mais gente e mais feirante.

16- E o senhor tem alguma história que o senhor gosta de lembrar?

Antigamente era diferente, uns anos traz vendia tudo, vendia assim, porco galinha, passarinho.

17- E como foi essa proibição?

Hoje não pode, hoje o meio ambiente proibi

18- Mas quando foi proibido as vendas quem avisou?

Ah eu não sei.

19- Você conhece alguém que já foi multado por isso?

Não, não conheço não, só sei que uns anos atrás vendia porco, cabrito, galinha. A gente chegava com uma carreta de milho e vendia tudo, descascava o milho e deixava as cascas aí, a prefeitura que limpava. E hoje tem que estar tudo em ordem. Era mais à vontade

20- E nesses 50 anos o senhor fez muitos amigos aqui, tem alguém importante que o senhor conheceu na feira e está até hoje?

Tem alguns conhecidos ai, que já morreram também, tem conhecido que pararam com a feira, outros aposentou

21- E a sua família o que ela acha do seu trabalho de feirante?

Assim, mas eu e o meu pai, somos em 10 irmãos, mas o resto nunca se interessou por feira. Eu casei, mas hoje sou viúvo. Tem dois filhos, mas estão em outro ramo. Quando eles eram crianças eles viam, mas estão estudando, estão em outro caminho.

22- E quanto a segurança aqui na feira, como é?

Tem uma pessoa comprando assim aí depois chega alguém pedindo e as pessoas reclama, atrapalha um pouco.

23- Senhor se imagina fora da feira, fazendo outro trabalho?

Quase no fim da vida, estou com 64 anos e aguardando pra aposentar por tempo de feira.

24- O senhor trabalhava onde?

De 64 a 80 eu trabalhava no departamento de águas e esgoto da Sabesp.

25- E tudo que o senhor conquistou na sua vida, criou os seus filhos, foi tudo com o trabalho da feira?

Maior parte foi sim.

26- Deu certo?

Não e de passar bem não, vamos falar a verdade.

27- Então com o salário que o senhor tira aqui e melhor do que ser assalariado?

Depende da época.

28- E qual é a época que o senhor mais vende?

Assim no frio as vendas caem um pouco.

29- E o senhor já pensou em sair algum dia da feira?

Não, nunca quis isso aí não, porque to aguardando minha aposentadoria sair e vou continuar até quando Deus quiser. Então eu já fiz uma vida na feira a maior parte sempre trabalhando na feira.

30- Anos atrás teve o atropelamento de uma criança...

Isso foi no sábado e eu não estava aqui não.

31- Aí teve uma manifestação dos feirantes pra fechar a avenida, está certo essa informação?

Não sei não.

32- Referente ao espaço público, você concorda com as críticas que o espaço da feira causa prejuízo a cidade, comércio vizinhos e ambiente?

Não, sempre quem reclama e quem não quer comprar nada, não tem dinheiro e fica reclamando.

33- A mercadoria que o senhor não vende hoje, o senhor guarda e vende em qual feira?

Alguma coisa perde, outras coisas aproveitam e vendem na próxima feira.

34- Porque o senhor o senhor fica afastado dos outros feirantes, tinha uma banca aqui?

Tinha a de pastel que não veio hoje.

35- Antigamente vendia porco galinha e hoje tem sapato e brinquedo tinha antigamente também?

Tinha também, a feira era bem maior ne, era os dois lados.

36- Qual e o futuro da feira, o que o senhor acha que vai acontecer?

Olha, eu não sei não, porque os jovens não querem mais mexer com isso aqui não, acabar eu acho que não acaba não.

ENTREVISTA REALIZADA POR: BEATRIZ MOURA E NAYENE FURMIGARE

ENTREVISTADO: VIRGÍNEO MIGUEL GUILHERME, 52 ANOS

DATA: 15/05/2018

HORÁRIO: 20H23

MEIO: CELULAR

LOCAL: PLÁCIDO DE CASTRO, Nº 374, SÃO JUDAS TADEU – PRESIDENTE PRUDENTE

1- Quais os motivos que fizeram o senhor se tornarem feirante?

É que eu trabalhava na roça e depois de dez anos de casado trabalhando na roça eu sempre pensava em vir para a feira.

2- O senhor sempre quis?

Sempre quis vir para a feira, desde a época em que casei, só que eu consegui ficar dez anos no sítio ainda e depois Deus deu o plano e deu certo de eu vim.

3- Faz quanto tempo que o senhor está na feira mesmo?

41 anos, a idade dela aqui ó.

4- Porque o senhor trabalha na feira hoje?

Para sobreviver. Eu achei um ramo para sobreviver, era bom para sobreviver, hoje já não é mais né?

5- Caiu muito as vendas?

Ah caiu. Antigamente os mercados não tinham sacolões, não tinha coisas de vender, não tinha nada, só a feira mesmo, então a feira era tradição, agora hoje não, hoje qualquer esquina tem coisas vendendo de feira, até açougue tem horas que até farmácia tem coisa para vender, não é verdade? Então caí mesmo, cai tudo. E outra, o desemprego né? O desemprego faz o povo vender um pouco para cá, um porco para lá, caçando um jeito de sobreviver.

6- O senhor gosta de trabalhar na feira?

Sempre gostei, até hoje, só trabalho de sábado e domingo.

7- Os outros dias o senhor parou?

Parei, porque eu tenho um sítio né? Vou e passo o tempo lá no sítio.

8- Me conta a história daquela árvore que o senhor plantou onde é o ponto do senhor.

Aquela árvore lá é quanto eu trabalhava na feira de quarta-feira aqui no Jardim Paulista, uma freguesa minha me deu uma muda, me deu uma muda de pinha e uma muda daquela lá, jamelão, como eu tenho jamelão lá no sítio, eu levei só pinha para lá e essa ficou dentro do piruá e quando vi que estava limpo plantei lá. Num sábado quando eu vim embora para casa, sábado não, domingo, plantei, joguei água e vim embora. No outro sábado quando voltei lá e ela tinha reagido, mandei o cara do posto regar todos os dias para mim, deve ter uns quatorze anos isso aí, de treze a quatorze anos que plantei aquilo lá e hoje na avenida a árvore mais alta que tem é aquela lá. Já tentaram me tirar de lá, mas eu falei 'não, de baixo da minha árvore eu não saio não'. É que muda os pontos sabe? É que aparece mais pessoas para vir para a feira

e queriam mudar o negócio lá, 'muda para lá, muda para cá, mas debaixo da minha árvore não quero sair não', se eu plantei eu vou ficar ali né?

9- E foi ali que o senhor construiu toda a sua vida? Digo em questão de feira.

Não só ali, mas como antes em outros lugares. Essa feira, a árvore tem trezes anos, mas antes já tinha, há muitos anos já trabalhava lá, desde o tempo em que era os dois lados, pois era dos dois lados a feira.

10- Como que era a feira dos dois lados?

Era uma festa, vendia barbaridade. Tinha muito lucro naquela época, vendia por pouca margem e hoje não, você vende pouco e a coisa é mais fácil né? Então ali é um quebra galho para mim, eu sou aposentado, minha mulher aposentada, então aquilo ali é uma reserva para mim, para eu pescar, como já fui hoje.

11- Como é a rotina de trabalho do senhor? O senhor levanta que horas, vai que horas para a feira, que horas monta a barraca?

Eu vou sábado e domingo agora, os passados eu sempre levantava 5h para ir.

12- E hoje o senhor levanta que horas?

Ah, hoje, no sábado e vou umas 15h da tarde e fico até as 22h e no domingo eu vou mais ou menos umas 6h que é a horário que abre lá.

13- Mas o senhor passa em algum lugar para pegar?

Não, só a sobra que eu peguei no Ceasa.

14- O senhor pega que dia no Ceasa?

Eu vou no sábado ou na sexta a tarde.

15- O senhor só pega no Ceasa?

Sim, as coisas que eu tenho lá são do Ceasa, algumas coisinhas que eu tenho lá são do sítio, frutas, mas batatas, feijão, cebola, amendoim, maconha são tudo de lá.

16- Quais as principais dificuldades de ser um feirante?

Hoje a dificuldade é grande, pois não tem margem, você tem uma margem, mas vende pouco, de dez vezes que você vendia antes, hoje vende duas três, é coisa barbaridade. Na verdade, você vê que a nossa mercadoria é mais cara que o mercado, só que a nossa mercadoria é boa, eu procuro pegar a mercadoria melhor que existe para pôr na banca. Se eu não tenho mercadoria boa eu não consigo ter parte nenhuma boa.

17- Hoje o senhor se sustenta só com a parte da feira?

Não, meu sustento não tem nada a ver com a feira. Eu sou aposentado, minha esposa aposentada. A feira para mim é gostosa, pois no final encontra muito amigos, muitos colegas lá naquela feira. No dia em que eu falei tinha não sei quantos telefonemas aqui, não sei se vocês foram lá no dia que eu falei, aí tinha um monte de telefone, pessoal querendo saber o porquê de eu ter faltado, aí eu falei que estava separando os bois.

18- O que a família pensa sobre este trabalho?

Ah, eles não falam nada, eles acham que é um divertimento para mim, um “distraimento”. Antigamente não né? A gente tinha que cuidar para poder se manter da feira, hoje é um “distraimento” para mim.

19 – Hoje já está com a vida feita né?

Não, a vida não está feita. Para começar, eu trabalho porque eu ainda posso trabalhar e eu quero trabalhar, mas no dia que eu não puder vou fazer o quê? Até quando Jesus me chamar vou continuar lá.

20 – Como é seu relacionamento com os feirantes?

É boa, tanto com os fiscais, quanto os feirantes, podem perguntar. Na verdade do tempo que eu estou como feirante deve ter morrido uns sete ou oito fiscais, nunca tive um quê com os fiscais, sempre eles procuram pedir opiniões para mim, toda vida, até hoje, porque a gente é tradição, a gente conhece como é, se está fazendo bem ou não está. Para mim é bom demais, fico contente de ver os fregueses que a gente tem. Para começar vou falar que um par de meus fregueses são japoneses, se não fosse a “japonesada” a feira ia para baixo, 70% para mim, dos meus fregueses são japoneses. Porque o japonês não compra fiado, eles não vão em cartão, não vão em mercados, a tradição dele é a feira. E eles não pedem preço não, eles só querem coisas boas.

21- O que faz para chamar a atenção da freguesia? Tem alguma técnica especial?

Brincando, é tipo brincando como eu brinco com vocês, sei lá, eu falo bobagem e eles gostam.

22- Qual o período do ano ou do mês que mais vende?

Janeiro e fevereiro, os três primeiros meses do ano ou as vezes dezembro, mas acho que não. Janeiro e fevereiro, sabe porquê? Porque janeiro e fevereiro ninguém tem conta amis paga pagar, não vão comprar um calçado, não vão comprar uma roupa, não vão pagar cartão, só vão comprar coisas de comer para a cozinha, que a coisa que eu tenho. Então ninguém está comprando calçado, roupa para ninguém, então é janeiro e fevereiro é quando eles vão comorar mercadorias para a cozinha e é o que eu tenho.

23 – Na época do frio as vendas continuam as mesmas ou dá uma caída?

Cai um pouco, as vezes cai em uma parte e... por exemplo, na batata aumento, na cebola já cai e é assim as coisas.

24- Quais as diferenças de ser feirante hoje comparado a antigamente?

Rapaz, já me acostumei tanto que já nem sei mais a diferença de isso aí. Eu nem sei definir, só sei que eu gosto de ir, eu gosto demais.

25- Como você avalia o controle da prefeitura sobre a feira? Você acha o trabalho do feirante é valorizado e reconhecido?

É, acredito que seja, pois tudo que eles fazem eles pedem opinião para a gente.

26- Quando o senhor sente necessidade de alguma coisa na feira é fácil recorrer aos órgãos públicos?

A gente conversa com o fiscal primeiro, mas se o fiscal não resolver, mas eu nunca fui atrás disso não, as vezes a patroa vai ou outra pessoa vai, mas eu nunca fui atrás de nada não. Nunca perturbei, nunca fui para a prefeitura para nada. E aí a gente pede opinião para o fiscal e eles pedem para a gente também.

27- Como é a fiscalização na feira? Ela acontece?

Antigamente tinha, no arroz, no feijão, na cebola, precisava ter uma nota, mas hoje, falar a verdade, os fiscais da feira mandam menos que nós ou pelo menos eu que sou antigo por lá.

28- Quem são os fiscais das feiras hoje?

Eu nem sei, todo tempo muda. Eu sempre brinco, eles passam na minha banca e tomam café que eu sempre levo, mas por nome, eu não tenho o nome de ninguém.

29- Referente ao espaço público, você concorda com as críticas que o espaço da feira causa prejuízo a cidade, comércios vizinhos e ambiente?

De maneira nenhuma, a feira é uma tradição da cidade, não existe outra coisa é só aquele dia, no resto da semana não tem nada, só tem sábado e domingo, nos outros dias está livre lá para os caras. Muitos moradores até gostam que tenha uma feira na porta da casa.

30- Como o senhor avalia a diversidade de produtos e mercadorias?

Qualquer mercadoria pode vender, só tem feira ali, qualquer coisa pode vender. Não falo de vender um animal vivo, aí não pode, mas morto sim, mata o frango e o cara vai vender, esses dias até não podia, mas hoje pode sim.

31- O senhor tem medo das concorrências dos supermercados e sacolões? Você acredita que um dia a feira vai acabar?

De que adianta ter medo? Essa de concorrência tem, nos mercados são mais baratos, não é como as nossas mercadorias, mas que é mais barato é.

32- Acha que a feira pode acabar por este motivo?

Está diminuindo cada vez mais. Do tempo em que estou na feira, nossa, 70% já foi. E hoje com muito desemprego o povo vai entrando cada vez mais na feira e vai ficando cada vez pior, porque mais concorrência é mais vendedores.

32- Na sua opinião, porque as pessoas preferem ir na feira do que aos supermercados?

Por causa de um produto melhor, uma verdura mais fresca, a gente sempre vai a feira para procurar o melhor, as vezes eu pego hoje para vender amanhã e as vezes o supermercado pega para vender a semana inteira.

33- Qual a importância da feira para a cidade e a comunidade prudentina?

Pela tradição das pessoas, alguns gostam outros não, mas ela é importante, para começar todo lugar tem feira, toda cidade tem feira. Aqui em Prudente deve ter umas dez feiras. 29 feiras, eu não sabia disso, eu achava que tinha umas dez, todo dia tem e duas vezes ainda. Não vou falar que eu fiz algum futuro na feira, mas nunca faltou dinheiro para a gente, nunca fiquei devendo dinheiro a ninguém, graças a Deus não.

34- Por ser feirante você acredita que contribui para a tradição da feira?

Se eu falhar na feira e não ir mais, vou atrapalhar ali para muita gente, principalmente os fregueses que se falta eles ficam preocupados, a gente adora esses fregueses porque lembram da gente né?

35- Qual sua perceptiva sobre a feira? Prefere trabalhar até quando?

Nem sei, eu vou trabalhar até na hora que der certo. No máximo um ano, dois anos, se eu ter saúde, se não tiver de fazer o que né? mas só no sábado e domingo também.

36- Quando se fala em Feira da Manoel Goulart você lembra de alguma história?

A gente lembra da gente só, o que a gente fez ou deixa de fazer, o que o povo pergunta para a gente, o povo de fora novo que chegam e quer saber como que é, porque a gente é mais antigo. Às vezes os sobrinhos meus do sítio me perguntam 'como que é a feira, e eu falo 'É pouco mais é bom, não vou desprezar de jeito nenhum, mas como é novo e pegar a freguesia demora, a não ser que ele chegue lá queimando mercadoria e pega freguês rápido, mas depois vai dar prejuízo para alguém'.

37- Alguma história marcante relacionada a feira?

Uma coisa que marca até hoje é que minha menina tinha 2 anos e vivia dormindo de baixo da banca e os outros dois meninos tinham 10 e 9 deu uma chuva muito brava e caiu um raio, caiu um fio no chão e faz buraco no chão, não aconteceu nada, deu um choque em outra pessoa, mas não morreu também não. Fora isso aconteceu outras coisas, um fiscal foi morto, dois fiscais foram mortos já na feira pelos feirantes. Antigamente tinha uma baianada doida na feira, não é igual a gente

38- Você acha que deveria ter segurança na feira?

A segurança é mais importante, antes tinha, agora pararam. Aqueles mendigos que ficam na feira atrapalham, vê se eles ficam pedindo nos mercados? Não ficam. Às vezes estou entregando um troco para um feirante e eles já vê o troco e já pedem e isso atrapalha bastante o feirante, mas a gente já pediu, mas não dá certo.

39- E em relação as caçambas, o banheiro?

Ah, isso já tentaram fazer, mas não deu certo. Hoje ter aquela caçamba é importante para colocar o lixo, mas agora o banheiro não deu certo, não vira não. A caçamba é importante, você junta o lixo e joga lá.

40- Tem mais alguma história para contar?

Ah, sempre tem história boas, mas o duro é lembrar. A gente brinca muito um com o outro, isso tem muitas coisas.

41- O senhor tem fotos de quando trabalhava na feira?

Deve ter algumas por aí dentro de casa, que minha patroa tirou, as vezes na banca o povo de fora o povo tira foto de nós e manda. Ainda mais hoje todo mundo com celular que tira foto, deve ter muita foto.

ENTREVISTA REALIZADA POR: LAYS MARECO, NAYENEFURMIGARE E RAFAEL BARBOSA

ENTREVISTADO: NADEGI MARIA PINTO CALDEIRA, 61 ANOS

DATA: 17/07/2018

HORÁRIO: 09H43

MEIO: CELULAR

LOCAL: AVENIDA MANOEL GOULART EM PRESIDENTE PRUDENTE

TRANSCRIÇÃO FEITA POR: LAYS MARECO

1- Qual sua relação com a feira, como começou com a atividade de feirante?

A feira eu comecei por causa da minha irmã. A minha irmã trabalhou dez anos fazendo feira com os pacientes do hospital de Bezerra de Menezes, então ela trabalhava no hospital e trazia os pacientes e quando ela saiu do hospital ela falou 'Ah, vamos montar uma banca para nós' e começamos eu e ela. Ela parou, mas eu continuei e esse o início, mas a alguns anos atrás quando eu era menina meu pai vinha para a feira e vendia verduras, legumes então já é uma atividade que já vem de muito tempo.

2- A senhora só trabalha na feira?

Hoje eu sou aposentada e só trabalho aqui. Quando comecei na feira eu trabalhava também no escritório, trabalhei bastante tempo e quando eu sai de lá fazia dois anos que eu era feirante.

3- Quantas feira a senhora faz aqui em Prudente?

Faço seis feiras na semana, começo na quarta e vou, quinta, sexta, sábado de manhã, sábado anoite e domingo de manhã. É muito trabalho.

4- Quais dificuldades que encontra por ser feirante?

O mais difícil é o lugar, pois a gente precisa que no local tenha um banheiro, então é difícil, pois aqui usamos a da farmácia, dos restaurantes, graças a Deus ainda tem por aqui, mas tem lugar que não tem e é bem complicado. O prefeito fala de por aqueles banheiros químico, só que banheiro químico é só para homem né porque mulher é complicado, eu por exemplo nunca entrei em banheiro químico e eu não tenho coragem de entrar, então é só essa dificuldade, o resto é tranquilo.

5- E como é sua rotina para fazer essa feira?

O horário é cedo, hoje mesmo seis horas da manhã já estávamos aqui. Acordo as cinco e vinte da manhã e as seis já estamos aqui, pois tem um horário que você pode entrar, por exemplo, você não pode entrar oito horas da manhã, pois você não consegue entrar por já terem fechado tudo, então tem que chegar às seis da manhã. Eu vou embora em torno de meio dia e meio chego em casa uma hora da tarde por aí.

6- Gosta de trabalhar na feira?

Adoro, é gostoso, pois eu a minha vida inteira trabalhei como funcionária, empregada então aqui ninguém manda quem manda sou eu. Então o dia que eu não tiver boa ou não estiver afim de vir aqui, eu não venho, só aviso o fiscal, para ele se quiser poder colocar alguém aqui no meu ponto, pois esse ponto aqui é meu. É gostoso demais, pois aqui você faz amizade e acaba se tornando uma família, pois sempre nos vemos, conversamos. Esse aqui a gente faz feira aqui, quinta-feira também, então é todos

conhecidos, parentes que fazem feira pertos do outro e aqui fazemos muitas amizades. A gente fica amigos mesmos.

7- E qual sua relação com os clientes?

Nossa, é uma delícia. Tem fregueses que vem sempre e a gente se torna amigo. Aqui você tem que ser vendedor, psicólogo, aqui vem umas senhorinhas e vem e conversam, conversam e contam a vida inteira, então você escuta, comenta, você faz amizade. Tem fregueses que sempre vem, compram e realmente vira amigos da gente, vem bate papo e contam os problemas, é bem gostoso.

8- Aqui existe concorrência um com o outro ou não existe isso por aqui?

Tem, por exemplo, as vezes algumas saem lá de cima e vem e vê algumas coisas iguais as minhas e ficam olhando, para ver tudo o que eu tenho, mas é normal, não é uma coisa que prejudica e que dá encrenca, o sol é para todos.

9- Existe um período do ano melhor para se vender?

Ah, final de ano, mês de maio, tem uns meses que vende mais, mas o resto é normal. Na verdade a feira é surpreendente, tem dias que você sai e fala assim 'Ai meu Deus, hoje eu vou vender' e acaba não vendendo nada, pois tem vezes que você chega aqui e sai sem nem um "tostão" e as vezes você vende cinquenta reais, vinte reais e as vezes você chega e fala 'Hoje estou ferrada, não vendi nada' e aí você "estoura a boca do balão" e se surpreende de novo, então feira é isso. Agora maio, dia das crianças, quem mexe com criança, pois aqui vende coisas para crianças né? aí é melhor, mas ultimamente tem sido bem mais difícil. A crise é para todos né.

10 – O que mudou de 5 anos para cá na vida da senhora?

Melhorou bem, para mim o bom da feira é que ou entra pouco ou mais ou menos você tem dinheiro todos os dias. Se você é funcionário você recebe só uma vez no mês, daí uma semana você já acabou com todo o dinheiro e fica esperando o outro mês sonhando para o pagamento chegar, na feira não tem isso, o gostoso da feira é isso. A gente nunca fala que não tem um real, nunca, você sempre tem dinheiro. A gente faz compra e limpa tudo né, ficamos sem nada, você está com cem reais para trabalhar de troco aí daqui a pouco você faz uma feira, duas feiras e já está com dinheiro de novo, o que muda é isso, é uma diferença boa, o mês inteiro você tem um "dinheirinho" dá para sobreviver, não é muito mas temos.

11- Você se sente reconhecida pelos órgãos públicos da cidade por ser feirante?

Sim, por exemplo, o ponto você tem que brigar um pouco, pois tudo aqui é ponto né? Então até você conseguir, pois eu demorei quatro anos para conseguir aqui, então sempre tem um brigando, consegui aqui com ajuda de vereador e eles valorizam, pois eles sabem que trabalho.

12- Você acha que a feira é importante para a cidade?

Sim, pois a feira é da população. É um trabalho nosso, mas é para a população, tem verduras, legumes, aqui muitas vezes é melhor que na minha casa, eu não compro isso mais em mercados, não vou deixar de comprar aqui para ir comprar em mercados. Você vai no mercado e é tudo pequeno, as vezes você vai nas lojas e não vê toalhas bonitas que nem aqui na minha banca, muitos fregueses falam que na cidade não acha.

13- A senhora quem faz?

Algumas coisas eu faço, mas a maioria eu compro.

14- O que você pensa sobre a concorrência com os sacolões? Como faz para o feirante sobreviver?

Ah, depende, o diferencial é o preço e a qualidade. Por exemplo, quem vende verduras perto de mercados, no dia da feira eles colocam a promoção, faz tudo barato, aí não tem como, depende do cliente, eles que precisam decidir e ver a qualidade e diferencial dos produtos que estão mais frescos e bonitos, a escolha é do freguês.

15- Qual a sua perspectiva da feira? Acha que ela vai acabar ou não?

Acabar eu acho que não, pois isso facilita muito a população. Antigamente era só a Manoel Goulart nas duas avenidas, me lembro quando criança, agora tem feira em todos os bairros durante as semanas, de terça em diante. Tem dias que acontece quarta-feira, eu faço no Nagai, mas tem outros em outros lugares no mesmo horário em lugares diferentes que nem perto do Parque do Povo.

16- Qual o diferencial da feira da Manoel para as demais?

Da Manoel são sempre as mesmas pessoas, de vez em quando aparecem algumas pessoas diferentes, mas geralmente são as que moram aqui pelo bairro. Mas também conhecemos todo mundo aí quando eles não vêm a gente fala 'Ah, fulano hoje não passou', mesmo que não seja freguês da gente, mas a gente vê, conhece todos do bairro. O diferencial da Manoel Goulart é que é muita gente diferente, de bairros diferentes, as vezes vem pessoas de fora, por exemplo, Marcondes, Regente, Pirapó, Machado, então o diferencial é esse. O pessoal idoso não vai mais para bairros e é tudo aqui, o sábado e o domingo então a circulação de pessoas é bem maior. O sábado a quantidade de pessoas é bem maior, mas é aquela, quem vem no sábado não vem no domingo. No sábado o movimento é maior, pois muita gente faz praça de alimentação, aqui você acha de tudo para comer. Você vê muito casal de namorados, vem na feira e vem comer tapioca, tapioca, espetinho? Sai muito mais em conta do que você comer uma pizza, um lanche, então lá em baixo principalmente é a praça de alimentação.

17- Você acha que deveria ter uma delimitação quanto as vendas?

Não, assim está bom, mas eu não gosto de trabalhar perto de "espetinho", a gente sempre fala com o fiscal, porque colocar um "espetinho" aqui perto não dá, porque aqui também não flui muito, pois praça de alimentação mesmo é lá em baixo e se colocar "espetinho" perto de roupa, nossa, as roupas ficará cheirando a gordura, então não dá certo não.

18- Tem alguma história marcante relacionada a feira?

Nãos ei, acontecimento sempre tem que achamos engraçados, mas são todos para rir, pois aqui é tanta palhaçada, tem tantas histórias.

19- Quem monta a banca?

Eu e meu marido, mais ou menos uma hora e meia para montar. Sete horas, sete e quinze, sete e vinte a banca já está montada.

20- Para desmontar é mais rápido?

A mesma coisa, uma hora, uma hora e vinte, pois tem que dobrar, não é verdura que pega e joga na caixa e pronto, aqui tem que dobrar e demora um pouco.

21- A senhora acha que no domingo é mais tranquilo? Vem diferentes faixa etária de público?

É poucas pessoas e o público é misturado, tudo misturado. Jovem aqui é mais no sábado à noite.

22- O que a família acha de seu trabalho? Eles gostam ou não?

Ah, gostam. Eu tenho uns irmãos aposentados que falam 'Ah, você é doida, trabalhar até nessa idade e pega e descarrega', mas é gostoso. Minha mãe adora, minhas irmãs também.

ENTREVISTA REALIZADO POR: BEATRIZ MOURA E RAFAEL BARBOSA
ENTREVISTADO: FLÁVIO SERRA MARQUES, 54 ANOS
DATA: 15/07/2018
HORÁRIO: 09H22
MEIO: CELULAR
LOCAL: AVENIDA MANOEL GOULART EM PRESIDENTE PRUDENTE
TRANSCRIÇÃO FEITA POR: LAYS MARECO

1- Quanto tempo de feira?

Mais de vinte anos, é o único meio que eu consegui para pagar minhas contas, pois meus gastos são muito alto. Se eu trabalhasse de empregado estaria na roça, salário de empregado hoje é um salário máximo de mil e quinhentos reais? Minhas despesas em casa não pagam menos que mil e quinhentos reais não.

2- Você trabalhava com o que antes de vir para a feira?

Eu já trabalhei em construção civil na parte de escritório, já fiz de tudo na minha vida. Na verdade, eu fui criado na roça, eu vim para a cidade com dezessete, dezoito anos e eu não quero voltar para a roça mais não, roça é bucha.

3- E porque você viu a feira como opção para se trabalhar?

Era uma opção que eu ganharia mais que se eu trabalhasse de empregado. Eu busco lá e vendo aqui no meu ramo e pago o meu INPS, o da minha mulher, por segurança que temos que ter pago plano de saúde e dou os meus pulos para pagar o resto.

4- Só com o seu trabalho aqui na feira?

Sim, só na feira, pois eu só trabalho aqui na feira, sem nenhuma outra fonte de renda.

5- Você sempre vendeu esse tipo de produto?

Sempre vendi isso aqui.

6- E antigamente já tinha isso ou era só os legumes, as verduras?

Já tinha, naquela época tinha muito disso, de venda de CD e DVD, mas proibiram, hoje não existe, mas já existiam.

7- E o pessoal sempre aceitaram esse tipo de produto?

Sempre aceitaram de boa, não posso reclamar não, eu vendo bem.

8- Mudou muita coisa da feira de quando você começou para a feira de hoje?

Caiu as vendas, feira já teve épocas melhores, é a situação financeira do país, o brasileiro ganha muito mal e não tem dinheiro toca hora para focar comprando presente para filhos não.

9- Você acha que isso acontece pela quantidade de feira que existe hoje em dia?

Não, não é por isso não, as feiras ruins o pessoal desiste e acabando dando em nada.

10- O senhor faz outras feiras além da Manoel Goulart?

Faço outras feiras, quarta, quinta, sábado e domingo, só não faço na sexta, se quiser tem lugar para todo lado para fazer, mas tem lugares aí que não compensa armar essa banca para fazer feira, é muito fraca. A feira que eu mais vendo é essa aqui, dia de sábado e domingo.

11- Porque você acha que é a melhor? Qual a principal diferença?

Porque por exemplo, a feira do sábado e do domingo na cidade aqui são todas aqui, não tem em outros lugares no dia de hoje, além de ser tradicional, todo mundo vem.

12- De sábado para domingo tem diferença aqui?

Tem muita diferença, de sábado é muito melhor.

13- Tem diferença de público também?

Público é o seguinte, aqueles que vem no sábado geralmente não vem no domingo, mas a diferença é grande, dia de sábado é mais movimentado, acho que é porque tem aquela área de alimentação maior, o espetinho e tem muitos feirantes que dia de domingo não vem, vão para outras cidades como Regente. Apesar que essa feira de domingo não é todos os feirantes de todas da cidade que vem, muitos tiram folga, geralmente o feirante de sábado e domingo são mais os feirantes pobres, pois esse tem que trabalhar

14- A feira de domingo reuni todos os feirantes da cidade?

Não, seria no sábado, mas tem duas feiras, pois tem a no João Domingos, são os únicos lugares e no Bairro Novo que passou ter uma feira por lá, a gente acredita que uns trinta a quarenta feirantes se reúnem lá dia de sábado, porque como não tem ponto para todos aqui, pois é só de um lado e você pode ver que no domingo sobre muitos pontos. Você vê que no sábado é difícil e no domingo não, pois uns não vem trabalhar, outros não tem mercadorias para vir, outros vão para Regente, tenho amigos que vão para lá.

15- Caso você não vem o fiscal pode colocar outra pessoa no seu lugar?

Sim, pode, o ponto aqui é meu só quando estou trabalhando, caso eu falte, ele pode sim colocar outra pessoa. O fiscal coloca quem ele quiser, pois ele é o dono do ponto caso eu não venho, nem eu posso falar 'vai lá e coloca ele', pois eu não tenho esse direito, fica a critério do fiscal, pois geralmente as pessoas vem para trabalhar e vão atrás dos fiscais e ele decide e é assim que tem que funcionar. A alguns anos atrás com outras administrações era bem complicado, só trabalhava aquele que pagava o fiscal, era uma corrupção terrível, todo lugar tem corrupção, aí mudou o prefeito, a secretaria e esses fiscais foram embora, saíram todos. Agora está legal, sem problemas.

16- Há necessidade de melhorias aqui na feira?

Tem melhorias que prometeram para nós desde a última eleição e não cumpriram, como os banheiros químicos, presta ou não presta, mas nós precisamos ter. No sábado, por exemplo, tem o posto de gasolina que abre e se quisermos usar o banheiro nós vamos no posto, mas e dia de domingo? Domingo é complicado, tem a loja ali, mas não é sempre que pedimos para usar o banheiro, pois é chato né? Tem uns feirantes porcos, muitas vezes chego no banheiro do posto e está uma "porquice" lá, nunca vi um negócio daquele. Deveria ser banheiro químico e eles prometeram isso para a gente, mas não cumpriram muitas coisas.

17- E policiamento, o senhor acha que falta?

Sempre precisamos, mas não vemos também, a gente cobra os vereadores, mas nunca temos. Antigamente tinha, todas as feiras tinham policial. Ontem eu vi uma cena

aqui e achei errado, como no sábado é bem movimentado, uma viatura subiu aqui na rua, já não tem espaço e dois policiais numa viatura vem com um carro para o meio da feira, eles tinham que encostar a viatura e andar a pé, o povo ficou abismado com aquilo. Nunca aconteceu isso, porque isso não pode, atrapalha a feira.

18- Como é sua rotina de trabalho na feira?

Eu acordo para vir para a feira cinco e meia da manhã, mas a maioria das feiras são a noite, só tem duas feiras que eu faço é de manhã que é na quinta e essa aqui domingo de manhã, mas as outras são que começam as quatro da tarde. As feiras têm que ser mesmo nos finais de tarde, pois fica ruim para aqueles que trabalham no comércio, depois que chegam em casa é que vão fazer a feira e é melhor para mim, pois se vem donas de casa, vem compradoras para os meus brinquedos e se não vem como é que eu vou pagar minhas contas?

19- Onde você compra suas mercadorias?

No Paraguai, eu viajo uma vez por mês, não dá para ir mais que isso, pois hoje com o aumento do dólar você tem que ir com uns cinco mil reais, fora a gasolina que é quinhentos reais.

20- Porque você escolheu esse tipo de produto?

É o produto que é pouca concorrência, pelo menos na feira. Não ganha dinheiro, mas pelo menos dá para sobreviver, não consigo guardar dinheiro, mas eu não posso reclamar não. Pelo menos comer, bebendo e pagando está muito bom, pois aqui ninguém ganha dinheiro não, só os políticos que estão ricos nas custas dos outros. Nesse país ninguém ganha dinheiro não, eu vejo gente que estuda, estuda, igual o Evandro, e olha que o Evandro estuda coitado, e ele merece até ter um futuro melhor, mas eu fico pensando, arrumar um emprego em uma TV, num lugar aí, mas será que vai ser compensado com que ele fez? Porque eu vejo lugar na televisão é igual em time de futebol, dois, três ganham bem, os outros... Mas não tem para onde correr, vão deixar de estudar? Não vão né, tem que estudar e uma hora vai pintar uma oportunidade para você ganhar bem e não precisar trabalhar dia de sábado e domingo. Eu me arrependo de não ter estudado, pois na minha época era diferente, hoje eu vejo o pessoal vai fazer um trabalho de escola e vão todos copiando da internet, a pessoa vai fazer uma conta e a calculadora está no lado, na minha época não era assim, era melhor que uma faculdade, pesquisávamos nos livros. Hoje vejo que os professores, muitos deles, precisam ir de colete a prova de balas trabalhar, pois virou bagunça, no meu tempo não tem isso, no meu tempo o aluno era colocado atrás da porta de joelhos no milho, a professora ia para ensinar o a, b, c, hoje não, eu vejo que os pais acham que a professora está lá para educar os filhos dele e o filho deveria ser educado dentro de casa.

21- Como é sua relação com o freguês?

Agora você me pegou, o Evandro acha que sou muito ignorante com o freguês, pois tem uns que chegam pechinchando, querendo fiado e não é comigo isso não. Eu falo uma ou duas vezes, pois o freguês é chato, tem uns que chegam e ficam achando que você é obrigado a fazer o preço que ele quer e eu sou chato para caramba. Eu sou ruim, porque sou daquelas pessoas que vai comprar dos outros sem pechinchar, se me agrada eu levo, então eu sou daqueles que penso que o cara tem que pensar igual eu, chega aqui e não pechincha e eu não aceito, não gosto. Já teve uns pés de briga aqui, pois eu não aceito. Esses dias chegou um cara aqui para comprar e disse

‘oxe, mas semana passada era um preço’ e eu falei ‘não, é o mesmo preço que estava’ e o cara achou que não era, que não era, ‘não, mas você vai fazer’ e eu falei que não ia fazer e o brinquedo se eu não me engano custava uns trinta e oito reais e ele me deu quarenta, quando eu fui devolver os dois reais de troco ele disse que era para eu ficar e dar de esmola para alguém e eu falei ‘então eu dou essa esmola para você, porque tem está precisando de esmola aqui é você’ e ele saiu quente. Se quiser compra, se não quer, não compra. O freguês é assim, se você der um real de desconto para ele, ele não aceita, ele quer de cinco reais para cima. Lá no Paraguai o chinês não dá desconto, eu vou lá para fazer minha compra, o chinês é um cara frio, ele não está preocupado com você, tem compra, não tem, não leva. Ele não está nem aí para você e eu fico pensando ‘como esses caras sobrevivem aqui?’, pois eles não vendem e tem que pagar aluguel.

22- Você folga nos finais de semana?

Não, eu não tenho sábado, não tenho domingo. No sábado saio anoite daqui, como, durmo e tenho que acordar cinco e meia para estar aqui de manhã e quando eu saio daqui “bobeel” já são quatro horas da tarde e é assim, é muito corrido.

23- Tem concorrente aqui na feira?

Tem sim, tem pessoas que vendem os mesmos produtos meu, concorrência existe em todos os lugares. Tem amigos meus que vendem o mesmo produto que o meu, só que aqui em vendo a dezoito e ele a doze reais, mas ele tem poucas coisas, não tem vários produtos igual eu e é isso que eu me sobressaio a ele. As vezes ele mistura as coisas, vende brinquedo com roupa, com isso aqui, isso ali e não chama muito a atenção dos fregueses, mas o preço eu já cutuquei ele ‘rapaz como é que você faz?’ ‘está difícil de buscar?’, mas fazer o que? Cada uma vende aonde a barriga dói.

24- Tem época que vende melhor?

Sim, final do ano, mas é a época mais ruim para mim por causa da chuva, final do ano passado quase não vendi por causa das chuvas e esse ano não vai ser diferente.

25- Você acha que os mercados ameaçam as feiras?

Ah, a feira quebrou pela metade, pois dentro do mercado existe os hortifrutigranjeiros muito mais baratos que o da feira, eu não mexo com esse tipo de mercadoria, mas o Ceasa é o pior picareta. Você vai comprar cebola lá é três e pouco, você vai no mercado eu já vi por um e pouco, nesses hipermercados. Eu acho que no mercado não deveria existir a “feirinha”, pois já existe os feirantes que fazem feira nos dias de semana, aí seria melhor.

26- Tem muitas pessoas que frequentam a feira?

Tem, mercado você tem que pagar o estacionamento e eu quero que aumente mais o estacionamento para as pessoas deixarem de ir e vir para a feira.

27- Porque você acha que as pessoas ainda continuam frequentando as feiras?

Tem muita gente que gosta de feira, manter a tradição da feira.

28- Você acha que a feira um dia vai deixar de existir?

Não passa pela minha cabeça não.

29- Você pensa em parar?

Mudar de ramo? Não penso, não tem como sossegar em casa, o Evandro tem que trabalhar muito para cuidar de mi. A gente não pode pensar em coisas, não podemos pensar no amanhã, pois ele só pertence a Deus, temos que pensar no hoje, senão você pira, mas eu penso no amanhã, a gente acaba pensando, como sou casado, tenho filhos, outro que está casado e vou ser vovô.

30- O senhor se sente valorizado e respeitado pelas pessoas e pelos órgãos públicos por ser feirante?

Não sei e eles reconhecem não, pois se eles pensassem na gente, nos dariam condições melhores que é aquelas condições que prometem e não cumprem. Eles são daqueles que vem a feira de quatro em quatro anos, eles abrem aquelas secretarias, mas é só para dar emprego para eles, mas não sei se eles se preocupam. O prefeito não se preocupa com o povo não, pois as promessas deles a maioria não são cumpridas e é isso.

**ENTREVISTA REALIZADA POR: LAYS MARECO, NAYENE FURMIGARE E
RAFAEL BABOSA
ENTREVISTADO: PAULO KOGA, 62 ANOS
DATA: 10/06/2018
HORÁRIO: 09H30
MEIO: CELULAR
LOCAL: AVENIDA MANOEL GOULART EM PRESIDENTE PRUDENTE
TRANSCRIÇÃO FEITA POR: BEATRIZ MOURA**

1- Seu Paulo, como que o senhor se inseriu na feira desde o início? Foi por influências familiares?

Nós iniciamos na feira porque meu pai já veio da feira né, trabalhando né. Agora ele parou e agora eu tô continuando.

2-Seu pai sempre trabalhou na feira?

É, meu pai sempre trabalhou na feira.

3-E trabalhar aqui na feira, isso tá passando de geração em geração ou não?

É, meu pai parou e eu continuei.

4-E os filhos, o senhor tem filhos?

Não, não, tenho não.

5-Existia algum sítio ou lavoura?

Não, nós compramos na roça e vendemos aqui na cidade.

6-Vocês compram e revende? Sempre foi assim?

É, sempre.

7-Como que eram as vendas antigamente e agora? Há uma diferença?

É, deu uma grande mudança né, porque de primeira não tinha supermercado e não mexia com frutas e verduras né. Então, como ele viu que a feira tinha muito movimento na parte das frutas e verduras, aí o mercado pois, deu certo, aí todos acompanharam, então agora como nós feirante trabalhamos só com hortifrúti granjeiro, né, nós não temos outros diversos que o mercado tem, então o povão dividiu bastante, ficou meio a meio. Quem gosta de feira vem pra feira e quem vai fazer a compra do mês vai pro mercado e já compra tudo lá também.

8-O seu pai vendia o quê antes?

Vendia frutas, só frutas.

9-Você acha que existe uma concorrência entre feira e supermercado ou também existe entre os feirantes, de banca pra banca?

Não, a vantagem da feira é o seguinte, se um pessoal rico vai no mercado comprar frutas e verduras, ele leva 500 reais e ele gasta os 500, e chega um aqui com 100 e leva a sacola cheia por 100 também porque eles compram aqui e tem os preços diversos, no mercado é preço limitado. Então no mercado você não encontra um desconto e na feira você acha de todo preço.

10-Por que o senhor acha que as pessoas têm liberdade de pedir um preço menor do que o proposto pelo senhor?

Bom, não é tanta pechincha, porque na feira tem esse tipo de preço, opções de um produto você acha cinco ou seis opções de preços, no mercado você acha só um preço só, ou você compra naquele preço ou você não leva nada, na feira não, se ele andar ele acha, quatro ou cinco preços, do mesmo tipo de mercadoria que ele quer comprar.

11-Como é a sua relação com os fregueses?

É bom né, porque a gente gosta do lucro que faz.

12-Você tem bastante fregueses na banca? Fiéis que vem todo domingo, toda feira?

Tem, tem bastante, eles vêm e procuram direto. E outra, se a pessoa gosta de feira ela não deixa de ir na feira, vai no mercado comprar outras coisas e compra na feira as coisas de feira.

13-Por quê o senhor acha que as pessoas ainda continuam gostando de feira? Porque no mercado é mais fácil né, passa cartão...

O problema da feira é o seguinte, como eu disse, o mesmo item que ele viu pegar no mercado, ele acha o preço deles limitado em x, um preço só, e não tem com quem reclamar. Na feira ele vai e acha a mesma mercadoria custando cinco ou seis tipos de preço. As pessoas que chegam na feira com pouco dinheiro também levam mercadoria, tem essa vantagem, é só ele andar e ele acha.

14-O que você acha dos diferentes produtos vendidos aqui na feira? Por exemplo, o moço ali vendendo bolsas, tapetes...

É, tem esses diversos tipos de mercadorias porque é o seguinte né, na feira tem essas opções que você acha, e outra, nós temos um, porém, nós não pagamos aluguel, não paga água, não paga luz, entendeu? O imposto é um alvará anual baratíssimo, taxa mínima, então nós temos condições de brigar com a mesma mercadoria deles do mercado até mais baixo, nós não temos funcionário, então nós concorremos.

15-Então o senhor acha que mesmo a feira tendo concorrência ela se sobressai?

É, a concorrência é forte, a feira não é fraca não, ela disputa com o mercado, e bastante.

16-Quando os mercados fazem promoção, aqui também faz?

Nós também fazemos.

17-Você acha que o movimento de antes para hoje caiu bastante?

Não, não caiu não. Tá a mesma coisa. Parece que caiu, mas não caiu não, é assim mesmo, aumentou mais vendedor né. Você vê, quantos mercado não abriu? E outra, o mercado tem um porém né, os pessoal de classe média e acima gosta de mercado, que já vai e compra tudo em um lugar só, ele não tá importando com o preço, ele vai lá e compra num lugar só, por isso que as vezes ele não vem aqui, ele quer outras coisas que a feira não trabalha. Agora, da classe média pra baixo, tudo vem pra feira.

18-É por isso que o senhor acha que a feira é importante?

É, a feira é importante, e na parte de verdura, a feira também é forte porque é o seguinte, o produtor colhe lá e traz novinha aqui na feira, e no mercado se não vender,

de um dia pra outra ela fica murcha. E você vai no mercado e às vezes não acha verdura bonita e na feira você encontra.

19-E você acha que na feira tem o pessoal que não vem só pra comprar né?

Não, tem uns que vem pra passear também, mas sempre que vem passear compra alguma coisinha.

20-Vocês se sentem reconhecidos pela prefeitura e pelos fiscais daqui como pessoas que contribuem para a valorização da tradição da feira da Manoel Goulart?

Não, pra cidade e pro povão nós somos importantes, e para os órgãos público também são bons porque é uma coisa a mais que tem na feira né, a feira aqui em prudente é forte. O importante é que tem feira todo dia agora.

21-O senhor trabalha nas outras também?

Trabalho, tem feira todo dia. Tem dia que tem duas ou três feiras nos bairros diferentes.

22-E o que o senhor acha que tem de diferente nessa aqui da Manoel Goulart, em especial?

O diferencial dela é que encontra mais pessoas concentrada da cidade aqui, principalmente no sábado. Eles vêm passear, vem comer pastel, vem comer umas frutinhas. Às vezes tá deixando de ir pro shopping, porque se sai em quatro pessoas no shopping ele gasta RS200 e na feira come em quatro pessoas, a mesma coisa e gasta R\$ 50 reais, essa é a vantagem.

23-E quanto a segurança na feira?

A segurança na feira é bom porque a turma tem medo de feira, porque os próprios seguranças da feira é os feirantes né, se entrar alguém pra roubar aqui o povão cai em cima, aí é uma vez só, então eles têm medo de entrar aqui na feira pra roubar. É diferente, você pode ver que não acontece esse negócio de roubo na feira porque se acontecer um roubo aqui ó, o povão já invade todo mundo em cima de uma vez só.

24-O senhor se dá bem com os outros feirantes daqui, como é a relação?

É tudo bem, aqui não tem inimizade.

25-O senhor só trabalha na feira?

Só na feira.

26-E com o que o senhor ganha aqui na feira dá pra sobreviver tranquilo?

Dá, dá pra sobreviver, tranquilo.

27-Já conquistou bastante coisas com o dinheiro da feira?

Conquistei, dá pra conquistar bastante coisa sim.

28-E o senhor gosta do que você faz ou é necessário?

A gente gosta do que faz.

29-Como que é a sua rotina nesse ramo de feirante?

Olha, a gente trabalha por conta própria, o dia que não quiser trabalhar não trabalha e assim em diante, mas a gente sempre trabalha. Nós trabalhamos domingo, sábado. Mas sábado tem o seguinte, nós não trabalhamos 24 horas, nós trabalhamos meio período, tem essa vantagem.

30-E a sua mercadoria o senhor compra?

É, compra e revende. Lá do CEASA, compra do sítio, e assim em diante.

31-A relação com as pessoas do CEASA também é tranquila?

É tranquilo, tranquilo. O CEASA é o seguinte, nós pegamos os produtos do CEASA, e é uns produtos que não produz aqui na região, vem de fora. O CEASA é um centro de encontro de abastecimento que não tem aqui na região e vem de fora, vem da Bahia, vem de Santa Catarina, vem da Argentina, o que não tiver aqui, se encontra lá no CEASA e a gente já pega lá. Eles trabalham com a mercadoria daqui da região e trabalha de fora, o que não tem aqui eles buscam de fora e vende lá no CEASA. E se as pessoas quiser achar alguma coisa aqui na região pode ir lá no CEASA que acha.

32-Você acha que a feira ainda vai prevalecer ou ela ainda corre o risco de ser extinta?

Não, a feira não acaba nunca, nunca vai acabar, a feira é tradicional mesmo.

33-E o senhor acha que o seu trabalho está contribuindo para as pessoas e pra cidade?

Eu acho que sim né, porque se não o povo não deixava de vim na feira. Eu acho que o povo é bem servido na feira, ele gosta de feira.

ENTREVISTA REALIZADA POR: BEATRIZ MOURA, LAYS MARECO E NAYENE FURMIGARE

ENTREVISTADO: JOSÉ NUNES SAMPAIO, FEIRANTE, 55 ANOS

DATA: 01/07/2018

HORÁRIO: 09H56

MEIO: CELULAR

LOCAL: AVENIDA MANOEL GOULART EM PRESIDENTE PRUDENTE

TRANSCRIÇÃO FEITA POR: RAFAEL BARBOSA

1 – Quanto tempo de feira o senhor tem?

uns 3 anos:

2 – Mas o senhor só faz aqui na feira da Manoel Goulart?

Não, eu faço lá no bairro João Domingos, faço no Ana Jacinta, na Cohab e faço também as feiras da lua que é as feiras do produtor.

3 – E qual que é a diferença entre a feira da lua para feira aqui da Manoel Goulart?

É que a feira da lua normalmente é só os produtores. É uma concentração dos produtores e dos produtos diretos da...

4 – Mas em questão de público, lá dá mais ou aqui é melhor?

Aqui roda bem mais né.

5 – E vendas, aqui também é melhor?

Vendas é... é bom, só que no momento as vendas estão um pouco fracas.

6 – E o que te trouxe para trabalhar aqui na feira?

Eu, além de trabalhar na feira eu sou técnico em agropecuária da prefeitura municipal, né, tem uma função já é... na prefeitura. E eu trabalho com meu filho porque como o desemprego é... estava muito grande, nós somos produtores de hortaliças né, e juntamos o útil ao agradável e como o meu filho, como as feiras são na parte da tarde normalmente, eu dou um suporte para ele porque eu tenho uma experiência de mercado já. Eu trabalhei uns 16 anos na CEAGESP, e eu sou técnico agropecuário. Eu tenho um vasto conhecimento em hortifrutigranjeiro né, então a gente se deu bem porque além do meu conhecimento, ele é um Garoto novo, tem bastante força para trabalhar.

7 – Você só tem ele de filho?

E tem a minha filha que faz ciências Contábeis.

8 – E ela trabalhou aqui, te ajudava também?

Não não, mas na feira da lua ela tem uma barraca de espetos né, de espetinhos, isso, ela junta também e faz.

9 – E o que você acha assim dessa diversidade assim que a feira traz, porque tem bastante verdura, alimentício, é....

(interrompe) Artesanato...

10 – Artesanato, Churrasquinho na hora, pastel?

Ah, a feira é... a feira já é uma tradição né, desde os antepassados. Na feira normalmente você encontra todo tipo de coisa: flores, pescados...

11 – Você acha que aqui cabe todo mundo?

Ah, sempre tem espaço para todo mundo né, e principalmente produtores. É o lugar para ele soltar a mercadorias deles a um preço melhor...então eu acredito que é um lugar bom.

12 – E qual que é a sua rotina de trabalho?

Eu... minha rotina de trabalho, eu acordo às 5h30 da manhã, da segunda-feira. De segunda a segunda, eu acordo 5h30 da manhã, vou para o CEASA. Da CEASA eu fico até umas 7h30. A gente carrega, meu filho cuida da mercadoria. Depois desse horário eu vou para a prefeitura onde eu trabalho das 8h da manhã até as 17h da tarde. Depois das 17h eu vou para feira, aí eu fico até umas 9h30, dez horas. Aí...e além disso a gente tem que cuidar da produção né. Nós temos uma produção de hortaliças hidropônicas, então a gente tem que cuidar, mas na maioria das vezes é meu filho que cuida dessa parte, porque eu não tenho tempo mais suficiente para isso. E eu só folgo na sexta-feira depois das 17 horas. Na sexta-feira a gente não tem feira por opção de descanso né.

13 – E como funciona a fiscalização, passa fiscal aqui, não passa?

Vamos deixar esse assunto para outro, porque eu prefiro... como eu sou funcionário né, então fica meio desagradável..., mas está deixando a desejar né.

14 – E Você gosta assim desse mundo da feira?

Hum... gosto, não é bem questão de gostar, é questão de necessidade de trabalho né, além de ser um trabalho... é um trabalho que... se você pegar e trabalhar de acordo com o que... como se deve, você tem assim uma renda razoável né.

15 – E o senhor já conquistou alguma coisa que o senhor olha assim e diz “olha isso foi com o dinheiro da feira”?

Muita. Muita coisa. Hoje a gente por exemplo, nós já adquirimos já algumas propriedades. Chácaras pequenas de tamanho, né, não é muita coisa não, mas uma caminhonete. A gente tem uma... tem uma reserva né, que se precisar por exemplo, a gente tem. Só que é muito trabalhoso né, você trabalha das seis da manhã às 11h da noite. Quer dizer, são 14, 15 horas por dia, então você tem que ter uma receita melhor porque o trabalho é... dobrado.

16 – E o senhor pensa em parar com a feira?

Não, o que é isso, nós pensamos mais é em diversificar os produtos e... cada dia melhorar sabe, os atendimentos. Porque a questão da feira é o seguinte, é questão de atendimento. Se eu... você por exemplo, você está fazendo compra, se eu te atendo com uma certa... um certo carinho, uma certa elegância, uma maneira diferente, uma diferenciação no atendimento, automaticamente você vai virar minha freguesa, certo. Então você conquista os seus fregueses. Agora se você é aquela pessoa, ali, por exemplo, com cara fechada, chegar um freguês você para o que está fazendo para prestar o atendimento, porque eu dependo dele. Essa é a questão, tem freguês que chega na sua barraca, você tem que dar um atendimento diferenciado sabe, ser educado, tem que ser carinhoso, atencioso né e é isso, acho que isso faz a

diferença. Além do que, os produtos têm que ser de qualidade né. Não adianta nada você trabalhar com porcaria porque você não consegue...

17 – O que você acha da concorrência com os supermercados?

É desleal né. Bem desleal, porque é quantidade que eles compram né. E o supermercado tem a vantagem de ter 1001 produtos para poder faturar em cima. Então ali no hortifrutigranjeiro, o supermercado não visa lucro. Aquilo ali é um chamariz. Por exemplo, você vai lá comprar um quilo de tomate. Na feira você vai pagar R\$3,00, lá você vai pagar R\$2,00, mas você vai levar um leite condensado, você vai levar uma lata de ervilha, uma marmelada e nesses produtos é que está o lucro deles. Então eu vejo assim.

18 – E porque você acha que as pessoas ainda buscam a feira para comprar as suas mercadorias porque tem o supermercado, você vai lá, compra, pega e vai embora, passa cartão. Aqui vocês passam cartão?

Também, passo cartão. Eu passo. Olha, veja bem, a feira ela é um lugar gostoso de se...de passear. Você vê muita gente, você vê vários tipos de mercadoria. Você tem um pastel, você tem um artesanato, você tem, sabe... várias coisas, então a diversificação é muita. E é um lugar gostoso. Para nós feirantes, por exemplo, é bonito, passa uma moça bonita, uma senhora, uma criança. Então isso é legal. É legal isso. O único problema da feira é o horário cansativo, então, que nem nós trabalhamos hoje até o meio dia. A gente chega em casa, almoça, não tem mais apetite para nada. De festa nós não participamos, a gente trabalha direto. Não tem...se tem um aniversário, um casamento, você tem que deixar de trabalhar para você ir. Então é muito sacrificado também. Chuvas, ventos, então tem uma série de coisas que faz muita gente desistir além de quem não tem o talento né, de atender bem a pessoa.

19 – E como é a relação com os vizinhos feirantes aqui?

Nossa, é das melhores, melhores. A gente brinca, é... é isso. (risos)

20 – E o que você acha que a feira precisa? Alguns feirantes falaram da necessidade dos banheiros, organização...?

Existe a necessidade dos Banheiros, necessidade de uma padronização, sabe...

21 – E o policiamento?

Segurança não tem tanto problema não...

22 – Vocês já foram assaltados aqui?

Não. A menina esses tempos atrás foi assaltada, mas, porque ela, você põe a carteira lá e deixa o cara passa e pega mesmo. Meu dinheiro está aqui guardadinho.

23 – Tem muita diversidade de pessoas também né?

Muita gente que passa, está. Tem você que é honesto. Nós temos uma feira mesmo que se você devolver um troco errado, o próprio cliente ele fala “opa, você está me devolvendo a mais”, sabe, você pode deixar a feira á vontade. Essas feiras da lua por exemplo têm essa, o poder aquisitivo é melhor, então é... é diferenciado. Aqui por exemplo você tem que estar atento a todo momento. Tive uma feira por exemplo que um senhor chegou, pôs uma banana no bolso e ficou, sabe...

24 – E você viu?

Eu vi, mas eu, sabe era um senhor de idade e eu... entendeu, não ia chamar a atenção de um senhor por causa de uma banana. Então a segurança das feiras não tem muito, não vejo problema não quanto a isso. Nunca vi, pode... pode ser que aconteça né, mas nós não vimos problemas de segurança não. Seria bom? Lógico, segurança...é ótimo, mas não tem assim, patrulhamento assim ostensivo, não precisaria muito não.

25 – Você se sente reconhecido pelos órgãos municipais por contribuir para tradição aqui da feira da Manoel Goulart.

Não! É... são coisas que as vezes eu tenho que pensar pra responder né porque eu faço parte do serviço municipal né. Você entendeu, então é... eu faço parte dessa equipe, então a limpeza dos feirantes deixa a desejar. Tem gente que é muito relaxada e não faz a limpeza que pedem. Sabe, as vezes a gente próprio, eu próprio, então.

26 – Eu vi que você as vezes abaixa o preço para o freguês?

É o horário. Tem que baixar, não adianta levar. Mas essa freguesa por exemplo, ela passa e fala tá bonito, tá bonito, mas ela nunca compra. Você já conhece. Mas faz parte, então você já começa a conhecer os fregueses. Tem freguês que chega e fica mexendo na verdura, na fruta. Tem freguês chato. Tem freguês que não pergunta o preço de nada. Esse mesmo, por exemplo, dei um desconto pra ele que não precisaria, mas cativa.

27 – Faz com que ela retorne né?

Com certeza. O atendimento, por exemplo, precisa levar no carro? A gente faz entrega no carro, se você ligar pra mim e falar “ó, eu preciso disso” eu vou, eu trago isso pra você, eu dou jeito e eu trago. Então precisa disso. Eu tenho fregueses no Bongiovani, que eles me ligam e falam “olha hoje eu preciso disso, você me traz, você me leva?”, eu levo na casa dela. Eu não deixo uma senhora lá por exemplo carregar mercadoria. A gente põe numa caixa, tudo etiquetado, eu levo no carro dela. Entendeu... eu, meu..., mas eu tenho alguém que leva no carro dela. Então é um atendimento diferenciado. Tem freguês que fala “puta, mas a sua mercadoria está cara, mas é boa né”, quer dizer, qualidade. Não adianta você vender um tomate rui, por 1,00, estava ali a banca cheia.

28 – E os produtos que não vendem, o que vocês fazem?

Às vezes você, no domingo normalmente se você... como nós temos feira diariamente, aí você precisa também saber comprar para também não perder. Mas como no caso de hoje, por exemplo, se sobrar alguma mercadoria, passa essas igrejas pedindo doações. Se a gente vê que a mercadoria não vai ter possibilidade de vender. Por exemplo, amanhã tem feira boa, tem que levar vender produtos de primeira, não adianta levar produto... esses produtos a gente vende mais barato por exemplo, por um preço assim para vender mesmo ou doa para igrejas que também não é...

29 – Aonde é a feira amanhã?

Amanhã é a feira no jardim Bongiovani, na praça. É uma feirinha totalmente diferente. Não tem converseiro. Por exemplo, a feira normalmente o pessoal grita o preço. Eu sou um, se é aqui, aqui eu grito. Na feira da lua eu não preciso fazer isso. Eu já tenho a minha clientela.

30 – Situações diferentes né, ambientes diferentes?

Situações diferentes, mercadorias diferentes.

31 – E públicos diferentes né?

Sim, mas deixa eu te explicar um problema de qualidade. Eu tenho uma feira no João Domingos. Lá o bairro é pobre, só que pobre gosta de comer bem. Não é porque pobre que tem que levar mercadoria ruim. Então lá, tem gente que reclama “ah, a feira está ruim, está ruim, está ruim”. Eu tenho N mercadorias. Diversas mercadorias e sempre com qualidade, quer dizer, eu sempre vendo bem. Tem feirantes que estão patinando há 20 anos. O cara tem uma kombe velha, e ele vai ficar naquela kombe velha porque não sabe trabalhar. É, tem muitas histórias, tem dia por exemplo, que a gente, não é só ganhar também, você tem que saber perder.

32 – Que época do ano você vende muito aqui?

Melhor época do ano, normalmente é final de ano, que o pessoal recebe 13º, é época de festas então você vende muitos produtos assim atípicas né. Uva, pêra, ameixa, é... nectarina né, essas frutas mais exóticas... natalinas, você vende e são frutas caras então é uma época assim que você vende um pouco mais. Só que tem muito feirante patinando tá. Outro segredo... outro segredo é comprar à vista, pagamento à vista, sabe, Você tem que ter essa concepção, de ir no mercado, você não... lá você tem crédito para comprar fiado, mas um exemplo, uma caixa de tomate que lá que você vai comprar à vista, você paga 30, se você for marcar, eles vão cobrar 40. Você pagando 40, você tem que vender mais caro. Então é uma corrente. E as vezes você vende aqui e vê o dinheiro no bolso, só que você se esquece que você está devendo lá. E é uma bola de neve. Você deve 10 hoje, amanhã você vai emprestar 15, depois de amanhã já é 30, quando você vai pensar, está em 100 e você “puta merda, mas eu devo 100”, aí, você ganha um pouquinho de dinheiro e fala “vou comprar um carro novo”, aí você fica devendo e você saiu do seu controle financeiro, aí você está pego, você tem que ter um controle.

33 – Para se rum bom feirante precisa do quê?

Saber administrar o que você vende, o que você... eu não sou muito bom administrador não. Meu filho é, ali para gastar dez é difícil, ele sabe... porque tem as contas, a gente tem as contas, sabe... você tem conta de água, de luz, de combustível, de carro, você não pode ver só aquilo que entra... sai fácil né, dinheiro sai fácil. Difícil entrar. É difícil você vender 500 reais, mas pra você gastar 500, você não precisa subir ali em cima, você gasta 500. Tem muitas maneiras de gastar dinheiro assim que Deus o livre, cê sabe... Gastar é fácil. Você vai numa festa, festar, tem gente que “ah, ganhei mil hoje, essa semana”, ah, então posso gastar senão é assim, ele está devendo lá atrás e ele tem a semana seguinte para trabalhar. Então é meio complicado.

34 – Tem alguma história marcante aqui na feira?

O que é que foi marcante aqui?... acho que nada né, deve ter acontecido alguma briga do pessoal de fora aqui, só que isso aí é normal. Essas baixarias assim é... tem um pessoal da night aí que passa de madrugada por aí falando besteira. É... ela fez uma pergunta aí sobre os nossos amigos aqui em volta. O Edimilson, por exemplo, a Maria, Carlinhos, são pessoas...

ANEXO B

**REQUERIMENTO DA RELAÇÃO DE FEIRANTES EM PRESIDENTE PRUDENTE
JUNTO A PREFEITURA E OFÍCIOS DE AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DA
PESQUISA**



MUNICÍPIO DE PRESIDENTE PRUDENTE
SECRETARIA DE ADMINISTRAÇÃO



RECIBO

Prazo de 8 dias para ficar pronto

Processo N.º	2.018/9.945	Data de Entrada	15/03/2018
		Hora	09:56:24
Nome	NAYENE CARDOSO FURMIGARE		
Assunto	RELATÓRIO		
Compl. Assunto	REF. FEIRANTES DO MUNICÍPIO DE PRESIDENTE PRUDENTE		
Complemento			
MR:			
RUA BARÃO DO RIO BRANCO, 534 CENTRO - REGENTE FEIJÓ			

As Informações serão fornecidas mediante apresentação deste recibo 8 dias após a entrega.

Qualquer informação a respeito do seu processo, ligue 156 (Povo-Prefeitura).

Consulte o andamento no site www.presidenteprudente.sp.gov.br, no menu "Para você".

Senha para consulta: 8264



MUNICÍPIO DE PRESIDENTE PRUDENTE
Secretaria Municipal de Finanças
Coordenadoria Fiscal e Tributária



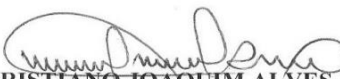
Presidente Prudente, 16 de Março de 2018.

A
NAYENE CARDOSO FURMIGARE
Rua Barão do rio Branco, 534 -1
Regente Feijó - SP

Assunto: Relação de Feirantes

Em atenção a solicitação no Processo 9.945/2018, no qual solicita relação de Feirantes cadastrados no Município, conforme autorização do Secretário de Finanças o pedido foi DEFERIDO, Segue anexo a relação das informações solicitadas.

Atenciosamente,


CRISTIANO JOAQUIM ALVES
Coordenador Fiscal e Tributário



UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA (UNOESTE)
Faculdade de Comunicação Social "Jornalista Roberto Marinho"
de Presidente Prudente (Facopp)

Presidente Prudente, 31 de outubro de 2017.

A/C JOÃO CARLOS MARCONDES
 Secretário municipal de Desenvolvimento Econômico

Venho por meio deste, solicitar autorização para a realização de uma pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Jornalismo, da Faculdade de Comunicação Social de Presidente Prudente (Facopp), na Universidade do Oeste Paulista (Unoeste), sob a responsabilidade dos acadêmicos: (6221502470) BEATRIZ DA SILVA MOURA; (6221501970) LAYS KAROLAYNE MARECO; (6221501857) NAYENE CARDOSO FURMIGARE; (6221502551) RAFAEL BARBOSA DOS SANTOS.

O objetivo do trabalho é produzir um fotolivro sobre os aspectos culturais e sociais das feiras da cidade, a partir de um olhar jornalístico para essa realidade específica.

A coleta de dados será realizada pelos estudantes a partir do primeiro semestre de 2018 e se estenderá por todo o ano em questão.

Atenciosamente,

Fabiana Aline Alves
 Supervisora de TCC em Jornalismo da Facopp

De acordo em

01/11/17

João Carlos Marcondes
 Secretário de Desenvolvimento Econômico
 * Por favor, carimbe este documento.

João Carlos Marcondes
 Secretário Municipal de
 Desenvolvimento Econômico



UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA (UNOESTE)
Faculdade de Comunicação Social "Jornalista Roberto Marinho"
de Presidente Prudente (Facopp)

Presidente Prudente, 31 de outubro de 2017.

A/C AMARILDO JOSÉ DE ARAÚJO
 Diretor de Comércio

Venho por meio deste, solicitar autorização para a realização de uma pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Jornalismo, da Faculdade de Comunicação Social de Presidente Prudente (Facopp), na Universidade do Oeste Paulista (Unoeste), sob a responsabilidade dos acadêmicos: (6221502470) BEATRIZ DA SILVA MOURA; (6221501970) LAYS KAROLAYNE MARECO; (6221501857) NAYENE CARDOSO FURMIGARE; (6221502551) RAFAEL BARBOSA DOS SANTOS.

O objetivo do trabalho é produzir um fotolivro sobre os aspectos culturais e sociais das feiras da cidade, a partir de um olhar jornalístico para essa realidade específica.

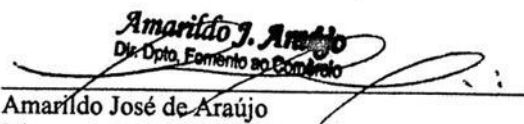
A coleta de dados será realizada pelos estudantes a partir do primeiro semestre de 2018 e se estenderá por todo o ano em questão.

Atenciosamente,

.....

 Fabiana Aline Alves
 Supervisora de TCC em Jornalismo da Facopp

De acordo em 31/10/2017


 Amarildo José de Araújo
 Diretor de Comércio
 * Por favor, carimbe este documento.



UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA (UNOESTE)
Faculdade de Comunicação Social "Jornalista Roberto Marinho"
de Presidente Prudente (Facopp)

Presidente Prudente, 1º de novembro de 2017.

A/C CLAUDIO MURA
Coordenador de Agricultura

Venho por meio deste, solicitar autorização para a realização de uma pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Jornalismo, da Faculdade de Comunicação Social de Presidente Prudente (Facopp), na Universidade do Oeste Paulista (Unoeste), sob a responsabilidade dos acadêmicos: (6221502470) BEATRIZ DA SILVA MOURA; (6221501970) LAYS KAROLAYNE MARECO; (6221501857) NAYENE CARDOSO FURMIGARE; (6221502551) RAFAEL BARBOSA DOS SANTOS.

O objetivo é do trabalho é produzir um fotolívro sobre os aspectos culturais e sociais das feiras da cidade, a partir de um olhar jornalístico para essa realidade específica.

A coleta de dados será realizada pelos estudantes a partir do primeiro semestre de 2018 e se estenderá por todo o ano em questão.

Atenciosamente,

.....
Fabiana Aline Alves
Supervisora de TCC em Jornalismo da Facopp

De acordo em 06/11/2017

Claudio Mura
Coordenador de Agricultura
* Por favor, carimbe este documento.

Claudio Mura
Coordenador de Agricultura



UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA (UNOESTE)
Faculdade de Comunicação Social "Jornalista Roberto Marinho"
de Presidente Prudente (Facopp)

Presidente Prudente, 1º de novembro de 2017.

A/C LILIANE SPEGIORIN MACIEL
Diretora de Abastecimento e Agricultura Participativa

Venho por meio deste, solicitar autorização para a realização de uma pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Jornalismo, da Faculdade de Comunicação Social de Presidente Prudente (Facopp), na Universidade do Oeste Paulista (Unoeste), sob a responsabilidade dos acadêmicos: (6221502470) BEATRIZ DA SILVA MOURA; (6221501970) LAYS KAROLAYNE MARECO; (6221501857) NAYENE CARDOSO FURMIGARE; (6221502551) RAFAEL BARBOSA DOS SANTOS.

O objetivo é do trabalho é produzir um fotolivro sobre os aspectos culturais e sociais das feiras da cidade, a partir de um olhar jornalístico para essa realidade específica.

A coleta de dados será realizada pelos estudantes a partir do primeiro semestre de 2018 e se estenderá por todo o ano em questão.

Atenciosamente,

.....
Fabiana Aline Alves
Supervisora de TCC em Jornalismo da Facopp

De acordo em 01 / 11 / 2017

Liliane Spegiorn Maciel
Diretora de Abastecimento e Agricultura Participativa

* Por favor, carimbe este documento.

LILIANE SPEGIORN MACIEL
Diretora do Departamento de
Agricultura e Abastecimento

ANEXO C
RELAÇÃO DE DOCUMENTOS SOLICITADOS AO TRABALHADOR QUE QUER
SE INSERIR NA FEIRA

RELAÇÃO DE DOCUMENTOS PARA:

- ☒ ABERTURA DE FIRMA
☐ ALTERAÇÃO DE ENDEREÇO
☐ ALTERAÇÃO DE ATIVIDADE

- ☐ ALTERAÇÃO DE CADASTRO
☐ ALTERAÇÃO DOS SÓCIOS
☐ OUTROS: _____

SEGMENTO:

COMÉRCIO: Feirante de Hortifrutos e grãos

PRESTADORA DE SERVIÇOS: _____

REPRESENTAÇÃO COMERCIAL: _____

DOCUMENTOS:

- ☒ 02 VIAS BOLETIM DE CADASTRAMENTO DE ATIVIDADES (DISPONÍVEL NO SITE DA PREFEITURA)
www.presidenteprudente.sp.gov.br OU COMPRAR NA PAPELARIA - PREENCHER DATILOGRAFADO
 (ANOTAR NO BOLETIM HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO E NÚMERO DE FUNCIONÁRIO E NÚMERO DE VEÍCULOS QDO FOR O CASO)
- ☐ CROQUI DE LOCALIZAÇÃO (MAPA DO LOCAL-QUADRILÁTERO)
- ☒ REQUERIMENTO AO EXMO. SR. PREFEITO MUNICIPAL DE PRESIDENTE PRUDENTE
- ☒ CÓPIA DO RG E DO CPF (SÓCIOS/DIRETORES/ PROPRIETÁRIOS)
- ☒ CÓPIA DO COMPROVANTE DE RESIDÊNCIA (EM NOME DA PESSOA / OU CONTRATO DE LOCAÇÃO)
- ☐ CÓPIA DO C.N.P.J – ATUALIZADO
- ☐ COPIA DO AUTO DE VISTORIA DOS BOMBEIROS
- ☐ COPIA DA LICENÇA SANITÁRIA
- ☐ CERTIDÃO DO IMÓVEL COM USO COMERCIAL / PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS
- ☐ DECLARAÇÃO COM FIRMA RECONHECIDA, QUE NÃO FARÁ USO DE **SUA RESIDÊNCIA** PARA DESENVOLVER NENHUMA ATIVIDADE COMERCIAL, NEM DEPOSITOS SERÁ SOMENTE UM PONTO DE REFERENCIA POSTAL
- ☐ LAUDO TÉCNICO ELABORADO POR PROFISSIONAL HABILITADO-(ART)-LEI MUNICIPAL 153/2008 DE ACESSIBILIDADE E MOBILIDADE (ZONEAMENTO DO USO E OCUPAÇÃO DO SOLO)
- ☐ CÓPIA DA ATA DE REUNIÃO QUE CONSTITUI, NOMEIA OU ALTERA
- ☐ COPIA DA CARTEIRA DE SAÚDE, NO CASO DE FEIRANTE- PROTOCOLO DA SEDEPP-SECRETARIA DESENV.ECONOMICO
- ☐ COPIA DO ESTATUTO (ASSOCIAÇÕES) 3918.42.00
- ☐ COPIA DO CERTIFICADO-CURSO-DIPLOMA-CRM-OAB-CREFITO-CRECI-COREN-CREA, CORSESP, CAU-SUSEP
- ☐ CÓPIA DA DECA – POSTO FISCAL (QUANDO NECESSÁRIO)
- ☐ COPIA DO CONTRATO SOCIAL-JUCESP INICIAL/ALTERA
- ☐ CÓPIA - REQUERIMENTO DE EMPRESÁRIO E DECLARAÇÃO DE ENQUADRAMENTO EPP/ME (CÓPIA DO CRM DA EMPRESA)
- ☐ CÓPIA DA PROCURAÇÃO E XEROX DO CPF E DO RG DO PROCURADOR(SE FOR O CASO)
- ☐ CERTIDÃO DE USO DO SOLO (ATENDIMENTO DE PROTOCOLO- SECRETARIA DE PLANEJAMENTO).
- ☐ OUTROS: **TAXA PARA PROTOCOLAR R\$ 19,93**
- ☐ XEROX DO CONTRATO DE LOCAÇÃO (CASO O IMÓVEL SEJA ALUGADO) com firma reconhecida da assinatura do locador.
- ☐ **CÓPIA DA CERTIDÃO DE CASAMENTO QUANDO O IMÓVEL FOR DO CONJUGÉ**
- ☐ **CONSULTA DE OPTANTE PELO SIMPLES – SITE DA RECEITA FEDERAL(SE FOR O CASO)**
- ☐ CERTIDÃO DO IMÓVEL COM USO RESIDENCIAL QUANDO PTO REF. POSTAL
- ☐ CÓPIA CERTIFICADO MICROEMPREENDEDOR
- ☐ DECLARAÇÃO COM FIRMA RECONHECIDA, DO PROPRIETÁRIO DO IMÓVEL QUE CEDE E AUTORIZA A UTILIZAÇÃO DO MESMO PARA UTILIZAÇÃO DA EMPRESA COMO PONTO DE REFERENCIA POSTAL

☒ **Obs. A ASSINATURA NO BOLETIM DE CADASTRAMENTO MUNICIPAL DEVERÁ SER IGUAL À ASSINATURA DO RG/CPF, DO ASSINANTE, OU RECONHECER FIRMA DA MESMA.**

ANEXO D
DEMAIS DOCUMENTOS E LEGISLAÇÃO



CÂMARA MUNICIPAL DE PRESIDENTE PRUDENTE

Avenida Washington Luiz, 544 – CEP 19010-090 – CX. POSTAL 294

FONE/FAX: (18) 2104-4300 – PRESIDENTE PRUDENTE – SP

E-mail: cmpp@camaraprudente.sp.gov.br – Home Page: camaraprudente.sp.gov.br

REQUERIMENTO Nº 00048/17



CONSIDERANDO QUE, passam centenas de pessoas nas feiras que necessitam utilizar o banheiro.

CONSIDERANDO QUE, os feirantes necessitam utilizar o banheiro durante o período de montagem e trabalho, em especial as mulheres.

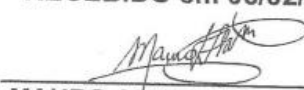
REQUEIRO À MESA, ouvido o douto Plenário, nos termos regimentais, seja oficiado ao Excelentíssimo Senhor Prefeito Municipal, solicitando através do setor competente da Municipalidade, providências para instalação de banheiro químico em todas as feiras livres.

Plenário "Dr. Francisco Lopes Gonçalves
Correia", em 31/01/2017.


MAURO NEVES
Vereador-autor

mm.

RECEBIDO em 06/02/2017


MAURO ALVES DOS SANTOS
Diretor Geral





*Secretaria de Desenvolvimento Econômico de
Presidente Prudente*

Presidente Prudente, 14 de Fevereiro de 2017.

Excelentíssimo Senhor
ENIO LUIZ TENÓRIO PERRONE
DD. Presidente da Câmara Municipal
Presidente Prudente-SP

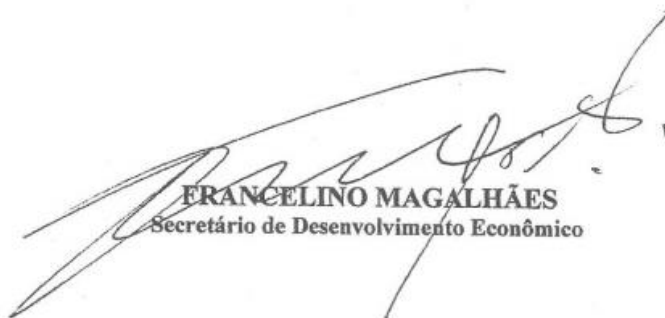
OFÍCIO Nº 097/2017/SEDEPP

REF. REQUERIMENTO Nº 048/17

Em resposta ao requerimento acima, de autoria do Nobre Vereador MAURO NEVES, informamos que a instalação de banheiros químicos nas feiras livres é projeto do Senhor Prefeito Municipal e esta Secretaria já está desenvolvendo, em fase de orçamento dos banheiros.

Sem mais para o momento, agradecemos a atenção e aproveitamos o ensejo para renovar sinceros protestos de consideração e estima.

Atenciosamente.



FRANCELINO MAGALHÃES
Secretário de Desenvolvimento Econômico

*Secretaria de Desenvolvimento Econômico
Rua Adib Jorge Tannus, nº 50 – Jardim Bongiovani – CEP: 19050-470 – Presidente Prudente – São Paulo
Tel: (18) 3918-4200 – Fax: (18) 3908-7611
E-mail: sedepp@presidenteprudente.sp.gov.br
www.presidenteprudente.sp.gov.br*

PRESIDENTE PRUDENTE
PREFEITURA MUNICIPAL
SECRETARIA DE ADMINISTRAÇÃO

LEI Nº 5.369/99

Dá nova redação ao artigo 5º da Lei nº 4.866/97 e dá outras providências.

A CÂMARA MUNICIPAL APROVOU, E EU, MAURO BRAGATO, PREFEITO DO MUNICÍPIO DE PRESIDENTE PRUDENTE, SP., no uso de minhas atribuições sanciono e promulgo a seguinte lei:

Art. 1º O artigo 5º da Lei nº 4.866, de 19 de dezembro de 1997, que dispõe sobre o funcionamento de feiras-livres, institui penalidades para infrações e dá outras providências passa a vigorar com a seguinte redação:

Art. 5º - O exercício do comércio nas feiras-livres depende de prévia autorização da administração, através da Coordenadoria de Agricultura, que emitirá alvarás.

§ 1º - A emissão de alvarás será feita anualmente, mediante requerimento, no período de 01 de janeiro a 30 de abril, após o qual poderá ser determinada, excepcionalmente, mediante os seguintes critérios e condições:

- I - atendimento ao caráter social da feira-livre;
- II - ser o feirante produtor rural;
- III - comercialização de produtos hortifrutigranjeiros.

§ 2º - O alvará será concedido em caráter precário, podendo a Administração, a qualquer momento, cassar, revogar ou anular a autorização, não cabendo indenização.

Art. 2º Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Presidente Prudente "Paço Municipal Florivaldo Leal", 09 de dezembro de 1999


PREFEITURA MUNICIPAL DE PRESIDENTE PRUDENTE


MAURO BRAGATO
 Prefeito Municipal

Publicado em 11 / 12 / 99
 Jornal: "O Imparcial"

SECAD/DSB.

**LEI Nº 9.199/2016**

Dispõe sobre: Suprima-se no artigo 4º, o item XII – Grupo 12: “Aves vivas”, na Lei nº 4.866, de 19 de dezembro de 1997, que dispõe sobre o funcionamento de feiras-livres, institui penalidades para infrações e dá outras providências.

Autor: Vereador José Geraldo de Souza – “Geraldo da Padaria”.

A CÂMARA MUNICIPAL APROVOU E EU, MILTON CARLOS DE MELLO, PREFEITO DO MUNICÍPIO DE PRESIDENTE PRUDENTE – SP, no uso de minhas atribuições, sanciono e promulgo a seguinte Lei:

Art. 1º Fica suprimido no artigo 4º, o item XII – Grupo 12: “Aves vivas”, na Lei nº 4.866, de 19 de dezembro de 1997, que dispõe sobre o funcionamento de feiras-livres, institui penalidades para infrações e dá outras providências.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Presidente Prudente, Paço Municipal “Florivaldo Leal”, 19 de agosto de 2016.

MILTON CARLOS DE MELLO
Prefeito Municipal



LEI Nº 8.196/2013

Dispõe sobre a criação dos incisos III e IV, junto ao artigo 7º, da Lei Municipal nº 4.866/1997, que dispõe sobre o funcionamento de feiras livres, institui penalidades para infrações e dá outras providências.

Autor: Vereador José Geraldo de Souza – “Geraldo da Padaria”

A CÂMARA MUNICIPAL APROVOU E EU, MILTON CARLOS DE MELLO, PREFEITO DO MUNICÍPIO DE PRESIDENTE PRUDENTE – SP, no uso de minhas atribuições, sanciono e promulgo a seguinte Lei:

Art. 1º Ficam criados os incisos III e IV, junto ao artigo 7º, da Lei Municipal nº 4.866/1997, que dispõe sobre o funcionamento de feiras livres, institui penalidades para infrações e dá outras providências, conforme segue:

“Art. 7º (...)

(...)

- III - as feiras dos bairros São Matheus, Ana Jacinta, Novo Bongiovani e Vale do Sol, devem funcionar até às 22:00 horas, conforme segue:
 - a) 16:00 às 17:00 – descarga e montagem das barracas;
 - b) 17:00 às 21:00 – funcionamento da feira;
 - c) 21:00 às 22:00 – desmontagem e carga das barracas.
- IV - a feira da Avenida Manoel Goulart deve funcionar até às 22:30 horas, conforme segue:
 - a) 16:00 às 17:00 – descarga e montagem das barracas;
 - b) 17:00 às 21:30 – funcionamento da feira;
 - c) 21:30 às 22:30 – desmontagem e carga das barracas.”

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Presidente Prudente, Paço Municipal "Florivaldo Leal", 15 de julho de 2013.

MILTON CARLOS DE MELLO
Prefeito Municipal

APÊNDICES

APÊNDICE A

TABELAS DE IDENTIFICAÇÃO DOS FEIRANTES ENTREVISTADOS

**LISTA DOS FEIRANTES (DE DOMINGO) DA FEIRA DA MANOEL GOULART EM
PRESIDENTE PRUDENTE**

Nº	NOME	IDADE	ENDEREÇO	TEMPO DE FEIRA
1	Maria Roseli de Lima	51	Vila Líder	32
2	Robson Arantes	41	Rinópolis	7
3	Sebastião de Oliveira	63	Sítio Aviação, próximo ao aeroporto	50
4	Francisco Hiamomoto Hioshi	65	Cecap - Presidente Prudente	25 anos so na feira da Manoel Goulart
5	Vanessa Nascimento	37	Idalina Bevenuto Nogueira, nº148- Jardim Prudentino	20
6	Ranufi Okabi / Emilia Miuri Okabi	60	Sítio em Montalvão	23 anos
7	Edna Francisca e José Ramos	56/59	Placido de Castro, nº374 - São Judas Tadeu	35
8	Mario Yonemoto	77	Rua Bela Vista, nº805 - Vila Geni	33
9	Noguo Tsunoda	76	Sítio em Montalvão - KM 15 Santa Luzia	Mais de 10 anos
10	José Inoue (Yshikezu Inoue)	85	R: Calmerita do Amaral, nº 21 - Vila Santa Marta	Desde 1957 / 61 anos
11	Sérgio Uematsu	55	Vila Maristela	34
12	Paulo Hisatoshi Onishi	66	Sítio Santa Rita KM 6 - bairro Jabaquara	44
13	Cecilia Miyaki	62	Jucelino Kubichek	Mais de 30 anos
14	Marilza Coelho Silva e João Silva (Não estão mais na Feira)	45/49	NI	7 anos
15	Nadegi Maria Pinto Caldeira	61	Vila Mirian	4
16	Flávio Serra Marques	54	Vale Verde 1 - COHAB	20
17	Aparecido Candido de Oliveira	66	Jardim Everest	44
18	Virginio Miguel Guilherme	71	Placido de Castro, nº429 - São Judas Tadeu	41
19	Takesi Hirakawa	82	Av. Ibraim Nobre, nº6010 - Parque Vila Furquim - Pres. Prudente	20
20	Cláudio Brambila	50	Matiudes Zacarias, nº 114 - São Lucas	23 anos
21	Erminia Marvki	51	Cardeal Arco Verde, nº 136 - São Judas Tadeu -Próximo ao Prudenshopping	32
22	Rose Tomiazzi	47	Sítio São Paulo Barros Pentes - Perto da Toledo - Agua Santa Inês	22

23	Sônia Maria e Joaquim Gonçalves Nogueira	69	Av. Gustavo Antônio Marcelino, nº 421 - Jardim Prudentino	20
24	Deize Navarro	54	Jerônimo Garcia Duarte, nº 860 - São Judas Tadeu	30 anos ou mais
25	Flora Oshita	55	Sítio Fukushima KM 16 - Montalvão	10
26	Valdomiro Tomiazzi	73	Sítio São Paulo - Bairro Três Pontes - KM Estrada 7 copas	20
27	Sebastião Costa	68	Rua: Herculano Silveira Leite, nº 30 - Jardim Eldorado	50
28	Doraci Queiroz	60	R: Estevan Lopes, nº 285 - Jardim Parque Cedral	31
29	Ruy Carlos	32	Sítio Arantes KM 9 - Montalvão	9
30	Raimundo	62	NI	15
31	Sérgio Paraíso e Sinira Paraíso	55 ambos	NI	15
32	Antônio Breda	89	Vila Marcondes	40 anos ou mais
33	Paulo Koga	62	Parque Alvorada	30
34	Julio	58	NI	40
35	Emil Almeida	35	São Lucas	5
36	Alex	NI	NI	NI
37	Inocência Amaral	82	Rua José Manoel Ramos, nº118 - Jardim Vale Verde 1	6 meses
38	Cleonice Nakashima	52	Residencial Servantes 1	5
39	Jorge Luiz	49	Caiabu	18
40	Vagner Valera	47	Parque Castelo Branco	9
41	Marcos Sakagati	33	NI	47
42	Moacir Santos	NI	Residencial Servantes	8
43	Vagner Sanches	54	Vila Euclides	9
44	Leonardo Barbosa	20	Jardim Bongiovani	4
45	Luiz Antonio Berbert	35	Bairro Santa Fé	4
46	Cassia da Silva	30	Bairro Monte Alto	2 meses
47	Alzira Pelanta	74	São Sebastião	Mais de 20 anos
48	Fidelcio Marques	79	Joselio Libano Filho, nº 821 - Parque Cedral	16
49	Paulo H Gomes da Costa	22	Vitória Régia - atrás do Muffato Max	10
50	Hilda Guedes	54	Jardim Santa Clara	22
51	Floriza Batista Marques	78	Joselio Libano Filho, nº 821 - Parque Cedral	15
52	Roberto	NI	NI	NI
53	Nelson Ruiz Idalgo	72	R: Ceará, nº 521 - Vila Furquim	30
54	Luiz Uramoto	35	Ibraim Nobre	25

55	Sidnei Nascimento	34	Itatiaia	3
56	Fátima Magnese	62	Jardim Regina	47
57	Domingos Araújo	61	Jardim Maracanã	18
58	Maria Isabete da Silva e Sr Valdemar Augusto da Silva	72 / 73	R: Francisco Olavo Ribeiro, nº 30 - Vila Flôr (Perto da Igreja São Pedro)	52
59	José Pedro dos Santos	75	São Matheus	10
60	Alcides Cordeiro de Lima	77	Álvares Machado	40
61	Denice Maria de Oliveira	56	Jardim São Bento	3
62	Davi Honorato	41	Jardim Planalto	6
63	Gabriel Lanza	20	Estrada Bom Pastor - Álvares Machado	23
64	Darcy Beumarqui	68	Sítio Santa Maria KM 1 / 1.200 metros - Bairro Aeroporto	30
65	Gilmar Alves	50	Maristela	1
66	Luciana Freire da Silva	37	Novo Bongiovani	1
67	Juliana Abrigio	37	Jardim Paulista	10
68	José Nakano	72	Vila Ocidental	57
69	Aparecido Francisco de Oliveira	39	R: Equador nº 226 - Jardim Paulista	4
70	José Mariano Gomes e dona Cleusa	63 / 65	R: Otolino Perete, nº 492 - Jardim Tropical perto C2	16
71	Maria Helena Oliveira	NI	NI	NI
72	Valdelei Alves de Oliveira	48	R: Paulo Iancia, nº 101 - Jardim Panorâmico	3 meses
73	Rosana Maria de Jesus	54	NI	3 anos
74	Dirce	NI	NI	NI
75	Edimilson Luíz da Silva	35	Rua: Flores do Prado nº 335 - Ana Jacinta	3 anos
76	Expedito Alves de Oliveira	54	Rua José Alfro, nº1030 - São Lucas	7 anos
77	José Nunes Sampaio	55	Rua dona Celsina nº305 - Ana Jacinta	3 anos
78	Maria Aparecida Pereira da Silva	52	Rua: José Picciuler nº307 - Santa Fé	mais de 32 anos
79	Adinaldo Teixeira Grande	51	Estrada Sete Copas KM 3,5 - Bairro União - Presidente Prudente	15 anos
80	Maria Aparecida Castanho	57	Jardim Itatiaia	42
81	Maria Aparecida	56	Cecap - Presidente Prudente	18 anos
82	Zilmar Roberto Martins	66	NI	31 anos
83	Francisco Antonio Paixão Souza	61	Cecap - Presidente Prudente	41 anos
84	Josefa Novaes	82	R: Mendes de Moraes, nº98 - Centro	30 anos ou mais

85	Larissa de Azevedo	NI	NI	NI
86	Paulo da Silva Barbosa	50	Chacara Botafogo	5 anos
87	Cesar Tonzar e Helena Tonzar	46/45	Jardim Sabará - Presidente Prudente	1 ano e 5 meses
88	Meiriani Gonçalves Rosa	56	Parque Alvorada - Presidente Prudente	30 anos
89	Silvana Ferreira Lopes Leonel Antonio Domingos Ferrão Débora Cripa Sidnei Lopes	45 43 46 43	Marilia - SP Silvana é casada com Leonel e é Marilia - SP irmã de Sidnei casado com Débora.	7 anos
90	Nildemir Pereira de Souza	43	Paulo Soares de Muro Andrade, nº369 - Jardim Iguaçu	15 anos
91	Adriano			

LEGENDA**NI = NÃO INFORMADO**

APÊNDICE B
RELATÓRIOS DE OBSERVAÇÃO DIRETA E INTENSIVA

RELATÓRIO DE OBSERVAÇÃO DIRETA E INTENSIVA**DATA: DIA 10 DE DEZEMBRO DE 2017****LOCAL: FEIRA DA AV: MANOEL GOULART, PRESIDENTE PRUDENTE.****ELABORADO POR NAYENE CARDOSO FURMIGARE**

É domingo. Centro de Presidente Prudente. Uma das avenidas mais conhecidas de Presidente Prudente. Pessoas da cidade e dos pequenos municípios à volta aproveitam o bom tempo para atividades ao ar livre e ganhar o sustento. Às oito e dois da manhã, não há muito movimento. São poucos os fregueses que se dispõem a acordar cedo para aproveitar os melhores produtos, podemos dizer que se encontra mais “senhores e senhoras” neste horário. A feira fica na Av. Manoel Goulart, que após as nove horas da manhã o movimento começa.

Ao invés do barulho dos carros, motos, ônibus que ocupam a avenida durante toda a semana, o barulho se torna outro; feirantes comercializando, conversas sobre o jogo de futebol, conversas entre donas de casa, fofoca do vizinho, o rapaz que roubou e saiu pela janela, o brasil em crise; foram possíveis ver e ouvir essas e outras coisas. Um cheiro agradável de verduras e frutas fresquinhas, e sem falar do famoso pastel. A limpeza e a organização das barracas chamam a atenção logo no início. Não há frutas, verduras, resto de comida ou papéis no chão, até na parte de dentro das barracas dos feirantes, estão todas alinhadas, em duas filas uma de frente com a outra. O colorido das verduras, frutas, legumes, brinquedos, roupas, e plantas atrai o olhar de quem está lá. Cada barraca tem sua peculiaridade, um aspecto, sua marca, seu nome, sua organização, seu modo de colocar o produto a vista e uma história diferente para ser contada. Tudo muito bem preparado e pensado na forma de atrair a clientela e sair de lá sem nenhuma mercadoria. A chegada dos moradores do bairro, de fora, das redondezas começa a aparecer, casais, família, amigos, senhores, vimos de tudo; que passeiam por lá seja só para comer o famoso pastel ou fazer as compras da semana. Os feirantes sempre atentos, quando se encosta um cliente na barraca, dizendo “está tudo muito fresquinho vamos levar”; “o produto é de confiança”. Notamos que a feira por algumas horas é um lugar onde se encontra gente de todos os níveis sociais e econômicos, uma verdadeira ponte para a sociabilidade, criando relações de amizade. Os feirantes não querem apenas vender, cria-se um elo com a clientela, pergunta da mãe, pai, filhos, netos, e acabam jogando uma conversa “fiada”; são alguns minutos de atenção que garante que o cliente retorne a banca. Um ambiente logo pela manhã com gritos “olha a verdura bem fresquinha, venham para cá clientela”. Todos os clientes são conquistados com carisma e bom atendimento. Vimos feirantes além de vender seus produtos, brincando, com boa simpatia, fazendo brincadeiras entre si. Não vimos filas iguais de supermercados ou sacolão, vimos bancas lotadas de pessoas comprando, apalpando os produtos, cheirando, o grito chamando a atenção para vender os produtos, poucos produtos em embalagens a maioria à vista dos compradores, um espaço bem aberto. São 10h20min e, depois de passar por 14 barracas, explicando o trabalho TCC, fotolivro, quem nós éramos de onde éramos, quem está nos ajudando na elaboração do projeto, no caso a (SEDEPP), ouvimos um pouquinho de cada um, às vezes éramos interrompidos pelos fregueses que chegavam e não podíamos atrapalhar; resolvemos paramos para nos refrescar e tomar uma Coca-Cola bem gelada. Voltamos para a observação e conhecer mais dos feirantes, conversamos com mais 3, no qual teve muitas histórias, e mais uma observação direta. As 11h32 min a feira já estava de outro jeito, restos de comida, verduras, frutas no chão, se vê uma feira mais, desorganizada, com um cheiro diferente. Os feirantes começam então as desmontagens das barracas, e a guardarem

em caixotes, dentro do veículo que o trouxe para a feira; o restante da mercadoria que sobrou. Foram 3h43min de observação na feira livre ao total, onde percebemos que o 'protocolo', da convivência, ritmo, modo de ser de cada um é quebrado; as classes sociais se cruzam em um mesmo ambiente. A feira realmente permite que o espaço público seja de fato o espaço público onde todos têm vez e voz; um modo diferente do habitual.

RELATÓRIO DE OBSERVAÇÃO DIRETA E INTENSIVA**DATA: DIA 17 DE DEZEMBRO DE 2017****LOCAL: FEIRA DA AV: MANOEL GOULART, PRESIDENTE PRUDENTE.****ELABORADO POR RAFAEL BARBOSA DOS SANTOS**

Chegamos a feira da Manoel Goulart no domingo, dia 17, por volta das 7h50 da manhã. Os integrantes da equipe se encontraram no local. Desta vez fomos em três. A princípio, neste horário, a feira se encontrava bastante tranquila, com pouca movimentação e até mesmo silenciosa. Alguns dos feirantes ainda terminavam de montar suas bancas. Percebemos que neste horário o público é formado por pessoas de mais idade, sobretudo senhoras. Apesar do caráter livre da feira, a gente percebe muita organização, com cada banca em seu lugar, com os espaços e limites entre as bancas dos muito feirantes bastante respeitados. Um ponto importante também é a limpeza no local. Não se vê lixo, objetos jogados no chão, ou nada disso. O ambiente é saudável. O cheiro das frutas, dos legumes e evidentemente do famoso pastel é também muito forte. Assim que chegamos partimos para as entrevistas com vistas a identificação dos feirantes, começando exatamente da banca onde paramos na semana anterior. O primeiro entrevistado do dia foi um vendedor ambulante que pouco quis falar. Ele disse que não é sempre que está na feira e que viaja para outros lugares na região. Compramos duas carteiras com ele, que nos vendeu por R\$10. Depois conhecemos o senhor Takeshi (...), que já está há trinta anos na feira. Ele foi muito simpático e receptivo. Os feirantes das primeiras bancas já entrevistados na semana anterior, reconheceram a equipe, trocamos cumprimentos e conversas rápidas. Sentimos que eles já estão se familiarizando conosco. Os feirantes estão sempre atrás de suas bancas. Alguns deles ficam parados à espera do cliente. Outros enquanto o movimento está fraco conversa com o colega da banca vizinha. Há aqueles mais agitados que não param, quando não estão atendendo estão arrumando, organizando os produtos na banca, andando de um lado ao outro, reforçando o nó da corda da lona que cobre a banca de cima de um caixote. Há as bancas maiores, onde trabalham mais de duas pessoas em que também se vê muita movimentação. É curioso a grande quantidade de feirantes japoneses, são vários espalhados pela feira. Em geral eles estão entre os mais antigos. Isso faz pensar sobre a importância histórica deste grupo para o desenvolvimento da cidade e desta atividade. O que não se vê muito nesta visita são os feirantes usando de recursos para chamar atenção do cliente, fazendo propagandas, enaltecendo o produto e o preço o que podemos chamar talvez de "marketing de feira", algo que aparentemente é comum. Um detalhe importante é que a maioria deles são sempre muito rápidos no atendimento, na maneira de pesar o produto, receber e dar o troco, o simples jeito de dar o nó na sacola, até porque há bancas onde vão três, quatro clientes de uma vez para um ou dois atenderem. Os feirantes de mais idade já são mais tranquilos, esperam que o cliente vá até eles e escolha o produto. Um outro ponto a ser observado é a o encontro entre o moderno e o tradicional na feira. Ao mesmo tempo em que vemos em várias bancas as plaquinhas anunciando que aceitam cartão. Vemos bancas com aquelas balanças muito antigas, manuais, quase relíquias, onde se vê que o feirante trabalha hoje como trabalhava há trinta, quarenta anos atrás. Às 9h02 começa a aumentar o fluxo de pessoas na feira. A movimentação cresce, os sons também. Neste momento é interessante observar as interações ocorridas. São clientes que se encontram e começam a conversar. Ouvimos duas ou três rodinhas de homens falando sobre o futebol, sobre a final do mundial com o grêmio, brincadeiras sobre Corinthians e palmeiras. Observa-se também a relação entre o cliente e o feirante. Em alguns

momentos a gente vê cliente passar e acenar e chamar o feirante pelo nome. Clientes muito simpáticos e os feirantes também. Há muita proximidade na feira.

Seguimos com as entrevistas. A abordagem é sempre muito complicada. Alguns dos feirantes ficam muito receosos a princípio, na defensiva já soltam que não vão responder pergunta nenhuma. No entanto conforme vamos explicando do que se trata o projeto, o que pretendemos fazer, eles acabam se soltando e vão aos poucos respondendo às perguntas. Contamos que estamos montando o livro e parece que isso faz com que eles falem mais, falem com orgulho da feira. A grande maioria compreende que somos estudantes e que é um trabalho importante para equipe e acaba se dispondo a ajudar. É todo mundo muito simples. Percebemos que a melhor abordagem é chegar mesmo na conversa, perguntando o nome, perguntando sobre o produto e deixando claro o nosso interesse pela feira e pelo que eles têm a dizer. A partir daí o que era para ser uma entrevista rápida para levantar os dados sobre o feirante acabou se transformando em uma conversa onde já se ouve algumas histórias, onde já se é possível analisar a visão dos próprios feirantes sobre as feiras. Ouvimos muitas queixas quanto ao movimento na feira. Sempre que eles falam da feira de antigamente, quando ela era maior, a maioria se lembra com saudade. Fala que o movimento era muito grande, que se ganhava muito mais. É um consenso geral de que o supermercado realmente abalou a atividade. Eles falaram que a feira da Manoel Goulart quando começou ocupava os dois lados da Avenida, e era bem mais extensa. Hoje, eles ocupam apenas metade da avenida e o movimento é muito pouco comparado com antes. Um caso curioso e ajuda a entender essa atual realidade na feira foi o da banca do seu Joaquim. Fomos a banca dele mas ele não estava e então falamos com dona Sônia, sua esposa. Na banca deles havia apenas tomate e cebola. Ela nos contou que o marido estava tentando arrumar a combe deles onde transportam as bancas e os produtos. O carro estava com problema. Como ele não estava e ela não quis responder fomos para a próxima banca e ficamos de voltar. Na volta seu Joaquim estava lá e dona Sônia tinha saído, porém ele fingiu ser uma outra pessoa, dizendo que o seu Joaquim de fato tinha saído para comprar uma peça para o carro e que ali só tomando conta, tudo para não falar conosco. Saímos e seguimos em frente, mas depois, já por volta das 9h30 voltamos para banca dele e lá estava de novo dona Sônia. Contamos a ele o ocorrido com seu Joaquim. Ela sorriu e foi quando nos explicou, que o marido anda muito nervoso porque as vendas não andam boas e veem caindo cada vez mais. Ela nos conta que antes eles vendiam muitos produtos, bastante variedade, mas com a baixa nas vendas tem comprado muito pouco. Mais tarde encontramos seu Joaquim, rimos com ele falando sobre sua "brincadeirinha" e ainda que não tenha respondido nosso questionário, sentimos que vamos poder contar muito com ele. Exatamente as 9h47 da manhã demos uma pausa nas abordagens com os feirantes para sentar e comer um pastel e beber uma coca cola gelada. Enquanto estávamos sentados, foi possível observar algumas coisas. Primeiro que o pastel realmente é a sensação da feira. No trailer em que estávamos, vimos casais, gente sozinha e famílias inteiras nas mesas. É neste momento que começamos a ver gente mais jovem entre o público. Adolescentes ou jovens adultos. Muitos passam com um pastel na mão. Outros passam em grupinhos. O fluxo também neste horário também é bem maior. Talvez o momento de pico deste dia tenha sido por volta das 10h. Sentados aguardando o pastel, mais pessoas chegavam e começou a faltar mesas e cadeiras e espaço para se acomodarem. Havia também uma busca pela sombra porque o sol neste dia estava bem forte. Havia uma lona forrada no chão da calçada, acreditamos que para evitar sujar a calçada. Conforme as pessoas iam chegando o rapaz que nos atendia colocava as mesas e cadeiras na parte da calçada

não coberta pela lona. Chamou atenção quando ele diz que eles evitavam colocar mesas naquele espaço porque o dono da casa em frente, tratava-se de um sobrado, caçava briga por não gostar de ver sujeira no chão. Ainda enquanto comíamos o pastel fomos abordados várias vezes por vendedores ambulantes e transeuntes pedindo dinheiro ou ajuda. Um deles vendia DVDs infantis, um outro vendia esses bilhetes no estilo tele-se na, SPCAP e afins. Outro pedia dinheiro e muito sincero confessou que era para tomar uma "cachacinha". Já o último apareceu vendendo bala, quase trançando as pernas, mas garantindo que o dinheiro das vendas era para ajudar os pobres. Percebemos que essas pessoas são comuns nas feiras. Pedintes, gente que meche com as outras, que fala alto, que brinca etc. Encontramos muitos vendedores ambulantes no percurso em que fizemos, vendendo painéis, vendendo redes, vendendo calçados, produtos de muamba como cintos, carteiras, óculos de sol etc. Depois do intervalo, voltamos com as entrevistas às 10h15. Falamos com outros feirantes de outras bancas. Conhecemos seu Valdomiro que há princípio não queria falar de jeito nenhum, mas acabou batendo o maior papo conosco. Descobrimos que ele é pai de Marcelo, o dono de uma banca de frutas com quem tínhamos falado antes. Ele nos contou ainda que um outro filho (Paulo) tem uma banca mais para o final da feira. Neste caso percebemos que o trabalho familiar é muito presente neste universo. A prática de feira está muito ligada a histórico familiar, as atividades agricultura e lavoura é algo que vários feirantes falaram. Muitos deles começaram cedo porque o pai, a mãe, um tio ou uma tia já estavam lá. As mulheres foram porque se casaram e os maridos já estavam, enfim. Em geral é a única atividade que essas pessoas fizeram e sabem fazer na vida, é parte deles. Demos uma pausa nas entrevistas para retornar ao início na banca de seu Sebastião, a primeira da feira com que já havia sido falado na semana anterior. Fomos lá encontrar um antigo feirante já aposentado que ficou de nos levar uma foto e assim conhecemos seu Amâncio, de 87 anos que dedicou cerca de vinte anos a feira. Ele nos mostra o porta retrato onde ele, bem mais jovem está acompanhado de dois amigos, atrás de uma banca com frutas, legumes e sacos de arroz. Ele não sabe qual a data precisar da foto, mas sabemos que é de muito tempo atrás, quando a feira da Manoel Goulart era bem maior. Batemos um papo com seu Amâncio e seu Sebastião, ele nos fala sobre a feira em sua época, das diferenças com as feiras de hoje e conta algumas histórias. Ele fala que não sente tanta falta da feira porque hoje ele continua frequentando para passear e fazer suas compras. Ele nos autorizou a levar a foto conosco para fazer cópias, uma para nós e outra para seu Sebastião. Depois do papo com seu Sebastião e seu Amâncio, isso já por volta das 11h, fomos falar com mais feirantes. Passamos pela banca de outro Sebastião que não queria responder, mas acabou respondendo tudo, só se recusou a falar o nome o que descobrimos depois com outro feirante. Ele sempre simpático e com bom humor. Falamos com a Dora do calçado, dona de uma banca especializada em calçados. De nossa conversa com ela, o mais interessante é quando ela conta que mesmo concursada, trabalhando em um laboratório de radiologia da USP em São Paulo ela escolheu voltar para o interior e trabalhar na feira por causa dos filhos. "Há coisas que valem mais do dinheiro. Meus filhos são mais importantes para mim", diz ela. A última banca que visitamos e a que mais demoramos foi a de Ruy e de seu Raimundo. São bancas diferentes, Ruy vende legumes e frutas, mas o carro chefe são as verduras. Logo ao lado dele está uma pequena banca que vende pães e doces caseiros. Quem está nela é seu Raimundo que está substituindo a esposa. Começamos a conversar com eles e a conversa acabou rendendo bastante. Falamos sobre o nosso projeto, sobre o livro. Seu Raimundo se empolgou falou um pouco dele, de sua religiosidade. Os dois nos trataram muito bem e se mostraram bastante

dispostos a ajudar. Depois desta banca seguimos caminhando até o final da feira somente observando. A partir das 11h30 a maioria já começa a recolher as coisas, desmontar as bancas, guardar as mercadorias. O público neste momento diminui bastante, mas o fluxo segue. Ouvimos a fala de uma mulher que reclama de determinado preço no fim de feira de determinado produto que está murcho. As bancas do pastel seguem bem movimentadas com mesas e cadeiras espalhadas pela calçada. Neste momento predominam os jovens e as famílias com crianças pequenas. Há bastante movimentação dos feirantes. Vemos vários visitando outras bancas, comprando nas bancas dos colegas ou indo simplesmente conversar com os vizinhos. A impressão é a de que todos se conhecem, todos se ajudam e que ali é uma grande família mesmo. Neste horário e onde pode-se observar melhor a feira em relação ao espaço e ao ambiente. Ela modifica bastante o espaço já que a Avenida é umas das principais e grande parte dela fica fechada. No outro lado da avenida o movimento de carro é intenso. Percebe-se a falta de lugares para estacionar na via ao lado já ocupada com os veículos dos feirantes. As calçadas atrás das bancas, algumas delas estão sempre ocupadas. Estabelecimentos ficam escondidos. Há um restaurante ou churrascaria onde suas mesas se confundem com as mesas de uma banca de pastel. Percebe-se muita circulação de pedestres saindo e entrando na feira o que de certo modo dificulta o trânsito. Depois disso, ao 12h00 deixamos a feira e fomos embora. Identificamos dez bancas, dez feirantes. Pouco, pretendíamos falar com bem mais, ultrapassar os 17 da semana passada. Nos estendemos demais nas conversas. O que tiramos de proveitoso e que já fizemos amizade, grande parte dos feirantes já nos conhece, já sabe do nosso projeto e estão dispostos a ajudar, além de termos ouvido muitas histórias, conhecido bons personagens que provavelmente serão muito úteis no decorrer deste trabalho.

RELATÓRIO DE OBSERVAÇÃO DIRETA E INTENSIVA**DATA: DIA 31 DE DEZEMBRO DE 2017****LOCAL: FEIRA DA AV: MANOEL GOULART, PRESIDENTE PRUDENTE.****ELABORADO POR RAFAEL BARBOSA DOS SANTOS**

Chegamos a feira no dia 31, último dia do ano de 2017, às 7h25 da manhã. Neste horário imperava o silêncio e um movimento muito pequeno. Poucos feirantes já atendiam; alguns outros terminavam de montar as bancas enquanto outros tantos estavam apenas começando. Muitos espaços vazios. Talvez por se tratar do último dia do ano o que significa festas logo mais à noite, alguns feirantes se permitiram chegar um pouquinho mais tarde. Em primeiro lugar visitamos a banca de seu Sebastião. Devolvemos a foto que seu amigo nos emprestou, ele sempre muito simpático. Guardamos nossas coisas no carro e fomos caminhar. Antes de começar a falar com os feirantes, decidimos caminhar pela feira de ponta a ponta. Cumprimentamos muitos feirantes já conhecidos, percebemos outros tantos olhando com olhares meio ressabiados. Neste horário, tudo ainda muito tranquilo. O céu estava nublado e a chuva já se anunciava. Durante o percurso foi possível notar feirantes se visitando, fregueses parando para conversar amigavelmente e sempre com os votos de “feliz ano novo”, demonstrando nisso uma relação, uma espécie de laço. Há muitos fregueses, em sua maioria senhorinhas, com seus carrinhos de feira, já naquela altura carregados de mercadorias. Um detalhe que observamos é a forma criteriosa com que esses fregueses mais velhos escolhem o produto, apalpam tudo o quanto podem, com intimidade fazem perguntas aos feirantes do tipo “essa fruta é de hoje”, “isso está bom, não está”, coisas do tipo. É como se para essas pessoas a feira fosse mesmo um ritual. Seguimos adiante até o final da feira onde se encontra uma banca de pastel do Paraíso, com bastante espaço e com uma visível organização. Quatro pessoas trabalhando ali; enquanto o Sérgio prepara a massa e recheia os pastéis, a esposa Sinira frita os pastéis e os outros dois meninos (ajudantes) se dividem entre atender as mesas e receber o dinheiro; claro que não resistimos e já de cara paramos para comer um pastel. Enquanto comíamos, conversávamos sobre o nosso trabalho, o projeto de TCC, sobre o que já foi feito e o que ainda está por vir, mas não sem observar. Essa banca do pastel é bastante frequentada. Ao nosso redor, nas outras mesas, famílias, casais, pai e filha, mãe e filha, dupla de amigos e até gente sozinha comendo pastel. O pastel é realmente a sensação da feira. Notamos uma conversa entre a moça, Sueli, que fritava os pasteis e dois clientes, pai e filha (que eram de Bauru), os dois elogiavam o atendimento e a organização da pastelaria; a menina disse que nem em restaurante se vê tamanha organização e atendimento; quando os dois pagaram e foram embora. A mulher falou da satisfação em ouvir o elogio. Deu para notar a importância daquele trabalho para eles. Terminamos de comer o pastel e fomos identificar a banca, levantar os dados. Fizemos nossa entrevista, a primeira do dia. Saímos da banca do pastel Paraíso por volta de 9H03 (lembrando que além de observação, conversamos bastante com Sr Sérgio e a Sinira). Demos início as entrevistas nas outras bancas. Resolvemos começar pela outra ponta da feira, inversamente a que tínhamos começado nas semanas anteriores. Conhecemos seu Antônio Breda, um senhor que com seus inacreditáveis noventa anos, toca sozinho sua banca. Com gestos lentos ele atende sua freguesia, mas com muita simpatia e doçura. A balança em que ele pesa as mercadorias é uma daquelas relíquias que nem sabemos como funciona que por sinal é a balança de quando começou os trabalhos na feira; ele dá o preço sempre com muita precisão; nos conta que já está há quarenta anos (ou mais, ele não se lembra com precisão) na feira da

Manoel Goulart. Falou conosco com muita disposição; enquanto entrevistávamos ele, surgiu uma cliente que parece estar habituada a comprar com seu Antônio Breda. Ela falou que sente admiração por ele e gosta sempre de comprar ali naquela banca. Por outro lado, uma outra cliente, com certo mau humor, reclamou da demora de seu Antônio, disse que estava com muita pressa. Tivemos que ajudar seu Antônio neste momento, ele que atendia duas freguesas ao mesmo tempo. Enquanto ele cortava um coco para uma e a outra, a tal “mau humorada”, exigia que ele recebesse o dinheiro, e colocasse os quiabos na sacola rapidamente. A Nayene então, colocou a mercadoria na sacola, e recebeu o dinheiro para senhor Antônio e ele até agradeceu a ajuda. E sorriu. Nos despedimos de seu Antônio e seguimos em frente. Passamos em outras bancas. Mas o tempo de chuva começava a se firmar mais e mais. O céu cinza, o vento demonstrava que a chuva já se aproximava. Para a entrevista com o senhor Júlio, um japonês bastante arisco e de poucas palavras, tivemos que esperar um pouco, analisamos sua personalidade, seu modo de atender, e sem falar que a banca dele estava com vários clientes, e ele estava sozinho para atender à todos. Ao ver que o movimento deu uma amenizada, fomos chegando de vagar, pois notamos o quanto ele era tímido, de poucos palavras. Nos apresentamos e começamos a bater um papo, ele conversava com a gente, contava as moedas de troco, tudo ao mesmo tempo; aí fomos interrompidos por clientes, tivemos que esperar mais um pouco. Quando ele começou a falar um pouco mais, nos dando atenção à chuva já estava prestes a cair. Os fregueses que surgiam para comprar uma bandeja de ovos, falava da chuva que chegava. Seu Júlio temia o vento, mas dava como certa a chuva, logo correu para terminar de colocar a lona do lado de cima da banca, para não se molhar. Não deu outra, e logo começaram os chuviscos. Seu Júlio começou a arrancar as lonas de cobertura de sua banca temendo que o vento as arrancasse e usou isso como desculpa para interromper a entrevista. A chuva tornou-se intensa e as 9h49 e tivemos de nos abrigar na calçada de um bar do outro lado da Avenida para não nos molharmos. Ficamos lá um bom tempo até a chuva passar. Outras pessoas saíam da feira abrigaram-se lá também. Observávamos muitos fregueses caminhando na chuva, outros precavidos usavam seus guarda-chuvas e não deixavam de comprar as mercadorias. Enquanto os feirantes, sempre com um cabo de vassoura ou qualquer outro objeto comprido, pressionavam a lona para despejar a água que se acumulava nelas. Seu Júlio, sozinho em sua banca na maior correria. Observávamos ele guardando bandejas de ovos em seu caminhão para não molhar. Uma outra hora foi até o bar onde nos estávamos, com mais bandejas (deixou sua banca sozinha por quatro minutos). A chuva veio intensa e foi amenizando, até passar. Minutos depois, acabando de passar das 10h00, a chuva cessou e voltamos para a feira. Falamos com mais alguns fregueses. Apenas um se recusou terminantemente a falar conosco, o Alex de uma banca de frutas, mas afirmou que em outra ocasião falaria. Coletamos dados dos feirantes até paramos no último do dia, na banca do Jorge Luíz, uma banca bastante extensa, mais de 12 metros de largura, onde ele trabalha com seu sobrinho, o Daniel. Nos demoramos bastante na banca do Jorge, pois enquanto esperávamos para falar com ele, ficamos observando a sua interação com seus clientes que eram muitos. Jorge e seu sobrinho não paravam, a todo instante alguém se aproximava perguntando das mangas, das abóboras e demais produtos e é incrível como Jorge parece ter uma relação de amizade e intimidade com todos os fregueses, mesmo com aqueles que aparentemente compravam ali pela primeira vez. A banca de Jorge é bastante animada e ele parece aquele típico feirante, bastante representativo do universo, do dinamismo do local. Com seu sotaque carioca – ele veio do Rio é sempre brincalhão, extrovertido, soltando uma piadinha aqui e outra lá, sempre que um cliente

se aproxima da banca ele negocia com o freguês valores, produtos, na sua agitação. Quando chegamos em sua banca ele descascava o palmito para um cliente, enquanto isso parava para atender outros e conversar conosco, tudo ao mesmo tempo. A sensação que se tem é que ali Jorge se sente em casa. Ele nos contou que nem sempre foi assim. Um dia ele já foi muito tímido, ao pondo de mudar o percurso só para não falar com vizinho, no entanto pelo fato de trabalhar com venda desde sempre e o universo da feira, moldaram seu jeito de atender, a sua abordagem. Guardamos o momento em que ele, explicando um pouco de sua forma de ser e interagir com os clientes na feira, disse "Feira tem que ser assim", ou seja, ele entende, reconhece e pratica um mecanismo próprio da atividade feira para vender seus produtos. Ainda na banca de Jorge conhecemos alguns fregueses, todos amigos de Jorge. Uma senhorinha de 87 anos acompanhada de seu carrinho, bastante simpática e bem-humorada que retrucava as brincadeiras de Jorge, sem perder a piada, sustentando o tom, a leveza daquela interação. Falamos com ela, ela falou de seu marido de 91 anos, falou que todo domingo está na feira e ao sair com a meia dúzia de banana que comprou Jorge, desejou ano novo para todos nós e desejou estar viva por mais tempo, pelo menos até os 90. Ela desejou feliz ano novo para Jorge segurando suas mãos, desejou para ele e toda a família dele, que claro, retribuiu. Muito carinho, respeito e verdade envolvido naquele momento. Outro freguês de Jorge, com o mesmo tino para piada e brincadeira se demorou bastante na banca para escolher uma abóbora. Tratava-se de um senhorzinho que teimava em levar uma abóbora que Jorge dizia não ser boa para fazer doce. Jorge tentava fazer ele levar uma outra abóbora. O senhorzinho chorava no preço, pechinchava mais do que tudo. Acabou fazendo Jorge cortar uma abóbora e vender por um preço bem abaixo de seu valor real. A peça valeria 9 reais e uns quebrados, Jorge fez por oito, e o senhor pagou sete, e aos risos Jorge recebeu os sete reais. Esse senhor da abóbora estava acompanhado de um casal, a moça era sua filha. O casal aparentemente não é de Prudente, no que foi possível entender, eles são de Campinas. Simpáticos também entraram na brincadeira de Jorge. Devem ter vindo passar o ano novo com o pai e a família. O curioso nesse casal foi que os dois se comportavam como turistas, apreciando tudo, tirando foto, degustando as frutas, quase que como encantados com tudo. Esse momento que passamos observando a banca do Jorge, a sua forma de atender, o seu carisma, a sua relação com os fregueses, a sua forma de negociar, o comportamento desses fregueses, tudo isso deu para entender um pouco melhor o dinamismo da feira. A banca do Jorge, sem um nome especial, é um microcosmo da feira da Manoel Goulart e da Feira enquanto cultura, espaço social e universo particular. Por volta das 11h20 tivemos de ir embora e demos por encerrada essa visita. O que se pôde observar nesse dia foi que talvez pela data especial ou pelo tempo de chuva, o movimento foi bem menor em relação as semanas anteriores. O fluxo de pessoas foi pequeno. A feira estava bem tranquila, quieta, com vários espaços sobrando, muitos feirantes aparentemente faltaram. Confirmamos coisas que já havíamos percebido antes, na semana passada. Os vendedores ambulantes, transeuntes, pedintes, público mais velho de manhã, e no avançar das horas o público mais jovem (apesar que nesta visita quase não vimos). Famílias inteiras passando, ponto de encontro de amigos, as relações entre os feirantes vizinhos. A modernidade em contraponto ao tradicional, dentre outras coisas. O que se evidencia mais com essa visita é que a feira é realmente um espaço democrático, que envolve fatores econômicos, sociais e culturais e que parte de sua dinâmica se estabelece pelo caráter contemplativo que ela estabelece. As pessoas não estão ali apenas para comprar e gastar, elas passeiam, elas conversam, elas observam, elas olham com curiosidade, elas

apreciam, se envolvem. Não é só gastar, é gostoso caminhar na feira, sentir o cheiro, observar gente diferente, de todo tipo, o ambiente é acolhedor. Há um clima diferente ali; quando se vai há um supermercado ou em alguma loja, a sensação que se tem é que aquilo é uma atividade individual, quase solitária e superficial. Numa feira não, feira é gente, é interação, é coletivo, é sentir-se parte de algo, é desbravar, é conhecer coisas diferentes, desde a miçanga que o ambulante; vende-se até uma fruta que você não está habituado a ver, como a seriguela que não comia desde pequeno que o Jorge Luiz, o feirante extrovertido me deu. A feira é um evento a mais.

RELATÓRIO DE OBSERVAÇÃO DIRETA E INTENSIVA**DATA: DIA 06 DE JANEIRO DE 2018****LOCAL: FEIRA DA AV: MANOEL GOULART, PRESIDENTE PRUDENTE.****ELABORADO POR BEATRIZ DA SILVA MOURA**

Uma das visitas mais difíceis até agora foi ir à feira no sábado devido a quantidade de pessoas que circula por lá. A maioria dos feirantes não queria ou não podiam falar porque tinha muita gente para atender. Chegamos no local por volta das 16h quando os feirantes ainda estavam sentados esperando o fechamento da avenida para montar as barracas, os que conseguimos falar foi nesse período, conversamos com alguns até chegarmos ao Paulo, recém-formado em Agronomia e praticante na feira desde criança com influência de seu pai. A conversa rendeu bastante, talvez por ser de nossa idade e ter linguagem semelhante. Ficamos bastante tempo na barraca, até que 17h a avenida fechou e todos começaram a montar suas barracas, clientes começaram a chegar aos montes, como se tivesse “aberto a porteira”. Conversamos com mais alguns e passamos a entender mais sobre a feira, por exemplo, aos sábados a quantidade de gente é maior porque as mercadorias na feira de sábado são frescas, no domingo são as “sobras”, de sábado todos os feirantes possuem um ponto fixo, no domingo eles meio que trocam de lugar uns com os outros. Quem nos disse isso foi Luiz, aos sábados ele tem o ponto fixo que se localiza no meio da avenida, já aos domingos ele troca de lugar com um amigo e vai lá para o final da feira. Podemos perceber que apesar de ter bastante pessoas que frequentam elas vão à feira para comprar mercadorias frescas, muitas vão também para jantar na feira, já que ela acontece das 16h às 22h, as famílias vão para a feira para terem um momento de lazer com a família. A visita só não se estendeu por mais tempo pois começou a chover com intensidade e a chuva demorou a passar. Começou a anoitecer e decidimos encerrar por ali e continuar em outro dia.

RELATÓRIO DE OBSERVAÇÃO DIRETA E INTENSIVA**DATA: DIA 07 DE JANEIRO DE 2018****LOCAL: FEIRA DA AV: MANOEL GOULART, PRESIDENTE PRUDENTE.****ELABORADO POR NAYENE CARDOSO FURMIGARE**

O primeiro domingo do ano de 2018 e do mês de janeiro, era 7h35 da manhã quando cheguei na feira, estava com aquele tempinho fresco, a chuva tinha dado uma trégua, uns feirantes já estavam com suas barracas montadas, alguns ainda montavam, e outros chegavam; via como de costumes caixas, caixotes cheio de mercadorias para serem colocadas nas bancas. Observei muito espaço vazio, mais do que na véspera de ano novo, ao chegar no meio da feira não se via barracas, e os feirantes diziam que por ser início de ano, pós festas eram normal, tanto que o silêncio predominava ainda mais a Av Manoel Goulart. A primeira coisa que eu fiz, foi ir de ponta a ponta da feira, fui cumprimentando aqueles feirantes que já havia conhecido, parei pra conversar um pouco, perguntar sobre as festas de final de ano, se estavam bem, enfim aquele velho papo de pós-natal e ano novo. Já era as 08h02 e as “senhorinhas” começavam a chegar com seus carrinhos para as compras, um detalhe foi o bom humor por parte de todos os feirantes e dos fregueses, e todos eles dizendo “acabou a festa, e vamos começar tudo de novo”, “o ano nem começou direito e o IPVA já veio de presente”, “acabou as festas e ficou as dívidas”; e outras coisas do tipo. Assim como da outra vez, comecei do final da feira (onde eu e o Rafael paramos) para o início. A primeira banca a conhecer foi a banca da Dona Hilda, onde se vende roupas calças, blusas, vestidos, regatas, cada um com o seu tamanho, e cor; tudo muito bem organizada. Seu cliente é mais do sexo feminino, e acima dos 36 anos, mesmo com pouco espaço dona Hilda oferece para suas clientes para experimentar suas roupas, ela mesmo improvisa segurando o espelho. Bem simpática, ela conta como começou na feira, e diz contar com a ajuda de seu marido senhor Geraldo, que só não estava presente neste dia porque tinha feito uma cirurgia de catarata e estava de repouso. Conheci a Floriza Batista, onde vende flores e mamão, antes da feira trabalhava no Ceasa, onde hoje quem cuida é seu filho, enquanto ela e o marido Fidelcio vão para a feira aos domingos. Com gestos de carinho, e cuidado ela atende um a um de quem vai a sua barraca, sempre com bom sorriso. Passei pela banca do senhor Roberto que vende brinquedos, meio esquivado não quis me dar muitas informações, deu a desculpa da chuva e mandou eu voltar um outro dia. Segui para a banca do s.r. Nelson Ruiz um senhor bem simpático conversador, e sorridente, aos poucos ele me contou sua história de vida, o modo de viver, e tudo o que já passou na vida; me contou desde a época de criança, o casamento e dos filhos, netos, e modo de viver hoje em dia; um homem carente de ter alguém para conversar, bem atencioso, e honesto ao extremo, eu inclusive até ajudei com atendimento de tanto que sua banca é procurada. Mais adiante conheci Luiz Uramoto, um japonês tímido, de poucas palavras, quase não se ouve o que diz, seu atendimento é sempre seco, sem risos. Logo à frente conversei com o Sidnei Nascimento que tímido me contou com detalhes de como se inseriu no ambiente da feira, bem simpático e vergonhoso. Mas adiante fiquei observando dona Fátima Magnezze, uma senhora muito querida pelos fregueses e bem procurada, o tempo todo descascando os milhos com todo cuidado, ajeitando na banca com uma delicadeza expendida; bem atenciosa parou por alguns minutos e me contou um pouquinho da sua vida, além de ser uma pessoa incrível se mostrou que é sozinha, não casou e não tem filhos, não constituiu família. Ao contrário de senhor Domingos um homem que esbanja agilidade com tudo o que faz, faz anúncios altos dos seus produtos, uma banca menos movimentada e não tinha tanta variedade. Como já

estava cansada parei em uma sombra e fiquei analisando e pensando em tudo que eu ouvi as histórias diferentes o que fez cada um estar naquele ambiente. Um comércio urbano pequeno, onde cada um usa um teor simples de propaganda como a “boca a boca”, faixas com o nome da banca, banners e claro a simpatia e a amizade que um tem com o outro, todos inseridos em um sistema social e cultural. Logo avistei Dona Maria Isabete, ela tem um carrinho que vende Garapa. Antes de ir falar com ela fiquei olhando seus movimentos, sua forma de atender, e de ficar sentadinha quando não se tem cliente. Uma senhora que eu fiquei apaixonada por conversar e ouvir tudo que tinha para me falar. Ficamos conversando mais de 2 horas e meia. Conversamos sobre tudo, sua vida, como conheceu seu esposo Valdemar, me contou um pouquinho da convivência de cada filho, os netos, sempre sorrindo e dizendo que é apaixonada pela vida e que o amor por Valdemar só aumenta. Deu-me muitos conselhos, sobre casamento, profissional, e espiritual também. Uma senhora que transmite paz, amor, conforto, eu não queria mais parar de lhe dar atenção a ela; notei o quanto sente falta de ter alguém mais jovem para conversar, tão simpática que me deu um copo de Garapa, e olha que eu nunca tinha tomado, foi a primeira vez a experimentar e acabei gostando. Sua banca é bem procurada, movimentada, sempre chegando gente e a forma dela acolher a todas é maravilhoso, mesmo com 72 anos lembra todas as datas perfeitamente que a marcou em sua vida, fiquei admirada com sua inteligência. Ao me despedir, ela me convidou para ir a sua casa qualquer dia tomar um café e conversar, e claro disse que iria assim que possível. Mas tive que ir terminar a visita e conversar com outros feirantes. Ao sair da banca de dona Maria fui conversar com o José Pedro, conhecido como Baixinho, bem tímido, de poucas palavras conversou somente com o necessário comigo, ficou meio desconfiado. Outra pessoa incrível que conversei foi o sr Alcides Cordeiro, muito bem-disposto, conversamos por muito tempo também, vendedor de plantas ele é bem procurado, fomos interrompidos várias vezes para ele atender a clientela. Além de bom comerciante, sabe muitas técnicas de plantas, lugares para melhor plantar, bem-humorado sempre fazendo piadas e brincadeiras com seus fregueses. Para finalizar as entrevistas passei na banca da dona Denise Maria e do esposo Nivaldo, juntos fazem feiras em várias cidades, sempre bem atenciosos, me contaram com detalhes as diferenças de uma feira para outra. Contudo notei que a feira livre exerce sim um papel fundamental, para a população de Presidente Prudente e para os municípios vizinhos; vi e conversei com pessoas de Tarabai, Regente Feijó, Indiana, Rosana, Pirapozinho, Osvaldo Cruz e Venceslau; nela encontramos grande diversidade de produtos hortifrutigranjeiros e agropecuários, abastecendo a população pelo consumo de diversos produtos. A feira livre da Manoel Goulart é uma forma de atividade bem forte e de importância familiar, passada de geração a geração. Na feira não se encontra tanta burocracia para comercializar produtos, o capital é pequeno e ao invés de contratar pessoas para trabalhar a feira envolve a própria família, filhos e netos, para ajudar na mão de obra dos “serviços”. Até agora com todas as entrevistas feitas, o que pude perceber que a feira é um sistema capitalista, assim como tudo que está a nossa volta; onde o dinheiro predomina a rotatividade da feira da Manoel Goulart. Finalizei as entrevistas 12h02 muitos feirantes já tinham ido embora, e outros estavam desmontando as barracas. Nesse momento o único barulho que se ouvia era dos ferros sendo desmontados.

RELATÓRIO DE OBSERVAÇÃO DIRETA E INTENSIVA**DATA: DIA 14 DE JANEIRO DE 2018****LOCAL: FEIRA DA AV: MANOEL GOULART, PRESIDENTE PRUDENTE.****ELABORADO POR RAFAEL BARBOSA DOS SANTOS**

Cheguei na feira neste domingo por volta das 7h30. O tempo estava extremamente nublado vindo de dias anteriores bastante chuvosos. Como de costume, a princípio muito pouco movimento. Feirantes ainda montando suas bancas, alguns espaços vazios. Neste domingo, levei a câmera para fazer fotos. Em um primeiro momento optei por percorrer toda a feira sem tirar a câmera da bolsa. Muitos feirantes reconheceram e acenaram. Poucos clientes neste início de feira. Percebe-se certo olhar de incerteza entre os donos das bancas. Alguns se visitando neste momento. Alguns com um copinho de café na mão. Depois de percorrer toda a feira, tirei a câmera da bolsa e timidamente comecei a fazer algumas fotos. Minha intenção era fotografar mesmo as bancas, as pessoas, as interações entre elas e tudo o mais. Percebi que os olhares se voltaram para mim, alguns com curiosidade, outros com desconfiança. Comecei a fazer fotos indiscriminadamente, mas quando queria fotografar uma banca em específico pedia autorização e na maioria dos casos obtive respostas positivas. Segui percorrendo a feira fazendo fotos, prestando muita atenção na interação entre o cliente e o freguês, no modo como o freguês escolhe um produto, apalpa uma fruta ou um legume, em algumas atividades como um feirante que corta algo, as placas, a disposição destas, a maneira com que os produtos são expostos. Muitos seguem uma lógica, uma organização, já outras parecem não seguir qualquer padrão. Um detalhe que é sempre interessante de se observar e que ao longo de todas as visitas percebemos se tratar de algo inerente a feira são os encontros e as conversas que as pessoas jogam fora na feira. São fregueses que se encontram e param para bater papo. Grupinhos de senhoras ou senhores que se cumprimentam, ou cumprimentam os donos das bancas, que riem juntos. Outro detalhe que quis registrar são os diferentes tipos de pessoas que por lá circulam, os jovens, os casais, as famílias, as pessoas de mais idade. Pais passeando com as crianças pequenas, com o cachorrinho. Nesta visita preoquepei-me mais em observar e em fazer fotos. Tive apenas conversas informais com alguns feirantes que já me reconhecendo, davam dicas de onde fazer fotos, o melhor lugar, as melhores coisas para se fotografar, que desejavam um bom trabalho. Outros que voltavam a atenção para câmera e que até chamavam para fotografar suas bancas. Muitos queriam que fotografasse os produtos, mas não eles mesmos. Outros por sua vez se ofereceram para serem fotografados e até pose fizeram. É claro, que tive algumas negativas de feirantes desconfiados que não quiseram ser fotografados. Por volta das 8h parei para comer um pastel. Sentei-me, olhei as fotos que até então tinha feito. Na banca do pastel bastante movimento. Naquela altura o sol já se manifestava, o tempo nublado havia ficado para trás e o fluxo de pessoas aumentara. Depois de comer um pastel, fiquei lá entre quinze e vinte minutos, voltei para a feira para fotografar. Reencontrei o simpático Sr. Antônio, de noventa anos que sentadinho atrás de sua banca saboreava um pastel. Pedi para fazer fotos dele e ele bastante simpático autorizou. Deixando o meio da feira de lado resolvi fotografar as calçadas que separam a avenida da feira do outro lado onde o trânsito é contínuo. Quis registrar o modo como as caminhonetes, carros e demais veículos dos feirantes, posicionados atrás das bancas estão estacionados, organizados, bem como as coisas deles, como caixotes, sacos de plástico e mercadorias estão dispostas na calçada e de como isso interfere no trânsito. Fui e voltei até o fim da feira várias e várias vezes. Parei para tomar uma garapa com

limão, cujo carrinho estava cercado de pessoas. Àquela altura o sol estava bem quente, bastante calor. O movimento já era grande, as pessoas já se esbarravam umas nas outras, feirantes atendendo a três ou quatro fregueses de uma vez só. Percorri a feira várias vezes até que por volta das dez e meia me deparei com um sujeito que começava a captar a atenção dos muitos passantes na feira. Com algumas bugigangas que ele tirava de uma mochila e espalhava pelo chão, ele começava a falar uma porção de frases que a princípio me pareciam desconexas, mas depois compreendi que se tratava de um número de mágica. No início poucas pessoas pararam para dar crédito ao rapaz, entre feirantes e passantes. O rapaz para além das mágicas, tem um discurso poderoso, que alterna entre a sua história, sua trajetória, suas experiências de vida até comentários sobre situações do país, frases de efeitos, piadas, uma graça e outra. Devagarinho ele foi atraindo mais e mais gente para perto de si. Mais do que truques de mágica, ele propunha um pequeno espetáculo e utilizava muitos recursos como a fala, algo próximo dos stund-ups, expressões corporais, com movimentos de capoeira e obviamente a mágica. O mágico em questão fez uma nota de dois reais transformar-se em cinquenta reais, fez um punhado de jornal dentro de saco de pano transformar-se em um misterioso bicho, prometeu fazer surgir um pinto de dentro de um saco. Pediu relógio de um dos espectadores para usar em seu número. Aparentemente quebrou o relógio ao jogar uma peça toda desmontada no chão e prometeu fazer de o relógio voltar inteirinho. Assim com muito humor, frases de efeitos, e com vários macetes para fisgar o público o sujeito foi chamando mais e mais atenção até que um círculo bem grande de pessoas se amontoou em volta do mágico para ver seu espetáculo. Ele fez as pessoas interagirem e participarem do número, inteligente ia sempre prometendo o melhor para o final, buscava surpreender o público no meio do número. Sua apresentação foi se estendendo bastante, muitos foram desistindo de aguardar seu show final, mas outros pararam para vê-lo. No meio do número começou a divulgar produtos para vender, como uma pomada que ele julga milagrosa e depois um outro pó para efeitos medicinais também. Fiquei acompanhando o show do famoso mágico por um bom tempo. Depois que ele devolveu o relógio para o rapaz decidi seguir não esperar pelo final e seguir na feira. Fiz mais algumas fotos. Conheci uma senhora muito simpática que gostou da câmera. Conversamos um pouco sobre a feira, sobre o nosso trabalho, sobre fotografia. Ela me conta que vem de São Paulo e sempre que está em Prudente ela acompanha sua mãe até a feira que gosta de ir para comprar em especial mudas de plantas. Voltei ainda para ver o mágico, mas ele já tinha terminado seu número. Por volta das 11h30, com vários feirantes já se preparando para ir embora, guardei a câmera e fui embora.

RELATÓRIO DE OBSERVAÇÃO DIRETA E INTENSIVA**DATA: DIA 21 DE JANEIRO DE 2018****LOCAL: FEIRA DA AV: MANOEL GOULART, PRESIDENTE PRUDENTE.****ELABORADO POR RAFAEL BARBOSA DOS SANTOS**

Chegamos na feira neste domingo um pouco mais tarde do que o de costume, já por volta das 8 horas. Pela primeira vez a equipe toda reunida embora ainda faltava a Beatriz para chegar. O sol era intenso prometendo um dia quente, ensolarado e consequentemente com bastante movimento. Alguns poucos feirantes ainda terminavam de montar suas bancas enquanto outros, mesmo com a lona ainda por cobrir a banca, já atendiam os primeiros clientes a todo vapor. Neste horário muita gente já na feira, sobretudo os senhores e senhoras. Levamos câmera e pretendíamos terminar as entrevistas com os feirantes, conhecer alguns que ainda faltava conhecer. Em primeiro lugar fomos até a banca de seu Sebastião entregar a foto que prometemos a ele lá nas primeiras visitas, a foto da feira antiga, de anos atrás. Ele ficou bastante contente com a foto que colocamos em um porta-retrato. Saindo da banca do seu Sebastião percorremos toda a feira, reconhecendo os feirantes com quem já falamos e identificando os que ainda faltava conhecer. Muitos deles nos cumprimentando, acenando, sorrindo. Optamos por sentar para comer o pastel antes de darmos início as entrevistas. Antes, porém, paramos para tomar uma garapa com limão geladinho do carrinho de um simpático casal Dona Maria Isabete da Silva, esposa do senhor Valdemar; já conhecido na visita anteriores. Em seguida, fomos a banca de pastel Paraíso, que já estamos acostumados a ir e sentamos para comer por volta das 8h30. Bastante movimento no pastel neste horário, ao ponto de faltar mesas para os fregueses. Os dois meninos que lá trabalham percorrendo de um lado ao outro para dar conta de atender todo mundo. Casais, famílias inteiras, grupos de amigos etc. Ficamos bastante tempo no pastel, levantamos depois das 9h. No momento de sairmos, enquanto fomos pagar, vimos um grupo grande de pessoas que juntaram umas duas mesas e sentaram para comer. Não sabemos se era uma família ou um grupo de amigos que saiu de algum lugar, mas contava com umas oito, nove pessoas de diferentes idades. Saindo do pastel percorremos a feira toda mais uma vez para encontrar último membro do grupo a Beatriz. Equipe reunida conversamos sobre as outras etapas ainda a serem cumpridas como as pesquisas de dados em órgãos públicos. Conversamos, acertamos algumas coisas e fomos para as entrevistas que faltava e para as fotos. Isso já era quase umas dez horas. Acabamos perdendo um bocado de tempo neste dia. A feira estava bastante cheia. Sem dúvida um dos domingos em que esteve mais lotada. Começamos pelo rapaz que vende plantas, mudas de plantas e flores com diversas variedades. Sua banca é seu próprio caminhão, além dos vasos que ele espalha pelo chão. Tudo muito bem organizado em uma exposição bem criativa. Tivemos que ter certa paciência para falar com ele já que sozinho ele atende muitas pessoas e são muitos os interessados por suas plantas. Davi foi muito simpático e solícito conosco. Seguimos caminhando pela feira e conhecendo novos feirantes. Conhecemos um rapaz de vinte anos, o Gabriel, aluno da FACOPP, sétimo termo de publicidade que nos reconheceu da faculdade. Ele trabalha vendendo peixes, toda sorte deles. Em geral conta com a ajuda do pai que está na feira há vinte e cinco anos. Gabriel conta que cresceu trabalhando na feira e que gosta do que faz. Ainda caminhando conhecemos o seu Darcy, uma figura. Das pessoas mais simpáticas e amáveis que conhecemos ali. Nem precisamos explicar de onde éramos e o que queríamos, ele topou conversar numa boa, muito solícito e generoso. Cheio de fazer graça cumprimenta a todos e não para sua banca está

sempre movimentada com fregueses interessados nas bonitas folhas de alface que seu Darcy vende. Senhor Darcy respondeu as nossas perguntas, falou de seu casamento, de sua felicidade, de sua realização como pessoa, como feirante etc. Uma conversa das mais formidáveis que tivemos na feira. Foi na banca de seu Darcy que conhecemos um sujeito que trabalha para um dos vereadores da cidade. Ele estava colhendo assinaturas para um abaixo-assinado em prol da instalação de banheiros para os feirantes. Ele pediu ao ser Darcy e a nós para assinarem. Nos mostrou um documento que comprova a autorização da prefeitura para a instalação dos banheiros. Ele nos falou sobre algumas carências da feira, sobre questões de segurança, de higiene, os cuidados com o lixo, dentre outras coisas. Pegamos várias informações com ele, inclusive cópia do documento. Nos despedimos de seu Darcy que desejou toda a sorte e bênçãos para o nosso trabalho e fomos atrás de um grupo de artistas que fazia música e recolhia alimentos percorrendo por toda a feira. Tratava-se de um grupo de quatro pessoas. Eles cantavam e tocavam instrumentos que mais tarde viemos a descobrir serem típicos do Norte, da região do Pará. Fizemos fotos deles e fomos abordados por uma moça do grupo que veio pedir para compartilharmos a fotografia na página deles. Batemos um bom papo com ela. Ela nos contou que eles viajam o país todo sempre levando música, a cultura do Pará, se apresentando em espetáculos contratados ou simplesmente na rua, "passando o chapéu" como eles dizem ou recolhendo alimentos para se apresentarem. Ela nos contou que eles estavam hospedados no galpão da lua que os acolheu em Presidente Prudente e que estavam de partida para São Paulo. Cessada a conversa ela se juntou novamente ao grupo que seguiu se apresentando. Seguimos com as entrevistas passamos por diversas outras bancas, conhecendo o pessoal e reencontrando feirantes já conhecidos. Até nos despedirmos e irmos embora por volta das 11 horas. Além dos músicos e do abaixo-assinado relacionado as carências da feira, não observamos nada fora do que já havíamos observado antes. Foi um domingo típico, com bastante movimento, com várias famílias, jovens, idosos, pessoas de todas as idades caminhando, grupos conversando, as interações, o comportamento dos feirantes e fregueses, nada de muito novo.

RELATÓRIO DE OBSERVAÇÃO DIRETA E INTENSIVA**DATA: DIA 04 DE FEVEREIRO DE 2018****LOCAL: FEIRA DA AV: MANOEL GOULART, PRESIDENTE PRUDENTE.****ELABORADO POR NAYENE CARDOSO FURMIGARE**

Cheguei na feira era 8h06 estava com um sol e um excelente dia. Como de costume fui de uma ponta a outra para verificar como estava a feira, se os feirantes que havia faltado estavam, e cumprimentei uma á um. Os feirantes estavam montando suas barracas, colocando seus produtos ainda nas bancas, organizando, deixando tudo em ordem. A princípio observei pessoas novas e mais vendedores ambulantes, a grande maioria deles vieram do Nordeste, e vendiam baldes e bacias. Não quiseram conversar muito, acharam que eu era da fiscalização de início, e depois expliquei sobre o trabalho da faculdade, mas mesmo assim não quiseram conversa mais profundo. Ouvia-se falar de futebol o “campeonato Paulista”, outros do momento econômico do país, e claro do movimento fraco da feira; mas a grande maioria sempre sorrindo e brincando. No início da manhã, encontra-se senhoras com seus carrinhos de compra, escolhendo com detalhe os produtos, e apalpando, cheirando; compravam porque estava todas bem fresquinhas. Com o passar de algumas horas, observa-se casais, famílias, grupo de amigos que tinham acabado de sair da igreja, crianças acompanhadas com país ou avôs. Retornei ao início da feira e fui na barraca do senhor Sebastião para deixar o capacete para circular melhor pela feira, conversei um pouco mais, ele me contou suas novidades e fiquei em sua barraca uns trinta minutos, pedi a ele que deixasse eu ajuda-lo, queria sentir a experiência de como é estar atrás da barraca, vendendo e comercializando. Pude ter um contato maior com a freguesia, falar “pode levar que esta fresquinha” “é direto do produtor”; confesso que me diverti um pouco, rindo com senhor Sebastião e claro com a freguesia. Sua barraca é bem procurada. A feira ela ultrapassa do seu papel comercial, e se transformou em uma sociedade de trocas de experiência e cultura, uma verdadeira miscigenação, pessoas vindas de várias localidades e se sociabiliza, para sobreviver ou ter um ganho a mais no orçamento da renda familiar. Um grande exemplo que pude notar é as comidas que são vendidas, vindo do Nordeste como cuscuz de arroz e doce de lelê (doce de canjiquinha) e as da cultura Japonesa como Sunamono (parece pepino); sushi; sashimi de salmão; temaki até niguiuri achei na feira. Não vejo mais a feira como um lugar qualquer onde se tem pessoas trabalhando; e sim um espaço que foi adquirido com muito esforço e muito trabalho; uma forma de sociabilidade, inserindo e tendo que aderir a modernidade dos seus concorrentes. E o motivo delas resistirem até hoje não é apenas a adaptação, e sim seus personagens que nela se inserem o feirante e o freguês. Passei por várias barracas para conversar e perguntar do movimento, muitos deles disseram que está tudo fraco, o movimento caiu, mas que acreditam que pode melhorar até março.